VOLUME 29.º N.os 1-4 1931

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico Português

SUMÁRIO

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.a (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1931

REVISTA LUSITANA

PORTO — Imprensa Portuguesa
Rua Formosa, 116

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico Português



VOL. XXIX

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1931

REVISTA LUSITANA

VOL. XXIX 1931 N.os 1-4

Cantigas de Martim Codax, presumido jogral do século XIII

INTRODUÇÃO

Entre os poetas cujos nomes e composições nos foram transmitidos pelos *Cancioneiros da Vaticana* e *Colocci-Brancuti* figura Martim Codax com sete cantigas, que ali teem respectivamente os números 884 a 890 e 1278 a 1284. Em 1914, numa fôlha de pergaminho que, dobrada ao meio, servia de fôrro interior às capas de um manuscrito do século XIV, o qual continha o *De Officiis* de Cicero e havia sido encadernado por algum monge, no século XVII ou XVIII, depois de descolada, descobriu o livreiro-antiquário de Madrid, Pedro Vindel, as mesmas cantigas e para mais, o que lhes dava valor inestimável, acompanhadas da respectiva notação musical, com excepção apenas da 6.ª em que só se escrevera a pauta. Essa fôlha, que no ano imediato o mesmo deu a lume em facsimil e com oito fotogravuras, foi por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que dela e do seu conteúdo se ocupou na *Revista de Filologia Castellana* do mesmo ano, em artigo intitulado *A propósito de Martim Codax e das suas Cantigas de amor*, atribuída ao século XIII; Eládio Oviedo y Arce, que, no *Boletin de la Real Academia Gallega* dos anos 1916 e 1917, publicou um substancioso e erudito estudo sôbre *El genuino Martim Codax, trovador gallego del siglo XIII*, classifica-a igualmente de trecentista e tem-a na conta de apógrafo.

Pertencem essas cantigas ao número das que a Poética fragmentária, que precede o *Cancioneiro de Colocci-Brancuti*, chama *de amigo*, isto é, as que os trovadores costumavam pôr em bôcas femininas, como se por mulheres tivessem sido compostas, consideradas, porém, mais especialmente e em harmonia com o assunto de que tratam, poderão as 1.ª, 3.ª, 5.ª e 7.ª ser classificadas de *barcarolas* ou *marinhas*. Tôdas elas apresentam cunho popular, assim no ritmo, fácil e harmo-

nioso, como no paralelismo de expressões que as caracteriza, similhante ao que se observa noutras do mesmo tempo e posteriores, embora o seu autor por vezes não o tenha seguido com todo o rigor (1). As estrofes e versos são os empregados nas composições do mesmo género e feitio: dísticos aquelas e estes de cinco (a IIª), seis (Iª), sete (VIª), oito (VIIª) e nove (IVª e Vª) sílabas; apenas os da IIIª julgo pertencerem à espécie chamada pelos antigos *arte-maior*, isto é, constantes de dois hemistíquios, ambos femininos ou terminados por palavras graves, compostos os primeiros de seis versos e os segundos de cinco; os estribilhos, com excepção da primeira e segunda, se, como penso, se fundir a conjunção *e* com a vogal seguinte, ou antes, se a considerarmos acrescento posterior (2), divergem, segundo o uso mais em prática, dos outros versos no número das sílabas, sendo trissílabo agudo o da sexta, pentassílabo, setessílabo e octossílabo, todos graves, respectivamente os da

---

(1) No citado artigo diz D. Carolina Michaëlis: «que Martim Codax, muito poético, mas pouco correcto, se afasta das regras consagradas em mais de um ponto... que, quanto ao scenário, substituiu..., como confidentes naturais das namoradinhas, as flores e as árvores floridas (pinheiro, aveleira e milgranada) pelas ondas do mar e pela linda ria de Vigo... quanto às formas .. nem de longe emprega sempre rimas sinónimas, nem mesmo palavras objectivas, lexicográficas. Bastas vezes se encontram nos seus versos rimas incolores, como *migo*, *comigo*, e a êsse *migo*, *comigo* opõe ora *mandado*, ora *grado*, ora *trago*, ora *ambos*. Peca portanto contra as leis do paralelismo. Em vista disso não admira que também repetidamente oposesse ao nome próprio Vigo... que menciona em tôdas as suas composições, menos uma, ora *manho*, ora *sagrado*, ora *levado*». Efectivamente na 1.ª cantiga, em lugar de *Vigo*, esperar-se-ia *salido*, que é o paralelo costumado a *levado*, como se pode ver na 760.ª do C. V. e na 3.ª do próprio Codax. Também na 2.ª se acha *amigo*, correspondendo a *privado*, em vez de *válido*, «o verdadeiro sinónimo de *privado*, usado nos *Livros de Linhagens* e nos Cancioneiros» (D. Carolina Michaëlis).

(2) D. Carolina Michaëlis é pela manutenção da conjunção *e*, que — diz ela no referido artigo — os trovadores gostavam de empregar antes e depois de exclamações (vid. C. A. v. 962).

quarta, terceira e quinta, apenas o da sétima se compõe de dois versos, um grave, outro agudo, aquele setessílabo, êste bissílabo. A rima é em geral toante, mas estrôfes há em que as últimas palavras dos disticos são concordes nos finais dos versos.

Mas não é só a letra e contextura das cantigas que teem aspecto popular, possui-o também a música que as acompanha e o distinto músicografo, o cónego Tafall Abad, transplantou para anotação moderna e publicou no referido *Boletin* (1). Como outros, entre os quais o próprio rei D. Denis, foi nos cantares do povo que o seu autor se inspirou, foi dêles que tomou a forma e o canto que lhes deu,

---

(1) Ai diz êle: «Lo que puede afirmarse, sin duda alguna, es que las Melodias Codacianas son genuïnamente gallegas; tienen todo el sabor y el encanto de las que aún hoy dia podemos oir a nuestros campesinos y llevan en su entraña el *quid* musical de la raza, conservado hasta el presente, por lo visto, dada la comparacion que podemos hacer entre las actuales y las Codacianas del sylo XIII. La tonalidad es la misma, los giros melódicos iguales y las cadências del todo conformes con las de nuestros *Alalás.*» (Numa conversa que, na tarde de 31 de Agôsto de 1927, tive com o mesmo reverendo snr., há pouco falecido, confirmou-me êle o que escrevera em 1917. A sua qualidade de galego, pois era natural de Santiago, e o conhecimento especial que tinha da música e das cantigas populares davam-lhe autoridade mais que suficiente para falar do assunto). E Oviedo y Arce, no mesmo *Boletin*, a pág. 238 do n.º 117, exprime-se assim «Las Melodias Codacianas distinguense de las que hoy resuenam en las marinas o en los campos galaicos en la medida en que la lengua del antiguo juglar gallego se distingue de la que habla nuestro pueblo al presente. El arcaismo del habla de Codax es el mismo de su música. Las diferências morfológicas y sintáticas de la lengua antigua y nueva percibense igualmente en las viejas y nuevas melodias.»

Numa conferência, que, sôbre *Trovadores e jograis galego-portugueses*, fiz, em Junho de 1925, no salão do Teatro de S. Carlos e repeti depois, em Agôsto, no curso de Férias da Universidade de Coimbra, foram as cantigas codacianas cantadas com acompanhamento ao piano.

mas, ao contrário de quási todos, a êles se cingiu exclusivamente, afastando-se assim da moda, então dominante entre os freqüentadores da côrte, de imitarem de preferência modelos estranhos, oriundos da Provença.

Não só do número, relativamente grande, que delas há nos Cancioneiros trovadorescos, mas ainda das que se encontram em Gil Vicente e das que actualmente existem na província de Trás-os-Montes, parece deduzir-se que eram as cantigas chamadas *paralelísticas* ou talvez antes *retornadas*, como o D.or Leite de Vasconcellos diz ter ouvido lá chamar-se-lhes, as que gozavam de especial predilecção entre o povo, de-certo por mais do que outras traduzirem o seu modo de pensar, tornando-se assim verdadeiramente populares. Não quer isto dizer que elas tivessem por autor o povo, no seu conjunto massa bruta e incapaz de inspiração poética, mas sim que alguns dos seus membros, mais cultos e dotados de maior engenho e aptidão poética, soubessem traduzir os seus sentimentos por forma tão perfeita que o povo perfilhou as suas composições. É o que ainda hoje sucede com os próprios poetas cultos. Pois não sabemos de poesias dêstes que, caindo nos ouvidos da gente inculta, de tal maneira lhe agradaram que as acolheu e por vezes mesmo as alterou, embora nem sempre com felicidade? (1) É o que se observa sobretudo nos romances. Portanto, se damos às peralelísticas e mesmo outras cantigas que se lhes assemelham na forma e estilo o nome de populares, não queremos com isto significar que elas hajam sido compostas «colectiva e contemporâneamente pela nação inteira» (2), mas antes que tenham tido por autores indivíduos que com arte e inteligência souberam exprimir a maneira de

---

(1) Dá exemplos do facto, na poesia espanhola, Menendez Pidal, a pág. 45 a 52 do seu *El Romancero*.

(2) O snr. Sílvio Pellegrini, na sua crítica à minha edição das *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*, publicada no n.º 2 do vol. XIV do *Archivum Romanicum*, dando, a pág. 283 e seguintes, interpretação errada a expressões minhas (estas, por exemplo: «que elas foram decalcadas sôbre outras cantadas pelo povo; são puras imitações doutras que o povo cantava; as lindas cantigas que os trovadores galécio-portugueses punham na bôca das solteirinhas do seu tempo, sem dúvida à imitação doutras que elas cantavam» e outras

ser e pensar do povo. Não vemos ainda hoje em bailes populares um ou outro dos que neles tomam parte, quer homens, quer mulheres, improvisarem cantigas? E das que correm entre o povo e são constantemente cantadas por êle, em tal quantidade que dão para um bom volume, quem as compôs? De uma ou outra conhece-se o autor, mas na sua quási totalidade são criações dêste ou daquela, que os outros abraçaram, propagando-as de geração ou geração. O mesmo a respeito das paralelísticas em especial. Sabe-se que o paralelismo não é exclusivo da antiga poesia portuguesa, encontra-se quási por tôda à parte. Adoptado por antigos e desconhecidos poetas, foi continuado pelos que se lhes seguiram e cujos nomes os Cancioneiros nos transmitiram, os quais, caminhando na esteira dos seus antecessores, por essa forma cantaram, como êles, os sentimentos mais vulgares do coração humano, sobretudo os dominantes na gente môça de ambos os sexos, isto é, o amor e as alegrias e tristezas que o acompanham.

Pode ser que essa maneira de construir os versos, repetindo-os apenas com a troca, no fim de cada um, de uma palavra por outra sinónima, e o *leixa-pren*, que são as características de tais cantigas, não tenham origem popular e sim literária (eclesiástica, como alguns pensam), mas no assunto não vejo nada mais popular do que esta, por exemplo, encontrada com outras pelo D.or Leite de Vasconcellos no concelho de Bragança:

E a minha saia de paninho fino
Num m'a deu cunhado nem primo...
Ora que m'a deu o meu lindo amigo!

E a minha saia de pano delgado
Num m'a deu primo nem cunhado...
Ora que ma deu o meu lindo amado! (1)

---

equivalentes), nas quais afirmo que sobretudo os autores das *paralelísticas*, ao compô-las, seguiram modelos anteriores, provenientes naturalmente de outros poetas e que êles encontraram no povo do seu tempo, atribui-me opinião que nunca tive, de que tais cantigas eram produto da nação inteira, tomada no seu conjunto.

(1) *Opusculos*, vol. IV, pág. 1133.

a qual ficaria semelhante às paralelísticas dos Cancioneiros trovadorescos e de Gil Vicente, se disposéssemos os seus versos pela maneira seguinte, isto é, não separando as duas vozes:

E a minha saia de paninho fino
num m'a deu cunhado nem primo.

E a minha saia de pano delgado
num m'a deu primo nem cunhado.

Num m'a deu cunhado nem primo,
ora que m'a deu o meu lindo amigo.

Num m'a deu primo nem cunhado
ora que m'a deu o meu lindo amado.

Quem fôsse Martim Codax nada sabemos, apenas o seu nome, constituído pelo de baptismo e outro mais, que bem pode ter sido alcunha (1), e a singeleza das suas cantigas o denunciam como pertencente à classe dos jograis e delas parece deduzir-se que era natural de Vigo ou dali perto; a inserção das mesmas no *Livro das Trovas*, mandado coleccionar pelo Conde de Barcelos e por êste legado em 1356 a Afonso XI, rei de Castela e Leão, leva-me a crer que êle tivesse freqüentado a côrte de Afonso III.

Vejamos agora o seu conteúdo.

Na Iª e na VIIª o seu autor apresenta-nos uma mulher, certamente nova e namorada, a qual, pungida de saüdades do ausente amigo, vem até às praias de Vigo, em cujas cercanias, parece, morava, na esperança de ver talvez surgir o navio que o há-de trazer e, dirigindo-se às ondas (2), pede-lhes que

---

(1) D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no artigo a que atrás me referi, alvitra que talvez o segundo nome do jogral fôsse não *Codax*, mas *Codaz*, como se lê numa glossa, incluída na cantiga, n.º 882 do *Cancioneiro da Vaticana*, que contudo não se acha no de Colocci-Brancuti, e explica êste nome como equivalente a «o que tem grandes *cotos* ou braços.» Note-se que o *x* e *z* finais, na antiga língua, tinham o mesmo valor; cf. a minha edição das *Cantigas d'amigo*, vol. I, pág. 364.

(2) Informa Oviedo y Arce que as rias galegas no *Codex Calixtinus* e *História Compostellana* são denominadas *maria Sancti Jacobi*.

lhe deem notícias dêle. Na II.ª ela exulta de prazer, por ter sido informada de que êle em breve estará de volta e declara à mãe que irá esperá-lo a Vigo. Na III.ª e na V.ª convida a irmã e tôdas as namoradas a irem contemplar as ondas ou a banharem-se nelas, mas no intuito e desejo de lá encontrar o dilecto do seu coração. Na IV, a sós consigo, lamenta a sua ausência e a lembrança do amado inunda-lhe as faces de lágrimas. Finalmente na VI.ª conta-nos o jogral como, andando a bailar com outras no adro da igreja de Vigo (1), ela pela primeira vez sentiu no coração os rebates do amor e, cheia de satisfação por tal descoberta, exclama para as que a acompanhavam *amor ei*, expressão que pelo sentido equivale a estoutra: *já tenho namorado!*

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, não obstante ver nas cantigas codacianas «scenas isoladas e não de evolução progressiva, episódios da vida de uma menina que vivia perto de Vigo e simultâneamente da do jogral», estribada nas palavras *amigo d'el-rei*, que na II.ª a donzela aplica ao seu predilecto, supõe tratar-se de algum nobre namorado que, não sabendo fazer versos, encarregara disso o nosso jogral: eu, porém, levado pelas referências que algumas cantigas trovadorescas teem com a vida dos seus autores, penso que estas também descrevem scenas passadas com o próprio Martim Codax e explico aquelas palavras pela sua habilidade poética e musical, que o tornaria muito apreciado na côrte de Afonso III, se é que por ventura alguma vez lá esteve, ou talvez antes nas hostes de S. Fernando, que levaram nobres e plebeus galegos à conquista de Sevilha, a ponto tal que um ou outro dêstes monarcas lhe dispensasse especial

(1) Segundo Oviedo y Arce, é esta a mesma que ainda lá existe, sob o nome de Santa Maria, e é conhecida vulgarmente pela *Colegiada*, a qual tendo sido românica a princípio, a quando da sua construção, que, parece, remonta ao século XII, foi depois substituída por outra gótica, que por sua vez cedeu o lugar à actual, em estilo neo-clássico. Do pequeno largo, sem dúvida mais ou menos correspondente ao *sagrado* do trovador, que lhe fica em frente e sobretudo de outro quási contíguo, mas em plano um pouco inferior, avista-se ainda hoje a baia, daí dizer a namorada do poeta que *mirariam as ondas* ela e as companheiras.

protecção e amizade, sobretudo o segundo, que, no dizer da *Cron. General*, não só apreciava os fidalgos que sabiam trovar e cantar e até os jograis bons tocadores de instrumentos, mas êle próprio cultivava a poesia, não vou contudo tão longe que creia que elas constituem um poemeto com sua unidade, como quer o referido Oviedo y Arce, que nessa suposição as divide em cinco quadros, a que dá estes títulos: 1.º *Conquista do namorado*; 2.º *Uma entrevista*; 3.º *Horas tristes*; 4.º *A boa nova* e 5.º *Dia feliz*, incluindo no 1.º a cantiga VIª, entendendo que uma donzelinha dos arredores de Vigo, andando a dançar e a cantar com outras raparigas no adro da igreja, encontra o seu primeiro amor; pertencendo ao 2.º a IIIª, que se referiria ao encontro dela com êle no mesmo lugar onde pela primeira vez se haviam visto, encontro que ela própria teria aprazado, mas dando como pretexto à irmã, para que a acompanhasse, o desejo de gozar o formoso espectáculo das águas da baía e confessando à mãe, só depois de lá chegar, o verdadeiro motivo que ali a levava; no 3.º metendo a IVª, Iª e VIIª, persuadido de que elas se referem às saüdades que a devoram durante a ausência dêle, fazendo entrar no 4.º a IIª, que exprimiria a imensa satisfação que lhe trouxera a notícia, acabada de receber, que o seu amigo estará de volta muito em breve, e o seu intento de ir esperá-lo ao pôrto de Vigo, pondo finalmente no 5.º a Vª, por ver nela um convite às amigas a que a acompanhassem à chegada do amigo e ao banho de amor (1) nas águas da ria, faltando só, para remate do pequenino poema, que êle baptiza de *A Enamorada de Vigo*, uma cantiga referente às bodas dos dois amantes.

As expressões tão sentidas que em tôdas estas cantigas se encontram revelam, a meu ver, que elas só poderiam sair de um coração verdadeiramente apaixonado; só quem, por experiência própria, soubesse quanto custa a separação a dois entes que se estremecem saberia compôr a 1.ª, 4.ª e 7.ª, que são verdadeiros gritos de uma alma, despedaçada pela saüdade. Ao contrário, na 2.ª sente-se palpitar o júbilo da protagonista, ante a ideia de que em breve tornará a ver aquele que era, por assim dizer, o sol da sua existência e cuja vista

(1) Sôbre esta denominação veja-se D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Cancioneiro da Ajuda*, II, pág. 893, n. 4.

só lhe enxugaria as lágrimas que de contínuo lhe marejavam os olhos. Por estas razões penso que o seu autor, ao compô-las, extravasou nessas cantigas os próprios sentimentos e que portanto Martim Codax deixou-nos aí parte da sua biografia, apenas um episódio da sua vida amorosa.

Que elas não datam tôdas do mesmo tempo vê-se claramente do seu conteúdo. É evidente que a 1.ª, 4.ª e 7.ª foram compostas, quando o seu autor se achava longe da terra natal, separado portanto da namorada, ou nalguma das duas côrtes de Espanha ou Portugal, ou talvez antes na Andaluzia, fazendo parte das hostes que cercavam Sevilha; a 2.ª vê-se bem que foi feita em vésperas de regresso à pátria, onde ansiosa o aguardava aquela de quem êle era o constante pensar, a mais antiga parecendo ser a 6.ª, seguindo-se-lhe a 3.ª e 5.ª, isto é, o comêço dos amores de ambos e seus encontros nas margens da tão poética e formosa ria de Vigo.

É pouco o que até nós chegou do jogral de Vigo, mas nesse pouco êle mostra-se verdadeiro poeta. A maneira como pinta as saüdades da namorada (I-IV e VII) e inversamente a alegria intensa que lhe causa a notícia recebida da próxima chegada do ausente amigo (II) revela bem o seu profundo conhecimento do coração humano. Na sua extrema simplicidade as cantigas de Martim Codax retratam tanto ou melhor do que qualquer poema em frases estudadas, a dor que tortura a mulher que se encontra longe do ente que adora e a satisfação imensa que sente ao tornar a vê-lo *san' e vivo*, após tanto tempo de separação. E que grande ingenuïdade se não contem na expressão *amor ei*, que o trovador põe na bôca da cantora, quando esta, ao dançar com as companheiras, sente, pela primeira vez, o coração palpitar-lhe de amor (VI)! «Destácanse sus cantigas — diz Oviedo y Arce — (1) por la nobleza y serenidad del sentimiento amoroso, sano y puro, que las inspira, sentimiento íntimo e intenso, pero sin tempestades de celos ni desconfianzas, que en cierto modo, dramatizan las Cantigas en otros trovadores; destácanse también por la espontaneidad con que la pasion se desborda, ingénua y mansa, de los rotundos dísticos y selectos estribillos y expresada en ideas simplistas y llanas, sin sombra de aquella sutileza y transcendencia — por ventura conceptismo — que carac-

(1) Pág. 130 do n.º 113 do citado *Boletin.*

teriza las épocas adultas, vecinas de la decadencia del arte, y en forma extraña a la pompa — talvez artificiada — ... destácanse finalmente por el realismo con que en ellas se produce el sentimiento de la natureza exterior y psíquica en los dialogos de la Enamorada con las olas del mar (Cantigas I y VII), en la canción de su triste soledad (Cantiga IV) y en la interrogacion que hace en el estribillo de la cantiga VII:

porqué tarda meu amigo
sen mi?»

Ei-las, essas cantigas, tais quais chegaram até nós, nos três diferentes manuscritos que no-las transmitiram:

Lição do C. V.

I

884 Ondas domar de uigo
se uistes meu amigo
cay deꝯ se uerra çedo

Ondas de mar leuado
se uistes meu amado
cay dus

Se uistes meu amigo
o p^{r} q̃ eu sospiro
cay d's

Se uistes meu amado
op^{r} q̃ ey g̃m cuydado
cay d's.

II

885 Mandade comigo
ca uen meu amigo
hirey madre uyuo

Comigue mandado
cauen meu amade
hirey

Cauen meu amigo
euen sane uyuo
hiery.

Ca uen meu amado
euen uyue senõ
hireí

Cauen sane uyuo
edel rey amigo
hirey

Cauen uyue sano
e del rey priuado
hirey.

III

Mha irmana fremosa treydes comygo 886
ala igreia de uigo
hu e o mar salido
emiraremolas ondas

Mha irmana fremosa
treides de grado
ala ig̃ia de uigo
(e o mar salido)
hu e o mar leuado
e miraremolas ondas

Ala jg̃ia de uigo
e o mar salido (1)
euerra hy madre
o meu amigo (2)
emiraremolas

Ala jg̃ia deuigo
e o mar leuado
euerra hy madre
meu amado
emirraremolas

IV

Ay deꝰ se sabora meu amigo 887
comeu senlheyra estou en uigo
euou namorada

Ay ds se sabora o meu amado
comeu en uigo senlheira manho
euou namo.

Comeu senlheyra estou en uigo
enẽ lhas guardas nõ sõ comigo
euou na.

(1) Antes tinha-se escrito *leuado*.
(2) Idem *amado*.

Co meu senlheira en uigo manho
e nulhas guardas migo nõ trago
e uou.

E nulhas guardas nõ é comigo
ergas meg olhg q̃ chorã migo
euou na.

E nulhas guardas migo nõ trago
ergas meg olhg q̃ chorã anbos
euou na.

V

888 Quantas sabedes amar amigo
creydes comig alo mar deuigo
e ban harug emg nas ondas.

Quantas sabedes damar amado
creydesug migo ao mar leuado
e ban harnosemg.

Treydes comigo ao mar de uigo
e ueeremolo meu amigo
eban harnosemg.

Treydes migo ao mor leuado
e ueremo lo meu amado
e banharng emg nas.

VI

889 Eno sagrade uigo
baylaua corpo uedilo
amor ey.

En uigo no sagrado
baylaua corpo delgado
amor.

Hu baylaua corpo uelido
q̃ nunca ouu'a amigo
am^r.

Baylaua corpo delgado
q̃ nunca ouu'a amado
amor.

Que ouu'a amigo
ergas no sag̃dẽ uigo
amor.

Que nunca ouu'a amado
ergas no uigo sag̃do
amor.

890 Ay ondas que eu uin ucer
se mi saberedes dizer
por que tarda meu amaigo
sen mi.

Ay (d)õnas q̃ eu uin uirar
se mi saberedes contar
por q̃ tarda meu amigo.

Lição do C. B. hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa

I

1278 Ondas do mar de uigo
Se uistes meu amigo
E ay deus se uerra cedo

Ondas do mar leuado
Se uistes meu amado
E ay dš.

Se uistes meu amigo
O p^r q̃ eu sospiro
E ay dš

Se uistes meu amado
O p^r q̃ ey grã cuydado
E ay dš

II

1279 Mandadey comigo
Ca uẽ meu amigo
E hirey madre vyuo

Ca uẽ meu amado
E uẽ uyue sano
Hi. ⁓

Comigue mandado
E uẽ sane vyuo
hirey. ⁓

Cauẽ sane vyuo
E del Rey amigo
hirey. ⁓

Cauẽ vyue sano
E del Rey priuado
hirey

III

1280 Mha irmana fremosa treydes comigo
Ala igreia de uigo
hu e o mar salido
E miraremolas ondas

Mha irmana fremosa
Treydes degrado
Ala ĩgia de uigo
hu e o mar leuado
E miraremolas ondas

Ala ĩgia de uigo
E o mar salido
E uerra hi madre o meu amigo
E miraremolas. ⁓

A la ĩgia de uigo
E o mar leuado
E uerra hy madro meu amado
E miraremolas. ⁓

IV

1280 Ay ds̃ se sabora meu amigo
Comeu senlheyra estou en vigo
E uou namorada. ⁓

Ay dš se sabora o meu amado
Comeu en uigo sẽlheira menho
E uou namo. ~

Comeu sẽlheira estou en vigo
E nẽlhas guardas nõ sõ comigo
E uou na. ~

Comeu sẽlheira en uigo manho
E nulhas guardas migo nõ trago
E uou na. ~

E nulhas guardas nõ e comigo
Ergas ne9 olh9 que chorã migo
E uou na. ~

E nulhas guardas migo nõ trago
Ergas me9 olh9 que chorã amb9
E uou na. ~

V

1282 Quantas sabedes amar amigo
Treydes comig a lo mar de vigo
E banharn9 em9 nas ondas.

Quãtas sabedes damar amado
Treydesu9 migo ao mar leuado
E banharnos em9.

Treydes comigo ao mar de uigo
E ueeremolo meu amigo.
E banharnos emg'. ~

Treides migo a lo mar leuado
E veeremolo meu amado
E banharn9 em9 nas
Nas. ~

VI

1283 Eno sagrade vigo
Baylaua corpo uelido
Amor ey.

E uigo no sagrado
Baylaua corpo delgado
Amor. ~

Hu baylana corpo uelido
Que nũca ouuã amigo
Am̃. ~

Baylaua corpo delgado
Q̃ nũca ouũa amado
Am̃.

Que nũca ouũa amigo
Ergas no sagradẽ uigo
Am̃.

Que nũca ouũa amado
Ergas no uigo sagdo
Amor. ~

VII

1284 Ay ondas q̃ eu uin veer
Se mi saberedes dizer
Por q̃ tarda meu amigo
Sen mi.

Ax ondas q̃ eu
Se mi saberedes contar
Por q̃ tarda meu amigo.

Lição do pergaminho Vindel

I

Ondas do mar de vigo
se uistes meu amigo. E ay
deus se uerra cedo.

Ondas do mar leuado
se uistes meu amado.
E ay deus se uerra cedo.

Se uistes meu amigo
o por que eu sospiro.
E ay deus se uerra cedo.

Se uistes meu amado
por que ei gñ coidado.
E ay deus se uerra cedo.

II

Mandadei comigo ca uen meu
amigo. E irei madr a uigo.

[C]omig ei mandado.
ca uen meu amado.
E irei madr a uigo.

Ca uen meu amigo.
e uen san e uiuo.
E irei madr a uigo.

Ca uen meu amado.
e uen uiu e sano.
E irei madr a uigo.

Ca uen san e uiuo.
e del rei amigo.
E irei madr a uigo.

Ca uen uiuo e sano.
e del rei priuado.
E irei madr a uigo.

III

Mia yrmana fr[emosa treides] (1)
comigo. a la ygreia de ui[go u e o]
mar salido E miraremos las ondas.

(1) Os colchetes indicam os lugares em que o pergaminho está esburacado, faltando por isso as palavras neles insertas.

Mia yrmana fremosa treides de grado.
a la ygreia de uigo u e o mar leuado.
E miraremos las ondas.

A la ygreia de uigou e o mar leuado.
e uerra y mia madre o meu amado.
E miraremos las ondas.

A la ygreia de uig u e o mar salido.
e uerra y mia madre o meu amigo.
E miraremos las ondas.

IV

Ay deg se sab ora meu
amigo. comeu senneira estou
en uigo. E uou namorada.

Ay deg se sab ora meu amado.
comeu en uig [sen]neira manno.
E uou nam[orada].

Comeu sennei[ra estou e]n uigo
e nullas gar[das]ñ ei comigo
E uou me namorada.

Comeu senneira en uigo manno
e nullas gardas migo ñ trago
E uou namorada.

E nullas gardas nõ ei comigo.
ergas meus olhos q̃ chorã migo.
E uou namorada.

E nullas gardas migo ñ trago
ergas meus ollos q̃ chorã ambos
E uou namorada.

V

Quantas sabedes amar
amigo. treides comig alo mar
de uigo. E bannar nos emos
[nas ondas].

[Quantas sabedes damor] amado.
[treides comigo ao] mar leuado.
[e banar no]s emos. n. o.

[Treides comigo] alo mar de uigo.
e [uere]mo lo meu amigo.
e bannar nos emos. n. o.

Treides mig alo mar leuado.
e ueeremo meu amado
e bannar nos emos. n. o.

VI

Eno sagrado en uigo. bay
laua corpo uelido. Amor ei.

Eu uigo no sagrado.
baylaua corpo delgado. amor ei.

Baylaua corpo delgado
q̃ nunc ouuer amado. Amor ei.

Bailaua corpo uelido.
q̃ nunc ouuer amigo. Amor ei.

Que nunc ouuer amigo.
ergas no sagraden uigo. Amor ei.

Que nunc ouuer amado.
ergas en uigo no sag̃do. Amor ei.

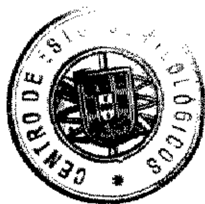
VII

[A]y ondas que eu uin
ueer se me saberedes
dezer por que tarda meu
amigo sẽ mỹ.

[A]y ondas q̃ eu uĩ mirar
se me saberedes contar
por q̃. t. m. a. s. mỹ.

Do confronto dos três manuscritos deduzo que, com excepção do *v* por *u*, dos acentos e pontuação, a primitiva seria aproximadamente esta, por isso chamada:

Lição critica



I

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ay Deus, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ay Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
E ay Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amado,
por que ei gran cuidado!
E ay Deus, se verrá cedo!

II

Mandad'ei comigo,
ca ven meu amigo;
E irei, madr', a Vigo.

Comigu' ei mandado,
ca ven meu amado:
E irei, madr', a Vigo.

Ca ven meu amigo
e ven san' e vivo:
E irei, madr', a Vigo.

Ca ven meu amado
e ven viv' e sano:
E irei, madr', a Vigo.

Ca ven san' e vivo
e del-rei amigo:
E irei, madr', a Vigo.

Ca ven viv' e sano
e del-rei privado.
E irei, madr', a Vigo!

III

Mia irmana fremosa, treides comigo
a la igreja de Vig', u é o mar salido
e miraremo-las ondas.

Mia irmana fremosa, treides de grado
a la igreja de Vig', u é o mar levado
e miraremo-las ondas.

A la igreja de Vig', u é o mar salido,
e verrá hy, mia madre, o meu amigo
e miraremo-las ondas.

A la igreja de Vig', u é o mar levado,
e verrá hy, mia madre, o meu amado
e miraremo-las ondas.

IV

Ay Deus, se sab'ora meu amigo
com'eu senlheira estou en Vigo
e vou namorada!

Ay Deus, se sab'ora meu amado
com'eu en Vigo senlheira manho!
e vou namorada!

Com'eu senlheira estou em Vigo
e nulhas guardas non ei comigo
e vou namorada.

Com'eu en Vigo senlheira manho
e nulhas guardas migo non trago
e vou namorada!

E nulhas guardas non ei comigo,
ergas meus olhos que choran migo
e vou namorada!

E nulhas guardas migo non trago,
ergas meus olhos que choran ambos
e vou namorada!

V

Quantas sabedes amar amigo
treides comig' a lo mar de Vigo
e banhar-nos-emos nas ondas.

Quantas sabedes amar amado
treides comig' a lo mar levado
e banhar-nos-emos nas ondas.

Treides comig' a lo mar de Vigo
e veeremo' lo meu amigo
e banhar-nos-emos nas ondas.

Treides comig' a lo mar levado
e veeremo' lo meu amado
e banhar-nos-emos nas ondas.

VI

Eno sagrado, en Vigo,
baylava corpo velido.
Amor ei!

En Vigo, [e]no sagrado,
baylava corpo delgado.
Amor ei!

Baylava corpo velido
que nunca ouver 'amigo.
Amor ei!

Baylava corpo delgado,
que nunca ouver' amado.
Amor ei!

Que nunca ouver' amigo,
ergas no sagrad', en Vigo.
Amor ei!

Que nunca ouver' amado
ergu' en Vigo, no sagrado.
Amor ei!

VII

Ay ondas, que eu vin veer,
se me saberedes dizer
por que tarda meu amigo
sen mi!

Ay ondas, que eu vin mirar,
se me saberedes contar
por que tarda meu amigo
sen mi!

Comentário filológico

I. Enquanto o *se* dos versos 2, 5, 7 e 10 serve de introduzir uma oração subordinada a um *dizei-me* ou expressão equivalente, o do estribilho, aliás independente, exprime ao mesmo tempo a incerteza, a dúvida e a ansiedade que dominam o coração da protagonista; o futuro simples, mas interrogativo, parece-me, teria igual sentido, é possível contudo que aqui queira significar o mesmo que nos versos 2, 5, etc., dirigindo-se a pergunta a Deus. Em prosa e na língua de hoje dir-se-ia: *ai, meu Deus, se virá* (ou só *virá êle) em breve?*

Verso 4. Sôbre *mar levado*, veja-se a cantiga v, verso 5.

Versos 8 e 10. A antiga língua usava o relativo *que* no mesmo sentido em que a actual emprega *quem*.

II. A oração *ca ven*, etc. (versos 2, 5, etc.), explica a palavra *mandado*, equivalente a *notícia*, *recado* (assim a frase *aver mandado* o mesmo quer dizer que: *chegar notícia* ou *saber)* à qual serve de aposto ou continuado. A par de *que*, o português arcaico servia-se de *ca* em igual sentido (integrante).

Versos 8, 11, etc. A forma *sano* e estoutras: *irmana*, *la*, *salido*, que ocorrem na cantiga seguinte e, contra o uso do tempo, manteem o *n* e *l* intervocálicos, serão talvez arcaismos, conservados no povo, ou empréstimos do castelhano, se não se admitir antes, como se me afigura preferível, que, naquelas em que há *-n-*, esta consoante serve de nasalar a vogal precedente, estando em vez do til, o que não é raro na grafia antiga; quanto a *lo* e *la* (artigos), deve notar-se que êles ainda persistem em frases estereotipadas e, quando pronomes demonstrativos, depois de formas verbais (e do advérbio *eis)*, terminadas em *r*, *s* ou *z*.

III. Versos 1, 3, 8 e 11. A antiga forma *treides*, que deve ser a 2.ª pessoa do plural do ind. presente, representante da latina *tragitis*, com valor de imperativo, é exclusiva da poesia arcaica; quanto ao sentido, equivale ao actual *vinde*. Também desapareceu do uso o advérbio *u* (v. v. 2, 5), etc., sendo substituido por *onde*. O possessivo *mia*, pela nasalização comunicada ao *i* pelo *m* inicial, evolucionou em *mĩa*, donde *minha*.

Versos 2 e 7: *mar salido* é expressão paralela a *mar*

levado (v. 5 e 10) e aplica-se ao mar que se *levanta* e *sai* fora de si em virtude da elevação da maré.

Verso 4. A expressão *de grado* vive ainda, mas acompanhada do adjectivo *bom*, isto é, *de bom grado* ou gostosamente.

Versos 8 e 11. Parece que a protagonista, que a princípio se dirige à irmã, volta-se agora para a mãe; assim pensa Oviedo y Arce, que diz: «A mi entender, la frase *mia madre* está en vocativo: el futuro *verrá*, en singular, lo reclama pero lo reclama mas urgentemente el sentido. La protagonista cantora dirige-se en las dos primeras estrofas a su hermana, *Mia hermana fremosa* (vocativo), para que la acompañe a la iglesia de Vigo y en las dos ultimas habla a su madre, *mia madre*, como pidiendole autorización para entrevistarse con el amante que va a emprender viaje»; no entanto, D. Carolina Michaëlis, que diz poder ler-se *madre* (vocativo) ou *madr'e* (nominativo), acha estranho «que a namorada, acompanhada da irmã, se encontre na igreja de Vigo com o amado, e juntamente com a mãe dela *(nossa madre* portanto), a fim de admirarem o espectáculo imponente do mar embravecido, como seria o caso de ela se dirigir à irmã numa estrofe e à mãe na outra», estranhèza de que não partilha o comentador, acabado de citar. O antigo futuro *verrá* (também I, v. v. 3, 6, etc), desapareceu ante o actual *virá*, formado sôbre o infinitivo.

IV. Versos 1 a 4. Sôbre o sentido da partícula *se* (cf. I, 3, 6, etc.).

Versos 2, 5, 7 e 10. — Ao lado da forma *senlheira* (¹), acusada pelos *Cancioneiros da Vaticana* e *Colocci-Brancuti*, existia *senheira*, empregada na fôlha pergaminácea a que atrás me referi; uma e outra, que aliás constam de outros

(¹) Afigura-se-me esta mais antiga que a outra, *senheira*, pois, enquanto *senlheira* mostra a transformação regular do grupo *gl* (de s i n g(u) l a r i a) em *lh*, aquela apresenta já assimilação do *lh* (ou l molhado) ao *n* precedente, ou seja passagem de palatal lateral a nasal. D. Carolina Michaëlis, no seu citado artigo, dá como portuguesa a forma *senheira* e peculiar da Galiza a *senlheira*, pois diz: «mas *senlheira*, segundo o uso antigo conservado na Galiza, (de s i n g l a r i a) está no *Cancioneiro*, e *senneira* à portuguesa, na folha solta».

textos e tinham o sentido de *só* ou *sòzinha*, são peculiares da língua arcaica.

Versos 3, 6, etc. Aqui *vou* vale tanto como *estou*, *ando*.

Versos 5 e 10. A forma *manho*, 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo de um antigo verbo *maer*, que hoje apenas vive nos compostos *permanecer*, *remanescer*, desapareceu também do uso; a sua sinónima e paralela é *estou*.

Versos 8, 11, 13 e 16. As *gardas*, forma constante da citada fôlha pergaminácea, representante de-certo da pronúncia do tempo, que ainda vive no povo, ou *guardas*, como teem os *Cancioneiros*, a que a namorada se refere devem ser a irmã e a mãe, sentinelas vigilantes, sobretudo a última, da sua honestidade. O pronome-adjectivo *nulhas*, que acompanha o vocábulo *gardas* e foi talvez tomado do provençal, é exclusivo da antiga poesia; corresponde-lhe hoje: *nenhumas*.

Versos 14 e 17. Porque a forma *ergas* só ocorre nesta cantiga, na seguinte e no n.º 1112 do *Canc. da Vaticana*, enquanto *ergo* é a única usada pelo *Canc. da Ajuda* (cf. v. v. 405, 719, 767, 1494, 1700, 3504, 7148, 7357, 7713, 7706, 7835, 7838, 7851 e 7864), por antigos documentos notariais, tanto galegos, como portugueses (por exemplo nos *Doc. gal.*, de Salazar, pág. 17, linha 5) e em Viterbo, por um códice que reputo do século XV (cf. *Rev. Lusitana*, XXVIII, pág. 35), a que predomina no *C. V.* (cf. n.ºs 235, 297, 301, 357, 823), apesar da concordância dos três manuscritos, parece-me que se deverá corrigir *ergas* em *erg'os*, entendendo que o copista trocou o *o* por *a* e na imediata regulou-se pelo que acabava de escrever.

V. Versos 1 e 4. *Quantas sabedes amar amigo (amado)* vale o mesmo que *(vós) tôdas as que tendes amores* ou *andais namoradas*.

Versos 2, 4, 7 e 10. Sôbre *treides* e *lo* (cf. III, 1, 4 e II, 8, 11, etc.).

Versos 8 e 11. A antiga língua dizia *veer*, que a moderna contraiu em *ver*.

VI. Versos 1 e 4. Com a actual forma *no* coexistia no português arcaico *eno*, tendo sido desta, que resultou de *en no*, que proveio aquela.

Versos 1, 4, 14 e 17. *Sagrado*, a concordar com o substantivo oculto, *lugar*, ainda hoje se chama àquele espaço, nos cemitérios, prèviamente santificado pela benção do sacerdote, no qual se sepultam os católicos, e, como dantes, as jazidas

eram dentro e no adro das igrejas, veiu aquele têrmo a tomar-se por êste; igual sentido tem *sacrato* em italiano: cf. Körting, *Lateinisches Romanisches Wörterbuch*.

Versos 2, 5, 7 e 10. *Corpo velido* (= belo) ou *delgado* (= delicado, elegante) o mesmo é que uma formosa. Já em latim a palavra *corpus* se tomava no sentido de *pessoa*; cf. entre outros passos, Virgílio, *Eneida*, VI, 21-22.

Versos 8, 11, etc. *Que nunca ouvera amigo (amado)*, vale tanto como: que ainda não sabia o que era amar, que até aí não tivera namorado.

Versos 14 e 17. Pelas razões expostas na cantiga IV[a] (v. v. 14 e 17) e de harmonia com os versos 1 e 4, entendo que estes se devem corrigir em:

ergu' eno sagrad' en Vigo
ergu' en Vigu' eno sagrado.

O poeta dá à cantiga feição narrativa, mas ao mesmo tempo presta à bailarina a exclamação *amor ei*, como se tôda ela fôsse um solilóquio da namorada.

VII. Evidentemente as palavras *tarda... sem mi* (v. v. 3, 4, etc.), parecem significar: se demora em vir alegrar-me com a sua companhia.

Lições dos três manuscritos

Em todos os três apógrafos, *Cancioneiros da Vaticana*, *Colocci-Brancuti* e fôlha publicada por P. Vindel, se encontram divergências, mesmo esta última, por nalgumas partes se achar deteriorada pelo tempo, carece de ser completada por aqueles, no entanto a lição que nos ministra é superior à dos outros códices, dá-se todavia nela uma circunstância que atribuo a obediência às notas musicais, isto é, a 1.ª estrofe de tôdas as sete cantigas acha-se copiada defeituosamente, tendo o primeiro verso sòmente, na mesma linha, palavras que fazem parte do outro; fora de aí, a disposição é perfeita. Também a grafia aí adoptada é a castelhana, como se vê da representação do *l* e *n* molhados por *ll* e *nn* (hoje *ñ*) respectivamente, enquanto os outros códices usam *lh* e *nh*, à portuguesa, de-certo em harmonia com o original donde foram

transcritos. Confrontando, pois, os três manuscritos, nota-se o seguinte (1):

I. A lição de C. B. concorda com a de V., o C. V., em vez de *e ay*, tem *cay* em todo o estribilho, que só aparece escrito por inteiro na primeira estrofe nos apógrafos italianos, mas em tôdas em Vindel. É possivel que a conjunção *e*, nele contida, a-pesar-de existir em todos os manuscritos, seja um acrescento, pois o sentido não a exige.

No verso 11, C. V. e C. B. teem mais que V. o artigo *o* antes da prep. *por*, artigo que excede a medida do verso e de certo o copista escreveu por analogia com o que se encontra em igual verso da precedente estrofe, onde é necessário. Enquanto aqueles dizem *cuydado*, emprega êste *coidado*, forma peculiar ao galego, que continua a mantê-la.

II. C. B. tem no 1.° verso *mandadey...*, mas a 2.ª estrofe diz:

Comigue mandado
E uẽ sane vyuo

isto é, o copista saltou para o 2.° verso da 3.ª estrofe, deixando portanto de escrever a 2.ª. C. V. omite sempre, C. B. mantem só na 1.ª estrofe a conjunção *e*, que em V. precede *hirey* do estribilho; cabe aqui dizer o mesmo que na 1.ª cantiga.

III. Em C. V. e C. B. o 1.° verso tem disposição idêntica à seguida por V. em tôdas as estrofes, com excepção da 1.ª, em que ela foi alterada, segundo já ficou dito, os restantes, porém, estão escritos de modo que formam dois versos, com excepção das estrofes 3.ª e 4.ª cujos segundos versos C. B. dispõe como V. Enquanto C. V. diz *madre meu* (verso 11), e C. B. *madro meu*, tem V. *madre o*, a mais, nos versos 8 e 11, *mia*, antes de *madre* e escreve *miraremos*, isto é, não faz a assimilação do *s* ao *l*, e depois a sua simplificação, como é de uso. No mesmo os disticos 3.° e 4.° estão invertidos, con-

(1) Regulo-me por uma cópia manuscrita da edição de Vindel, que devo à gentileza do snr. Dr. Francisco Lopes Júnior, que à sua profissão de médico distinto, em Olhão, alia a de cultor invulgar da música e da fotografia. Por C. V. designo o *Codice da Vaticana*, como por C. B. e V., respectivamente, os manuscritos *Colocci-Brancuti* e *Vindel*.

tràriamente a C. V. e C. B., que seguem a ordem exigida pelo paralelo.

IV. Em vez de *nõ, sõ* (verso 8) e *nõ é* (verso 13) de C. V. e C. B. tem V. *nõ ei*. De certo por lapso os copistas de C. V. e C. B. escreveram *nẽlhas* (verso 8, mas *nulhas*, verso 11), enquanto V. mantém a verdadeira forma.

V. O copista de C. V. trocou o *t* por *c* em *treydes*, mas só nos versos 2 e 5. Tanto êste apógrafo como C. B. teem *ao* (versos 5, 7 e 10), mas V. *a lo*. No 4.º verso aqueles dizem *damar*, mas êste *damor*.

VI. No 1.º verso teem C. V. e C. B. *sagrade*, mas V. *sagrado en*. No 4.º verso a lição é igual em todos, falta contudo uma sílaba para completar o verso e por isso substitui *no* por *eno*. C. V. e C. B. teem a mais que V. *hu*, no verso 7, antes de *baylaua*. Ao *ñunc ouuer* (versos 8, 11, 13 e 16) de V. corresponde em C. V. e C. B. *nunca* (omitido porém, no verso 13 em C. V.) *ouuera*. O verso 17 em C. V. e C. B. diz *ergas no uigo sagrado*, mas em V. *ergas en vigo no sagrado*. Porque, a manter-se a forma *ergas*, o verso ficaria com uma sílaba a mais, substitui-a pela mais vulgar: *ergo*.

Como na cantiga IIIª, os mesmos dísticos acham-se invertidos também em V.

VII. À grafia errada de C. V. no verso 5, *uin uirar* (em lugar destas duas palavras tem C. B. uma cruz) corresponde em V. *uĩ mirar*.

J. J. Nunes.

RAIVA

(Conclusão — Vid. *Rev. Lus.*, XXIII, 96; XXIV, 5; e XXVI, 84)

Ainda a propósito de pães:

Em Panóias (Alentejo), há um Santo com um buraco na cabeça. Levam junto a êle a pessoa mordida ou o cão raivoso, e metem pão no buraco da cabeça do santo. Parte de êsse pão é dado a comer à pessoa ou ao cão, e a outra parte fica no buraco.

Evidentemente, não é só de Portugal o uso de pães contra a raiva. No «pays Messin», por exemplo, sucede o seguinte:

«*Rhume et rage.* — Les petits pains bénis le jour de la Saint-Blaise à une messe dite à cette intention et dans certaine église consacrée à ce saint se conservaient sans altération (dans un endroit sec) et préservaient ceux qui en mangeaient, des rhumes et des accidents de rage pendant toute l'année.

Devant l'Église St.-Eucaire, à Metz, rue des Allemands, il se fait le jour de la Saint-Blaise une vente considérable de ces petits pains. L'Église de Servigny-lès-Raville a le même don» (1).

Paulo Sébillot também se refere aos pães, em *le Folk-Lore de France*: «À l'église Sainte-Croix de Liège, on brûlait naguère de petits ronds sur la tête des chiens, et on leur donnait à manger du pain bénit tout exprès, comme celui qui en Bretagne était sanctifié le même jour après la messe des chasseurs; à Chantilly et en plusieurs autres endroits, on disait une «messe des chiens» à la Saint-Hubert, pour qu'ils fussent préservés de la rage, et à Altroff en Lorraine l'avoine destinée à en garantir les bestiaux était bénie lors de la même fête» (2).

---

(1) *Revue des Traditions populaires*, XXIX, 61-62.

(2) Obra cit., vol. III, pág. 136. — Paulo Sébillot continua a falar de pão. Cfr. ainda a mesma obra, II, 273.

«Pròpriamente na Vila da Feira há, desde há anos — dizem os srs. António e Armando de Carvalho Ferreira Soares ([1]) — a crença de que ministrando-se a animais mordidos de cão danado uma *papa* de certa planta existente, pelo menos, no sítio «das guimbras» e no quintal do empregado de Finanças, sr. António Neves, os animais assim tratados ficam imunes da raiva. Há pessoas de categoria, com cursos superiores, que afirmam e perfilham essa crença.»

O *sino-saimão* livra de «cães ruins» (danados) em Óbidos ([2]).

No vol. XXXVII da *Revue anthropologique*, de Paris, publicaram Ruza Lerinc e U. de Medonça um artigo acêrca de *les Mœurs et les croyances du peuple serbe*, no qual se lê:

«*L'étoile de Salomon.* — Contre les maux de tête, la fièvre et la rage, les paysans serbes emploient l'étoile de Salomon. On dessine cette étoile sur une pomme contre la fièvre, et sur un petit gâteau de farine contre la rage» ([3]).

Para a gente se livrar de cães danados, é bom pôr-se em lugar alto, em cima de um muro, por exemplo. Como se disse já, ao expor os sintomas da raiva do cão, êste, com a *dor*, não salta ([4]).

Quando se vê uma mulher com o avental do avêsso, costuma-se dizer: — «É por causa dos cães danados» (Viana-do-Castelo); também há quem diga o mesmo quando as mulheres trazem a saia do avêsso. Consiglieri Pedroso registou: «É bom vestir a roupa do avêsso, porque livra de mordedura de cão danado» ([5]). Na *Revista de Guimarães*, vem o seguinte relativo a Vila-Nova-de-Famalicão: «As meias calçadas do avêsso livram das mordeduras de cães raivosos» ([6]).

([1]) Obra cit., pág. 46.

([2]) J. Leite de Vasconcelos, *Signvm Salomonis*, Lisboa, 1918, pág. 39, nota 5.ª.

([3]) Loc. cit., pág. 268.

([4]) Cfr. A. C. Pires de Lima, *Tradições Populares de Santo Tirso*, 2.ª série, pág. 21, n.º 23.

([5]) *O Positivismo*, III, 15.

([6]) *Revista de Guimarães*, VIII, 140.

O cão que tem o nome de *Norte* não se dana com os ventos (Vale-do-Cóina). «Aos cães — arquivou já o sr. dr. J. Leite de Vasconcelos [1] — dão-se entre nós vulgarmente nomes de rios *para não se derramarem*, isto é, para não terem hidrofobia, segundo a explicação dos Alentejanos (os cães estão assim já habituados à água! espécie de magia)». Êste uso é geral. O mesmo se faz aos gatos [2]. E é, pela mesma razão, que se põe aos cães o nome de *Norte* (vento). Num caso, como noutro, dá-se o que se poderia chamar, com um pouco de liberdade, uma «vacina» anti-raivosa. O mesmo é aplicável à seguinte prática: Perto da igreja de S. Constantim, há um poço onde se mergulham os cães para não danarem.

Também o «cão que tem seis dedos numa mão, e que se chama *pesunho*, nunca se dana, ainda que seja mordido por outro animal derramado» [3]. Na *Gazeta das Aldeias*, lê-se esta consulta: «*Vila do Conde*... Dizem que os cães *prezunhados* estão isentos da raiva. É verdade?» [4] De Vila-de-Conde, disseram-me: «Eu creio que o termo (segundo a pronúncia aqui) deverá escrever-se *aposunhado*; quere dizer cão de aspecto corpulento, forte, resistente. Geralmente aplica-se aos «cães novos» que prometem ser fortes; reconhecem-se pelas patas longas e pesadas, membros grossos — fora do vulgar». Outra consulta da *Gazeta das Aldeias*: «*Cantanhêde*... Dizem-me que os cães ou cadelas *apozonhados* não se danam. Será verdade?» [5] No *Positivismo*, que há pouco citei, lê-se também: «Cão *apesunhado* (com unhas por cima da pata) não se dana» [6]. Nas *Tradições Populares de Santo Tirso*, mencionou o sr. dr. A. C. Pires de Lima: «Gato *apresunhado* é bom, porque é caseiro, e os cães *apresunhados* não se danam» [7], e noutro lugar: «Depois de danados, não mordem no dono,

---

(1) *De Campolide a Melrose*, Lisboa, 1915, pág. 49, nota.

(2) Cfr. *Rev. Lus.*, XI, 265.

(3) *O Positivismo*, III, 144, n.º 228. — Teófilo Braga diz «sete dedos» e «pessunho» (o *Povo Port.*, II, 85). Naturalmente copiou mal de *O Positivismo*.

(4) *Gazeta das Aldeias* (Pôrto), n.º 577, de 20 de Janeiro de 1907.

(5) *Gazeta das Aldeias*, n.º 749, de 8 de Maio de 1910.

(6) *O Positivismo*, IV, 294, n.º 711.

(7) Pôrto, 1915, pág. 38, n.º 44.

se tiverem dois presunhos; fogem de casa e voltam passados três dias» (1).

Algumas definições: «*apezunhado, adj.* — diz-se do cão, armado de fortes unhas» (2); «*pezunho, m.* — unha de cão» (3); «*pesunhos* — patas de cão; mãos avantajadas de qualquer pessoa. Também umas unhas que os cães têm atrás e por cima das patas. Crê-se que os cães que as possuem são refractários à raiva. De *pesunho* formou-se *apesunhado*» (4); «*pezunho*... unha de cão» (5).

---

(1) 2.ª série, Pôrto, 1917, pág. 21, n.º 23.

(2) António de Pinho, *Provincianismos usados em Monção*, in *A Águia* (Pôrto), vol. XII, 2.ª série, pág. 35.

(3) Id., ibid., pág. 42.

(4) F. Alves Pereira, *Glossário dialectológico do concelho dos Arcos de Valdevez (Alto Minho)*, in *Rev. Lus.*, XXV, 188.

(5) A. R. Gonçalves Viana, *Materiais para o estudo dos dialectos portugueses*, in *Rev. Lus.*, I, 215. — Acêrca de outras acepções de *pezunho*, veja-se o que disse A. B. [o sr. dr. António Barradas] no *Primeiro de Janeiro* (Pôrto), secção «Língua Portuguesa», em 14 de Fevereiro de 1917:

«Já Gonçalves Viana nas suas *Apostilas aos Dicionários Portugueses* nos fala dos *pezunhos*, ou *pés de porco*, que é como quem diz *chispes*.

«De Valbom escreve-me o sr. J. A. informando-me de que tem ouvido dizer *presunho* (talvez por influência de *presunto*), mas significando mesmo *pé de boi*, e conta a propósito a história, vulgar em Trás-os-Montes, em que ouviu tal palavra.

«É assim:

«Iam um dia um sapo e uma *sapa* passeando pela beira de um caminho, todos tontinhos de amor. Atrás vinha um boi retouçando (?) a erva que crescera pelas bordas, e êles, saltando para aqui e para acolá, viam-se aflitos para fugir de serem pisados. O sapo, porém, sempre ficou preso de uma pata do boi. A sapa, já mais longe, e ignorando a sorte do bem-amado, volta-se para trás e diz-lhe: — Anda, amor! Mas o sapo tornou-lhe meio sufocado: — Não posso, que tenho um boi preso pelo *presunho*...»

«Eis a historieta pitoresca que a boa gente lá dos sítios

Em Espanha: «El perro que tiene seis dedos en las manos no rabia» (Sevilha) (1) — «*Apresunllado*... Dícese del perro que tiene un dedo de más en una o más de sus cuatro patas. Según el vulgo, a los perros *apresunllados* no les ataca la rabia» (2).

Em França: «*Eperonnés* (chiens). On dit quelquefois qu'ils ne sont pas sujets à la rage» (3). — Em *Le Folk-Lore de France*, de Paulo Sébillot, vem registado: «Suivant une croyance sans doute antérieure au XVIIIe siècle où elle est constatée par un document écrit, et qui a été relevée plusieurs fois de nos jours, les chiens éperonnés ne sont pas sujets à la rage, et certains chasseurs attribuent aux chiennes la même immunité» (4).

Na Atalaia (Pinhel), dizem que se não danam os cães que, ao deitar-se, cruzam as mãos (5).

Em Ponte-da-Barca, para os cães não danarem, dão-lhes alhos e cortam-lhes uma orelha.

Em Penamacor, para afugentar o cão danado, dizem:

Foge, cão,
que entre mim e ti
está S. Romão.

Na Galiza:

Can da rabia
tente en ti
qu'o San Alauterio
está no medio de min e de ti (6).

---

do sr. J. A. conta acêrca da muita farronca que atribui ao sapo».

(1) *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, I, Madrid, 1884, pág. 219; *El Folk-Lore Andaluz*, pág. 341.

(2) *Diccionario Gallego-castellano*, por «La Real Academia Gallega», Corunha, 1919, s. v.

(3) P. Boissière, *Dictionnaire Analogique*, s. v. *rage*.

(4) Obra cit., vol. III, 136.

(5) Vid. *Rev. Lus.*, XII, 289. — Cfr. Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, pág. 162, n.º 43; J. R. Santos Júnior, *Notas de medicina pop. transmontana*, Pôrto 1929, pág. 56.

(6) Revista *Nós* (Orense), n.º 7, pág. 16.

Variante (Algarve):

Tem-te, cão,
que entre mim e ti
está S. Romão;
se és cão,
morde num torrão;
se és cadela,
morde numa pedra.

Outra variante:

Tem-te, cão,
que entre mim e ti
está S. Romão;

e para a cadela:

Tem-te, cadela,
que entre mim e ti
está Santa *Madanela* (1).

No Cadaval, quando uma pessoa é atacada por cão danado, diz para se livrar:

Tem mão, cão,
entre mim e ti
está S. Romão.

Se é cadela, diz:

Tem mão, cadela,
entre mim e ti
está Santa Quitéria.

Se não conhece o sexo do animal, diz as duas.
Em qualquer caso, termina recitando a oração:

Encomendo-me à Luz,
à Senhora da Bela Cruz (2),

---

(1) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, Lisboa, 1926, pág. 154.
(2) *Bela Cruz*, por «Vera Cruz».

ao Rei da Virgindade,
e à Santíssima Trindade,
e a S. Romão que está em Roma,
e fora de Roma,
que nos livre de cães danados
e por danar;
de homem morto,
mau encontro;
de homem vivo
e de mau perigo.
S. Romão e Santa Quitéria,
sempre sejam comigo (1).

Outra variante da oração, de S. P. de Roriz:

Senhora da Luz,
Senhora da Bela Cruz
Senhora da *Reginandade*,
Senhora da SS. Trindade,
que me livre de cães danados
e por danar;
de bichos achados
e por achar;
d'homem morto,
que é mau encontro;
d'homem vivo,
que é mau perigo;
S. Romão seja comigo (2).

Outra (Alentejo):

Eu me entrego à Luz
e à Santa Vera Cruz
e ao ramo da Cristandade
e a S. Romão
coroado e por coroar,
tem a cabeça em Roma
e o corpo em Portugal,
para que me livre
e me queira livrar
de cão danado e por danar,
homem morto, mau encontro,
homem vivo, mau perigo,
S. Romão seja comigo
e Santo António meu amigo.

---

(1) Vid. *Rev. Lus.*, VI, 105-106. — A «Oração» foi colhida no Cadaval, mas quem a disse era de Ferreira-do-Zézere (Vid. *ibidem*, pág. 126).

(2) *Almanack de Lembranças Luso-Brazileiro*, para 1872, pág. 298. Esta oração — diz o colector — é «preservativa não só de cães danados, como de outros *malefícios*».

Outra versão:

Eu me encomendo a Jesus
e à Santa Bela Cruz
e ao reino da Cristandade
e a S. Romão coroado
que tem os pés em Roma
e a cabeça em Portugal,
para que me queira livrar
de cão danado e por danar,
homem morto, mau encontro,
homem vivo, mau perigo.
S. Romão esteja comigo.

Outra versão:

Senhor S. Romão nos livre
de cão derramado e por derramar,
de homem morto, mau encontro,
de homem vivo, pior perigo;
Senhor S. Romão seja comigo.

Duas variantes, colhidas pelo sr. dr. A. C. Pires de Lima (*Trad. Pop. de Santo Tirso*, I série, pág. 102):

I) Eu me encomendo a Deus e à Luz,
e à Santa Bela Cruz,
e ao rei da Virgindade,
e à Santíssima Trindade;
ao S. Romão milagroso
(tem o corpo em Roma,
cabeça em Portugal),
que Deus me queira guardar
de bicho achado, por achar,
cão danado e por danar,
homem morto, *má* encontro,
homem vivo, mau perigo;
que S. Romão milagroso
seja minha guarda e meu desvio.

II) Eu me encomendo à Luz
e à Santa Bela Cruz,
e ao rei da Virgindade,
e à Santissima Trindade;
ao milagroso S. Romão,
que me livre de cão,
danado ou por danar,
de homem morto, mau encontro,
de homem vivo, mau perigo;
S. Romão seja comigo.

Em Castelo-Branco:

Sam Romão coroado
tem a cabeça em Roma,
a coroa em Castela.
Homem morto, mau encontro.
Homem vivo, mau perigo.
Sam Romão seja comigo (1).

Na Atalaia (Concelho de Pinhel) (2):

Encomendo-me eu à luz
e à santa Vera Cruz,
e ao rei da virgindade,
e à SS. Trindade
e ao Padre Santo,
que está em Roma
e fora de Roma,
e a S. Romão
que nos livre de cães danados
e por danar,
homem morto,
mau encontro,
homem vivo,
grande perigo,
S. Romão seja comigo
agora e em tôda a hora.
Padre-Nosso e Ave-Maria.

Em Guimarães:

Homem encomendado à luz
e à Santa Bela Cruz
e à Santíssima Trindade
e ao Rei da Virgindade
e ao glorioso S. Romão,
tem o corpo em Roma,
e a cabeça em Portugal:
que me livre
de cão danado,
por danar,
bicho achado, por achar;
homem morto, mau encontro;
homem vivo, corre perigo;
S. Romão seja comigo (3).

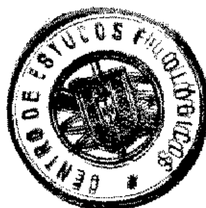
(1) Jaime Lopes Dias, *Etnogr. da Beira*, vol. I, pág. 155.

(2) Cfr. *Rev. Lus.*, XI, 103.

(3) Vid. Alberto V. Braga, *De Guimarães — Tradições e usanças populares* — I, Esposende, 1924, págs. 212-213.

Já referi que em Cabeça-Santa (Penafiel), se dizia uma oração para livrar de coisas más, entre elas «cães danados e por danar». É assim:

Eu me entrego à luz,
e à bela santa cruz
e ao rei da virgindade
e às três pessoas da SS. Trindade,
que nos livre de lôbos e lôbas,
cães danados e por danar,
d'*hôme* morto, *má* encontro,
d'*hôme* vivo, de *má* p'rigo.
S. Romão seja comigo (1).



Outra oração, vinda nas *Tradições Populares de Portugal*, do sr. dr. J. Leite de Vasconcelos:

Senhor S. Romão
nos livre dos cães danados
e por danar
e todo o bicho
que ao de cima da Terra andar (2).

De Elvas:

Encomendo-me à luz,
ò Santo Nome de Jesus,
ò Senhor S. Romão c'roado,
e por c'roar,
que tem os pés em Roma
e a cabeça em Portugal.
Eu peço os anjos benditos
que nos livre
de cão danado e por danar,

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Port.*, pág. 169.

(2) Loc. cit., pág. 168, e *Ensaios Ethnographicos*, III, 290. Vid. também pág. 291 desta última obra, onde vem nota de orações equivalentes italianas.

de homem vivo, mau perigo,
de homem morto, mau encontro,
que sejamos também guardados
Como Deus no ventre
da Virgem Maria;
Padre Nosso, Ave Maria (1).

Variante, de Elvas também, e também colhida por A. Tomás Pires:

Com bem venhas à beira cruz,
e a rainha da verdade,
é a Santissima Trindade,
e *ó* padre S. Romão,
a cabeça está em Roma,
o corpo em Portugal.
Deus nos livre de cães danados,
e por danar,
de homem morto, grande encontro,
de homem vivo, grande perigo;
S. Romão esteja comigo (2).

Em Maçores (Trás-os-Montes):

Tem-te, perro,
tem-te, perro;
tem-te, perro,
lá p'ra trás.
Nunca a Virgem foi mordida,
nem a mim morderás.
Santa Quitéria,
Co'o livro na mão,
livrai-nos, Senhor,
de raiva de cão (3).

Vid. ainda «Responso de S. Romão» (Pôrto), na *Rev. Lus.*, XIV, 143.

O povo conhece a *raiva mansa*, também chamada *raiva*

(1) *Revista do Minho*, I, 38.

(2) *Ibidem.*

(3) J. R. Santos Júnior, *Notas de medicina popular transmontana*, pág. 55.

calada (Rio-Frio) (1), em que o cão não morde. É a *raiva paralítica*, *raiva muda*, ou *raiva tranqüila*.

A-pesar-de quási tudo isto que expus viver na tradição popular, — o povo, felizmente, deixou de se aproveitar dos *seus* remédios, e procura com ânsia e fé o *remédio do Pôrto* ou *de Lisboa*, isto é, o *remédio do Estatuto* (= Instituto).

¡Que êste artigo, por acaso caído em mãos ignaras e ingénuas, não concorra para que tome calor alguma das opiniões tradicionais referidas! — bem que já hoje me pareça de todo impossível abalar a aceitação que o tratamento anti-rábico justamente ganhou entre o nosso povo, tam exposto ao perigo da raiva (2). E desnecessário seria dizer que para isso concorreu, e concorre, o pavor que tal doença causa. Bastará notar a desassossegada e violenta sanha com que é perseguido o cão raivoso, ou como tal suposto, aos gritos de *mata, que é cão danado!*, ou outros semelhantes. Já o vêlho ditado reza: «Quem seu cão quere matar, raiva lhe põe nome», — o que, nos *Apologos dialogaes*, recorda D. Francisco Manuel de Melo: «E nunca ouvistes de um que se vingava dos cães que lhe ladravam, levantando-lhe que eram damnados?» (3) — Cfr. *Quem seu cão quere matar | diz que raiva lhe põe nome* («Anexins de Jorge Ferreira», *Rev. Lus.*, XVII, 251). Em *Pro-*

(1) Cfr. *Rev. Lus.*, I, 216.

(2) «Elle est... presque inconnue en Portugal», afirma o *Gr. Dict. Larousse*, s. v. *rage*, sem dúvida por haver sido publicado (em 1875, o vol. respectivo) antes da criação dos Institutos de Lisboa e Pôrto.

No «Instituto Bacteriológico Câmara Pestana», de Lisboa, desde a sua fundação (1893) até 1912, receberam tratamento 19.062 pessoas; excluindo 56, que vieram da Galiza, Brasil e África Portuguesa, ficam 19.006. (Vid. M. Athias, *A raiva e o tratamento antirábico em Portugal*, Lisboa 1913, págs. 4 e 5). No «Instituto Pasteur do Pôrto», desde 1896 (23 de Novembro) até o fim de 1914, apresentaram-se para seguirem o tratamento anti-rábico 5.957 pessoas conforme a estatística que me foi fornecida, por intermédio do sr. Dr. Almeida Garrett. — Para comparações e mais minúcias, Vid. o citado opúsculo do sr. Dr. M. Athias.

(3) I, 46 (Biblioteca de Clássicos Portugueses, Lisboa 1900).

verbes d'autrefois, de H. Coulon (Paris, 1903, pág. 158), vem: *Qui son chien veut tuer la rage li met sus*, e, a propósito, transcreve («Prov. au Villain»):

Ki deliverer se vell
De serjaunt dount se deut
Blame li blasce e muet
Dist ki il li ad emblé
Quant ki il li ad assemblé
Li tolt ceo ki il puet.
Ki het son chien la rage li met soure
Ceo dist le Villain.

Qui veut se débarrasser
D'un serviteur dont il se plaint
Sui fait des reproches, l'accuse de mauvaises actions.
Dit qu'il lui a volé
Tont ce qu'il a amassé
Et lui retire tout ce qu'il peut.
Qui déteste son chien l'accuse de rage.
Dit le Vilain.

APÊNDICE

VOL. XXIII:

Pág. 96. ¿O chamar-se *onda* ao ataque de raiva relacionar-se há com a pretendida influência das marés no cão doente? Cfr. P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, II, 20.

Pág. 96 e segs. Sôbre causas da raiva, cfr. P. Sébillot, obra cit., III, 136-137. — Quanto às canículas, cfr.: «Chez les Anciens, la rage paraît aussi avoir été mise en rapport avec les jours caniculaires, mais on ne trouve rien de précis à cet égard et peut-être est-ce un simple jeu de mots. [Voir Preller, *Griechische Mythologie*, 2.e éd., t. I, p. 356, n., et Pline, *Hist. Nat.*, VIII, 63]. H. Gaidoz, *La Rage & S.t Hubert*, cit., pág. 8. — A respeito de não haver nada «de preciso», vid. o que digo em a nota 5 de pág. 98.

Pág. 98. A propósito de «mênstruo», causador de raiva, cfr. «El perro ó gato que lame el menstruo de la mujer, rabia» *Bibl. de las trad. esp.*, I, 219; H. Gaidoz, *La Rage & S.t Hubert*, 8. Vid. o que cito no vol. XXIV, 10.

Pág. 102. Quanto a dizer-se que os cães são os animais mais atreitos à raiva, por não suarem, cfr.: «Dire que les chiens sont les plus sujets à la rage parce qu'ils ne suent par, c'est une supposition». *Dict. abr. des Sc. médicales*, XIII, 504 (s. v. *rage*).

VOL. XXIV:

Pág. 7. Sôbre fontes contra a raiva, cfr. P. Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, II, 271, 273-274, 290. Acêrca de poço, *ibid.*, 319.

Pág. 10. Saiu *lecht*, por *leckt*, — e *Tak*, por *Take*.

Pág. 15. Acêrca do «escorpião», Vid. *Le scorpion dans la médecine d'autrefois*, de Maurice Gille, in *Revué pratique de biologie appliquée à la Clinique et à la Thérapeutique*, Ano XXII, n.º 4 (pág. 105).

Pág. 21. Sôbre *remédio da Cardanha*, cfr. J. R. Santos Júnior, *Notas de med. pop. transm.*, págs. 56 e 58.

Pág. 23. Além do «alho», e dos restantes vegetais mencionados, empregaram-se ainda outros.

Ramiz Galvão, no seu *Vocabulário etymológico*... (Rio-de-Janeiro), menciona: «*alísso* — planta da ordem das Cruciferas empregada outrora contra a raiva e mordedura de animais venenosos».

No *Dictionnaire Analogique*, de P. Boissière, vem, s. v. *rage*: «*Alysse*, ou *alysson*, plante employée contre la rage». E mais: «*Passerage*, plante qu'on employait contre la rage». «*Hoang-nan*, liane qui fournit un remède contre la rage, au Tonkin» *(Complément*, s. v. *rage)*.

António Augusto Pereira de Matos, na sua dissertação *Algumas palavras sobre a raiva em Portugal*, Lisboa, 1897, indica diversos vegetais usados para a cura da raiva:

«O pó da raiz da *alisma plantago*, foi recommendado por Burdach; a *herva dos passarinhos* ou morrião; a *arruda*; a tintura de *agave americana* ou piteira vulgar; 20 gotas em 15 grammas d'agua, de duas em duas horas, nos primeiros oito dias e tres vezes nos seguintes pelo espaço de um mez.

«A herva *d'anagallis*, o *veratrum album*, a *euphorbia villosa*, o *polygonum hydropiper* e o *elleborus vulgaris*, sob a fórma de infusos.

«O pó da noz de *simoba cedron*, o *xauthium spinosum*,

a raiz do *cucumis elatherium*, a casca do *freixo* macerada em vinagre forte». (Pág. 64).

Do uso da noz, fala-se na *Rev. Lus.*, v, 237: «Uma noz mastigada por um homem em jejum, e posta na ferida feita por cão damnado, é remedio efficaz contra a mordedura». (Extraído de um livro de C. de Mensignac, Bordeus, 1892). Na *Ligeira Contribuição para o estudo da raiva em Portugal*, de Carlos A. Salgado d'Andrade, lê-se: «*Na luz da medicina, pratica, racional, etc.*, de Gonçalo Rodrigues de Cabreira, a pág. 280 ensina-nos o auctor o melhor processo para conhecer se a ferida é feita por animal raivoso ou não. Se fôr raivoso, collocando sobre a ferida *pernas de nozes* (sic) machocadas ou grãos de trigo durante 24 horas e se os dermos a comer a um galo ou gallinha, êste morrerá. Se não morrer não está raivoso. Para impedir que o veneno penetre, aconselha o mesmo auctor entre muitas coisas já conhecidas a clara de ovo batida com agua rosada e pós de murta, cascas de romã ou bolo armenio e ainda pombos ou frangãos abertos vivos e postos sobre a ferida! Mas não fica por aqui ainda a imaginação do auctor, chega a aconselhar o esterco de pombas misturado com mostarda, com *pernas de nozes* tudo pisado e misturado com fermento, sal e mel, posto sobre a mordedura». (Pág. 40-41).

Na *Bibl. de las trad. pop. españ.* (t. VIII, pág. 60-62), falou Cecília Schmidt Branco do «bedegar» e da raiz da rosa silvestre ou «canina», empregados contra a raiva.

De um manuscrito, datado de 1634, envia-me o dr. Pedro Vitorino o seguinte recorte:

«Receita para preservar da raiva todo o animal vivente ferido ou tocado dela:

«Se alguma pessoa ou animal fôr mordido de outro animal ou pessoa raivosa que tenha ferida ou chaga aberta primeiro de tudo se há de alimpar mui bem a chaga rapando mesmo com alguma ferramenta ou faca sem cortar cousa alguma e se houver alguma parte rasgada que seja necessário unir-se se lavará primeiro muito bem com água e vinho morno misturando-se sal quanto se possa tomar com tres dedos. Depois de lavada e limpa a chaga tomareis raízes de nogueira brava as mais tenras e de *escorzioneyra* [sic] de cada um uma mão cheia e as cortareis e pisareis e logo lhe

ajuntareis arruda, salva e margaritas brancas que crescem nos campos, de cada uma meia mão cheia das ervas e das flores, porém das margaritas se tome dobrado, duas cabeças de alho limpas, uma grafada de sal, de tudo isto muito bem pisado e moído metereis sôbre a ferida em modo de cataplasma se a chaga fôr funda haveis de tirar o sumo e sustância de tudo isto e deitá-lo na ferida atando-a até o dia seguinte. Sôbre isto logo no mesmo dia que aplicares as mèzinhas tomareis de tôda ela o tamanho de uma noz e o lançareis no almofariz e deitareis em cima meio quartilho de vinho branco misturando com a mão do almofariz pisado de novo o coareis por um pano e dareis a beber o coado ao enfêrmo em jejum que depois lavará a bôca com vinho e água para lhe tirar o mau gôsto desta bebida a qual é necessária para que a peçonha não acometa o coração ou para a lançar fora se já estiver apoderada das partes interiores e não há de comer nem beber três horas depois de bebida. Não é necessário rapar nem alimpar a chaga nos mais dias como se fêz no primeiro, porém há de aplicar-se o remédio acima de vinte em vinte e quatro horas por tempo de nove dias, tomando em todos êles a mesma bebida em jejum sem haver descuido pelo perigo que há lhe passar os nove dias. Se nos ditos nove dias as chagas ou feridas não estiverem sãs como não costumam estar serão grandes se curam depois como chagas simples e passados os nove dias se pode chegar ao enfêrmo seguramente o que se não deve fazer antes dêles particularmente sendo mordidos alguns dias antes da cura».

VOL. XXVI:

Pág. 84 e segs. Cfr.: «Dans notre pays [Messin], les membres de la famille d'Attel de Luthange, descendant de Saint-Hubert ont le don, au moins un d'entre eux, le chef de famille, de donner répit de 90 jours, de guérir la rage par certains attouchements accompagnés de prières. On faisait et, je crois, on fait encore *toucher* ainsi beaucoup de bestiaux» *Revue des trad. pop.*, XXIX, 61.

«Pra inmunizar-se contra a rabia, vai a xente ao pobo de Fontes Novas (Fuentes Nuevas: no mismo Bierzo) (non sei se será no pobo de Santoñana — que non sei donde queda — en vez de Fontes Novas), e co-a chave de San Bernardo enroxecida fanlle unha cruz na frente a aquil que se sospeita que

fose mordido.» — *Nós* (Orense), n.° 72, pág. 222. — Cfr. também *le Folk-Lore de France*, de P. Sébillot, III, pág. 138; Jaime Lopes Dias, *Etnogr. da Beira*, I, 155; J. R. Santos Júnior, *Notas de med. pop. trans.*, 55.

«In the Treasury of St. Denis they are said to preserve the silver keys of the saint, which by being laid on the face of the patient, cure the bite of a mad dog.» *Les Raretez qui se voyent dans l'Église Royale de S. Denis*, 1749, p. 4, apud W. Carew Hazlitt, *Faiths and Folklore*, Londres, 1905, vol. I, pág. 184-185.

Pág. 109. Relativamente ao final da transcrição do *Dict. Infernal*, Cfr.: «Si un enfant ou une grande personne viennent à être mordus par un mauvais chien, selon l'expression des paysans; s'ils sont atteints de la rage, les commères, les sorcières conseillent de leur faire manger une pomme ou un morceau de pain dans lequel on aura enfermé ces mots: *Zioni, Kirioni, Ezzeza;* ou bien, on brûlera les poils d'un chien mort de la rage, on en boira la cendre dans du vin, et l'on sera certainement guéri». A. Legendre, *Des préjugés populaires dans les maladies de l'enfance et en particulier dans le Morvan*, Paris, 1883, pág. 32. — No cap. V do livro VII de *Nossa Senhora de Paris*, de Vítor Hugo (trad. port., Lisboa, 1895, pág. 181), lê-se: «*Hax, pax, max*, isto é medicina. É uma fórmula para curar a mordedura de cães damnados.»

CLÁUDIO BASTO.

CALE E PORTUCALE

Alberto Sampaio no vol. I dos seus valiosos *Estudos historicos e economicos*, dados a lume no Porto em 1923 pela conhecida e bem conceituada livraria dos S.rs Lelo & Irmão, com o que ela prestou optimo serviço ás letras, insere um artigo em que se ocupa das póvoas maritimas do Norte de Portugal (1). Aí trata das origens do Porto, e discute as palavras *Cale* e *Portucale* quanto á sua aplicação. O raciocinio do nosso autor consiste essencialmente nisto:

A povoação chamada *Cale* ou *Calem* no Itinerario de Antonino (sec. IV) ficava na esquerda do Douro, e teria sido na origem uma cidade lusitana ou citania, erigida num cêrro, arruinada depois, e restaurada (pelos indigenas) á chegada dos Germanos: d'onde o aparecer com o nome de *Portucale castrum* em Idacio (2.a metade do sec. V), e *Portucale castrum antiquum* nas supostas actas do concilio de Lugo (2), que fazem chegar a diocese de Coimbra até o rio Douro. Um documento do ano de 922 (*Dipl. et Chartae*, n.º 25) refere-se a uma *villa de Portugal* (3) na mesma margem, certamente no sitio em que estivera a *Calem* do Itinerario, e o *Portucale castrum* de Idacio. Destruido este na invasão sarracena, levantou-se outro *castrum* a pouca distancia, o de *Mahamuti* «Mafamude» (4), que veio a tornar-se *o burgo velho do Porto* (5), absorvido finalmente por Vila Nova de Gaia. — Vid. pp. 263-264 e 273-275.

Idacio fala paralelamente de *Portucale locus* ou *locus Portucale*, que ele situa nos extremos da Gallaecia: *ad extremas sedes Gallaeciae, ad locum qui* PORTUCALE *appellatur*. Ficava pois na margem direita do rio. *Portucale* queria dizer «porto de Cale», porto que do lado da Gallaecia servia de desembarcadouro para Cale. Não possuia ainda fortificações. No alto da vertente do rio é que, depois de fundada aí a sé portucalense, no govêrno visigotico, e nascida a par uma povoação, que provavelmente a principio se abasteceu com elementos provindos do Portucale marginal, construiria D. Afonso III de Lião (866-910) uma fortaleza, ao restaurar a povoação das ruinas em que os Arabes a tinham deixado: fortaleza a que com o nome de *Portucale castrum novum*

aludem as supostas, e ha pouco citadas actas, do concilio de Lugo. — Vid. pp. 263 e 276.

Toda a exposição é muito luminosa, e já em parte haviam escrito no mesmo sentido o P.e Forez, João Pedro Ribeiro, e Herculano, em lugares que o nosso autor aduz a propósito; ultimamente resumiu Mgr. Ferreira, *Memorias do Porto*, I, 10 sgs., a doutrina de Sampaio, e propôs como local preciso do desembarcadouro de *Portucale*, fóra do bairro da Sé, ao Oeste de Miragaia, o sitio de Villa Baixa, que se menciona nas Inquirições: *ob. cit.*, p. 12, nota 1.

Devo, pelo meu lado, apresentar algumas observações ao escrito do preclaro Alberto Sampaio.

Ele não tomou em consideração que nos Fragmentos das Historias de Salustio (sec. I. a. C.), referidos por Sérvio, comentador de Vergilio, se fala de *Cales, civitas in Gallaecia* (6), portanto a mesma povoação, excepto diversidade de datas, que o *Portucale locus* e o *Portucale castrum* de Idacio. Da fórma *Cales*, como mais antiga, deve pois partir quem escrever das origens do Porto. E isso lembrou de certo modo o P.e Florez, *Esp. Sagr.*, XXI, 2, conquanto escrevesse *Cale*, seguindo alguma edição antiga, e não *Cales*. Sampaio distingue *locus* de *castrum*, contrapondo-os, e colocando as respectivas povoações em sitios diferentes; contudo a *civitas* salustiana estabelece certa conexão entre essas duas designações, tanto assim que ás vezes se encontra em latim *civitas* e *locus* no sentido de *urbs* (vid. Georges). Portucale era uma povoação *(locus)* fortificada *(castrum)*, com seu porto no estuario do rio *(portus)* (7).

No meu entender, a palavra *Portucale*, como já aventei algures, corresponde a *portus Cales*: «Cales que é um porto», «o porto chamado *Cales*», com a mesma sintaxe de *portus Anthēdus, portus Schoenos*, etc., em Plinio, *Nat. Hist.*, IV, §§ 18 e 23 (Mayhoff). O acusativo de *portus Cales*, caso tipico para o vocabulario romanico, era naturalmente *portum Calem*. Com o andar do tempo, o apelativo, que servia para designar, o nome proprio, fundiu-se com êste: e o novo nome assim formado tinha no acusativo **Portumcalem* ou **Portucalem*, d'onde, pela quéda do *-m* na pronúncia normal, ficou *Portumcale* = *Portuncale*, ou *Portucale*, que se tornou indeclinavel. Vid. os textos em Sampaio, p. 263, que utilizou a edição idaciana dada pelo P.e Florez na *Esp. Sagr.*, IV, 347-387. Na edição, porém, mais apurada que Mommsen fez da Cronica

de Idacio nos *Monumenta Germaniae Histor.*, vol. II, fasc. 1.º, notam-se algumas variantes: *ad locum qui* PORTUMCALE appellatur; PORTUMCALE castrum invadit. D'elas se vê, principalmente da primeira, que *Portumcale* era para o autor ou para o escriba fórma monoptota ou estereotipada.

Asseverar Sampaio que a povoação que o Itinerario designa por *Calem* ficava na margem esquerda do rio, porque a última estação da *via militaris* que de Olisipo ia a Bracara era *Calem* (Sampaio, p. 263), carece de fundamento. A última estação de Olisipo a Bracara era a propria Bracara; *Calem* era a 9.ª, contando Olisipo como 1.ª, e tanto podia ficar na margem esquerda, como na direita. O Itinerario enumera as povoações ou estações conforme a natural seqüencia geografica, ainda quando haja rios de permeio. Na mesma via, por exemplo, a estação 5.ª era Conembrega (Conimbriga), que jazia na margem esquerda do Monda, e a 6.ª era Eminio, que jazia na direita. Mas o texto de Salustio alegado supra não deixa dúvida de que a Calem ou Cale do Itinerario se identificava com Cales, por termos aqui um só nome: e ficava portanto na direita do Douro.

De que modo explicar então na margem esquerda do rio a situação do *Portucale castrum antiquum* das supostas actas de Lugo, e da *villa* ou «quinta» *de Portugal* do n.º 25 dos *Dipl. et Chartae*? Já se vê que houve duas povoações do mesmo nome, uma em cada margem. Pois que Cales, na margem direita, possuia um porto de certa notabilidade, tomou d'isso o nome, e ficou-se chamando *Portucale*. Tendo-se formado depois na margem oposta, e defronte, em data indeterminada (vid. infra), uma povoação menos importante, esta recebeu o nome d'aquela: cf. modernamente Barcelos & Barcelinhos, separados pelo Cávado, Pedrógão Grande & Pedrógão Pequeno, separados pelo Zêzere, posto que notada onomasticamente a diferença, num caso com um sufixo deminutivo, e no outro com um epiteto. No segundo caso, porém, usa a linguagem familiar, por abreviatura, unicamente *Pedrógão*, quer a respeito do *Grande*, quer do *Pequeno*.

De eu dizer que o Portucale da margem esquerda era menos importante e mais moderno que o Portucale originario, ou da direita do rio, infere-se não só que não subscrevo a hipotese de Sampaio de que *Portucale* significava «porto de Cale», porto que do lado da Gallaecia servia a povoação fronteira ou da esquerda, senão que, e *ipso facto*, não dou

esta como derivada de uma citania. Das duas povoações, chamadas cada uma *Portucale*, fôra a da direita evidentemente a primeira, porque o seu nome só póde explicar-se por *Cales*, da *civitas* que Salustio situa na margem d'esse lado. O segundo Portucale deve ter-se formado entre o tempo de Idacio (sec. V), em que havia um só *Portucale*, e o da redacção das actas apócrifas de Lugo. Querendo-se um *terminus ad quem* mais definido, escolha-se o ano de 922 do doc. n.º 25 dos *Dipl. et Chartae*.

Quanto ao mais que não fica discutido, estou de acôrdo com a exposição de Sampaio. Apenas preciso de evitar aos leitores uma dúvida. Porque é que a povoação do Sul do rio, mais moderna, na minha suposição, do que a do Norte, se chamava nas actas de Lugo *castrum antiquum*, ao passo que esta se chamava *castrum novum*? O a adjectivo *antiquum* naquele caso quer dizer, como Sampaio explicou, pp. 273-274, do tempo dos Visigodos, isto é, castelo construido nesse tempo; *novum* quer dizer que a fortificação de *Cales*, não a *civitas*, é posterior aos Visigodos, isto é, data do tempo de D. Afonso III de Lião (vid. supra); a *civitas*, pelo contrário, era pre-romana, como o declara o nome. Quando uma povoação recebe um nome que já existia aplicado a outra, junta-se-lhe conhecidamente o natural epiteto *novo* ou *nova*, tomando o anterior nome o epiteto de *velho*: cf. *Montemor o Velho* por oposição a *Montemor o Novo*; *Torres Vedras* por oposição a *Torres Novas*. O mesmo acontece com monumentos. Ao pé de Mondim de Baixo, na Beira-Alta, havia uma ponte sobre o rio Barosa, chamada simplesmente assim, isto é, *a ponte*; a pouca distancia construiu-se outra, que o povo logo denominou *nova*, começando a chamar *velha* á preexistente. Em todo o caso, quer *castrum antiquum* e *castrum novum* pertencessem á linguagem quotidiana do tempo, quer apenas á do escriba das actas, ou supostas actas, não passam de expressões transitorias, que depois deixaram de existir.

Em resumo. Para mim, salvo o devido respeito á inteligencia e sciencia de Sampaio, a *Cales* de Salustio, a *Cale* ou *Calem* do Itinerario, o *Portucale locus* de Idacio, o *Portucale castrum* do mesmo autor, e o *Portucale castrum novum* das actas lucenses aplicam-se ao Porto; o *Portucale castrum antiquum* das mesmas actas e a *villa de Portugal* dos *Dipl. et Chartae* aplicam-se ao territorio de Gaia.

Tanto para o espirito de Idacio as tres expressões *Por-*

tucale locus, *Portucale*, e *Portucale castrum* significavam uma só povoação, que ele, adicionando *locus* a *Portucale* na primeira expressão, e *castrum* na segunda, menciona uma vez *Portucale* sem epiteto nenhum. Que *Portucale* era pois êste? Evidentemente o mesmo que os outros dois: do contrário distingui-lo-hia por *locus* ou por *castrum*. Não póde alegar-se que, vindo *Portucale*, sem epiteto, depois de *Portucale locus*, Idacio tivesse êste em mente; não, porque o andamento da Cronica põe grande distancia de per meio.

*

Procurei na precedente discussão acompanhar, quanto possivel, o pensamento de Sampaio, e por isso em *Portucale castrum* considerei *castrum* designação de *Portucale*; mas visto ter-se tornado *Portucale* em *Portumcale* (Mommsen) monoptoto ou indeclinavel, podia tambem — e é isso o mais provavel — interpretar-se *Portucale* (ou *Portumcale*) *castrum* como *Portucalis* (ou *Portumcalis*) *castrum*, e traduzir-se pois aquela expressão por «castelo de Portucale», já respectivamente á povoação da direita, já á da esquerda ([8]).

Com qualquer das duas interpretações a discussão permanece a mesma: e não a fiz com afouteza, pois que não me coloquei inteiramente ao lado de pessoa tão circunspecta como Sampaio, de quem fui amigo, e sou sempre admirador.

APENDICE

Mgr. Ferreira, num *addendum* ás suas *Memorias do Porto* (já citadas), I, 446, onde se baseia nas *Religiões*, II, 29, e III, 140, passos que ele cita, fala tambem da *Cales* salustiana; mas acrescenta que lhe parece não poder dentificar-se esta cidade com o *Portucale locus* de Idacio, por quanto o mesmo Idacio afirma no *Chronicon* que a última cidade da Galecia, que terminava no Douro, era *Bracara*, e não *Cales*: devendo pois admitir-se que ou a *Cales* de Salustio havia já desaparecido ao tempo de Idacio, ou ficava noutra parte da Galiza, acaso até noutra região da Hespanha.

A isto objectarei o seguinte:

Entre o ficar *Portucale* ou *portus Cales* na margem direita do Douro, e o dizer Idacio que *Bracara* era *extrema civitas*

Gallaeciae não ha contradição, porque *Bracara* era uma *civitas*, e *Portucale* um *locus*, que, ou por ter decaído, ou por não ser tão importante como *Bracara*, ou porque Idacio o não conhecia bem, não mereceu ao cronista aquela qualificação.

ANOTAÇÕES

(1) Quem reviu a edição deixou sem emenda muitos erros tipograficos, por exemplo: a p. 276, *Chronicon Abeldense* (por *Albeldense*); a p. 283, incómoda repetição de palavras; a p. 286, *trazido á colecção* (por *á colação*); a p. 314, *desdenominação* (por *denominação*); a p. 359, *conrado inglez* (por *cruzado inglês*).

Pior ainda. Tendo Sampaio composto êste trabalho depois de publicado em volume (separata da *Portugalia*) outro seu, intitulado *As «villas» do Norte de Portugal*, faz agora referencias ao primeiro, conforme á paginação que ele naturalmente tem. Pois o revisor, ainda que as *Villas* precedem nos *Estudos historicos* as *Póvoas*, manteve a primitiva citação das paginas da separata, em vez de as reduzir á das paginas dos *Estudos!* Os leitores vêem-se portanto seriamente embaraçados para seguirem o discurso do autor, pois ou hão-de perder tempo a folhear os *Estudos*, buscando os lugares a que Sampaio alude, ou hão-de ter ao pé de si um exemplar das *Villas*, o que será dificilimo, visto estar esgotada a edição. Se o revisor, por escrúpulo, queria manter sem alteração o texto de Sampaio, mantivesse-o, indicando entre colchetes a paginação dos *Estudos*, como soe fazer-se em circunstancias analogas; mas a razão do escrúpulo não colhe, pois toda a ortografia do autor foi modernizada, isto é, alterada.

Mais: referindo-se Sampaio por vezes, pp. 323, 328, 357, ao foral da Póvoa de Varzim, dado por D. Denis, e a uma cópia que mandou tirar da parte das Inquirições de 1258 respeitante á região que fica entre Cávado e Ave, prometendo publicar esses documentos no fim do volume, na nota B, não aparece lá tal nota; e o revisor em nada nos elucida sobre isto.

Finalmente, pois que, como observa o D.or Luís de Magalhães, na introdução, p. XXIV, é facil ver o embrião das *Póvoas* no artigo que se intitula *O Norte maritimo*, pedia a logica que êste se imprimisse antes d'aquelas, e não a seguir, como aconteceu.

Foi pena que á revisão de tão importante trabalho, como são as *Póvoas* — publicado postumamente — não presidisse criterio mais esmerado.

(2) [Não da epoca (ano de 569), mas, ainda assim, muito remotas: Herculano, *Hist. de Portugal*, 5.ª ed., t. I, p. 469. Sampaio aceita que foram escritas na epoca novi-goda, p. 273, e reporta-se a Argote, *Memorias de Braga*, t. II, doc. 1.°, p. 804. — Por epoca novi-goda deve entender-se o tempo que decorre do sec. VIII (Pelayo) ao XI. — De não serem originais as actas, isto é, contemporaneas do concilio, tratou depois de Argote já o P.e Florez, *España Sagrada*, IV, 130 sgs.].

(3) [Isto é, uma «quinta»].

(4) [Sampaio serve-se aqui do n.° 54 dos *Dipl. et Ch.*, onde se lê, na delimitação da *villa* ou «quinta» *Alduarii: subtus castro* Mafamuti].

(5) [Por oposição chamou-se *burgo novo* á área que D. Teresa deu ao bispo D. Hugo: *Elucidario*, s. v, «burgo», I, 216, B. Tinha por centro a sé].

(6) Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 29, nota 7, e III, 140. A fórma *Cales*, como aí digo, assenta numa correcção feita ha seculos por Voss ou *Vossius*, pois os codices salustianos têm *Gallia* em vez de *Gallaecia*. Mas é correcção absolutamente certa, e já assim foi tambem, sem hesitação, aceita pelos filologos modernos.

(7) Em Idacio ha exemplos de *locus* no sentido de «povoação»: *camporum loca vastantur*, ano de 459; *maritima conventus Lucensis loca nonnulla*, ano de 461; *diversa loca infelicis Gallaeciae .. depraedantur*, ano de 464; etc. Chama *castrum* ao «castelo» de Goyanza, *Coviacense castrum*, ano de 459, usando tambem, por exemplo, *castella*, ano de 430.

(8) Tambem G. Estaço, *Varias antiguid. de Portugal*, cap. 73, § 31, viu em *Portucale* um «nome indeclinavel», que na expressão *Portucale Castrum* tinha o valor de genetivo, pelo que traduziu *Portucale Castrum antiquum* «Castelo velho de Portugal [= Portugale ou Portucale]»; cf. *Castro novo* no § 33.

J. Leite de Vasconcellos.

PÁGINAS FOLCLÓRICAS

A rosa na lírica popular [1]

Com aditamentos são publicados pela segunda vez os cap.es I, II e IV dêste estudo, inicialmente insertos em *Brotéria*, de Lisboa, vol. X, fasc. III, Setembro de 1930, págs. 156-173.

No meu coração floresce
Quási sempre o desengano;
E há roseiras na terra,
Que dão rosas todo o ano.

(Popular).

I

Formação do símbolo

A rosa serve de imagem predilecta no folclore: — 1.º como alegoria de maior formosura, no sentido abstracto; — 2.º como o melhor madrigal à beleza feminina, no sentido objectivo da beleza ideal.

A riqueza decorativa da rosa, o porte magestoso da roseira enflorada, a variedade, policromia, abundância e perfume da flor tornaram-na emblemática, ao mesmo tempo que o homem, como o insecto atraído, se encantava dela.

Donairosa e grácil, multicolor, no centro de inebriante esfera de aromas, a rosa assumiu honras de «rainha das flores.»

O que atinge no espírito humano ascendência activa, até pela sugestão se tornar transcendente, converte-se em símbolo. O símbolo consoante a altura da consciência, em que influi, é material [vale por si, *per se*, dogmàticamente, é amuleto de

---

(1) Êste trabalho é o III da série das *Páginas Folclóricas*: I *Canção do Trabalho* na «Rev. Lusitana», vol. XXI; II *A Sinfonia das côres, ou o arco-iris da gama popular*, na «Nação Portuguesa», série V, tômo II.

virtude], ou é espiritual [vale pela idea subjectiva, que encerra, *propter se*, emblemàticamente, é inteligência dinâmica].

Por outro lado, o símbolo afasta-se da forma simbolizada, e esquematiza-se em forma única ou múltipla, esta seriada ou não, ora simplificada, ora complicada, — ou mantém a forma original. A mais perfeita e completa esquematização ideológica foi até hoje o simbolismo dos hieróglifos egipcíacos, uma seriação simbólica. A esquematização artística atingiu o limite compreensível no período clássico. O simbolismo religioso enriqueceu-se no ideal católico, expressão dinâmica da pureza e do amor.

Em tôdas estas três manifestações do espírito humano, — entendimento, arte, religião, — a rosa constituiu símbolo: ideal de beleza, ideal de forma, ideal de pureza.

Tomou tôdas as transições da forma imaginativa, abstracta, até à expressividade plástica e, nesta, desde a forma simplificada até à exuberância pletórica.

Esquematizou no que etnogràficamente se chama *rosela* ou *rosácea* mais ou menos simples da pragmática popular: entrou por esta, com o seu influente tradicional, na arte decorativa desde as manifestações artísticas da prè-história. Encontrou-se em todos os tempos com as correntes ornamentalistas de feição essencialmente esquematizada por um lado, simbolizante pelo outro, isto é, com o seu elemento mecânico e o elemento espiritual.

Assim a *rosácea* pre-histórica seria a um tempo forma (decorativa floriforme) e idea (símbolo amulético) de religião animística, de onde residiria por semelhança aparente na rosácea simplificada o espírito activo das estrêlas (rosáceas esteliformes), como no círculo se fixaria o princípio criador do sol.

Encontrou no mundo pagão os festões ornamentais das *Florália* em honra de Flora, as chuvas de flores nos bailados rituais, os atributos flóricos das Musas, das Ninfas e das Graças, a flor emblemática da Vénus itálica, a lenda geográfica do rapto de Europa e o mito plutónico de Prosérpina. As flores de festa reapareciam nas aras dos sacrifícios e nas pedras dos túmulos. E a rosa é voto, ornamento e símbolo; símbolo de vida, símbolo funerário, que mantém o sentido da oferenda de flores do ritual nos funerais solenes.

A rosa espiritualiza-se no céu cristão, como símbolo da pureza virginal de Maria. Nos altares católicos, as rosas são

as flores da Virgem. *Rosa Mystica* é uma das mais formosas invocações da *Regina Virginum* na «Ladainha de Nossa Senhora», sem dúvida a mais lírica oração dos templos cristãos.

*

A rosa esquematizou na *rosácea* ou *roseta* mais ou menos simples de pragmática popular, e desta ou por via desta na arte decorativa, desde as manifestações artísticas da prè-história.

Quere isto dizer que a rosácea, que até nós chega da fase castreja das *citânias* e *cividades* prè-romanas, não tenha sido produto da convergência de outros simbolismos?

Não será fácil em todos os casos saber qual foi o simbolismo predominante. Na rosácea deverão ter-se confundido sôbre um talvez primitivo símbolo floral, — a flor, — o carácter sagrado de símbolo animistico, o emblema cultual derivado, a expressão funerária por extensiva ao mistério da morte onde se confundem os mistérios da vida, e talvez, por esta ou outra via, simbolismo solar de harmonia e a-par-de outros emblemas do sol (roda, círculo, triscelo, tetráscelo) associados.

É possível que a linha evolutiva da rosácea cultual fôsse esta na psicologia primitiva, que por ser humana teria seguido o mesmo caminho de hoje: atenção na beleza da flor, sua ligação religiosa com o espírito anímico, que animava o mundo, oferenda e voto em ceremonial de culto, confusão do objecto com o objectivo, transformação do elemento na substância, associação da matéria ao seu princípio criador ou animador, e sua forma hieroglífica distintiva até se imiscuir em outras formas convergentes.

Outra não teria sido a ordem do emblema circular do sol; e as formas associadas no culto solar deveriam lògicamente provir da observação do astro no seu aspecto circular aparente, ligada com outras de reprodução imaginativa, afim e comparativa, entrevistas no mundo circundante ou nos objectos e utensílios comuns.

Não implica pois prejuízo para a suposição de Déchelette (1), que atribui à roseta o carácter sagrado do culto solar, disseminado pelos Celtas. Na rosácea ou roseta poderão ter-se

(1) Déchelette, *Le culte du soleil aux temps préhistoriques*, in *Revue Archéologique*, 4.ª S., t. XIV.

reunido o símbolo cultual, mítico de adoração ou do sol, das estrêlas, ou dos astros em geral, e um emblema ritual de flores oferecidas em voto propiciatório ou gratulatório, que da continuidade se tornariam decoração, e da decoração símbolo.

Ainda hoje a rosa é flor sìmbólica em aplicações religiosas. É a flor por excelencia. Já foi feita menção de um dos vocativos da Virgem: *Rosa Mystica*. Algumas das suas imagens têm por atributo a rosa: sirva de exemplo o «registo» de N.ª S.ª da Consolação, de Agoalva, representada com um ramo de rosas na mão direita (¹). Os altares da Virgem têm por decoração as rosas brancas. As noivas, no fim da ceremónia do casamento católico depõem num altar da Virgem o ramo virginal das rosas brancas, que levam consigo. São rosas desfolhadas, que se lançam sôbre a Virgem nas procissões, sôbre as noivas nos casamentos, sôbre as crianças da primeira comunhão. São ainda rosas brancas, que se amontoam no esquife e no túmulo de virgens e crianças. Assim, tem a rosa o simbolismo da pureza, evocado nos momentos oportunos pela solenidade espiritual do acto.

O elemento imaginativo reforçava a expressão decorativa.

Na decoração, a rosácea perderia ou não o valor simbólico, para ser apenas elemento ornamental, como a cruz entre os cristãos, consoante à finalidade a que obedecia a representação. Mas essa abstracção da idea à forma, só podia ter-se efectuado, quando o símbolo atingiu, pela provável progressão aritmética do seu desenvolvimento, o acume do significado religioso.

Como compreender de outra forma a sua permanência e continuïdade? Desde as civilizaçõs mediterrânicas ela aí vem, nas jóias micénicas, nas lápides sepulcrais, ou votivas, estelas e aras dos Romanos, nos adornos, pinturas de vasos, decorações dos tempos clássicos, nos templos bisantinos, visigóticos (Balsemão, Oviedo, Zamora), românicos, góticos, até ao Renascimento, até hoje, na gama decorativa de construções, indumentária, joalharia, utensilagem.

Na terra portuguesa aparece a rosácea desde os castros: na Citânia de Briteiros, em Sabroso, Monte-Redondo (Braga), S. Miguel-o-Anjo (Arcos) e outros. Martins Sarmento descreve

---

(¹) Museu Etnológico Português: *Colecção de Registos de Santos* de Fernandes Tomás, III vol., pág. 36.

uma das pedras da Citânia, que tem um circulo de três raios (tríscelo) entre duas rosáceas ou florões (1). E, porque se concluiria por comparação, esteve essa pedra na frontaria de uma das casas, a proteger os habitantes; associação esta do tríscelo solar e das rosáceas, conforme ao que ficou dito.

Não vem para aqui definir as formas derivadas ou as variedades mais ou menos perfeitas das rosáceas até à sexfoliácea ou hexapétala, que parece ser delas a mais perfeita e, em certo estágio da civilização, a predominante (2).

Às rosáceas de seis pétalas chama o Autor das *Religiões da Lusitania* «estrêlas pròpriamente ditas» (3), porque limita a designação de rosáceas ou rosetas às figuras decorativas com a forma nìtidamente floral. O Snr. Dr. Leite de Vasconcelos apresenta a-par festões e coroas de decoração sepulcral. A diferença entre a rosácea floriforme e a rosácea esteliforme, não provirá por ventura de fases também diferentes da sua evolução, ou, para a mesma fase, de origens convergentes, — a artistica e a popular, a decorativa e a emblemática?

*

Se foi emblema religioso e funerário, símbolo e ornamento, ora nas lápides e aras, ora nas estelas com inscrições sepulcrais, a rosácea transmite-se através dos tempos como através do espírito receptivo e extensivo dos homens a tôda a forma decorativa.

Se pela sua formação simbólica atingiu expressividade espiritualista, do monumento, isto é, da fixidez formal, passou às outras manifestações psicológicas, às artes utilitárias, reprodutivas, familiares, e à forma oral na poesia.

Os documentos materiais decidem sobrevivências; porque as não hão de também indicar os elementos orais? O princípio interpretativo das analogias aplicou-se também à etnografia, e formou-se com a aplicação, em museus e tratados, a «etnografia comparada», que a tão grandes e inesperadas conclusões tem levado. Resta aplicar-lhe o sentido, e ampliá-lo através das idades.

---

(1) Martins Sarmento, *Arte mycenica no noroeste de Hespanha*, in rev. *Portugalia*, vol. I. pág. 2-3.

(2) Basta, para o comprovar, a observação monumental.

(3) Leite de Vasconcelos, *Religiões*, vol. III, pág. 425.

Na decoração da cerâmica e olaria popular, nos bordados e rendas, tapeçaria e fiação, estamparia e pintura, na gravura a ponta dos pastores em madeira, cortiça e chifre, nos trabalhos dos reclusos, na ornamentação da arquitectura rural, na ourivesaria, nos jugos minhôtos, em fantasias decorativas dos quadros de «milagres», dos painéis das «alminhas», em tôdas as manifestações artísticas da alma popular, aparece sempre a rosácea — sexfólia — como elemento decorativo. Ora só, isolada ou em grupos, em séries regulares, ora agregada a outros desenhos da mesma intenção ornamental, ela multiplica-se indefinidamente.

Das arquivoltas dos portais românicos entrou nos templos, como da arte popular subiu à decoração religiosa. Em cruzeiros e capiteis se fixou. Se já não falava às almas no simbolismo religioso, apresentava-se-lhes diante dos olhos na oração e nos ornatos da religião. A visão litúrgica do artista românico é essencialmente tradicional; o artista sai da escola do trabalho livre, entregue à fantasia do seu espírito, criado no ambiente em que viveu. O condicionalismo anterior é mantido através da vida, e na obra produzida sente-se tôda a realidade activa de uma época de construção social.

Tudo que é vivo na psicologia do povo, é mantido na sua ingenuidade pelo artista. Elementos decorativos, que então se aplicavam, vinham-lhes de tempos anteriores, e prolongaram-se até hoje. Lá estão as rosáceas, na sua simplicidade estrutural, ou na complicação ornativa de formas estetizadas.

Então, teria ela tomado de novo expressão religiosa, indirecta, desde que apareceu nos templos cristãos. O factor normativo desenvolveu-se, evoluíu, e aí temos a rosa por central-condutor do simbolismo religioso.

Pureza, formosura, policromia, porte hierático, chamaram a atenção para a rosa, e ela passou a ser metonìmicamente o símbolo das virtudes evocadas no seu aspecto.

Pureza da rosa branca, — a brancura que denota impoluïção, ausência de mácula, e de aí se estendendo indutivamente à imunidade ao pecado, — é símbolo da Virgem Maria. Grinaldas de rosas brancas coroam a fronte das virgens mártires.

Um *registo de Santo*, gravado no Pôrto por *Camila* (1),

---

(1) *Camila, grav. Pôrto*, como está assinada a gravura.

filha do gravador Raimundo Joaquim da Costa [1], representa a Virgem com expressão de bem-aventurança, aquele olhar do soneto de Antero de Quental, *À Virgem Santíssima* [2],

...... olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

No desenho o busto da Virgem, mãos cruzadas no peito, sai de uma rosa branca, tôda inundada na luz radiante, que nimba a cabeça da imagem. É o símbolo puríssimo, um dos mais belos símbolos do Cristianismo, a *Rosa Mystica* da virgindade de Maria. Acompanha a gravura esta quadra justificativa:

Esta Rosa, que tão bella se ostenta,
O symbolo hé da Virgem, que se adora;
Candura virginal nos apresenta,
Da que os Ceos ábre, e nossa dita implora.

E no alto, a coroar tôda a composição, lê-se a intenção da artista na legenda piedosa: *o ornamento da innocencia christan.*

As quadras populares, visto que reflectem o sentimento do povo, exprimem a crença que o anima. O simbolismo da rosa ecoou pelos horizontes do folclore. Restos acaso de vilancico de presépio é esta quadra da Atalaia (Pinhel) [3]:

Nossa Senhora é rosa,
O Menino é craveiro;
Lindo cravo, linda rosa,
Lindo amor verdadeiro.

Nas «notas» aos *Romances Religiosos da Beira*, [4] Severo

---

(1) Cfr. meus *O Amor Português*, Lisboa 1922, págs. 41 e ss. e *Subsídios para a História da Gravura em Portugal*, Coimbra, 1927, págs. 60-162.

(2) A. de Quental, *Os Sonetos*, ed. de Oliveira Martins, Pôrto 1890, pág. 88.

(3) Monteiro do Amaral, na *Revista Lusitana*, vol. XI, 115, n.º 115.

(4) S. Portela, *Romances Religiosos da Beira*, ed. de Maranus, Pôrto, 1929, pág. 13.

Portela publica esta quadra madeirense, que é do mesmo simbolismo virginal:

Sois angélica no cheirar,
Rica açucena na alvura,
Sois perpétua no amar,
Sois rosa na formosura.

Vislumbre de imagem da Virgem, levada em procissão, passa nestoutra também da Atalaia (1):

Que rosa é aquela,
Que vai no andor?
É Nossa Senhora,
Mãe do Redentor.

E que encantamento o do cronista folclórico da romaria da Senhora da Póvoa, ao referir-se à Virgem! (2)

Nossa Senhora da Póvoa,
Ó Santa tão milagrosa!
Vem gente de tôda a parte,
Para ver tão linda rosa.

No mesmo sentido se desenvolvem outras quadras populares; basta apenas juntar estas duas, que provêm da Beira-Baixa:

Nossa Senhora é rosa,
O seu Menino é cravo;
S. José é o jardineiro
Daquele jardim sagrado (3).

Jesus é um lindo cravo
Sua Mãe é uma rosa,
De tôdas do meu jardim
A mais linda e mais formosa (4)

---

(1) M. Amaral, *Id.* pág. 133, n.° 402.

(2) Minho Central.

(3) Em o jornal de Lisboa *A Epoca*, de 28 de Abril de 1924, atribui-se esta quadra a Miuzela (Beira-Baixa).

(4) Id. em *A Epoca*, de 25 do Novembro de 1924, atribuída a Vale-de-Ladrões.

Uma «cantiga sagrada de folia», do século XV, que celebrava o nascimento de Jesus e a pureza da Virgem, servia-se do simbolismo espiritual da rosa (1).

Em Belém, villa do amor,
Da rosa nasceu a flor!
Virgem sagrada!

Em Belém, villa do amar,
Nasceu a rosa, a rosa do rosal!
Virgem sagrada!

Da rosa nasceu a flor:
Jesus nosso Salvador!
Virgem sagrada!

Nasceu a rosa do rosal
Deus e homem natural!
Virgem sagrada!

II

Aplicação folclórica do símbolo

A festa primaveril de S. João tem carácter próprio na religiosidade popular. Anda associada com a do Natal a seis meses de vista, com a feitura de capelinhas; o Baptista, que Deus associou à vinda de Jesus Cristo, anda paralelamente com o culto de Messias na alma popular, ambos Meninos, ambos em capelinhas rústicas e de flores, ambos em construções de valor etnográfico semelhante: o Menino Jesus nos *presépios*, o Menino S. João com o carneirinho simbólico, de lã tôda encaracolada, nas *cascatas*...

Andam pelos cantares do povo evocações de votos, que, por milagre de enternecimento, constam de rosas. As rosas votivas, que as noivas depõem no altar da Virgem, no dia da

(1) D. Carolina Michäelis de Vasconcelos, *As Cem melhores poesias (líricas) da língua portuguesa*, Lisboa 1910, pág. 6, n.º 7.

ceremónia sacramental dos esposórios, não se estranhe que se reünam as rosas oferecidas a S. João, protector de amores castos, na crença do povo.

Hei-de dar a S. João
Um ramalhete de rosas,
Três brancas, três amarelas,
E três vermelhas formosas (1).

Ao S. João, para o ano,
Hei-de dar-lhe nove rosas,
Três brancas, três encarnadas,
Três amarelas formosas (2).

São aínda rosas místicas as dos «milagres das rosas» da Rainha-Santa: em Coimbra, a transformação das esmolas em rosas, o mais conhecido dos milagres da santa mulher de D. Denis, assim descrito, na parte aqui importante, pelo diálogo entre a Rainha e o Rei, em o auto-romance da Ilha da Madeira (3):

— Diz o Rei:

Que levais aí, Senhora,
Nesse regaço tamanho?

— Responde a Rainha:

Eu levo cravos e rosas,
Pois que outras coisas não tenho.

Estranha o Rei a resposta, e dela depreende:

Nem sequer ha maravilhas,
Menos cravos em Janeiro!
Ou serão esmolas isso?
Ou isso será dinheiro?
....

(1) De Vila-de-Conde.

(2) Em *A Epoca*, de 26 de Maio de 1924, atribuída a Olival (Ourem).

(3) Alvaro Rodrigues de Azevedo, *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, Funchal, 1885, págs. 29-31.

Comenta a descrição narrativa do romance:

E eram cravos e rosas,
Que dinheiro não se viu.

Em Alenquer transformaram-se em ouro as rosas, que a Rainha dera de féria, galantemente paga e recebida, aos operários construtores da sua igreja do Espírito-Santo, em obras. Descreve-os, ambos estes milagres das rosas, o panegirista da excelsa Princesa, o Bispo Correia de Lacerda (1).

*

É dêste conceito religioso da rosa que deve ter brotado o manancial idílico, de formosa delicadeza, que eleva e faz espiritualizar a alma feminina. A rosa, diz D. Cecília Branco, «é o mais perfeito símbolo do ideal feminino» (2). E é a rosa branca a de melhor altura.

Ouçamo-lo nas vozes dos descantes, que passam «dêles e delas» em desquite (3):

Semeei no meu quintal (4)
O brio dos estudantes;
Nasceu-me uma rosa branca,
Cercada de diamantes.

Semeei no meu quintal (5)
O brio das raparigas;
Nasceu-me uma rosa branca,
Cercada de margaridas.

Prova mais concludente da proveniência está na compa-

(1) Correia de Lacerda, *Historia da Vida, Morte e Milagres... de Santa Isabel*, Lisboa, 1680, págs. 191 e 185-189, respectivamente.

(2) D. Cecília Branco, *A rosa na vida dos povos*, da «Biblioteca de las tradic. populares españolas». Madride, 1886, tômo VIII, págs. 96-97.

(3) F. de C. Pires de Lima, *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, 2.ª Série sep. da *Revista de Guimarães*, 1929, pág. 47, n.os 1059 e 1058 resp.; Atalaia, in *Rev. Lusitana*, vol. XI, pág. 8, n.º 174, *Tradições populares e linguagem de Atalaia*; Barcelos, A. Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem e toponymia de Barcellos*, Espòsende, 1916, pág. 83, n.º 245.

(4) Há variante do 1.º v.: *Lancei no meu quintal.*

(5) Variante dêste 1.º v.: *Semeei na minha horta* (Barcelos, pág. 83).

Caeiro Carrasco (Manuel)

Sindroma (O) de Thibierg-Weissenbach

O sindroma de Thibierg-Weissenbach. Concreções calcáreas das esclerodérmias crónicas por Caeiro Carrasco. Separata da «Imprensa Médica». Ano III. N.º 21.

1937. Lisboa, Imprensa Médica.

22,5 × 15,5. — 22 p., c. grav.

(Le syndrome de Thibierg-Weissenbach).

ração das duas quadras seguintes, uma de tipologia religiosa, outra profana, paralelas na forma, precedente pela superioridade espiritual a primeira:

A Nossa Senhora é rosa,
E eu sou filha da roseira;
Não me posso apartar
Da rosa, que tão bem cheira [1].

Minha mãe chama-se Rosa,
Sou filha de uma roseira;
Não me posso apartar
Da rosa, que tão bem cheira [2].

É ainda o mesmo sentimento de pureza, resguardo e calma, que faz comparar a virgindade da mulher, no abrigo do lar familiar, no aconchêgo do amor maternal, à rosa «que está na roseira».

Que lindo botão de rosa
Aquela roseira tem!
Debaixo ninguém lhe chega,
Lá cima não vai ninguém.

Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar que estás bem;
Mimosa, regalada,
Á sombra de tua mãe [3].

---

(1) Cabrela (Alentejo), em o jornal *A Época*, de 18 de Maio de 1924.

(2) Vila-Real, in *Revista Lusitana*, vol. X, pág. 125, n.º 341; Atalaia, *id.*, vol. XI, pág. 138, n.º 486. Tem por ex. esta variante na Golegã (colheita do Dr. Mendes de Brito):

....
....
Não me quero apartar dela,
Porque a rosa também cheira.

(3) Vila-Real, in *Rev. Lusit.*, vol. X, pág. 143, n.º 644; Atalaia, *id.*, vol. XI, pág. 112, n.º 81. Variante de Carviçais (Moncorvo):

....
....
'stás querida e estimada
Ao pé de tua mãe.

Illustr. Trasmont., vol. III, pág. 40.

Numa diferenciação de forma, não é outra a idea da quadra seguinte, de S. Simão de Novais (Famalicão) (1):

Vós chamais-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira:
Vereis-me, lá p'ra Domingo,
Como a rosa da roseira (2).

É similhante a referência ao «canteiro» onde a rosa viceja, quer no sentido metafórico, «mulher amada ‹—› flor», quer no trocadilho de rosa-flor e Rosa onomástico. Qual será o desta quadra, pouco importa, notando por maior interêsse folclórico a idealização de imagem:

Ó rosa dêste canteiro,
Deixa-te estar até ver;
Que eu vou ó Brasil e volto,
Ròsinha, p'ra te colher.

Uma variante lhe foi apontada pelo Sr. Pires de Lima em S. Simão de Novais:

Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar até ver,
Que eu vou ao Brasil e volto,
Inda te hei de vir colhêr (3).

P. Fernandes Tomás, nas *Velhas Canções e Romances*

---

(1) F. de C. Pires de Lima, *Cancion. de S. Simão de Novais*, 1.ª Série, pág. 18, n.º 199.

(2) Variante de Vila Real:

. . . .
. . . .
Vós me vereis no Domingo,
Como a rosa na roseira,

Rev. Lusit., vol. IX, pág. 254, n.º 230.

(3) P. de Lima, *loc. cit.º* — 2.ª Série, pág. 45, n.º 1030.

Populares Portugueses (1), incluiu êste resto de vilancicos de epitalâmio, concordante com o simbolismo da rosa:

Esta rosa, senhor noivo,
Inda ontem era botão;
Trate dela como sua,
Meta-a no seu coração.

Cantam-na pela Beira-Baixa com outras congéneres os convidados, quando acompanham os noivos desde a igreja, onde se celebrou o matrimónio, até à casa onde se festejam as bodas.

É que, outra cantiga (de Carviçais, em Tôrre-de-Moncorvo) o diz, a rosa aberta «logo perde a estimação»:

Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar em botão;
Que a rosa, depois de aberta,
Logo perde a estimação (2).

De aí vem o galanteio amável de tratar por «minha rosa» a mulher; já Mestre Gil o fixou v. gr. no *Auto de Ignês Pereira*, quando o «Escudeiro» exclama para «Ignês»: «Deus te salve, minha rosa» (3). Estoutra quadra vianesa é de bela galanteria popular:

Fechei na mão um sorriso
Da tua bôca formosa;
Quando fui abrir a mão,
Encontrei-a côr-de-rosa (4).

O antropónimo *Rosa*, já anotado em *Rosa Rosula*, pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos entre os nomes romanos e cris-

---

(1) Coimbra, 1913, pág. 168.

(2) Ab. Tavares, «Folclore Trasmontano» em *Illustração Trasmontana*, vol. III, pág. 40. n.° 40.

(3) Gil Vicente, *Obras*, ed. de 1857, vol. III, pág. 187.

(4) A. do Paço, *Cancion. de Viana do Castelo*, pág. 92, n.° 513.

tiano-romanos relacionados com plantas (1), *Rosália* (2), *Rosária* (3) e outros derivados, provêm do mesmo elemento psicológico. O mesmo sucede com a toponímia de *Rosa* e *Roza* (4), que vêm de documentos de séc. X em *Rozas* (946. Documentos do Mosteiro de Moreira), *Roozas* (1258. *Inquisitiones*, 544, 1.ª cl.), *Rozavales* (1258. *Inquis.*, 309, 1.ª cl.) (4), similhantes a outros nomes corográficos anteriores e posteriores, como o de *Flôr-da-Rosa*; e de-contínuo se denominam hoje, em conceito fundamentalmente idêntico, casais e quintas das rosas, «vilas», vivendas, «chalets», das rosas, etc.

As expressões «rosa das faces», — «faces rosadas», — «mar de rosas», — «caminho de rosas», — «vida de rosas», — «chão de rosas», — «sonhos côr-de-rosa», — denunciam a origem e significam brandura, beleza, côr, brilho.

Exemplos de aplicação aos cantares:

De côr da face, a já mencionada, de S. Simão de Novais:

Vós chamais-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira;
Vereis-me, lá p'ra Domingo,
Como a rosa da roseira

ou na variante de Chaves (Montanha) (5), mais próxima dessoutra de Vila-Real, citada na nota 3, de pág. 69.

Vós chamais-me moreninha,
Isto é do pó da eira;
Vós me vereis no Domingo,
Como a rosa na roseira.

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928, pág. 265.

(2) *Rosália* como *Rosalina* provirão de «Rosa» por intermédio das «Rosalia», festas pagãs, em que se depunham e espargiam rosas. Cfr. Leite de Vasconcelos, id., pág. 475.

(3) *Rosária*, de *rosarium*, «rosário», «rosal», por cada conta se comparar misticamente a uma «rosa». Cfr. Leite de Vasconcelos, ib., pág. 531.

(4) A. A. Cortesão, *Onomástico Medieval Português*, (sep. de *O Archeologo Português)*, 1912, pág. 299.

(5) L. Chaves, *O Amôr Português*, Lisboa, 1922, pág. 45.

«Como a rosa na roseira» não tem outro sentido senão êste: é o pó da eira que me encobre a côr do rosto, rosado «como a rosa na roseira». A côr da rosa, «côr-de-rosa», declara-a esta quadra de S. Simão de Novais (1):

De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De preto meu coração.

É geral ou quási geral no país a quadra em que as rosas censuram a rosa branca, por lhe faltar a côr da rosa:

— Rosa branca, toma a côr,
Não sejas tão desmaiada;
Que dizem as outras rosas:
Rosa branca, não me és nada (2).

E ainda esta quadra elucidativa, também de S. Simão-de-Novais (3), em que se nota o trocadilho *rosa-Rosa*:

A ceranda é bonita,
É còrada como a rosa.
Deixei de amar a ceranda,
Por causa de ti, ó Rosa.

De «caminho de rosas»:

Daqui para a minha terra
Tudo é caminho chão;
Tudo são cravos e rosas,
Postos pela minha mão (4).

Da minha casa p'ra a tua
Todo o caminho é chão;
Tudo são cravos e rosas,
Plantados por minha mão (5).

---

(1) F. C. Pires de Lima, *Cancion.*, 2.ª série, pág. 18, n.º 616.

(2) Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, *Mil Trovas popul. portug.*, 3.ª id., 1917, pág. 97, n.º 301.

(3) P. de Lima, *Cancion.*, 2.ª S.e, pág. 9, n.º 485.

(4) L. Chaves, *O Amór Portug.*, pág. 46; C. A. Monteiro do Amaral, in *Rev. Lusit.*, vol. XI, pág. 111, n.º 58, «Tradições pop. de Atalaia».

(5) Golegã (colhida entre outras pelo Dr. Mendes de Brito).

De «mar de rosas», esta da Atalaia ([1]):

O meu amor foi-se embora,
Não se despediu de mim;
O mar se lhe forme em rosas,
O navio num jardim.

Talvez seja ainda êste o sentido inicial dos primeiros dois versos desta quadra de S. Simão-de-Novais ([2]), de que o segundo grupo diverge, servindo-se por disparidade do primeiro:

No meio do mar 'stão rosas,
Eu bem lhes vejo os botões;
(Eu bem vejo caras lindas,
Mas não vejo os corações.)

a qual poderá provir, como se dá com outras, do enxêrto de duas quadras diferentes, atraídas pela rima.

III

Rosa de Alexandria

O maior valor folclórico da rosa está na *Rosa de Alexandria* (pop. — *Rosa da Alexandria).* Evocação paralela da rosa e da mulher, influência recíproca em galanteio amórico, petição de rima — *ia* — *ia* —, espiritualização católica do nome de Maria, poseram em confronto constante, no conceito poético do povo, a «rosa de Alexandria» e o nome feminino de «Maria».

Por isso a *rosa de Alexandria* é invocação poética de corrente contínua no folclore português, como imagem de boa referência.

Na imagem poética da comparação da mulher com a rosa de Alexandria entraram três elementos aditivos: — o símbolo

---

([1]) Monteiro do Amaral, in *Rev. Lusit.*, id., pág. 122, n.º 228, «Trad. pop. de Atalaia».

([2]) P. Lima, *Canc.*, 1.ª série, pág. 20, n.º 220.

já formado, pelo qual a rosa evocava no brilho, na beleza, na mocidade fragrante da sua vida efémera, a mulher amada ou apetecida; — a atracção da rima *Alexandria* ‹—› *Maria*, o nome feminino mais corrente por mais evocativo; — o poder megalomaníaco da psicologia dos humildes, que os leva ao desejo obsidiante do aparato ou à extravagância e exotismo de coisas, pessoas e factos, e para a qual Alexandria, longínqua e misteriosa, por isso bela e rica, era cidade que dos horizontes poéticos da gente exaltava e sugestionava. E assim entrou no folclore. Onde foi o primeiro cantor, que a usou? Via literária ou de outiva teve esta chamada de Alexandria?

A quadra original, que deu modêlo, deve ser esta por mais generalizada e composta, parecendo que as mais próximas provenham dela:

A rosa, para ser rosa,
Deve ser de Alexandria;
A mulher, p'ra ser mulher,
Deve-se chamar Maria.

É de perfeita simetria; marca, por via de modêlo, a simetria de forma e a de conceito. A que se aproxima imediatamente desta, oferece apenas variante no terceiro verso; perde a simetria formal, compensa-a, todavia, com a quadratura da rima, — *rosa* ‹—› *formosa* e *Alexandria* ‹—› *Maria*.

A rosa, para ser rosa,
Deve ser de Alexandria;
A mulher, p'ra ser formosa,
Deve-se chamar Maria.

(Golegã).

Estoutra de Barcelos, «quadrada» também na sua rima toante — *moça* ‹—› *rosa*, — conserva a simetria 1-3, 2-4, e o paralelismo dos grupos $\frac{1\text{-}2}{3\text{-}4}$:

A rosa, para ser rosa,
Ha de ser de Alexandria;
Uma moça, p'ra ser moça,
Deve-se chamar Maria (1).

(1) A. Gomes Pereira, *Tradições populares de Barcellos*, págs. 82-83, n.º 243.

É curiosa a formação da quadra congénere (Atalaia), com os dois primeiros versos da quadra da Golegã (1-2), e os do segundo grupo (3-4) da de Barcelos.

A rosa, para ser rosa,
Deve ser de Alexandria;
A moça, para ser moça,
Deve chamar-se Maria (¹).

Que depois deu esta, com variante no 3.º v.:

A rosa, para ser rosa,
Deve ser de Alexandria;
A dama, para ser dama,
Deve chamar-se Maria (²).

Daqui, de esta forma-padrão, provém uma corrente inspirativa, que vai bifurcar-se em duas direcções: — uma, de semelhança evidente, apenas com alteração de elementos; — outra, com todos os sinais de parentesco, pela oposição conceituosa, mas superficialmente diferenciada.

1.º grupo: — evidência claramente expressa; a êle pertencem as quadras seguintes, em série de afastamento crescente:

A rosa, para ser boa,
Ha de ser de Alexandria;
Toda *a moça,* p'ra ser firme,
Há-de se chamar Maria.

(Vila-Real) (³).

A rosa, para cheirar,
Deve ser de Alexandria;
A mulher, p'ra ser formosa,
Deve-se chamar Maria.

(St.ª Vitória-do-Ameixial).

(¹) Mont.º do Amaral, *Revista Lusitana*, vol. XI, pág. 116, n.º 139.

(²) Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, *Mil Trovas Populares Portuguesas*, 3.ª ed., Lisboa, 1917, pág. 92, n.º 288.

(³) A. G. Pereira, in *Rev. Lusit.*, vol. X, pág. 129, n.º 410.

Uma *rosa p'ra, ser rosa,*
Deve ser do peito d'Ana;
Colhidinha ao Domingo,
Dura p'ra toda a semana.

(Barcelos) (1).

A moça, para ser moça,
Ninguem lhe ha de pôr a mão;
Há-de ser como a toupeira,
Que anda por baixo do chão.

(Barcelos) (1).

Esta com a variante de Vila-Real (2):

Toda a moça, p'ra ser boa,
Ninguêm lhe há-de pôr a mão;
Deve ser como a toupeira,
Que anda debaixo do chão.

Até aqui vêm as quadras de cantar de amor; por cantar de amigo, recíproca daquelas, veja-se esta de St.ª Vitória-do--Ameixial (3):

A rosa, para ser rosa,
Há-de ter pé ou botão;
O amor, para ser lial,
Há-de ser Chico ou Simão.

a) subgrupo: — a referência ao aroma da rosa de Alexandria:

A *rosa de Alexandria*
É flor habilitada;
A rosa, que não é cheirosa,
Para mim não vale nada.

(Barcelos) (4).

«Ó *rosa de Alexandria,*
Onde deixaste o cheiro?»
«Deixei-o em minha casa,
Debaixo do travesseiro».

(Barcelos) (5).

---

(1) A. G. Pereira, *Tradições popul. de Barcelos*, pág. 83, n.º 244; id., pág. 82, n.º 242.
(2) A. G. Pereira, *Rev. Lusit.*, vol. IX, pág. 240, n.º 5.
(3) L. Chaves, in *Rev. Lusit.*, vol. XIX, pág. 302, n.º 84, «Folclore de St.ª Victoria do Ameixial».
(4) A. G. Pereira, *Trad. popul. de Barcellos*, pág. 76, n.º 208.
(5) A. G. Pereira, id., pág. 79, n.º 224.

Ó *rosa de Alexandria*,
Onde perdeste a côr?
Na cama c'os namorados,
Debaixo do cobertôr.

(Viana-do-Castelo) (1).

Eu hei de ir ao teu quintal,
Se topar a porta aberta;
Porque a *rosa de Alexandria*,
Onde está, logo penetra.

(Vila-Real) (2).

Ó *rosa de Alexandria*,
Deixa-te estar em botão;
A rosa, depois de aberta,
Já não tem aceitação (3).

b) subgrupo: — rosas da face → rosas de Alexandria:

As suas faces, menina,
São *rosas de Alexandria*;
Enganei-me com a noite,
Cuidando que era dia.

(Maxiais) (4).

Ó Maria porcajeira,
Ó porcajeira Maria,
As faces da tua cara
São *rosas de Alexandria*.

(Atalaia) (5).

2.º grupo: — aspecto diferente, do modêlo fundamental: «a rosa, para ser rosa».

---

(1) M. do Paço, *Canc. de Viana do Castelo*, pág. 195, n.º 1073.
(2) A. G. Pereira, *in Rev. Lusitana*, vol. IX, pág. 242, n.º 301.
(3) A. de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 86, n.º 256.
(4) J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. II, pág. 24.
(5) M. do Amaral, *in Rev. Lusitana*, vol. XI, pág. 120, n.º 197.

c) subgrupo: — paralelismo completo ou parcial da forma:

A mulher, p'ra ser formosa,
Há-de ser do meu agrado;
Ter a bôca pequenina,
E o cabelo ondeado.

(Atalaia) (1).

A rosa para cheirar,
Há-de ser do peito de Ana;
Apanhada no Domingo,
Dá cheiro toda a semana (2).

d) subgrupo: — reminiscências longínquas:

Se quereis, rosa, ser rosa,
Fugi do cravo, fugi!
No tempo em que eu era rosa,
Por um cravo me perdi (3).

A salsa, para ser salsa,
Há-de estar ao meio da orta;
O amor, para ser lial,
Deve estar longe da porta.

(St.ª Vitória) (4).

---

(1) M. do Amaral, *in Rev. Lusitana*, vol. XI, pág. 121, n.º 221.

Variante:

A mulher, p'ra ser mulher,
Há-de ser do meu agrado.

(2) Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, *Mil trovas*, pág. 86, n.º 260.
(3) A. de Campos e A. de Oliveira, *Id.*, pág. 154, n.º 486.
(4) *Id.*, loc. cit., pág. 302, n.º 92.

e) subgrupo: — dispares, cómicas, etc. em que vislumbra a forma ou a idea fundamental:

A mulher e a galinha
Pouco devem passear:
A galinha bichos come,
A mulher dá que falar.

(Atalaia) (1).

E por fim esta quadra de Viana-do-Castelo, em que se observa a reciprocidade trocista ao verso — «a mulher, p'ra ser mulher»:

O homem, para ser homem,
Deve ter costas de pau;
A barriga de manteiga,
As pernas de bacalhau (2).

*

António Feijó na *Ilha dos Amores* inspirou-se nas canções do povo, «lábios risonhos tintos d'amoras, — bocas vermelhas sempre a cantar». Entre as quatro quadras de redondilhas, que pousou nos lábios tintos de amoras, saltou-lhe esta:

A rosa de Alexandria,
Dá-lhe o vento, cai no chão;
No meu peito, noite e dia,
Nunca dorme o coração.

Afinal, — e as canções do povo são *vox populi, vox Dei*, — as rosas na cantiga têm o condão da resistente continuïdade:

E há roseiras na terra,
Que dão rosas todo o ano.

---

(1) M. do Amaral, *in Rev. Lusit.*, vol. XI, pág. 121, n.° 214.
(2) Afonso do Paço, *Cancion. de Viana do Castelo*, pág. 168, n.° 914.

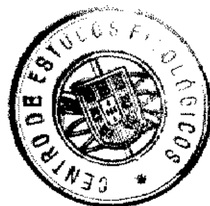
São rosas de beleza nos olhos e venturas na alma, aquelas a dourar-nos o chão, estas a encherem-nos o Céu. Aproveitando êste sentimento, ao lembrar o aforismo popular — *não há rosas sem espinhos*, — recordem-se da lira portuguesa as «Cantigas longe da Pátria», de Serafim Leite, publicadas no *Mensageiro do Coração de Jesus* (1):

Felicidade na terra
É rosa aberta em silvedos;
Se se não colhe, ela murcha,
Quem a colhe, pica os dedos.

Felicidade no céu
É rosa a abrir em botão;
Não tem espinhos, não murcha,
Cria-a Deus no coração.

Deve de se aproximar de estas, neste sentido espiritualista, a quadra popular, que celebra o nome Rosa, «rosa no céu e na terra»:

Quem te pôs o nome, Rosa,
Havia de adivinhar;
Rosa no céu e na terra,
Rosa em todo o logar (2).



IV

Eu sou sol e tu és sombra...
A rosa e o cravo...

A oposição do sol à sombra, por contraste sensível, provocou o contraste sentimental entre o namorado (sol) que persegue a eleita do seu coração (sombra), e esta que se lhe

(1) N.º 560, Abril de 1930, pág. 197.

(2) A. G. Pereira, in *Rev. Lusit.*, vol. x, pág. 196, n.º 996, «Tradições populares e linguagem de Villa Real».

furta e se escapa. A fôrça da antimonia deu asas poéticas à lírica popular:

Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como sol, a buscar-te?
Tu, como sombra, fugir-me?

Se esta quadra denota a direcção do homem à mulher, há recìprocamente para o homem a da mulher, borboleta que busca a luz; a quadra conserva, porém, o paralelismo do conceito e da forma:

Tu és sol e eu sou sombra:
Qual de nós será mais firme?
Tu, como o sol, a luzires,
Eu, como a sombra. a fugir-te? (1)

Sem apresentar as variedades e fugas da forma fundamental, que já esbocei em as «Notas Etnográficas», no jornal de Lisboa — *A Voz* (2), êste capítulo tem cabimento no estudo folclórico da rosa, porque ela forneceu o seu simbolismo lírico, por analogia com «sol e sombra», no contraste de «rosa e cravo».

É o que se vê nas quadras seguintes, nas quais se dá a mesma recìprocidade do modêlo, embora não tão perfeitas como êste:

Eu sou cravo e tu és rosa,
Qual de nós brilhará mais?
Os cravos pelas janelas,
As rosas pelos quintais (3).

Tu és cravo, eu sou rosa,
Qual de nós valerá mais?
Tu entras pela janela,
Eu saio pelos quintais.

(S. Simão-de-Novais) (4).

(1) Carolina Michaëlis, *As cem melhores poesias*, pág. 27; L. Chaves, *O Amor Português*, pág. 19.

(2) 28 de Novembro de 1929.

(3) A. de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*..., pág. 96, n.º 300.

(4) F, P. de Lima, *Cancioneiro*, 2.ª S.ª, pág. 51. n.º 1124.

Nas *Canções Populares da Beira*, Coimbra, 1923, P. Fernandes Tomás deu, a pág. 30, esta lição da quadra, cujo segundo grupo não condiz com o primeiro, hibridismo talvez de duas quadras, de uma os vv. 1 e 2, de outra os vv. 3 e 4, da «rosa ao cravo» a primeira, do «cravo à rosa» a segunda:

Tu és cravo, eu sou rosa,
Qual de nós se estima mais?
Eu cravo pelas esquinas,
Tu rosa pelos quintais.

A semelhança íntima das duas imagens antinómicas sol ‹—› sombra, e *cravo* ‹—› *rosa*, levou ao paralelismo da sua aparição simultânea na mesma quadra, apenas com *sol* ‹—› *lua* por *sol* ‹—› *sombra* ou melhor, *sol* ‹—› *noite* (lua).

És o sol eu sou a lua,
Qual é que se estima mais?
As rosas pelas janelas,
Os cravos pelos quintais.

(Madeira) (1).

Esta modificação formal de *sol* ‹—› *sombra* para *sol* ‹—› *lua* provém de lògicamente ao verso «eu sou sol e tu és sombra» se contrapôr «eu sou sol e tu és lua», e a «tu és sol e eu sou sombra», estando «tu és sol e eu sou sombra», por analogia com a forma inicial e de harmonia com a ideia-imagem desta quadra:

Anda o sol atrás da lua,
A lua atrás do luar,
A minha alma atrás da tua,
Sem a poder alcançar.

(Santa Vitória-do-Ameixial) (2).

Compare-se com a seguinte, da Atalaia (Pinhel):

---

(1) *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 143.

(2) L. Chaves, *in Rev. Lusit.*, vol. XIX, pág. 304, n.º 113. Cláudio Basto, *Flores de Portugal*, Pôrto, 1926, pág. 37, n.º 81.

Adeus, logar da Atalaia, (1)
Rodeada de serpol;
Os rapazes como o sol,
As raparigas como a lua.

*

O contraste da rosa com o cravo enriqueceu o folclore. Começa a disputa na conta das «fôlhas», porque o cravo tem vinte e a rosa vinte-e-uma.

O cravo tem vinte fôlhas,
A rosa tem vinte e uma;
Anda o cravo à demanda,
Por a rosa ter mais uma.

(Golegã) (2).

Isto é assim, di-lo a arte poética do povo, quando a rosa é viço, mas a oposição mantêm-se, quando a rosa e o cravo já estão sêcos.

O cravo, depois de sêco,
Deita-se por aí além;
A rosa, quanto mais sêca,
Quanto mais préstimo tem.

(Santa Vitória-do-Ameixial) (3).

O cravo, depois de sêco,
Foi-se queixar ao jardim;
A rosa lhe respondeu:
Tudo por tempo tem fim.

(Évora) (4).

À rosa, sem a contraposição do cravo, se refere uma

---

(1) *Rev. Lusit.*, vol. XI, pág. 128, n.º 31.

(2) Recolhida pelo Dr. Mendes de Brito. Cfr. Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas...*, pág. 151, n.º 474.

(3) e (4) L. Chaves, *O Amor Português*, pág. 47; com a variante da 2.ª quadra: *o cravo, depois de rôxo*, rôxo: descòrado.

quadra de Barcelos [1], que é variante formal desta última, com sentido, porém, mais delicado e mais próprio da rosa:

A rosa, depois de sêca,
Foi-se queixar ao jardim;
Disseram as outras rosas:
Tudo que nasce, tem fim.

Semelhante é esta, de Viana-do-Castelo:

A rosa, depois de sêca,
Foi-se queixar ao jardim;
O jardineiro respondeu:
Não há princípio sem fim [2].

Há correspondência de imagem destoutra quadra, aplicada porém ao cravo, de Carviçais (Moncorvo) [3]:

O cravo, depois de sêco,
Logo se põe «esmurchiado»;
Êste nosso bem-querer
Foi por Deus determinado [4].

Neste contraste de *cravo* ⟷ *rosa* anda expressa a deferenciação dos sexos: *cravo* = *homem*, *rosa* = *mulher*. A formação do simbolismo do cravo é posterior ao da rosa, podendo mesmo considerar-se concorrentemente recente, à falta de linhagem folclórica bem definida. Por necessidade psicológica haveria de aparecer o recíproco da rosa; no brilho, no aroma, era para o cravo que convergia a escolha; se o género pesasse na escolha, pelo contraste da rosa feminina,

---

(1) A. G. Pereira, *Trad. pop. de Barcellos*, pág. 91, n.º 158.

(2) Af. do Paço, *Cancion. de Viana do Castelo*, pág. 27, n.º 158.

(3) Ab. Tavares, já cit., in *Ilustração Trasmontana*, vol. III, pág. 40.

(4) A aproximação dos conceitos, expressos nos dois grupos de versos da quadra, fêz-se por antinomia: «se o cravo perde o brilho, o nosso amor não o seca o tempo; Deus o criou, e, como obra de Deus, é eterno».

o emblema do homem seria êsse; pois assim foi; o género do cravo ia consagrar o símbolo. Além disso o cravo anda ligado à virilidade pela significação de luta, atrevimento, revolta, tanto mais quanto maior fôr a viveza do colorido.

Já observamos esta oposição, *êle-ela*, *cravo-rosa*, paralelamente a *sol-sombra* e *sol-lua*, na disputa amorosa dos dois sexos. Não é outra a origem da oposição entre as duas flores, mesmo quando no desenvolvimento lírico está longe de evocar amores; a-pesar-disso, porém, não é obscura a ideia do contraste, como na demanda entre o cravo e a rosa, porque

o cravo tem vinte folhas,
a rosa tem vinte e uma;

e na diferença entre o cravo, que, sêco, nenhum préstimo tem, e a rosa, que mesmo quando sêca e até «quanto mais sêca, quanto mais préstimo tem»; — em quadras já transcritas.

A comparação é nítida no aproveitamento da dualidade florícola, em êste exemplo:

Ainda agora reparo
Quem no passeio andava:
Anda o cravo, anda a rosa,
Anda quem eu desejava (1).

(Barcelos) (2)

O contraste da espécie alarga-se indutivamente ao do género:

Nesta rua não há cravos,
Nem janelas para os ter;
No meio de tanta rosa,
Algum cravo há-de haver.

(Carviçais) (3).

---

(1) Esclamação talvez de desabafo satisfeito: «ainda bem que os vejo juntos!»

(2) A. Gomes Pereira, *Trad. popul. de Barcelos*, pág. 53, n.º 88.

(3) Ab. Tavares, in *Illustração Trasmontana*, vol. III, pág. 41. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XI, pág. 115, n.º 127: Atalaia.

Alusão directa e exclusiva ao homem e sua correlação com o simbolismo fescinino do cravo, têmo-la nesta quadra de Barcelos (1), em que o António é cravo de craveiro, que não tinha outro:

O meu amor é António,
Eu bem no soube escolher;
O craveiro não tem outro,
Só se êle agora nascer.

Nesta das *Mil Trovas* (2):

O meu amor é um cravo,
Só eu o soube escolher;
O craveiro não tem outro,
Só se vier a nascer.

E nesta de Santa-Vitória do Ameixial, congénere das anteriores:

O craveiro da minha sogra
Já não tem senão três cravos:
O primeiro é o meu amor,
Os outros dois meus cunhados (3).

Outra, de Barcelos (4) também, associa o homem, talvez o mesmo António, já não ao idealismo do cravo mas à matéria dêle, aproveitável a cómodo formoso do amado:

Assenta-te aqui, ó António
Assenta-te aqui, ao meu lado:
Numa cadeirinha nova,
Feita da raiz dum cravo.

---

(1) A. G. Pereira, *Trad. popul. de Barcelos*, pág. 71, n.º 181.

(2) Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 153, n.º 483.

(3) L. Chaves, «Folklore de Santa Vitória do Ameixial», in *Rev. Lus.*, vol. XIX, pág. 301, n.º 75.

(4) A. G. Pereira, *Trad. popul. de Barcelos*, pág. 89, n.º 280.

Há aqui evidentemente cantares de amigo, da rosa ao cravo, reciprocas dos cantares de amor, do cravo à rosa. Um e outro porque:

A rosa fechada cheira,
E o cravo aberto rescende;
Não há coisa mais humilde
Que o amor, quando pretende.

(Santo Aleixo — Extremoz)

Já no cap. I dêste estudo, em outra prova então, ficaram três quadras de assunto religioso, onde se mostra a oposição da rosa e do cravo: — a rosa, a Virgem Maria; o cravo ou craveiro (unidade) [1], o Menino Jesus; separo delas o que é de interêsse aqui:

Nossa Senhora é rosa,
O Menino é craveiro;
. . . .

Nossa Senhora é rosa,
O seu Menino é cravo,
S. José é o jardineiro
. . . .

Jesus é um lindo cravo,
Sua Mãe é uma rosa.
. . . .

A rosa branca tem, pela sua côr, duplo simbolismo: porque é rosa, e porque é branca. Simbolo mais próprio da

(1) Cláudio Basto estudou proficientemente a formação popular de nomes de unidade, «derivados de nomes colectivos (ou que como tal se podem empregar) por meio do sufixo — *eiro, eira*, para esprimirem concretamente os objectos: *um* objecto — *(Nomina unitatis)*». *(Exílio*, rev. de Lisboa de que apenas saíu o n.º 1 em Abril de 1916 — pág. 41), Referira-se já a ela na *Rev. Lusit.*, vol. XIII, pág. 89, nota 2.ª. Entre os 40 nomes de unidade, que constam da lista de *Exílio*, págs. 42-43, não figura *craveiro*, incontestàvelmente me parece do mesmo género; aqui fica a obs. ao ilustre etnógrafo.

pureza virginal não o haveria melhor que a côr branca. De branco vestem as crianças na primeira comunhão; de branco vão as noivas, rosas brancas elas levam à igreja, na ceremónia católica do matrimónio, e depositam-as no altar da Virgem; de todos os tempos foi o branco símbolo da pureza, austeridade, grandeza de alma, sagração. As assucenas de S. José recordam a castidade mística, evocada no milagre da vara florida. A pomba branca é a imagem bíblica do Espírito Santo, a candura perfeita. A rosa branca é a pureza da Virgem [1].

Nesta concordância, a brancura do lírio, do cravo, ou da rosa tem o condão mágico da pureza sugestiva.

A rosa branca muda de côr. Dizem-lhe as outras rosas, numa quadra já em seu lugar citada:

Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão desmaiada.

Lado a lado, em confronto, o encarnado e o branco contrastam:

O encarnado é escuridão,
O branco de noite alveja
.... [2]

Muda-se-lhe a côr para roxo, côr de tristeza, maceração, abandono:

Caiu o cravo do céu,
Quebrou o pé, ficou coxo;
Logo a rosa, de paixão,
Se vestiu tôda de roxo [3].

Também o cravo se veste de roxo, em simbolismo corrente de mal de amores; acompanha-o sempre romantismo de Soares de Passos:

---

(1) Cfr. L. Chaves, *Páginas folclóricas*, II — *A Sinfonia das Côres*, in *Nação Portuguesa*. Lisboa, 1929, série V, tomo II, pág. 351 e seg. e sep.

(2) Santo-Aleixo (Extremoz); *Pág. folclóricas*, II, in *Nação Portuguesa*, loc. cit., pág. 359, sep., pág.

(3) A. de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 152, n.º 477. Variante, das *Tradições populares portuguesas*, de

Eu tenho à minha janela,
Um cravo roxo pintado,
Regado com águas finas,
Que meus olhos têm chorado (1).

Antoninho, cravo roxo,
Não venhas ao meu quintal,
Que te querem dar um tiro,
Não te posso ver matar (2).

. . . .
Andam lá penas de morte,
Não te quero ver matar.

Cravo roxo é sentimento,
Eu bem sei que estás sentido.
. . . . (3)

Do simbolismo das côres aplicadas às flores, conjugado com o da oposição da rosa e do cravo, saiu estoutra quadra em que o cravo branco se transformou em cravo encarnado, sem inocência, já presa do pecado. Assim poderia falar a rosa, que havia mudado também de côr:

Semeei um cravo branco,
Nasceu-me um cravo encarnado;
Fui procurar-te inocente,
Caí contigo em pecado (4).

Leite de Vasconcelos, pág. 119, é esta que se transcreve e cujo sentido permanece:

Caiu o cravo do céu,
Deu na pedra, ficou coxo;
O lírio, com sentimento,
Logo se vestiu de roxo.

(1) *O Amor Português*, pág. 47.
(2) Variante das *Mil Trovas*, pág. 94, n.º 292.
(3) Af. do Paço, *Canc. de Viana*, pág. 52, n.º 278.
(4) A. de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 154, n.º 484.

Mas, que admira?! A estopa, ao pé do lume... E justifica-se desta forma o pecado carnal do cravo:

A água do Rio Minho
Corre por baixo da ponte;
Quem quiser o cravo doido,
Ponha-lhe o cravo defronte (1).

E, quando não, desavindos os dois, ou ciumento êle, a rosa é victima da cravo, talqual sucede entre os sêres simbolizados por êles, na realidade positiva da vida, scena de ofensa pública de que a polícia toma conta:

O cravo bateu na rosa;
A açucena vai jurar;
Ai que lindo julgamento
Tem o jardim para dar! (2)

V

Rosa em botão

Nem só a rosa aberta goza deste perfil herádico de pureza. Também o botão, o «botão de rosa», a «rosa em botão», tem o poder simbólico da graça virginal; e, se está para a rosa como a criança para a mulher, mais sugestiva é a sua significação de candura sem mácula.

Em virtude da magia da côr, que faz da rosa branca o cúmulo da perfeição moral, pode a mulher, consciente de si, e orgulhosa do seu amor, cantar esta quadra-confissão (3) que sob êsse sentido tem de ser observada:

Chamaste-me rosa branca,
Meu mangericão em flor;
Se sou rosa, não sou tua,
Sou rosa do meu amor. (4)

---

(1) *Mil Trovas*, pág. 151, n.º 473.
(2) *Mil Trovas*, pág. 151, n.º 475.
(3) *Rev. Lusitana*, vol. XVII, pág. 144.
(4) O mangerico e o mangericão são hervas de conceito

O botão, a rosa por abrir, resguardada ainda no conchego, evoca o recato menino junto do seio materno. E, porque o símbolo atrai o símbolo, a rosa atrai a si o botão no mesmo pensamento de pureza, e não no do brilho, côr, tamanho, decoração da rosa aberta, que é já o pendor para o desfolhamento.

A criança, a donzela, a mulher-botão, podem cantar ingènuamente a interpretação do simbolismo feminino, expresso nesta quadra de S. Simão-de-Novais (¹):

Minha mãe é uma rosa;
Com meu pai se arrecebeu;
E a filha é um botão,
Que da rosa rescendeu.

De um «canto do Natal», dedicado ao Menino Jesus, e recolhido em Carvoeiro (Monção) por Francisco Serrano (²), separo esta copla:

Roxozinho, está deitado
Em palhinhas Deus Infante;
Mas não há em frescã rosa
Botãozinho mais galante.

---

fescinino. Trocam-nas os namorados, são muito procuradas e apreciadas no período amórico do S. João. Em o *Amor Português* mencionei duas quadras provativas (pág. 52):

Tenho na minha janela
Mangerico aos mòlhinhos;
Vai-te-me daqui embora,
Perdição dos meus olhinhos.

(Barroso).

Mangericão na janela,
Já meu peito foi teu vaso;
Já morreu quem te regava,
Tu de mim não fazes caso.

(Coimbra).

Cfr. outras em M. Afonso do Paço, *Cancioneiro de Viana do Castelo*, Braga, 1928, págs. 117-118.

(¹) F, de C. Pires de Lima, *Cancioneiro...*, 1.ª Série, pág. 16, n.º 160.

(²) Franc. Serrano, *Romances e canções populares da minha terra* (Monção), Braga, 1921, pág. 85.

Inocência e galanteria, ao Deus Menino. Não é outra a tenção da lírica exclamativa destoutra quadra, dirigida à pureza do botão de rosa, intacto na roseira alta, alta ao alcance de fóra:

Que lindo botão de rosa
Aquela roseira tem!
Debaixo ninguem lhe chega,
Lá cima não chega ninguem.

A ternura com que se olha e acaricia o ser infante, a delicadeza do tamanho, a curiosidade pelo que está oculto, a fantasia do lirismo, fazem do botão um motivo de madrigal:

O meu amor é tão lindo
Como a rosa no botão,
Parece uma estrelinha
Na manhã do J. Soão (1).

O meu amor é tão lindo
Com'a rosa, quando abre;
Anda nos olhos de todos,
Nossa Senhora mo guarde.

(Santa Vitória-do-Ameixial (2).

Como a rosa está para a mulher, assim o cravo para o homem, em contraste de simbolismo por concordância do género; pois, simètricamente, está em relação com o botão, rosa por abrir, o cravo não aberto:

O meu amor é um cravo,
É um cravo por abrir:
Também eu sou uma rosa,
Que o faço aqui vir (3).

Faltou-lhe a ela dizer, expressamente, para completar a reciprocidade, que também era uma rosa em botão.

É a rosa botão que os enamorados da mulher ideal procuram na roseira, modesta e escondida freirinha no claustro:

---

(1) De Santa Vitória-do-Ameixial; L. Chaves, *O Amor Português*, pág. 45.

(2) In *Rev. Lusit.*, vol. XIX, pág. 299, n.º 37.

(3) F. de C. Pires de Lima, *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, 2.ª Série, pág. 36, n.º 697.

Rosa, que estás na roseira,
Fechadinha no botão,
Deixa-te estar fechadinha,
Que lá te procurarão (1).

Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar em botão;
Que a rosa, depois de aberta,
Logo perde a estimação (2).

Não será neste mesmo sentido que reza a quadra do português, em despedidas de aventura para o Brasil, na ânsia acaso de recursos honestos e limpos para colher então o botão a quem pede espera? Vejâmo-la:

Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar até ver;
Que eu vou ao Brasil e venho,
Inda te hei-de vir colhêr (3).

O sarcasmo brutal da que segue, frisa na sua rudeza o simbolismo do botão, que vozes ternas adoram na roseira:

Rosa, de mim 'stás queixosa. .
Tu te queixas sem razão:
Já te encontrei desfolhada,
Não te tirei do botão (4).

---

(1) M. Af. do Paço, *Canc. de Viana do Castelo*, pág. 232, n.º 1274.

(2) Ja atrás encorporada. De Carviçais: Ab. Tavares, in *O Illustr. Trasmont.*, III, pág. 40, n.º 40.

(3) S. Simão de Novais: F. de C. Pires de Lima, *Cancioneiro*, 2.ª Série, pág. 45, n.º 1030.

(4) S. Simão de Novais: J. S,. 1.ª Série, pág. 18, n.º 196. Variante, nas *Mil Trovas*, 3.ª ed., pág. 95, n.º 296:

Já te encontrei desfolhada,
Não te encontrei em botão!

Com esta variante de Vila-Real:

. . . .
Deixa-te estar em botão:
Depois de estares aberta,
Já não estás em 'stimação.

A. G. Pereira, in *Rev. Lusit.*, vol. x, pág. 144, n.º 645.

Por isso, pela Beira-Baixa, entre as quadras epitalâmicas, cantadas pelos convidados e assistentes a um casamento, cantavam, se não cantam ainda, esta que Fernandes Tomás recolheu nas *Velhas Canções* e *Romances Populares Portugueses* (1), que já atrás foi utilizada no cap. II, e aqui recordo por comparação:

Esta rosa, senhor noivo,
Inda ontem era botão;
Trate dela como sua,
Meta-a no seu coração.

O desejo manifesta-se liricamente na imagem matafórica do colhêr a rosa; é o complemento lógico de tôda esta sucessão de conceitos emblemáticos, que a rosa e ante si o cravo constituiram em seu ideário; e tem ainda a poesia heráldica, de origem popular. Um exemplo, colhido nas *Mil Trovas*, de A. de Campos e A. de Oliveira (2), que é uma «cantiga quadrada $\frac{1\text{-}3}{2\text{-}4}$:

Ó fonte, quem te chegara!
Ó água, quem te bebera!
Ó cravo, quem te cheirara!
Ó rosa, quem te colhera!

Diz o adágio, sentenciosamente: «rosa caída, não volta à haste» (3).

VI

Rosas e espinhos

A rosa, a-pesar-de tudo tem espinhos. No *Rifoneiro Português*, de Pedro Chaves, lá vem a pág. 171 (n.° 286), o adágio correspondente: «não há rosa sem espinhos, nem mel sem abelha» (ou «nem formosa sem senão»), e a pág. 166 (n.° 174) «não há bela (ou «formosa») sem senão, nem feia sem graça».

---

(1) Pág. 168.
(2) Pág. 137, n.° 433.
(3) P. Chaves, *Rifoneiro Português*, Pôrto, 1928, pág. 250, n.° 84.

Pois a rosa tem espinhos, — «as rosas caem, e os espinhos ficam (1)». Quem colhe rosas, pica-se nos espinhos.

Mandaste-me colher rosas,
Eu piquei os meus dedinhos;
Dai-me agora os alfinetes,
Para tirar os espinhos (2).

Como interpretar êste senão, molesto na beleza consagrada da rosa? Ei-lo numa quadra da aldeia de Santo Aleixo (Extremoz) (3), a pátria dos bonecos-actores do Norte do Alentejo, os «bonecos de Santo Aleixo»: — os espinhos são os suspiros, se bem que fique o efeito (ai-suspiro) em quem se pica, pela causa que é o espinho; e observe-se que a explicação é dada por uma «roseira brava», reagindo contra o apodo:

Não me chames roseira brava,
Que eu não trato mal ninguém;
Quem se pica em meus suspiros,
Lá sabe a culpa que tem.

Os alfinetes associam-se mentalmente aos espinhos, quando se fala de rosas. Mas os alfinetes figuram no folclore, como elemento comparativo, ora para servirem como servem o instrumento à mão de «tirar os espinhos» (na quadra de exemplo, para descalçar a rua), ora para juntinhos calcetarem a rua onde o namorado há-de passar.

Esta rua tem pedrinhas,
Hei-de-lhas mandar tirar
Com biquinhos de alfinetes,
Pr'o meu amor passear (4).

Pedrinhas da minha rua,
Hei-de-vos mandar picar
Com biquinhos de alfinetes,
Para o meu amor passar.

O alfinete, instrumento perfurante, à semelhança do *clavus*

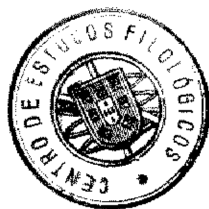
(1) Pág. 250, n.º 84.
(2) Atalaia: in *Rev. Lusitana*, vol. XI, pág. 128, n.º 332.
(3) Colhida, como outras da mesma procedência, por um antigo aluno meu (Ramalho).
(4) *Mil Trovas*, pág. 236, n.º 749.

e do *acus* romanos [1], serve para fixar. Mas, se fixa, pica. De aí provêm as duas acepções folclóricas, que manifesta: fixa amores, fixa amizades, fixa corações; pica amores e pica amizades. No *Almocreve das Petas* [2] afirmava-se êste agouro de «dar alfinetes»: — «são amores». O alfinete de casamento, que a noiva dá, atrai noivado. Casa cedo aquela moça que pregar um alfinete no vestido de uma noiva, sem esta o sentir (Lisboa). O «alfinete dos mortos», no fato de um defunto, fixa-lhe a alma, para que não seja «alma errante», nem volte a apoquentar os vivos, e lembre os vivos na presença de Deus. Em Extremoz, por exemplo, crê-se que dar alfinetes «pica a amizade», entre namorados «pica o amor», entre noivos «pica o casamento».

Assim o alfinete associa-se à mulher com uma tríplice relação de conceito amoroso: fixa, magoa, é amuleto. Exemplifique-se.

De uma quadra feminina:

Quem quiser ver o meu peito,
Desaperte-me o colete;
Verá o meu coração
Pregado num alfinete [3].



Com esta variante trasmontana [4]:

Se queres ver o meu peito,
Desabrocha o meu colete;
Verás o meu coração
Na ponta dum alfinete.

---

(1) Daremberg Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. «clavus». Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, págs. 227 e 243.

(2) Com outros agouros, em sua maioria ainda hoje correntes, e que o *Almocreve das Petas* espalhava pelas partes XLVII-XLIX (9, 21 e 26 de Março de 1798) formou Tomás Pires um apanhado sob a rubrica de «agouros pelas acções» nas «Investigações Etnográficas» in *Revista Lusitana*, vol. XII, pág. 85.

(3) *Mil Trovas*, pág. 221, n.º 695.

(4) Vila Real: A. Gomes Pereira, in *Rev. Lusit.*, vol. XI, pág. 129, n.º 409.

Uma quadra da Golegã associa o alfinete com «os olhos do amor» (1), botões de rosa e ramalhetes, e fá-lo com lógica:

Os olhos do meu amor
São biquinhos de alfinetes;
Fechados, são dois botões,
Abertos, dois ramalhetes.

Fechados: dois botões de rosa; abertos: dois ramos de rosas. Por esta ligação dos alfinetes supersticiosos com a mulher, se justifica êste cantar galego, que Teófilo Braga (2) e Leite de Vasconcelos (3) recolheram:

Cando chove e fai sol,
Anda o deno (4) por Ferrol,
Com um saco dalfileres
Para pical as mulheres.

VII

A rosa na heráldica

É de origem etnográfica a heráldica. É de base folclórica a genealogia. Os *Livros de Linhagens* são repositório fecundo de lendas populares, atribuídas, quer nos seus heroismos, quer nas suas misérias, a antepassados mais ou menos próximos e lendários.

O espírito de família com as suas barreiras de difícil

(1) Em Santa Vitória do Ameixial (Extremoz) os doentes dos olhos, quando curados, oferecem a uma imagem de Santa Luzia no orago cartas de alfinetes, para a Santa lhes «fixar» a vista aos olhos. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XIX, pág. 333, n.º 6.

(2) *Parnaso*, mod. de Teófilo Braga, pág. 284.

(3) L. de Vasconcelos, *Trad. Populares*..., pág. 15.

(4) Na *História de Portugal*, Oliveira Martins não perde na sua diatribe ensejo de repetir o que a superstição popular atribuiu a uma freira de Santo Elói de Lisboa, que, possuída do demónio e exorcismada, vomitou demónios sob a forma de alfinetes. 3.ª ed., vol. II, pág. 162.

acesso, com o seu orgulho activo, criado pela psicologia do alheamento, o espírito de casta, que a missão social lhe desenvolveu, coincidindo privilégios especiais com especial responsabilidade, não foram fachos isolados ou espontâneos. Orgulho do indivíduo, orgulho do grupo social a que pertence, isto é, orgulho pessoal e orgulho colectivo, nasceram com o primeiro homem, que se julgou superior aos outros, e com o primeiro grémio humano, que considerou em si o privilégio de exceder os mais e só os seus componentes serem os bons e os melhores. O mesmo em todos os povos passados e presentes, históricos e antehistóricos, civilizados e bárbaros; da mesma forma se traduziram usos, crenças, objectos, emblemas similhantes.

Necessidades novas traziam usos novos ou modificação dos usos velhos. Paz e guerra. Casa e ar livre. Agricultura e indústria. Terra e mar. Repouso e movimento. Caça e pesca. Vida interior e vida exterior. Religião e sociedade. Vida e morte. Em tôdas as actividades, o homem não se afastava de si mesmo, sendo sempre o mesmo na sucessão dos séculos. A etnografia comparada demonstra em todos os povos a mesma concepção fundamental da vida; e o exercício da vida levou-os a manifestações, que só externamente parecem diferentes e na verdade apenas o são pela cultura, que revestem.

As origens da heráldica e das genealogias vem dos tempos prèhistóricos em que o animismo e com êle a crença totémica apartavam famílias por descendência do mesmo tótem, e estas tomavam para si os sinais distintivos e exclusivos dessa suposta descendência.

Pois, se de todos os tempos assim foi, não temos de extranhar que o tenha sido também com os tempos históricos. Os Romanos bem claramente nos indicam no culto dos Lares e Penates a ligação espiritual com a cadeia dos mortos — a que o nascimento os jungia; a religião familiar é demonstração evidente; o sentimento da família era tirânico, preso como estava à organização social e religiosa.

Emblemas de simbolismo próprio tiveram os povos conhecidos, uns de carácter civil, outros de carácter militar ou religioso, colectivos e familiares. Para os formar lá estava a concepção particular da vida, lá estava a psicologia dos grupos mais ou menos diferenciados. É essa psicologia caracterizada que constitui, no desenvolvimento e no conjunto dos seus actos típicos, o assunto da etnografia.

É, porém, matéria a desenvolver noutro lugar. Aqui veio

a propósito para se ver que, sendo a heráldica e a genealogia de nascimento etnográfico, e reflectindo-se reciprocamente, não há estranheza em ver como o folclore influi na emblemagem heráldica.

A rosa tem o seu perfil etnográfico, poderiamos até atribuir-lhe na sua actividade demopsíquica uma pressão e uma densidade. Ora essa pressão foi influir no simbolismo das peças de brasonária. Os atributos da rosa lá figuram nas pedras de armas.

«Rosas naturais de sua côr», «rosas heráldicas de quatro fôlhas de vermelho» (ou verde), «rosas abertas de ouro», ou «rosas heráldicas abertas de ouro», «rosas vermelhas», «rosas naturais de vermelho», «rosas de jardim de vermelho», «rosas de prata»... elas aí figuram no grande livro do autor dos *Brazões da Sala de Sintra*, que é a *Armaria Portuguesa* (1), o dicionário heráldico da nobreza de Portugal.

Entre outras ai toparemos com a rosa nos brasões das familias (1): Alvo (pág. 25), Baldáia (pág. 54), Beliago (pág. 70), Bembo (2) (pág. 71), Cari (pág. 116), Felipe (pág. 198), Fogaça (pág. 200), Mariz (pág. 298), Mergulhão (pág. 326), Milhaço (pág. 329), Naper (pág. 348), Ortis (pág. 365), Paz (pág. 380), Perestrelo (pág. 390), Rua (pág. 444), Secco (pág. 463), Vidal (pág. 540). Em número que vai de uma (Mergulhão, Vidal) a 6 (Felipe, Perestrelo, Rua) e a 8 (Ortis), aparece no escudo e no timbre, no campo, acantonados, em orla.

Assim a rosa, que ascendeu à suma essência da *Rosa Mística* no mundo espiritual, subiu ao simbolismo de brasão das familias históricas, com o seu privilégio mundano.

Rosa no Ceu e na terra,
Rosa em todo o logar. (3)

Na literatura missionária dos séculos XVII e XVIII, quando os evangelizadores, que propagavam a fé pelo império, maior

(1) Uma de origem portuguesa, outra de origem estrangeira.

(2) As armas têm por divisa: *Virtus et honor*.

(3) *Rev. Lusit.*, vol. X, pág. 196, n.º 996 (Vila Real). A quadra, a que pertencem êstes dois versos, já ficou atrás completa.

do que o império do Rei faziam o império de Deus, indo até onde os soldados do Rei não chegaram já, são freqüentes os panegíricos dos mártires. Os títulos das obras aludem ao martirológio em termos de exaltação mística; a rosa é o símbolo da virtude heróica dêsses pioneiros do ideal cristão.

Fecho êste trabalho, cujo valor melhor é o que lhe vem do aroma delicado e modesto da rosa, com a menção de três [1] obras de títulos incisivos, duplamente incisivos: na formosura da ideia, no barroco da forma.

Rosas do Japão, cândidas assucenas, e ramalhetes de fragrantes e peregrinas flores, colhidas no Jardim da Igreja do Japão, sem que os espinhos da infelicidade e da idolatria as podessem murchar, — do agostinho descalço, Fr. Agostinho de Santa Maria [2].

Rosas do Japão e da Cochinchina, cândidas assucenas e peregrinas flores, etc. Parte II [3].

Rosa de Nazaret nas montanhas de Hebron, a Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus, — do P.^e^ Alexandre de Gosmão [4].

LUÍS CHAVES.

---

(1) Na verdade são duas, porque a segunda é a seqüencia da primeira, apenas com a extensão à Cochinchina, e ambas descrevem o martirológio dos cristãos dêsses países.

(2) Imp. por António Pedroso Galrão, Lisboa, 1709.

(3) Imp. por Pedro Ferreira, Lisboa, 1724.

(4) Lisboa, 1715.

Ecos lingüísticos da soletração e da silabação

Êsse velho, e nunca assaz condenado, sistema de aprendizado de leitura chamado soletração foi entre nós o que mais se arreigou. E bem fàcilmente dá pelos factos o perscrutador das coisas lingüísticas. Só, em verdade, o ter-se usado muito a mecânica soletrativa explica a aparição de certos vocábulos, uns designadores dela, como o *b-á-bá*, outros dela utilizadores, como *cutiliqué*.

B-á-bá aparece na seguinte quadra da poesia *A escola portuguesa*, de Guerra Junqueiro:

> Como é que há de na campina
> Surgir o trigal maduro
> Se é o passado que ensina
> O *b-á-bá* ao futuro? (1)

Uma fórmula rimada burlesca apresenta tôda a gama vocálica:

> B-á-bá, fugiu a burra,
> B-é-bé, pelo seu pé,
> B-i-bi, eu bem a vi,
> B-ó-bó, foi-se embora,
> B-u-bu, vai-te tu!

Cutiliqué, escrito *qutiliqué* no *Suplemento* ao *Vocabulário Português e Latino*, de Bluteau, é aí — depois de apresentado como têrmo chulo, designador de «homem de respeito e de préstimo» — assim esclarecido na sua formação:

«Também he termo com que os meninos soletrão o Q do Alphabeto, porque dizem Quutiliqué, Qué».

Os lexicógrafos modernos — Domingos Vieira e Cândido de Figueiredo — perfilham a explicação formativa de Bluteau.

---

(1) *Antologia portuguesa*, pág. 54.

O primeiro diz na voz respectiva: «termo popular empregado como alusão ao modo vicioso de solletrar nas antigas escholas». O segundo informa: «Coisa ou pessoa de pouca monta, bagatela, ninharia. Da soletração antiga de q̃ (Qu + til = quê)».

João Ribeiro, ocupando-se, nas *Frases feitas*, dos vocábulos e expressões originárias da soletração, nota também a respeito de *cutiliqué:* Êste vocábulo é a antiga soletração da abreviatura q̃, que se lia *ku-til = quê»* [1].

Efectivamente o sinal gráfico *q* foi entre nós chamado *qu*, como em espanhol e em italiano, ao que se depreende das observações dos nossos primeiros gramáticos. João de Barros diz: «Esta letera e pelo nome que tem e assy pela pouca necessidade que à della (como vimos atras na letera c) a nos convinha mais que a outra naçam desterrala da nossa ortografia e em seu logar empossar esta letera c».

E mais preciso acrescenta um pouco adiante:

«E tem tam preversa natureza além do mau nome, que se nã ajunta às leteras vogais senam mediante esta, *u* que lhe é semelhável. Ou sam ellas tam limpas que se nam querem aiuntar a elle, ca nam dissemos *qa*, *qe*, *qi* e dizemos qua, que, qui» [2].

Fernão de Oliveira também nota: «Diz Diomedes que a pronunciação do *q*, se faz de *c* e *u* e elle quer que seja sobeja ou sempre tenha *u* liquido depoys de si» [3].

Esta pronúncia *qu* tornou-se depois *quê*, ou por motivos eufémicos, como dos textos recemcitados de João de Barros parece depreender-se, ou por simples analogia com a denominação *pê*, do sinal precedente na lista alfabética.

Em tempos de Duarte Nunes de Leão chamava-se já *quê* a dita letra. Diz êle na *Orthographia da lingua portuguesa:* «Q he letra muda, que nehũa lingua tem senão a Latina, e as que della descendem, e pronuncia-se como *c* segundo os antigos» [4].

A definição de letra muda havia-a já dado antes o autor ao fazer o estudo da divisão e natureza das letras: «E cha-

---

(1) 1908, pág. 9.

(2) *Gramática da língua portuguesa*, 1540, pág. 199-200.

(3) *Gramática da linguagem portuguesa*, cap. XIII.

(4) Lisboa, 1864, pág. 126.

mão-se mudas, porque per si soos não se podem pronunciar, nem soão sem ajuntamento das vogaes» ([1]).

A antiga pronunciação *qu* explica, pois, o primeiro elemento silábico do vocábulo *cutiliquê*. Esta forma, porém, devia ser precedida de outra: *cutilquê*, sendo o segundo *i* a epentese que é vulgar junto das liquidas.

De *cutilquê* ter-se-ia passado a *cutiliquê*, como na bôca do povo se passou de *Silvestre* a *Selivestre* e de *Silvana* a *Selivana*.

Quanto ao sentido de *cutiliquê* há a notar que êle inicialmente foi de coisa prestimosa, como observa Bluteau e se vê da expressão *gente de cutiliquê*, empregue por D. Francisco Manoel, na *Feira de anexins*, com o sentido de «*gente fidalga*», e a que alude o filólogo João Ribeiro, nas *Frases feitas*, porém sem indicações de local. No entanto o passo, donde o distinto académico fluminense depreendeu tal sentido, deve ser o seguinte da fábula terceira da terceira parte da *Feira de Anexins*: «Nem no da panella, accrescentaram as outras, queremos mais da horta, que a hortelã (acudiu a Segurelha), que vossês não são *seguras*, e são capazes de se darem a um villão ruim, que por isso se chamam *fartos de couves*.

Escandalisaram-se muito os *Repolhos* por ser gente (diziam elles) de *cutiliquê*. Que cousa é *cutiliquê*? perguntaram as *Beldroegas*: e os *Repolhos* responderam: sem refolhos vos digo, que é esse o melhor breve; porque as bizarras do tempo, sem mandar a Roma, dispensam comsigo fidalguia plenaria com todas as *indulgencias* de faceiras» ([2]).

O mesmo filólogo brasílico atribuiu o dito sentido ao *quid* casuístico. Na locução *razões de cutiliquê* entende êste lingüista o seguinte: «*q̃* era a abreviatura de *quid* e o *quid* significa mesmo a razão e a essência das cousas. Assim «*razões de cutiliquê*» eram como as razões primeiras, essenciais e mais nobres» ([3]).

Talvez não seja necessário ir tão alto como vai o ilustre brasileiro: uma expressão como *ter seus quês* — e que, por sua vez, pareceu reflexo lingüístico da análise classificadora da

---

([1]) Lisboa, 1864, pág. 103.
([2]) I, 1900, pág. 273.
([3]) *Frases feitas*, I, 1908, pág. 9-10 e 273.

partícula *que* ao nosso grande Mestre José Joaquim Nunes (1) — expressão que traduz dificuldade ou complicação, poderia levar à noção de raridade e valia, e superlativada ainda pela soletração dos elementos constitutivos do vocábulo.

Depois êste sentido evolucionou, talvez pelo freqüente emprêgo irónico da palavra, facilitado até por circunstâncias de estrutura fonética: *cutiliquê* é extravagante, pelo grande predomínio dos sons guturais e palatais. Camilo Castelo Branco fala, na *Sebenta, bulas* e *bolas*, em sábios de *cutiliquê*, querendo dizer *sábios sem sabedoria ou de nenhum valor*. Eis o passo: «apeie do pedestal usurpado a V. Ex.ª estes sabios de cutiliquê para quem os mysterios das bolas nunca se desvendaram definitivamente» (2).

Também a locução *p-a-pá Santa Justa* envolve alusão aos velhos métodos de soletrar. A princípio parece ter-se dito simplesmente *p-a-pá*, como se vê no prólogo da *Eufrozina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos: «Eu porém seivo-lo, como o *p-a-pá*» (3), ou na *Prática dos Compadres*, de António Ribeiro Chiado:

Quero amansar um imigo
Que a isso venho cá
E conto-lhe o *pê-a-pá*
Que a meu confessor não digo (4).

Depois é que naturalmente se acrescentou *Santa Justa*, uma santa que acudia ao espírito para arredondamento de uma expressão indicativa de exactidão ou «justeza» no dizer — associação de ideias semelhante a muitas outras que os documentos etnográficos nos ministram, como sejam, por exemplo, a de se ter feito de Santa Clara, a advogada das lavadeiras, «que clareiam a roupa», e a de se terem tornado nomes-numes o acrescentar e o levedar o pão, como atesta a oração aldeã que se reza ao acabar de amassa-lo:

---

(1) *Digressões lexicológicas*, Lisboa, 1928, pág. 231.
(2) *Bohemia do espirito*, Porto, 1886, pág. 352.
(3) Ed. de Esteves Pereira, pág. 5.
(4) Obras, ed. de Alberto Pimentel, pág. 123.

S. Crescente
te acrescente;
S. Levede
te levede;
S. João
te faça pão,
E dê a sua benção.

O filólogo João Ribeiro, que estudou a presente expressão, declara que a forma completa dela se lhe afigura ulterior ao século XVI:

«Em nenhum dos quinhentistas logrei encontrar o acréscimo *Santa Justa* que parece posterior.» [1]

Entrevê também o mesmo filólogo a origem do dito acréscimo nestas palavras: «Santa Justa é nome na corografia de Portugal e mesmo de Lisboa. Não sei, porém, que motivo o traz junto à expressão mais antiga *p-a-pá*, salvo se a sugestão de sentido da palavra — justa, justamente — que é o mesmo de *p-a-pá*, indica exactidão, precisão, ou coisa que o valha.» [2]

A expressão arredondada *p-a-pá Santa Justa* vê-se já no *Anatómico Jocoso* de Frei Lucas de Santa Catarina, de nome, Francisco Rei de Abreu Mata Zeferino, de pseudónimo:

Hoje meu braço se ajusta
Grande prémio a prometer,
Quem disser que quer dizer
Tudo *p-a-pá* Santa Justa [3].

Emprega-se também ainda hoje a soletração de uma sílaba com valor superlativante: tal o caso das formas *lin-d-ó-dó* [4], *boni-t-ó-tó* [5], usadas respectivamente em Portugal e Brasil.

Da silabação — outro processo condenável do aprendizado da leitura, que no entanto tem hoje em dia ainda inúmeros

---

[1] *Frases feitas*, I, 1908, pág. 15-16.
[2] Obra cit. *Suplemento*, pág. 283.
[3] Vol. II, pág. 131.
[4] Informe do professor liceal de Coimbra, dr. Agostinho Jorge da Silva.
[5] João Ribeiro, *Frases feitas*, I, 1908, pág. 175.

adeptos — parece haver também um éco no vocábulo beirão «*bábêlho*», com que se designa qualquer cartilha ou livro somenos.

Entrevêem-se em tal palavra os dois primeiros elementos do martirizante e vazio *ba-be-bi-bo-bu*, acrescido do sufixo depreciativo *elho*, cuja vogal inicial se fundiu com a da sílaba *be*.

Se se tratasse de uma forma oriunda da soletração *b-a*, *ba*, deviamos ter antes *bêabalho*, com uma sílaba inicial *be*, provinda da articulação da labial e seu apoio, e com uma terminação *alho*, em virtude do elemento sufixal ser possuidor de gama vocálica.

João da Silva Correia.

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuação do vol. XXVII, págs. 198-242)

CXXXVI

Fechado como um livro de sete selos

Reservado, íntimo; não patente; não revelado, não divulgado. ‖ *Circunspecto, cauteloso, retraído.* ‖ *Emmudecido, calado*: «... por espaço de dois anos... o homem a quem todos invejaram, de quem todos aprenderam, *fechado* sôbre si *como um livro de sete selos*, como um enigma, como um desengano...» (Castilho, *Livraria Clássica*, VII, 79).

Esta locução alude ao livro das profecías, do qual diz S. João Evangelista, no *Apocalipse*, V, 1, 2, 3 e 4 que, não havendo nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, quem o abrisse e lhe tirasse os seus *sete sêlos*, chorára êle por isso muito.

*

Segundo diversos autores, o número *sete* foi olhado desde o princípio do mundo com singular veneração, porque o Senhor o abençoou e santificou depois de findos os seis dias da criação do mundo (1), em memória do que ficou a semana composta de *sete* dias, o último dos quais considerado como de repouso solene, consagrado especialmente ao Senhor e ao culto público da religião.

Os *sete* dias diversos da criação e descanso deram origem

---

(1) Paulo Féval, na sua obra *Os Tribunais Secretos* (trad. de Manuel Pinheiro Chagas, Lisboa, I, p. 24) diz que, sêgundo se ensinava aos iniciados do terceiro grau de certa antiga seita, *sete* era um número sagrado, e Deus criara *sete* ceus, *sete* terras, *sete* mares, *sete* planetas, *sete* côres, *sete* sons, *sete* metais. Aos iniciados no quarto grau ensinava-se o princípio do mundo, e que houvera *sete* legisladores divinos, cada um dos quais tivera *sete* discípulos.

à semana entre os Hebreus. O sábado era o último dia da semana (*sétimo* dia), o ano sabático chegava de *sete* em *sete* anos, e no fim de cada *sete* anos sabáticos (isto é, decorridos *sete* vezes *sete* anos, ou de 50 em 50 anos) celebrava-se o jubileu; êsse ano era consagrado a repouso, as dívidas davam-se por saldadas, libertavam-se os escravos e os cativos, e os bens alienados volviam aos primitivos possuidores, ou aos seus herdeiros.

Ou por causa dos *sete* dias da criação, ou dos *sete* planetas, o número *sete* é tido como complemento de uma coisa à qual nada fica faltando, e disso lhe proveio o encontrar-se continuamente nos usos e cerimónias religiosas e mágicas dos mais antigos povos, entre os quais e através de todas as épocas aquele número aparece revestido de misterioso significado. Afirmavam os cabalísticos que êle tinha a virtude de evocar os génios planetários e de os constranger a operar prodígios.

*

Pode dizer-se que o nùmero *sete* é o mais favorecido e simbólico de todos — mais ainda que o *três*, a cujas místicas virtudes já me referi no adágio *três é a conta que Deus fêz*, a p. 221 do vol. XXVII desta *Revista*.

Como todos os números impares, o *sete* é um número perfeito, símboliza a concórdia por ser indivisível, e é consagrado às divindades celestiais, ao passo que os pares são fácilmente sujeitos à divisão, da qual são significado, e dedicados às divindades infernais, segundo afirma o escritor romano Macróbio.

Crente na perfeição do número *sete*, opinou Hipócrates que as crianças nascidas ao *sétimo* mês, devem ter mais probabilidade de vida que as vindas ao mundo ao oitavo; esta opinião foi seguida por Galeno e por muitos outros médicos da antiguidade (1), e constitue ainda um preconceito vigente.

---

(1) M. Gilbert-Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion* (Paris, 1741), VII, p. 255. Em anotação transcreve de Aulio Gellio, liv, 3, cap. 10: «Pericula quoque vitae fortunarumque hominum, quae climacteras Chaldaei appellant, gravissima quaeque fieri affirmat Aristides Samius septenariis.»

O número *sete* é o principal dos números climactéricos, e a medicina actual admite dias criticos de certas doenças, com modificação para agravamento ou melhora de *sete* em *sete* dias [1].

De *sete* em *sete* anos renova-se o nosso corpo; os nervos, os músculos, todos os tecidos do organismo, já gastos, são substituidos por novos tecidos que permitem a continuação da vida. As idades de vinte e um, vinte e oito, trinta e cinco e quarenta e dois anos são as mais criticas da vida do homem, pois em cada uma delas termina a natureza uma renovação do corpo para começar outra. Dá-se o mesmo fenómeno aos sete e aos catorze, mas então a juventude ajuda a suportar a crise. Uma das provas que se apresentam para demonstrar quanto são periódicas estas mudanças, é que aos sete anos a criança costuma ter os olhos e o cabelo diferentes de quando nasceu.

Palas considera o *setenário* como simbolo da virgindade, porque não resulta de nenhuma multiplicação, e porque a sua multiplicação por qualquer número não produz nenhum outro contido em doze [2].

À virtude do número *sete* atribuiu Teodoro de Samotrácia o ter Júpiter passado os *sete* primeiros dias da sua existência a rir continuadamente [3].

*

O número *sete* é o numero cabalistico de magos e feiticeiros, o preferido por teólogos e profetas.

Aparece como simbolo misterioso na cronologia, na cosmogonia, na cosmografia e nos cultos dos antigos; nas crenças e manifestações religiosas do paganismo; na teologia e

---

(1) Na anotação referida na nota antecedente diz-se que Bodin (publicista francês do séc. XVI) aplica os números climactéricos tanto aos Estados como à vida do homem, citando várias revoluções ocorridas nos números compostos dos *setenários*, dos novenários, dos seus quadrados, dos seus cubos e das combinações destes números simples com as suas potências. A obra de Bodin, indicada naquela anotação, é a *Méthode historique*, cap. 6.

(2) *Traité* etc., cit. na nota 3, VIII, p 255.

(3) Idem, *ibidem*.

no cerimonial da religião cristã, e na prática de outras religiões; nos ritos mágicos, em freqüentes passos da História Sagrada, na antiguidade profana, nos fenómenos da Natureza, nas tradições e crendices do povo, na sua poesia, etc.

*

No cômputo eclesiástico usa-se o numero *sete* para designar as letras dominicais e as festas móveis do ciclo solar ou período de vinte e oito anos, que é divisível por *sete;* e *sete* são igualmente as letras dominicais correspondentes aos *sete* dias da semana.

*

O culto dos *sete* planetas conhecidos dos antigos (contando-se entre êles o Sol e a Lua) foi durante muitos séculos famoso no Oriente, e diz-se ter sido em honra dêsses astros que os pagãos veneravam o numero *sete* e contavam — como os Judeus e como nós — por semanas de *sete* dias. Hiparco e todos os filósofos anteriores a Ptolemeu admitiram, como êste, *sete* céus — um para cada um dos *sete* planetas.

Os antigos Egipcios dividiam o ano em meses lunares, e cada um dêstes em grupos de *sete* dias, os quais eram por êles consagrados aos deuses da sua religião, pela ordem seguinte:

O	dia	a que	chamavam	segunda-feira	era	consagrado	à	Lua
O	»	»	»	terça-feira	»	»	a	Marte
O	»	»	»	quarta-feira	»	»	a	Mercúrio
O	»	»	»	quinta-feira	»	»	a	Júpiter
O	»	»	»	sexta-feira	»	»	a	Vénus
O	»	»	»	sábado	»	»	a	Saturno
O	»	»	»	domingo	»	»	ao	Sol

Os Romanos adoptaram com os meses lunares a divisão em grupos sucessivos de *sete* dias, dando a estes, como os Egípcios, igual consagração, denominando-os *dies Lunae, dies Martis, dies Mercurii, dies Jovis, dies Veneris, dies Saturni, dies Solis* (1).

*

Na Mitologia Greco-Romana: Niobe, filha de Tântalo e mulher de Anfião, rei de Tebas, orgulhosa dos seus *sete* filhos e *sete* filhas, provocou o ódio de Apolo e Diana; aquele matou-

(1) Vid. *Alm. Bertrand* de 1904, p. 57.

-lhe os filhos, e esta as filhas, excepto Cloris. Emmudecida de dor, Niobe converteu-se em pedra.

A hidra de Lerna, exterminada por Hércules, tinha *sete* cabeças, as quais renasciam á medida que o herói lh'as cortava.

Bastou que Prosérpina colhesse uma romã no jardim de Plutão e dela comesse *sete* bagos, para que Ascálafo — que comunicou a pungentíssima notícia a Ceres — fôsse por esta metamorfoseado em mocho.

*

Da Bíblia, ou Escritura Sagrada, vemos que:

O dilúvio começou *sete* dias depois do último aviso celeste; e, passados *sete* meses, a arca de Noé parava no monte Ararat (Génesis, VII, 4, 10, e VIII, 4.)

Faraó, no sonho profético cujo segrêdo lhe é interpretado por José, vê *sete* vacas gordas e *sete* espigas cheias — que José diz significarem *sete* anos de abundância — e *sete* vacas magras e *sete* espigas vazias, que são interpretadas como reveladoras de *sete* anos de fome que áqueles se haviam de seguir. (*Génesis*, XLI) (1).

Durante *sete* dias o exército de Josué dá volta à cidade de Jericó, cujas muralhas caem ao *sétimo* dia (no qual as voltas foram *sete*) ao som de *sete* trombetas tocadas por *sete* sacerdotes. (*Josué*, VI).

Para obter a posse de Raquel, serviu Jacob a Labão, durante *sete* anos, findos os quais e por êste haver faltado à sua promessa, continuou a servi-lo por mais *sete* (*Génesis*, XXIX, 18, 19, 20, 27, 30) (2).

O número de anos messiânicos preditos pelo profeta Daniel é um múltiplo de *sete*. (*Daniel*, IX).

---

(1) Cf. a loc. corrente — *No tempo das vacas gordas* — «nos bons tempos, nos tempos prósperos, nos tempos da abundância».

(2) Êste passo da Bíblia serviu de tema ao conhecido soneto de Camões (ed. de Juromenha, II, 15):

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela,
mas não servia ao pai, servia a ela,
que a ela só por prémio pretendia.

Faz duas vezes *sete* o número das famosas epístolas de S. Paulo, e são *sete* as restantes do Novo Testamento, escritas por S. Pedro, S. João, S. Tiago e S. Judas.

São *sete* os passos do Senhor, isto é, o seu percurso pelas *sete* estações ou logares onde passou os capitais transes da sua Paixão, desde o Pretório até ao Monte Calvário; e é em tal comemoração que os católicos teem a fé de visitar na Quinta-feira Santa *sete* igrejas. Foi talvez inspirado nessa fé que — segundo César Cantu (1) — o Papa Pio V (séc. XVI) «no momento em que sentiu aproximar-se a morte visitou *sete* igrejas e beijou os santos degraus para despedir-se dêstes logares sagrados».

Sete foram as últimas palavras de Cristo, na Cruz (*S. Lucas*, XXIII, 46) (2) e *sete* foram, igualmente, os principais acontecimentos da vida da Virgem e que a Igreja comemora, a saber: a 8 de Dezembro, a sua *Conceição Imaculada* no seio de Sant'Ana; a 8 de Setembro, a sua *Natividade*; a 21 de Novembro, a sua *Apresentação* no Templo; a 25 de Março, a *Anunciação*; a 2 de Julho, a *Visitação*; a 2 de Fevereiro, a *Purificação*; a 15 de Agosto, a *Assunção*, isto é, a elevação da Virgem ao Céo.

Segundo o *Apocalipse*, são em número de *sete*: os espíritos apocalípticos ou anjos mais próximos do trono de Deus; os candelabros de oiro e as lâmpadas que ardem perante o

---

Os dias na esperança de um só dia
passava contentando-se com ve-la;
porém o pai usando de cautela,
em logar de Raquel lhe deu Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
assi lhe era negada sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começou de servir outros sete anos,
dizendo: Mais servira se não fôra
para tão longo amor tão curta a vida.

(1) *Hist. Univ.*, X, 18.

(2) Segundo a *Vulgata*: *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum.*

sólio do Eterno; os anjos que no momento do fim do mundo hão de espalhar pela Terra as *sete* taças da ira de Deus; as cabeças da bêsta que o Apocalíptico viu saír do mar, e as estrêlas que à direita do divino e misterioso personagem notou; tinha *sete* olhos e *sete* cornos o cordeiro que o Apóstolo de Patmos viu sôbre o livro de *sete* selos; e o mesmo Evangelista escreve que ouviu o anjo clamando em voz alta, e logo que acabou de clamar, *sete* trovões repetiram as suas palavras.

Sete foram as primitivas Igrejas da Ásia: Éfeso, Smirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Ladioceia. Finalmente, *sete* hão de ser as últimas pragas, os precursores do Anticristo e as trombetas do juízo final no fim das idades e dos séculos [1].

---

[1] V. *Apocalipse*, I, 4, 11, 12, 13, 16, 20; II, 1; IV, 5; V, 6; VIII, 2; X, 3, 4; XII, 3; XIII, 1: XV, 1, 7, 8; XVI, 1 e segs.; XVII, 3; XXI, 9, e outros passos do simbólico, místico e obscuro livro do apóstolo S. João Evangelista.

Como se vê do corpo do artigo, o número *sete* desempenha na Bíblia papel notável pela insistência com que aparece e — principalmente no *Apocalipse* — pela feição misteriosa que o reveste.

A acentuar êsse aspecto publicou-se — e foi distribuido avulsamente em Maio de 1928 — o prospecto de um livro adepto da religião evangélica, intitulado: *Eis o noivo!*, no verso do qual e sob a epígrafe *A sciência numérica da Bíblia*, se encontra a seguinte informação anónima, produto de curiosa e paciente investigação: «A Numérica da Bíblia é uma sciência recentemente descoberta, que revela o facto de que as palavras e letras da Bíblia estão dispostas por Deus segundo um maravilhoso plano ou modêlo matemático, precisamente como a sciência da Botânica revela que os membros das diferentes secções das várias flores estão dispostos matemáticamente, segundo números, espécies e seus múltiplos... Como sucede com as flores, outro tanto se dá com a Bíblia, os números-base matemáticos variam, mas em todo o caso o 7 é o mais comum, Considerai por exemplo o próprio primeiro versículo da Bíblia, Génesis 1: 1. No original hebreu êste versículo contém exactamente 7 palavras. Estas 7 palavras teem ao todo 14 sílabas (duas vezes *sete)* e 28 letras (quatro

*

O comum dos historiadores costuma dividir a História Sagrada em *sete* épocas, a que muitos chamam *Idades do mundo*, a saber: 1.ª, desde a criação do mundo até o dilúvio universal; 2.ª, desde o dilúvio universal até a vocação de Abraão; 3.ª, desde a vocação de Abraão até a saída dos Israelitas do Egipto; 4.ª, desde essa saída até a fundação do Templo de Salomão em Jerusalém; 5.ª, desde essa fundação até o fim do cativeiro dos Judeus na Babilónia; 6.ª, desde o fim dêsse cativeiro até o nascimento de Jesus Cristo; 7.ª, desde o nascimento de Jesus Cristo até a prègação do Evangelho pelos Apóstolos. Desde então toma a história da nossa religião o nome de *História eclesiástica*, ou da *Igreja*.

---

vezes *sete)*. Ao todo (embora não possamos tomar espaço para o demonstrar nesta nota), há pelo menos 20 tipos de *setes* dentro do espaço desta pequena frase de *sete* palavras. Como outro exemplo, considerai os primeiros onze versículos do Novo Testamento colectivamente. No original grego esta passagem (Mat. 1: 1 — 11) tem um vocabulário de 49 palavras *(sete* vezes *sete)* das quais 42 (seis vezes *sete)* são substantivos e *sete* não são substantivos; dos 42 substantivos, 35 (cinco vezes *sete)* são substantivos próprios, e 7 são substantivos comuns; dos 35 substantivos próprios, 28 (quatro vezes *sete)* são ascendentes masculinos de Jesus, e *sete* não são; 14 palavras (duas vezes *sete)* começam por vogal, e 21 (três vezes *sete)* começam por consoante, ao passo que 7 terminam em vogal e 42 (seis vezes *sete)* terminam em consoante: 7 palavras ocorrem em mais de uma forma, e 42 (seis vezes *sete)* ocorrem só numa forma; além disso as 49 palavras teem 266 letras (trinta e oito vezes *sete)*; a soma dos seus factores (7, 2, 19) é 28 (quatro vezes *sete)*; das 266 letras, 140 (vinte vezes *sete)* são vogais, e 126 (dezoito vezes *sete)* são consoantes. Mas esta lista de modo nenhum esgota o elaborado plano dos «setes» que o Onipresente lavrou neste simples parágrafo das Escrituras. Êstes fenómenos numéricos enchem tôda a Bíblia desde o *Génesis* até ao *Apocalipse*. A ciência numérica da Bíblica é por isso inapreciável... Nenhuma literatura da Terra, fora da Bíblica, contém estes fenómenos numéricos, que são prova absoluta da inspiração divina».

*

Passando à teologia cristã, são *sete*: os sacramentos, as virtudes morais, os dons do Espírito Santo, as ordens eclesiásticas, os pecados mortais e as virtudes que lhes são opostas, os salmos penitenciais, as dores de Nossa Senhora, os gozos de S. José, as horas canónicas ou partes do ofício divino, os mistérios da coroa ou rosário franciscano.

Os artigos da fé são catorze, sendo *sete* pertencentes à Divindade, e *sete* à Humanidade de Cristo.

São também catorze as obras de misericórdia: *sete* corporais e *sete* espirituais.

O Padre-Nosso, ou oração dominical, ensinado por Jesus aos seus discípulos (V. *S. Lucas*, XI, 1, 2, 3 e 4) encerra *sete* pedidos, a saber: *a)* Três que dizem respeito directamente a Deus: 1.º, santificado seja o vosso nome; 2.º, venha a nós o vosso reino; 3.º, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu; — *b)* Quatro que dizem respeito directamente às nossas necessidades e às do próximo, e que são: 1.º, o pão nosso de cada dia nos dai hoje; 2.º, perdoai-nos as nossas ofensas como nós perdoamos aos que nos téem ofendido; 3.º, não nos deixeis cair em tentação; 4.º, livrai-nos do mal.

São também *sete*: os primeiros diáconos eleitos pelos apóstolos, as igrejas metropolitanas da Espanha-Goda e os Santos Bispos da Bretanha.

*

De outras religiões:

Entre os Romanos e os Gregos havia *sete* deuses maiores: Saturno, Júpiter, Apolo, Baco, Mercúrio, Neptuno e Plutão.

Segundo a religião dos Persas, *sete* génios formavam o cortejo de Ormudz, e era costume conservar aceso o fogo sagrado em *sete* altares.

Nas crenças do islamismo, Maomé foi conduzido até o *sétimo* céu pelo Anjo Gabriel; Alah dividiu o céu em *sete* partes e o inferno em *sete* regiões; e junto do seu trono há *sete* círculos.

Entre os Judeus as crianças são circundadas quando completam *sete* dias, e entre os Maometanos quando completam *sete* anos ([1]).

([1]) *Jornal do Domingo* (Lisboa, 1881) 1.º vol., p. 315.

*

Da antiguidade profana podem citar-se — além de outros casos — os *sete* sábios da Grécia, as *sete* maravilhas do mundo, as *sete* pirâmides do Egipto, os *sete* chefes dos tempos heroicos, e os *sete* reis de Roma.

*

Entre os símbolos da Natureza há as *sete* côres do espectro solar e os *sete* dias de cada fase da Lua.

São *sete* as notas de música.

Geralmente os fisiologistas dividem a vida do homem em *sete* épocas: infância, puerícia, adolescência, puberdade, virilidade, senectude e decrepitude.

Da virtude dos anéis mágicos de *sete* estrêlas com *sete* letras para serem usados em cada um dos *sete* dias da semana, diz Brás Luis de Abreu no seu *Portugal Médico*, pág. 606, § 89: «*Dactylomancia;* que he a arte de adivinhar por anéis fabricados com certos caracteres; e encantados com certos ritos e ceremónias, para muytos, e diversos usos; como dizem Anniano, Bulengero, e Del-Rio. Assim erão os sette anéis, que deo Jarcas a Apolonio Thyaneo, os quais tinham esculpidas sette Estrellas com sette nomes; e costumava trazer cada hum delles em cada um dos dias da somana, para alcançar com elles o que pertendia, como conta Philostrato. Assim era o anel, que hum Feiticeiro deo a huma molher chamada Petronia, que como dis S. Agostinho, foi para com elle vencer os achaques, que padecia; attribuindose à virtude do anel o que só era operação do Demonio; como explica Moura. Assim era o prodigioso anel de Giges, rey de Lydia, que o tornava invisivel para onde quer que hia; e fazia com que tornasse a parecer todas as vezes, que disso gostava» (1).

*

Muitas vezes o povo emprega o número *sete* para significar *multiplicidade* ou um *número indeterminado*, como sucede, por exemplo, nas locuções «ter *sete* fôlegos como os gatos» — «são *sete* alfaiates para matar uma aranha» — «bicha de *sete* cabeças» — «falar por *sete*» — «comer por *sete*» — «pior que

---

(1) Apud Dicionar. de Vieira, s. v. «fabricado».

as *sete* pragas», e nos adágios «são *sete* ao saco e o saco em terra» — «a justiça tem *sete* mangas e em cada manga *sete* manhas». Cfr. *Rev. Lusit.*, XV, 145 sgs.

Parece que na antiguidade a constelação das Pléiadas se compunha de *sete* estrêlas, a que chamavam «as *sete*», uma das quais desapareceu antes do cêrco de Troia, contando-se desde então apenas seis (1). No emtanto a constelação tem entre nós a denominação vulgar de «*sete*-estrêlo», talvez por se tratar do número *sete*, que também persiste erradamente na locução *pior que as sete pragas*, alusiva às pragas do Egipto, que foram dez.

*

No *Diário de Notícias* de 11 de Agosto de 1928 e sob a epígrafe *O número sete, número fatídico*, publicou o sr. Frederico Pereira um artigo tendente a notar que de *sete* em *sete* séculos, do séc. XV antes de Cristo em diante, uma nova religião tem aparecido no mundo. Bramanismo, Budismo, Cristianismo, Maometismo e Reforma surgem distanciados setecentos anos, dando assim razão àqueles que ao número fatídico atribuem grande influência nos destinos do género humano.

*

Muitas são as lendas, crendices e práticas supersticiosas em que figura o número *sete*.

Assim, a lenda dos *sete* dormentes refere-se a *sete* mancebos nobres que, para fugirem à perseguição do imperador Décio aos cristãos, se refugiaram numa caverna das montanhas do Éfeso, cuja entrada o imperador mandou entulhar com pedras. Caindo em sono profundo os mancebos, só acordaram ao fim de 187 anos, quando foi desobstruida a entrada da caverna e nesta penetrou a luz do sol.

Há a superstição de que, nascendo sucessivamente *sete* irmãos, sem ter nascido uma irmã, o último tem de ser lobisomem e vai «correr fado». Saí de casa à meia-noite em ponto, deita-se no primeiro espojadoiro de animal que encontra e, ficando assim transformado em burro, cão, gato, etc. (segundo o animal cujo é o espojadoiro) corre nessa noite *sete* montes, *sete* pontes e *sete* fontes, ou, segundo outra ver-

(1) *Dic. de Larousse* e *Alm. Hachette* de 1907, p. 50.

são, *sete* adros (cemitérios) de igreja, *sete* vilas acasteladas, *sete* outeiros e *sete* encruzilhadas.

A quem mate um gato desanda-lhe a fortuna durante *sete* anos. Espelho partido são *sete* anos de infelicidade.

Em Pedrógão do Alentejo desembruxam-se as crianças passando-as por um grande biscoito feito com farinha tirada de *sete* alguidares, cinza de *sete* lares e água de *sete* fontes.

Os povos do norte de Portugal chamam *pedras-de-raio*, ou *pedras-de-trovão*, aos cristais de rocha ou simples seixos rolados, e os do sul dão os mesmos nomes aos instrumentos pre-históricos denominados machados de pedra. Segundo a sua crença, essas pedras — que cuidadosamente guardam como preservativo contra o raio — são os próprios raios, que caem do céu e que, depois de fazerem mil estragos, se afundam na terra, a *sete* varas ou braças, levando *sete* anos para voltarem à superfície, pois sobem uma braça em cada ano (1).

A sepultura denomina-se muitas vezes «*sete* palmos de terra».

Na história de Portugal temos a conhecida tradição da padeira de Aljubarrota, a qual matou *sete* castelhanos com a pá do forno; esta tradição, que é para muitos uma lenda, tem probabilidades a seu favor, e A. Herculano não regeita a veracidade do acontecimento quando reduzido a certas proporções (2).

*

Um facto relativamente recente demonstra a preponderância ainda hoje exercida pela virtude fatídica que astrólogos e alquimistas atribuíram ao número *sete*.

Em 7 de Março de 1925 os aviadores capitão Pinheiro Correia e tenente Sérgio da Silva, e o alferes mecânico Gouveia, tentaram o *raid* Lisboa-Guiné, o qual se malogrou, devido isso a um nevoeiro que obrigou os viajantes a retrocederem e a aterrarem no Algarve, tendo o aparelho sofrido avarias que impediram nessa ocasião o prosseguimento da viagem.

No dia 9 o *Diário de Notícias*, de Lisboa, dava conta do

---

(1) V. Leite de Vasconcelos: *Portugal pre-histórico* (Lisboa, 1885), págs. 43-44, e *Trad. pop. de Portugal* (Pôrto, 1882), § 146.

(2) Artigo publicado no *Panorama*, vol. 3.º da 1.ª série, pág. 414.

insucesso e dizia: «Recebemos do sr. João José Ferraz uma carta informando-nos de que tinha previsto o incidente havido ante-ontem na Quarteira, de que resultou ficar avariado o «Breguet 15» visto os intrépidos aviadores que o tripulavam terem iniciado a sua viagem às 7 horas da manhã do dia 7, o que — segundo diz — é de mau presságio. Acrescenta que todos os dias 7, 17 e 27 do mês são pouco propícios a qualquer empreendimento. Em devido tempo fizemos também referência a uma carta do mesmo senhor, dizendo-nos ter prognosticado o desastre que sucedeu aos aviadores Brito Pais e Sarmento Beires na Índia. O sr. João José Ferraz acrescenta na sua carta de agora que os anos de nascimento terminados em 7 são críticos para doenças ou desastres de péssimo efeito».

Em 27 do referido mês os dois referidos oficiais Correia e Sérgio recomeçaram o *raid*, mas desta vez acompanhados pelo mecânico Manuel António, escoltando o seu aparelho até à Serra da Arrábida um outro — o «Breguet *13*» — pilotado pelo tenente José Carlos Piçarra, que era acompanhado pelo seu camarada Luís Baptista Caldas e por Mário Graça, «reporter» do jornal *O Século*.

No regresso à Amadora êste avião foi despedaçar-se em Barcarena, morrendo o tenente Piçarra e o Graça.

Logo João José Ferraz escreveu ao *Diário de Notícias* uma carta, da qual esta fôlha publicou os seguintes trechos ao registar o desastre no seu número do dia 28: «Por mais de uma vez tem sido publicadas cartas minhas no seu conceituado jornal, e nelas digo que os dias 7, 17 e 27 de cada mês são dias críticos e fatais: fogos, roubos, desastres e acontecimentos dolorosos. Parece-me que muita gente não tem dado crédito a estas minhas profecias, e da sua teimosia vão tirando resultado funesto. Os distintos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral por embarcarem às 7 horas tiveram uma viagem desastrosa. O mesmo sucedeu a Sarmento Beires».

Aí por 1912 ou 1913 apareceu no meu cartório notarial de Leiria um cliente, a quem não conhecia, de aspecto místico e ares de profeta, o qual, após breves palavras de cumprimento, fixou o calendário de parede — que marcava uma data terminada em 7 — fez certo gesto fisionómico de repulsa e disse que não gostava das datas que tivessem «algarismos de rabo», porque eram infaustas.

Segundo uma superstição popular recolhida in *Lusa*, I, 65,

o número 77 é agoirento porque são duas machadinhas, e é uma idade perigosa por isso, e morre muita gente com ela.

*

Os romances e contos populares, as orações, etc., fazem muitas vezes alusão ao número *sete*.

No romance a *Infanta de França* (versão do Pôrto) diz-se:

Sete fadas me fadaram
por *sete* anos e um dia (1).

No romance *D. Marcos* (Versão do Alentejo):

. . . .
de *sete* filhas que tenho
nenhuma saiu varão!
. . . .
sete anos andei na guerra
sem ninguém me conhecer (2).

D. Silvana (Versão do Alentejo):

Ao fim de *sete* anos e um dia
assomou-se à sua janela,
a mais alta que havia,
. . . .
Oh! Silvana malfadada,
que há *sete* anos e um dia
me tens feito mal casada (3).

A Nau Catrineta:

. . . .
vejo *sete* espadas nuas
que estão para te matar (4).

---

(1) Apud Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, pág. 285.

(2) *A Tradição*, I, 71-72.

(3) Idem, IV, 14.

(4) Garrett, *Romanceiro*.

Há alusão ao número *sete* em vários outros romances, como: *Oração dos pastorinhos*; *D. Ausênia*; *D. Pedro*; *No alto daquela serra*; *Oh que linda rosa branca*; *Maravilhas do meu velho*; *Santa Iria*; *Na entrada do Maio*. O primeiro vem na *Rev. Lus.*, I, 114, e os restantes no *Romanceiro Português*, de Leite de Vasconcelos (Lisboa, 1886) (1).

Uma *Oração dos anjos da guarda* começa assim:

Graças a Deus
que já me deitei,
com *sete* anjos
me encontrei.

No conhecido anfiguri que começa:

Era não era,
andava lavrando,

há estes versos:

Fui por êsses vais abaixo,
encontrei um ninho de cartaxo,
com *sete* ovos de abetarda,
deitei-os à minha galga,
tirou-m'os a minha burra parda;
tirou-me *sete* galguinhos
. . . .
Fui-me à cata dela;
estavam lá detrás duma carrasqueira
sete lobos a comerem nela (2).

As botas de *sete* léguas aparecem em vários contos de fadas.

Na crónica espanhola dos *Sete* Infantes de Lara, cuja lenda é muito conhecida, é diante de um jôgo de tablado que principia o drama sanguinolento que deve levar à

---

(1) Volume 121.º da *Biblioteca do Povo e das Escolas* (16.ª série).

(2) Apud *Rev. Lus.*, I, 347-348.

morte os *sete* filhos de Gonzalo Gustioz, senhor de Lara e de Salas.

*

Cantigas populares:

Anel das *sete* pedrinhas
salta fora do meu dedo,
que tu foste o causador
de eu tomar amor's tão cedo.

Estudante, deixa a arte
dá-me falas ao jardim:
mais vale uma hora d'amor's
que *sete* anos de latim.

Algum dia p'ra te ver
saltava *sete* quintais;
agora nem um nem dois,
nem uma passada mais.

Quem me dera ver meu bem
trinta dias cada mês,
sete dias na semana,
cada instante uma vez.

Vossê a mim não me leva
a contar-me maravilhas;
foi vossê quem enganou
sete mães, catorze filhas.

Meu anel das *sete* pedras
ninguém o tem senão eu:
antes que meu pai me mate
hei-de amar a quem m'o deu.

O nome do meu amor
com *sete* letras se escreve...
a primeira é um A,
as outras ficam em breve.

CXXXVII

Morrer em cheiro de santidade

Morrer com fama de santo, com a reputação de vida virtuosa e santa: «... e o santo homem veio para aqui e fêz aquela choça, onde, ao cabo de cinco anos de vida contemplativa, *morreu em cheiro de santidade*» (Camilo, *O Santo da Montanha*).

Esta locução funda-se na crença popular de que das sepulturas dos santos emana uma fragrância agradável — *o cheiro de santidade.*

De S. Severino, apóstolo, diz o *Flos Sanctorum* de Fr. Francisco de Jesu Maria Sarmento (Lisboa, 1789, I, 46) que seis anos depois da sua morte os monges abriram o seu sepulcro «que acharão sem lesão alguma e os consolou a todos com huma fragrancia suavissima.»

Segundo a mesma obra (I, 17), S. Semeão Estilita tendo-se inclinado para fazer a sua oração, nessa postura se conservou três dias, sem que ninguém ousasse desperta-lo, «até que depois de tres dias, a suave fragrancia, que manava do seu corpo, e huma especie de resplandor, que sahia do seu rosto, deo claramente a conhecer, que elle passára da presente vida para a eterna.»

Fr. Diogo do Rosário, no vol. 2.° do seu *Flos Sanctorum*, apresenta êstes casos:

1.° — A pág. 163, falando da condução do cadáver da Rainha Santa Isabel para Coimbra, conta que «no caminho se vio com susto manar do caixão certa humidade, que julgandose por humor da corrupção, a experiencia os desenganou, conhecendose, que era hum oleo aromatico, que manava com grande cheiro, o qual recolhião em lenços, acrescentandolhe este gosto a saude, que recobrarão dous da companhia opprimidos de cesoens, tocando com fé o caixão.»

2.° — A pág. 273 diz que em 1582 o Papa Gregório XIII mandou desenterrar o corpo de S. Félix, Papa e Mártir, «o qual foi achado inteiro, incorrupto e cheiroso.»

3.° — A pág. 691 diz de Santa Teresa de Jesus: «Sobre-

veyo áquelle precioso cadaver huma fragrância suavissima, e era tanta a força do cheiro, que foy necessario abrir todas as janelas para o poder soffrer.»

José de Sousa, no seu livro *O Misticismo* (Lisboa, 1895), pág. 89, diz que o *cheiro de santidade* não é inverosímil, e transcreve estas palavras do médico dr. Charbonnier Debatty (*Maladies et facultés diverses des mystiques*, pág. 43): «Desde o momento em que se admita a abstinência, os místicos devem exalar um cheiro diferente do que exalam aqueles que comem, e não nos repugna admitir que, em certos casos, êste cheiro fôsse agradável. Mudaram-se as secreções; não há ureia no sangue, ou quási nenhuma; o sangue encerra outros elementos, diferentes dos que lhe fornece a alimentação habitual, e, como os vegetais alimentados diferentemente, apresentam outro cheiro. Não há matérias fecais nos intestinos, nem bilis no fígado, nem urina na bexiga. Que há de extraordinário que o cheiro seja diferente? Examinado de perto as funções da pele, os gazes expirados pelos pulmões em seguida a um prolongado jejum, os contidos no sangue, talvez pudesse achar-se o que produz aquele cheiro particular.»

A págs. 90-91 do referido livro, diz ainda José de Sousa que, segundo Hammond, citado por Augustin Galopin (*Le parfum de la femme*, p. 201) o *cheiro de santidade* não é uma simples figura de retórica, «é a expressão de uma *santa* nevrose perfumando a pele de eflúvios mais ou menos agradáveis, no momento do paroxismo religioso extático.»

Creio que a locução *morrer em cheiro de santidade* pode ter plausível origem nesta prática narrada por César Cantu, na sua *História Universal* (1): «Os primeiros cristãos enchiam os cadáveres de aromas; daí êsse perfume suave, que às vezes saía dos túmulos quando se abriam, e que foi considerado por alguns como indicação de santidade.»

*

O curioso fenómeno de se encontrarem mais ou menos intactos cadáveres sepultados há muitos anos, não é uma particularidade peculiar dos mártires. N*O Jornal*, de Lisboa, de 27-II-921, lê se a seguinte notícia: «**Um caso curioso.** Há 32 anos sepultou-se em campa rasa, no cemitério de

(1) Trad. de Manuel Bernardes Branco, IV, 153.

Arcozelo, em Gaia, D. Maria Adelaide de S. José Gama. Há 5 anos foi exumado o cadáver, verificando-se que estava absolutamente incorrupto. Foi encerrado em caixão de chumbo e inumado em jazigo de uma família abastada. Ontem foi o jazigo aberto para serem os restos mortais transferidos para capela própria, sendo de novo encontrado o corpo intacto. Amanhã estará exposto ao público na capela do mesmo cemitério.»

Geralmente o povo das nossas aldeias considera santa a pessoa cujo cadáver, ao ser exumado passados anos, se encontra incorrupto. Assim aconteceu, por exemplo, no caso que o jornal *O Século*, de 16-V-922 narra por esta forma: «*Peravelha (Moimenta da Beira)*, 15. — C. — Continua sendo comentadíssimo o caso da descoberta, em Vila Chã de Cangueiros, do cadáver incorrupto do padre Julião, falecido há 25 anos e a quem o povo já chama santo, sendo cada vez maior a afluência à igreja, aonde êle está em exposição, de pessoas que ali vão apreciar de «visu», o extranho fenómeno. A autoridade superior do distrito mandou sepultar os restos mortais do padre Julião, e assim se fêz; mas as mulheres do povoado logo que tiveram conhecimento disso, juntaram-se, tocaram os sinos a rebate e, não consentindo sequer a aproximação de qualquer homem, voltaram a desenterrar o cadáver, o qual lá está outra vez exposto até que esteja concluido o jazigo de vidro em que tencionam encerrá-lo. É curiosa a maneira como ao povo de Vila Chã de Cangueiros ocorreu abrir a sepultura do padre Julião, pois determinou essa resolução o facto de um indivíduo de nome Alberto Felício Duarte ter sonhado durante 45 noites consecutivas que o corpo do santo — como lhe chamam agora — estava intacto e com as unhas muito compridas. Efectivamente, como algumas pessoas se decidissem, um dia, a certificar-se do que haveria de real a tal respeito, foi encontrado, então, o cadáver tal qual o Felício Duarte o sonhara, apenas ennegrecido no rosto e nas mãos.»

*

Se para explicar o fenómeno da incorrupção basta muitas vezes a composição química do terreno em que a inumação se fêz, outras vezes parece bastar a própria vida dos místicos, conforme o seguinte trecho de já citado dr. Charbonnier Debatty, e que José de Sousa transcreve a pág. 91 do seu referido livro: «Pelo uso dos alimentos antidesperdiça-

dores, por abstinências forçadas e repetidas, pode-se fazer adquirir aos tecidos uma faculdade de estado que chamamos *mumificação viva* e que os acompanha na sepultura. Uma vez que se estabeleceu o equilíbrio entre as receitas e as despesas, isto é, a suspensão quási completa das funções, os tecidos que já não obedecem, em vida, ao duplo movimento de composição e decomposição, continuam a não obedecer a essa lei quando depostos no solo... Esta mumificação cadavérica não pode ser explicada senão pela abstinência.»

Quem nos dá uma curiosa explicação do caso é o venerável Beda, no livro *De nativitate infantium*, pág. 397, pois, segundo, Curvo Semedo (1), é opinião daquele autor «que as crianças, que nascem a 27 ou 30, ou 31 de Janeyro se não corrompem os seus corpos, se nam depois de estarem muytos anos na sepultura.» Crente neste princípio, acrescenta Curvo Semedo: «não observey isto ainda; mas pode observarce por curiozidade quando se acha algum corpo incorrupto, examinando pelo dia que nasceu a tal pessoa.»

Francês: *Mourir en odeur de sainteté.*



CXXXVIII

Trabalhar para cidade [ou para o concelho]

Fazer algum trabalho que não se aproveita. — Trabalhar sem lucro; perder o tempo.

Estas locuções podem ligar-se tanto à obrigação da prestação de trabalho a favor do Estado, do Município ou da Paróquia, como à de exercer certos cargos gratuitamente ou com pequena remuneração (cf. neste artigo, *ofício de concelho, honra sem proveito*), ou, ainda, a ambas essas obrigações.

O dever de prestar trabalho começou logo nos princípios da nossa história, em satisfação da anúduva, a qual consistia

(1) *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte.* Lisboa, 1720, pág. 444.

em trabalhar — gratuitamente, já se vê — na construção de castelos e difícios do Estado. Êsse serviço tocava a tôdas as classes populares, e era para os peões o mais pesado de todos, pois tinham o trabalho manual, ao passo que os cavaleiros vilãos tinham sòmente de dirigir, a cavalo, as hordas dos trabalhadores. O contribuinte podia eximir-se a êsse serviço, pagando um tributo em dinheiro, que se chamava o *morabitino de maio* (1).

No tempo de D. Fernando, quando as tropas castelhanas cercavam Lisboa e arrasavam tôda a parte que ficava fora dos muros, pensou aquele soberano em tornar a cidade defensável cigindo-a de nova cêrca torreada, que abrangesse os arrabaldes. Para o conseguir fêz desta obra uma anúduva para as populações vizinhas, que trabalhavam por *corpos ou por dinheiro*, como diz Fernão Lopes, servindo uns por *adua* (*ou anúduva*, que quere dizer, trabalhavam êles mesmos) e outros *davam certas fornadas de cal, a qual traziam a sua custa à cidade, em barcas* (2).

Houve também a *correria*, obrigação que tinham os moradores de algumas terras de fazerem uma caminhada para o Estado, de fazerem, emfim, o serviço do correio (3).

Eduardo Freire de Oliveira, nos seus *Elementos para a história do município de Lisboa* (Lisboa, 1887) — tomo II, pág. 156-157, cita a provisão régia de 9 de Agosto de 1606, na qual se ordena que em todo aquele mês vão trabalhar na obra da *ponte de Linha Pastor* (ponte que servia Sintra, Cascais, Colares, Cheleiros e sem têrmos) cinqüenta homens «per turno, cada dia, de cada hũa das ditas villas e seu termo, no que lhes for ordenado, o que cada hũ fará no seu dia de graça, visto como não pagão para a dita obra, e he em proveito de todos.»

(1) V. Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade* de *homens de letras*, vol. I, pág. 103, onde se elucida, em nota, acêrca do *morabitino de maio*: «Êste nome era também dado à *fossadeira*, porque era sempre em Maio, com o florescer da primavera, que se empreendiam as correrias contra os Moiros, e as obras de utilidade pública. *Morabitino* era uma das moedas do tempo.»

(2) Idem. I, pág. 257.

(3) Idem, I, pág. 106.

Ainda hoje existe o impôsto municipal de prestação de trabalho, em obras de construção e reconstrução de caminhos concelhios e paroquiais, e de fontes públicas. Êsse serviço é prestado em um dia de cada ano por pessoas, animais ou veículos, e pode ser remido pelo valor correspondente em dinheiro (1).

CXXXIX

Trabalhar para o bispo

O mesmo que *trabalhar para a cidade*: «De pequenino se torna o pepino; quere-lo torces depois de medrado é quási o mesmo que *trabalhar para o bispo.*« (Augusto Sarmento, *Contos ao soalheiro)*.

Esta locução pode aludir ao costume que tinham os bispos de saldarem as suas contas com bençãos e indulgências.

Esp.: *Trabajar por el Obispo.*

Ingl.: *To work for the bishop.*

Os franceses dizem, no mesmo sentido, *travailler pour le roi Prusse*, porque os primeiros reis da Prússia não eram generosos, e Frederico II, o *Grande* (séc. XVIII) pagava aos seus soldados apenas o sôldo de trinta dias em cada mês, fazendo assim reverter em seu proveito o dinheiro que representava o pagamento do último dia, nos sete meses do ano que teem 31 dias. Aquele monarca pagava mesquinhamente aos operários franceses que empregava (2).

---

(1) V. o *Cod. Adm.* de 4 de Maio de 1896, art. 68.°, n.° 3; art. 176.°, n. 25, e art. 188.°, n.° 11; lei n.° 88, de 7 — Agosto — 1913, art. 113 e dec. n.° 12:386, de 28 — Setembro — 1926.

(2) L. Martel, *Petit recueil des proverbes français*, § 211.

CXL

Muitos anos viva o correio-mor, que nos pôs de cavalo

Vem nos *Apólogos dialogais*, de D. Francisco Manuel de Melo, e nas *Enfermidades da língua* [1].

CXLI

Queixar-se ao bispo

Queixar-se a quem não tem competência para providenciar

No nosso direito antigo os bispos gozaram de importantes prerogativas de autoridade civil, em parte resultantes de leis que tiveram por objecto privilégios e isenções das corporações e pessoas eclesiásticas.

---

(1) O primeiro correio-mor que houve em Portugal, foi Luís Homem, cavaleiro da côrte, nomeado aos 6 de Novembro de 1520 por D. Manuel, que passa por ter sido o instituidor dos correios em Portugal.

O ofício de correio-mor era dado por privilégio a qualquer fidalgo da Casa Real a quem o rei julgasse digno, por seus merecimentos, de desempenhar tão importantes funções.

Competia àquele funcionário organizar as postas onde necessário fôsse, e fazer circular os correios a-pé, ou os mensageiros a-cavalo. Ao longo das estradas foram estabelecidas estações ou mudas, com agentes encarregados da sua manutenção e da guarda dos cavalos para os correios.

Do *Livro das grandezas de Lisboa*, de Fr. Nicolau de Oliveira (Lisboa, 1620, pág. 93) consta que existiam então «hum Correo mor cõ doze de cauallo & trinta de pé & algũas vezes mais.»

Era ofício rendoso o de correio-mor, porque êste funcionário usufruia os proventos que hoje recebe o Estado pelo transporte da correspondência.

Os principais deveres do correio-mor eram: 1.° — residir em Lisboa; 2.° — estabelecer tantos *mestres de posta* quantos fôssem necessários para a entrega das cartas e satisfazer às

Os poucos conhecimentos que então havia dos principios de Direito Público, fizeram que os monarcas condescendessem com as exorbitantes pretenções do clero, o qual considerava os privilégios de sua ordem, ainda em matérias puramente temporais, não só como mercês do soberano, mas como direitos próprios que lhe pertenciam por lei divina, em razão do ministério que exercia.

Os privilégios obtidos pelo clero foram sendo cerceados pouco a pouco pelos reis e pelos municipios, e na demanda com D. Afonso IV, o bispo e o cabido do Pôrto alegavam os antigos direitos da igreja sôbre a cidade serem os seguintes:

Direitos e costumes em que o rei os agravava:

1.° — Que o bispo nomeava os juizes, e estes não eram eleitos pelo concelho; 2.° — Que o alcaide e os tabeliães eram nomeados pelo bispo; 3.° — Que o bispo tinha o senhorio directo dos terrenos da cidade; 4.° — Que as causas maritimas

---

requisições dos particulares; 3.° — ajustar com os interessados os preços dos portes da correspondência; 4.° — prestar o devido juramento na chancelaria régia; 5.° — os seus empregados usariam de armas reais nos vestidos, trariam espada e punhal.

Entre os privilégios que gozariam êsses homens, avultavam os de serem isentos dos cargos e serviços do concelho, de fintas e dizimos; os seus haveres não podiam ser penhorados, nem êles podiam ser presos por dividas, e em viagem tôdas as autoridades lhes facilitariam mantimentos, bêstas, guias e tudo o mais de que carecessem.

Segundo Pereira e Sousa, no seu *Esbôço de um dicionário jurídico* (Lisboa, 1825-27), s. v. «correio», o oficio de correio-mor foi extinto por decreto de 18 Janeiro-1797; parece, porém, que subsistiu até o estabelecimento do regimen constitucional, tendo sido último correio-mor o Conde de Penafiel.

Vid.: *O correio através dos séculos*, por Henrique Melillo, secretário no Ministério dos Correios e Telégrafos de Itália, em Roma, in *Enciclopédia das Famílias*, 19.° ano (1905) pág. 390; *A indústria portuguesa (séc. XII a XIX)*, por J. M. Esteves Pereira (Lisboa, 1900) pág. 22; *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos, s. v. «Correio-mor».

corriam perante os juízes postos pelo bispo; 5.º — Que as execuções, até por dívidas reais, eram feitas pelos mordomos do bispo e não por porteiros do rei, com a excepção de não levar o bispo os direitos do estilo nas execuções fiscais; 6.º — Que o alcaide do bispo é que fazia as prisões na cidade, não entrando lá as justiças reais; mas quando os presos eram de fora e os reclamavam, o alcaide os vinha entregar fora da cidade; 7.º — Que só pagava a igreja do Pôrto de colheita a el-rei 16 maravedis vélhos; 8.º — O rei entrando no Pôrto só se podia demorar um dia; 9.º — Quando as barcas chegavam de França à cidade do Pôrto, o almoxarife de el-rei punha aí um homem em cada barca, e o bispo e o cabido outro, e estes homens guardavam os panos e outras coisas que aí andavam, até que eram tôdas dizimadas; e dizimavam as barcas, e davam logo o seu direito à igreja.

Direitos e costumes em que os agravava o concelho:

1.º — Que todos os actos judiciais se praticavam pelos magistrados postos pelo bispo, ou perante êle ou seus vigários, e a êle iam as apelações; 2.º — Que antigamente era o bispo e o cabido quem nomeava o provedor da gafaria da cidade; 3.º — Que o cabido nomeava cada mês um almotacé ou dois de entre si, que ia almotaçar com os que nomeava o concelho, e trazia balanças para pesar o pão e fazia justiça a tudo o mais que pertencia ao ofício de almotacé, e mandava lançar o pregão pelos pregoeiros sôbre matéria de almotaçaria; 4.º — Que para morar na cidade moiro ou judeu era necessário licença do bispo; 5.º — Os pêsos e ressios da cidade pertenciam à igreja, donde se provava o senhorio; 6.º — A igreja recebia um almude de cada carga de bêsta de vinho ou vinagre que entrava na cidade, não sendo de vizinhos; 7.º — O muro velho que passava ao pé do adro da Sé era do bispo (1).

O clero conseguiu muitas coisas de D. João III, mas no reinado de D. Sebastião obteve outras ainda mais importantes, em prejuízo dos direitos da Coroa, e da utilidade do Estado, tendo sido excessivos os privilégios concedidos pela

(1) V. Almeida Garrett, *Arco de Sant'Ana*, nota *F*, onde se cita a *Chancelaria de D. Afonso IV*, liv. 2.º, fol. 7 v.º.

concordata daquele soberano, feita em 18 de Março de 1578, depois que o Concílio Tridentino (1545-1563) dera aos juízes eclesiásticos o direito de conhecerem de muitas coisas temporais e de executarem as suas sentenças ainda mesmo contra os leigos ([1]).

Todos estes direitos e, porventura, outros, explicam a locução, mais tarde invertida no seu sentido.

O recurso para o bispo existiu no direito visigótico, segundo o qual a parte lesada podia, conforme os casos, apelar para o rei, para o duque, ou para o bispo ([2]).

CXLII

Ofício do concelho, honra sem proveito

Ofícios do concelho, cargos do concelho e oficiais do concelho, são designações que se encontram nas Ord. Filip., liv. I, tít. 67, onde se provê àcêrca da eleição para êsses cargos ou ofícios, que eram — por ventura além de outros — os de juízes, vereadores, procuradores, tesoureiros, «onde os ouver», escrivães da Câmara, juízes e escrivães dos órfãos «onde se costuma havê-los por eleição», juízes dos hospitais, «nos Lugares onde ouver Juizes per si, apartados dos ordinários», e almotacés. A eleição era por três anos (liv. e tít. cit., § 1.º).

O adágio poderia, talvez, ser extensivo a outros cargos, como os de quadrilheiro e alcaide pequeno (de que tratam os tít. 73 e 75 do liv. 1.º das citadas Ord.) e aos homens-bons ([3]).

Numa carta de privilégios, datada de 12 de Janeiro de 1520 e concedida pelo rei D. Manuel a D. Miguel da Silva,

---

([1]) V. *Prelecções de Direito Pátrio*, de Ricardo Raimundo Nogueira (1795 a 1796) in *Jornal de Jurisprudência*, 3.º ano (1867) n.º 7, pág. 101.

([2]) V. César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de Manuel Bernardes Branco, IV, pág. 371; e Coelho da Rocha, *Ensaio sôbre a história do govêrno e da legislação em Portugal*, 1841, pág. 28.

([3]) Nos primeiros periodos da nossa organização municipal, *homens-bons* eram individuos escolhidos entre os mais notáveis do concelho, para julgarem as contendas entre os

encontra-se a seguinte alusão aos *cargos do concelho*: «E outro sy mandamos que os seus caseiros que esteuerem em suas quimtas ou que morarem ẽ seus casaaes sem engano e malicia sejam escusados dos emcarguos de comcelhos e de hirẽ com presos nem com dinheiros nem pagarem na bolsa que per elles em aalgũs luguares he ordenado nem seruirem em os comcelhos aonde som moradores nem siruam elles per maar nem per terra nem serem oficiaees nem auerem officioos em os ditos comcelhos comtra suas vomtades nam sendo dos da gouernança da terra, convem a saber Juizes vereadores precurador porque destes officioos nam escusa nenhuũ priuilegio..» (1).

Ascendendo a épocas bem mais antigas, encontramos no primeiro período da nossa história a obrigação de os jugadeiros (donos das *jugarias*) servirem um ano, ou mais, algum emprêgo público, tal como mordomo do fisco, etc. (2).

Ainda hoje se exercem gratuitamente certos cargos, como sejam: no concelho o de vereador municipal, e na paróquia o de membro da Junta da Freguesia (denominação que depois da implantação da república passaram a ter as Juntas de Paróquia) o de regedor e o de cabo de policia. De todos, apenas os regedores recebem eventualmente uns insignificantes emolumentos, que em nada modificam a gratuitidade das suas funções. Nas paróquias rurais, esses magros proventos são raros, havendo até algumas em que os regedores completam o seu exercício sem terem recebido coisa alguma.

Em Hernan Nuñez, *Refranes: Oficio de Concejo, honra sin provecho.*

---

moradores de certas terras (Cf. o adágio *homens bons e pichéis de vinho, apaziguam o arruído*).

Os *homens bons*, com os alvasis e o alcaide, formavam um tribunal em que se julgavam certas causas importantes (V. Pinheiro Chagas, *Hist. de Port. por uma sociedade de homens de letras*, I, 112 e 116).

As Ord. Filip., liv. 1.º, tit. 67, § 14.º ainda aludem aos *homens-bons*, fazendo-os intervir na eleição dos almotacés.

(1) Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 44, pág. 80 v.º (Apud Sousa Viterbo, *A jardinagem em Portugal* in *O Instituto*, de Coimbra, vol. 56.º, pág. 110).

(2) Vid. Pinheiro Chagas, obra cit. na nota 1, I, 106-107.

CXLIII

Quintos dos infernos ou: **Quintos**

1.º — *Local muito afastado, cuja verdadeira situação se ignora, ou cuja distância se não pode calcular:* «Fulano mora lá para os *quintos dos infernos*»; 2.º — *O inferno:* «... lastimei que... não tivesse entrado ali em casa, antes do papagaio, o tão temido ar, que levasse p'ros *quintos* o raio da megera!» (Abel Botelho, *Livro de Alda*).

É obscura a oirgem da locução. Querem uns que esta se refira à povoação dos Quintos (Santa Catarina, no concelho e distrito de Beja) situada muito próxima da fronteira e que, em tempos idos, era para aqueles lados a última povoação de Portugal. Quando se queria mandar alguém para o inferno havia uma maneira cortez e muito católica de o fazer, dizendo-se-lhe: *vá para os Quintos!*

Naturalmente a locução ficou; quando a situação pedia uma frase enérgica, juntava-se à locução clara a locução metafórica e dizia-se: *vá para os Quintos dos Infernos!*

Esta versão — que é corrente no Alentejo — foi publicada por um anónimo no *Jornal do Domingo* (Lisboa, 1882, II, pág. 47) e perfilhada na *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos, s. v. «Quinto».

Outra origem atribuida é radicada no antigo tributo do «quinto», que vinha do Brasil, de onde era anualmente transportado para Lisboa na «nau dos quintos», e cuja arrecadação foi regulamentada pelo alvará de 3 de Dezembro de 1750, que aboliu a capitação das minas e chamou ao imposto «direito senhorial dos quintos». Ficou até a locução, hoje esquecida, *ir na nau dos quintos* (1), equivalente a «ir degredado para o Brasil» e que Cândido de Figueiredo regista no seu dic.

Àcêrca desta versão lê-se no *Alm. de Lemb.* de 1896,

(1) Cf. as loc.: a) *Isso nem a nau dos quintos* — «isso é uma coisa que nem a maior riqueza pode suplantar ou igualar»; — b) *Vale mais que a nau dos quintos*, que outrora se dizia a propósito de uma coisa de valor incalculável.

pág. 173, que «o povo tinha tal rixa ao encargo, que o denominava *quintos dos infernos*, e depois, já quando o não pagava, cuidando que os quintos era mau lugar, ficou dizendo, e ainda agora diz como praga: *vá para os quintos dos infernos!*»

Apareceu também uma opinião anónima, que Cândido de Figueiredo registou, sem comentários, na sua secção *Falar e escrever*, do *Diário de Notícias* (consulta n.º DCLXXI) e segundo a qual as expressões *vai para os quintos! Isto só nos quintos de Madrid*, procedem de noutros tempos se quintarem em Madrid os implicados em sedições, quando se não conheciam os verdadeiros culpados, garrotando-se um sorteado em cada grupo de cinco. Os actos de quintar eram os *quintos*.

Desconhecia a forma alusiva aos *quintos de Madrid*, mas, a querer-se filiar naquele género de castigo a alusão aos *quintos*, parece-me não haver necessidade de se falar num costume de Espanha, quando — segundo já li algures e ouvi a antigos — também no nosso país se quintavam às vezes os soldados para castigo corporal, quando era desconhecido o delinqüente.

Não vale porém a pena considerar esta opinião, tão fracamente alicerçada ela se apresenta.

*

A primeira versão — conquanto de fundamento muito duvidoso — parece-me a mais aceitável. Na linguagem do nosso povo é vulgar a expressão *isso fica lá para casa do diabo* (ou *para casa do diabo mais vêlho*), para aludir a um local muito afastado ou de situação ignorada.

Com o mesmo sentido se diz *é lá para o inferno* e *para lá do inferno três léguas*, expressões semelhantes a *para lá de Castro Marim três léguas*; e tanto Castro Marim como os Quintos são localidades dos confins da nossa fronteira, e outrora bem mais inacessíveis pelo atrazo da viação e falta de estradas.

É ainda de notar que, sendo o inferno um lugar de expiação, as nossas leis antigas puniam certos criminosos com degrêdo para Castro Marim [1].

---

[1] Isto sucedia por exemplo, e com excepções, nos cri-

Cf. ainda as locuções *andar pelos infernos* e *andar pelos quintos* = *andar por casa do diabo*, isto é, por muito longe ou por sítios ignorados.

Da segunda versão não é para desprezar a alusão às terras do Brasil, de onde vinha o *quinto* (imposto de 5 % que o erário português ali cobrava das minas de oiro) terras que os antigos meios de comunicação tornavam mais afastadas e misteriosas e para as quais Portugal também degradava criminosos (¹).

A aversão ao tributo do *quinto* considera-o descabida

---

mes de: *concubinato* (Ord. Filip., liv. 5.°, tit. 28, § 1.°, e tit. 33 pr.); *incesto* (id. liv. 5.°, tit. 17, § 3.°); *adultério* (id. liv. 5.°, tit. 26, § 1.°); *furto* (id. liv. 5.°, tit. 60, § 6.°).

Tinham igual pena as que *dessem ou alugassem casas a ciganos* (dec. de 30 de Julho de 1648 e alv. de 5 de Fevereiro de 1649).

A legislação antiga chamava a semelhante pena *degrêdo*.

Pelo código penal de 10 de Dezembro de 1852, passou a denominar-se *destêrro* a pena que obriga o reu a «permanecer em lugar determinado pela sentença, no continente ou ilha em que o crime fôr cometido, ou a sair da comarca por espaço de tempo que não exceda a três anos» (art. 39.°). A denominação «pena de degrêdo» ficou restrita à condenação de permanência em qualquer possessão ultramarina (art. 35.°).

Tais denominações, são ainda hoje as aplicáveis em face do actual código penal, de 16 de Setembro de 1886, arts. 60.° e 65.°.

Talvez os Quintos também houvessem sido lugar de destêrro, visto que esta pena (sob a já dita classificação de *degrêdo*) se determinava às vezes *para a fronteira*, em lugar fixado pelo julgador, como foi estatuido, por exemplo, para «os que comprassem trigo por menos, para venderem mais caro». (Alv. de 20 de Outubro de 1651 e dec. de 25 de Janeiro de 1679 e 12 de Agosto de 1695).

(¹) Isto dava-se, com excepções, em muitíssimos casos, dos quais citarei: *moeda falsa* (Ord. Filip., liv. 5.°, tit. 12, § 4.°; alv. de 17 de Outubro de 1685 e 13 de Julho de 1797; e lei de 9 de Agosto de 1686; *assuada* (Ord. cit., liv. 5.°, tit. 45, pr.); *arrombamento de cadeia* (alv. de 28 de Abril de 1681 e lei de 20 de Julho de 1686); *desafio* (Ord. cit., liv. 5.°, tit. 43, § 2.°).

para o caso. Se o imposto se tornava odioso não era para nós, os do continente, mas sim para os habitantes do Brasil, que o pagavam (¹).

O romance *Na entrada do Maio* começa assim:

Na entrada do Maio
e na saída da primavera,
principiou el-rei D. Fernando
a deitar *quintos* pela terra.

(Do *Romanceiro Português*, de Leite de Vasconcelos, Lisboa, 1886, pág. 52).

CXLIV

Olhos de basilisco

Olhos maus, que exprimem cólera ou ódio terríveis

Na crença dos antigos, o basilisco era uma serpente monstruosa, de olhar incendiário e mortífero, que podia também matar apenas com o bafo, ou — até depois de morta — por simples contacto.

Julgava-se também que o olhar do basilisco era tão terrível que o réptil se matava a si próprio vendo-se ao espelho (²).

O basilisco matava com o olhar todos os seres que fitava

(¹) A entrega do *quinto* nasceu nas eras primitivas. Constrangidos pela fome, os povos do Egito vendem a José, para Faraó, as suas terras, que José lhes entrega novamente para lavrarem, fornecendo-lhes sementes, com a condição de darem a Faraó o *quinto* das colheitas (Génesis, XLVII, 13, 18, 19, 20, 23, 24 e 26).

(²) Os espelhos são muito antigos. Primitivamente foram de cobre, aço polido, mármore preto e talco.

O *Êxodo*, cap. 38, v. 8, fala da grande bacia do templo de Jerusalém, fundida com o cobre dos espelhos oferecidos pelas mulheres que serviam à entrada do templo.

Aqueles espelhos, muito imperfeitos, faziam, no entanto, parte importante do luxo dos Romanos. Juvenal, *sátira* 2.ª,

antes de por êles ser visto; morria, porém, se o homem o visse primeiramente. Esta lenda existiu em algumas localidades de França onde as crianças, quando receiavam encontrar o réptil, não cessavam de gritar: «vai-te, basilisco!» (¹).

Alguns figuravam o basilisco com três coroas ou círculos brancos na cabeça, e por isso os antigos lhe chamaram *rei das serpentes*.

Informa Carvalho, na sua *Corografia Portuguesa*, I, 308, que «no Minho, entre as freguesias de Barcelos, a que chamam S. Salvador de Campo, segundo a tradição dos naturais, foi no Mosteiro de Freiras que tôdas morreram de vêr um basilisco» (²).

Na *Monarquia Lusitana*, liv. 7, cap. 15, fala-se de um papa que «matou com virtude de suas oraçoens hum Baselisco, que com sua vista, e alento mortífero, tinha tirado a vida a muytas pessoas...» (³).

Ao olhar fatal do basilisco há esta alusão na *Aulegrafia*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, act. 4.º, sc. 4.ª: «Eu não sou Basalisco, que mata com a vista...».

Ocorrem na Bíblia várias referências ao basilisco, como por exemplo nos Salmos, XC, 13, nos *Provérbios*, XXIII, 32, em *Isaias*, XIV, 29 e *Jeremias*, VIII, 17.

Segundo Leite de Vasconcelos (*Rev. Lus.*, 2.º, 376) acha-se

---

zambando do seu uso pelos homens de guerra, diz: «... Speculum civilis sarcina belli».

Séneca, *lib.* I, *nat. quoest.* cap. 17, grita contra o seu preço excessivo: «Rerum jám potiente luxuriâ, specula totis paria corporibus, auro argentoque caelata sunt, denique gemmis adornata: & pluris unum ex his constitit, quam antiquorum dos fuit illa quae publicé dabatur Imperatorum pauperum filiabus».

E, pouco adiante: «Jam libertorum virgunculis in unum speculum non sufficit dos illa quam dedit Senatus pro Scipione». (Vid. M. Gilbert-Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion* (Paris, 1741) VI, 660-661.

(¹) *Hist. de las creencias, supersticiones, usos y costumbres*, por Fernando Nicolay, vertida al castellano por Juan Bautista Ensañat (Barcelona, 1904, I, cap. VI).

(²) Apud Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «basilisco».

(³) Id. s. v. «oração».

muito espalhada em Portugal, França, Espanha, Alemanha, Dinamarca, etc., a crença de que o galo de certa idade põe um ôvo, do qual sai um basilisco.

Outras versões: *a)* o basilisco provém do ôvo de galo vélho chocado por um sapo [1]; *b)* ou de um ôvo sem gêma chocado em estêrco [2]; *c)* ou do ôvo pôsto por um galo no fim de sete anos; no Minho diz-se que nasce dêste ôvo um lagarto, que mata o dôno da casa — crença que é comum à Itália, França, Inglaterra e Dinamarca [3]. Devido a estas superstições, há no Minho quem não queira em casa o galo vélho, e diz-se ali que é aos três anos que nasce o basilisco do ôvo que êle põe [4].

Em Sevilha, onde corre a locução *tener ojos de basilisco*, recita-se esta cópla:

Si yo fuera basilisco
con la vista te matara,
y te sacara del mundo
porque nadie te gozara.

Também ali existe a tradição de que «el basilisco es un bicho muy raro y feroz que está junto al palacio del Padre Santo en Roma» [5].

Da exibição que, em França, os charlatães e saltimbancos faziam de falsos basiliscos, diz M. C. de Méry [6], ao registar a locução francesa *c'est un regard de basilic*: «Ce que les charlatans et les saltimbanques exposent aux yeux d'un public crédule, pour le basilic, n'est autre chose qu'une petite raie de la Méditerranée, à laquelle ils donnent, en le faisant dessécher, une configuration bizarre».

Os Franceses téem também a expressão *yeux de basilic*.

Àcêrca do basilisco e respectivas superstições, publicou Alejandro Guichot um estudo muito desenvolvido intitulado

---

(1) Apud Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «basilisco».

(2) Ob. cit. na nota 1, VI, 418.

(3) Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 89.

(4) D. Mária Peregrina de Sousa, in *Rev. Lus.*, VI, 134.

(5) V. *Biblioteca de las tradiciones populares españolas* (Madrid, 1884, I, pág. 221).

(6) *Histoire générale des proverbes* (Paris, 1828-29) II, 335.

El mito del basilisco, no 3.º vol. da revista aqui mencionado na nota 9.

Pode vêr-se também o estudo *Le basilic*, de Tuchmann, in *Mélusine*, tômo v.

CXLV

O diabo não é tão feio como o pintam ou, como em Delicado: **Não é o demo tão feio como o pintam**

Uma pessoa não é tão ríspida ou temível como se supunha; uma coisa não é tão má como parecia ser; um assunto é menos árduo do que se pensava. De modo geral o adágio tende a atenuar o exagêro, para mal, em qualquer descrição, representação ou profecia.

Em Gil Vicente *(Amadis de Gaula)*:

El diablo non es tan feo
como Apeles lo pintaba.

Em António Prestes:

quando quero (o diabo) também sou
gentil homem, que Apeles
tão feio não me pintou (1).

De Camões (*Filodemo*, act. II, sc. III):

Não é o demo tão feio
como alguém o quer pintar.

No espírito popular — diz Adolfo Coelho, na *Rev. de ethnologia e glothologia*, p. 152, a concepção do diabo tem, às vezes, traços mais brandos que na imagem apresentada pela Igreja, quer considerado quanto ao seu princípio interno, ao seu

(1) Apud Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, pág. 518, n.º 36.

carácter, quer quanto à sua manifestação, principalmente pelo que respeita de *carácter*.

O diabo é também concebido como tendo a feia aparência de um bode, mas, sobretudo, como tendo pés e cornos de cabra. É a figura tradicional com que o povo tanta vez o vê representado na pintura e na escultura; mas o diabo — diz ainda Adolfo Coelho — apresenta-se muitas vezes como um rapaz bonito, ou uma rapariga esbelta, mesmo como um vélho bem falante. Um ou outro sinal revela a sua natureza.

O diabo figura em certas lendas como generoso, justiceiro, amigo de recompensar quem não manifesta por êle o ódio ou o desprêzo que a Igreja recomenda. Destas suas qualidades fala uma lenda referida por Consiglieri Pedroso (1), segundo a qual, e em sinal de reconhecimento, o rei dos infernos premiou com avultada quantia um pintor que, tendo de fazer o quadro de S. Miguel com o demónio aos pés, se recusou a pintar o Anjo-das-trevas segundo a maneira tradicional, iluminando-lhe, pelo contrário, compadecido, o rosto por alguns traços simpáticos.

Na concepção popular, o diabo é negro — epiteto paralelo ao de feio (cf. «*O diabo é negro*» e «*feio como o diabo*»). Acêrca do epíteto de «feio» e «negro» dado a entidades miticas, vid. também Leite de Vasconcelos, nesta *Revista*, X, 74.

Alem.: *Der Teufel ist nie so schwarz, als man ihn malt.*

Franç.: a) *Le diable n'est pas si noir qu'on le fait*; b) *Il n'est pas si diable qu'il est noir.*

Hol.: *De duivel is zoo Zwart niet, als hij wel geschilderd.*

Ingl.: *The devil is not as black as he is painted* (2).

Itál.: a) *Il diavolo non è cosi brutto come si dipigne* (séc. XVIII); b) (Siciliano) *Lu diavulu nun è tantu bruttu quantu si pinci* (3).

---

(1) *Trad. pop. port.*, in *Positivismo*, IV, 102.
(2) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*
(3) Pitrè, *Proverbi Siciliani.*

CXLVI

O diabo é negro

Segundo o conceito popular, o diabo é *negro*, como vimos no capítulo anterior. Êle representa o Mal e as Trevas, pelo que reüne entre as suas variadas denominações (1) as de *Génio* ou *Anjo do mal* e *Anjo das Trevas*.

No Minho há esta canção popular:

> Já vi o *diabo negro*
> numa lata a comer uvas;
> vai-te meu *diabo negro*
> que és o amparo das viúvas.

*

Para se mostrar às bruxas, o diabo reveste-se, ordinàriamente, das formas de gato *preto*, bode *preto*, cão *preto*, etc., e é sob esta última forma que êle aparece à meia-noite, nos cemitérios, às pessoas que ali vão fazer malefícios, as quais lhe chamam o seu protector (2).

A Sentença do Tribunal do Santo Ofício, que em 1732 condenou a reclusão e degrêdo a Madre Tereza Maria de S. José, acusada de seguir o molinismo, faz referência à confissão da acusada de ter visto o demónio em figura de cabra (3) vélha e *muito preta*, e de saber que o demónio, em

---

(1) Muitas delas podem vêr-se no esconjuro — *cruzes canhoto!* — nêste artigo.

(2) V. Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 172; D. Fernando Garrido, *Hist. das perseguições políticas e religiosas em Espanha e Portugal*, trad. de L. Trindade, Lisboa, 1881, III, pág. 208; e A. Herculano, *Superstições pop.*, in *Panorama*, IV, pág. 162.

(3) Num artigo publicado no *Alm. de Lemb.*, de 1882, pág. 2, diz Frederico de Barros, de Santo Antão (Cabo-Verde) que numa aldeola chamada Benenxa, próximo da cidade da

figura de um *pretinho*, procurava certa noviça para com ela se tratar lascivamente ([1]).

Ao alquimista Bragadini acompanhavam-no dois cães, que com êle foram executados; e o cardeal Crescêncio foi assistido na sua última hora pelo diabo em forma de cão *negro*, que o estrangulou.

No nascimento do visionário alemão Hobzhaussen, aparece-lhe o diabo em forma de cão *negro*: era também nesta figura que aparecia durante o dia à vélha feiticeira do séc. XVI, Maria Lescorière ([2]).

O notável feiticeiro Cornélio Agripa — que, por último, descreu da feitiçaria e a combateu — quando morreu, em 1536, deixou um discípulo e um cão *preto*.

O cão lançou-se ao rio após a morte do dôno; dissiparam-se as dúvidas — era o diabo em figura de cão, que ia acompanhar Agripa para além-túmulo ([3]).

Segundo o Dicionário de Furetière ([4]), os Etiopes pintam branco o diabo, para contradizerem os Europeus, que o representam *negro*.

Àcêrca da côr preta na feitiçaria cf. o adágio *da galinha a preta, da pata a parda*, já publicado nestes «Retalhos», *Rev. Lus.*, vol. XXI, pág. 37.

Praia, tendo-se dado um roubo e havendo desaparecido a pessoa que — por meio de certa prática supersticiosa ali descrita — se considerava como autora do crime, se supôs que essa pessoa fôra raptada por qualquer demónio incubo, e a criminosa (tratava-se de uma mulher) foi procurada em diversos lugares onde «havia fato de cabras, porque crêem que o demónio anda acompanhado de gado caprino».

([1]) Consta de um processo arquivado na Tôrre do Tombo. V. *A Tradição*, IV, pág. 72.

([2]) V. Teófilo Braga, *Lendas cristãs*, pág. 362.

([3]) V. José de Sousa, *O Misticismo*, Lisboa, 1895, págs. 108-109.

([4]) *Dictionnaire Universel* (Rotterdam, 1708) s. v. «diable».

CXLVII

Triste como um cipreste

O cipreste é o símbolo da tristeza e do luto.

Segundo a Fábula, Ciparisso, amigo predilecto de Apolo, possuia um veado, que muito estimava e que, por casual imprevidência, matou por suas próprias mãos. Ciparisso, desgostoso, determinou morrer também. Apolo, condoïdo da aflição do seu amigo, metamorfoseou-o em cipreste — e daqui proveio o simbolismo da árvore.

O cipreste — ornamento ainda hoje indispensável nos cemitérios — foi geralmente considerado pelos poetas latinos como árvore triste.

Horácio fala destas árvores, que ornavam as sepulturas, e com cujos ramos se coroavam, manifestamente contrariados, os sacerdotes de Plutão, ao qual o cipreste era consagrado.

Vergílio e Ovídio falam também do cipreste como árvore fúnebre. Os Gregos coroavam com cipreste Melpomene, a musa da tragédia (1).

CXLVIII

Cruzes, Canhoto!

É uma forma de esconjuro e, também, de espanto, horror, admiração

Canhoto é um dos nomes com que o povo denomina o diabo, o que pode relacionar-se com a significação de mau agoiro dada à mão esquerda (a *canhota*) e de que falei ao tratar da locução *entrar com o pé direito*, a pág. 52 do vol. XXI desta *Revista*.

Entre os nomes pelos quais o povo conhece o diabo, há os seguintes:

---

(1) V. Gubernatis, *La mythologie des plantes*, II, 119.

A tal coisa (¹); *Anjo-das-trevas; Anjo-do-mal; Anjo-mau* (²); *Anjo-negro; Belzebu, Barzabu ou Barzabum; Betordo* (³); *Bicho-feio; Bicho-negro; Canhoto; Cão-negro: Cão-*

(¹) Consta de declaração do feiticeiro Luis de la Peña (supliciado em Évora em 29 de Novembro de 1626), feita no processo arquivado na Tôrre do Tombo sob o n.º 8.179. Cf. as loc. *é a tal coisa* e *é a tal coisa que anda de noite*, que se empregam para notar a desarrazoada insistência ou teimosia de alguém, ou que uma coisa nos importuna e aborrece.

(²) Todos os anjos tiveram no princípio o Espírito Santo, pela graça santificante que Deus lhes deu ao mesmo tempo que criou a sua natureza. Mas como Deus só coroa os que tiverem combatido (*Tim.*, II, 5), submeteu os anjos a uma prova, para que se tornassem merecedores da eterna bemaventurança como prémio; fêz aos anjos o que mais tarde fêz ao homem.

Nesta prova sucumbiram muitos anjos e perderam, com o Espírito Santo, a graça santificante; não permaneceram, diz Jesus, na verdade (S. João, VII, 44). Quiseram ser iguais a Deus, como se depreende de *Isaías*, XIV, 12. Travou-se então uma grande batalha no céu entre S. Miguel com os seus anjos, e Lúcifer com os seus, o demónio foi precipitado com os seus sequazes e não mais tiveram logar no céu (*Apoc.*, XII, 7-9). Os anjos caídos chamam-se *demónios*, *diabos* ou *espíritos-maus*, e o seu chefe tem o nome de *Satan* ou *Lúcifer*, que significa «porta-luz», de-certo, porque era um dos anjos mais perfeitos.

Que os *anjos maus* teem um chefe, resulta das palavras que Cristo, no julgamento final, dirá aos réprobos: «Ide para o fogo eterno, que foi preparado para o *diabo e seus anjos*. (*S. Mateus*, XXV, 11). No dia de Juízo serão também julgados os *anjos maus*, e a sua malicia será revelada a todo o universo (*S. Jud.*, VII; II de *S. Ped.*, II, 4). Quem negar a existência dos *anjos maus*, ataca a fé católica e recusa crédito às próprias palavras de Cristo. (V. Francisco Spirago, *Catecismo popular católico*, trad. do D.ᵒʳ Manuel Abúndio da Silva. Pôrto, 1908, 1.º vol., pág. 147-148).

(³) Diz-se no Minho, segundo Alfredo Guimarães num artigo intitulado *S. Bartolomeu do Mar*, publicado no jornal *O Liberal*, de Lisboa, de 3-IX-918.

-*tinhoso*; *Cão sujo* (1); *Careca*; *Carocho*; *Crespo* (2); o da *Carapuça vermelha* (3); *Decho*; *Demo*, *Demónio*, *Demonico*, *Demonho*, *Demontes*; *Diana*; *Diabo*, *Diabinho*, *Diabelho*, *Diabilho*, *Diabrete*, *Diacho*, *Dianho*, *Dialho*; *Espírito imundo*; *Espírito-maligno*; *Espírito-mau*; *Farrapeiro*; *Galhardo* (4); *Génio-do-mal*; *Inimigo*; *Inimigo-mau*; *Lúcifer*: *Mafarrico*; *Manquito*; *Má-geira* (5); *Mangeira* (6); *Pai-da-mentira*; *Pai-do-mal*; *Pecado*; *Pedro-Malasartes* (poucas vezes); *Peneireiro*; *Porco-sujo* (7);

---

(1) Assim é denominado nas superstições do Arquipélago açoreano (Teófilo Braga, *Lendas Cristãs*, pág. 361).

(2) Em Cabeceiras de Basto, as bruxas, para saberem se o diabo irá ou não à assembleia delas, dizem:

Sapo, Sapão,
Virá o *Crespo* ou não?

(V. Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, § 381, *n*).

(3) Em Taboaço, Rio de Moinhos, etc., conta-se que uma vez um rapaz apostou em como havia de ir a uma esquina onde aparecia o diabo; foi e viu lá um homem muito alto, com uma carapuça vermelha na cabeça; era o diabo. O rapaz durou só três dias depois disto. Chama-se ali vulgarmente ao diabo o da *carapuça vermelha*. (Loc. cit. na nota anterior, alínea *l*).

(4) Ao pé da Serra da Estrêla há uma ponte feita pelos *Galhardos*, isto é, pelo diabo. Há outras pontes dos *Galhardos*. (Loc. cit. na nota 2, alínea *q*).

(5) Diz-se nas Beiras, segundo o Dic. de Cândido de Figueiredo, sup.

(6) Minho. V. Bento Moreno, *A linguagem popular inédita*, in o jornal *A Época* (Lisboa) de 5-VI-908.

(7) «É pecado mofento... Tem o *porco-sujo* no corpo, salvo êste!... dizem as velhas». (Camilo, *Anátema*).

Em Mondim da Beira, o diabo aparece pelos ribeiros em figura de uma porca com sete leitões. Em Rezende dizia-se que no sítio do Boqueirão do Paço aparecia uma porca ruça com uma manada de sete leitões, e que esta porca era o diabo.

Uma velha via o diabo numa fogueira em forma de porco. (V. loc. cit. na nota 2, alíneas *g* e *m*).

Provinco (1); *Saramantelho*; *Satanás*; *Tardo*; *Tatro* (2); *Trasgo*: *Tinhoso*; *Tendeiro* (3); *Veneno*; *Zângão* (4).

A pág. 148 do *Catecismo* citado na nota 2 a pág. 145, o seu autor (professor do Seminário Imperial e Real de Praga) diz que também se chama ao Diabo *macaco de Deus*. Não me consta que esta denominação ocorra em Portugal.

CXLIX

O diabo é tendeiro

Var.: *a)* **Ás vezes o diabo é tendeiro**; *b)* **O diabo é tendeiro; onde quer as arma.**

Às vezes o mal vem de onde não é esperado, ou o perigo é maior do que se supõe.

Ao diabo *tendeiro* se referem estas canções populares:

a) *O demónio é tendeiro,*
vende fitas amarelas;
venha outro que lh'as compre,
que eu não quero nada delas.

(Feira).

(1) No *Livro dos Pregos*, da Câmara Municipal de Lisboa, enumerando-se a ordem dos ofícios e misteres na Procissão do Corpo de Deus, diz-se: «Çapateiros com o dragão, II Diabos e 2 *provincos*». (Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 191). Segundo o mesmo escritor, nos Açôres chama-se *previncos maus* às crianças inquiétas.

Na Beira-Alta dá-se às crianças turbulentas o nome de *probincos*, e diz-se que *probinco* é o diabo. (Loc. cit. na nota 2 a pág. 146, alinea *p*).

(2) Em nota ao local cit. na nota anterior diz Leite de Vasconcelos: «*Provinco* na linguagem portuguesa arcaica significa *próximo* e *parentela*, o que é o latim *proquinquus* (p = b = v); pode ser esta a origem da designação do Diabo, como Trasgo *loiceiro*, Tardo *moleiro*, Tatro *azeiteiro*, Diabo *tendeiro*, etc.?» Segundo Teófilo Braga (*Povo Português*, II, 185) «o nome de Tártaro apresenta as contracções populares *Tatro*, *Trado* e *Tardo*, com que no Minho e Douro se designa o Diabo».

(3) Cf. neste artigo *O Diabo é tendeiro.*

(4) Cf. neste artigo *Não há bruxa sem zângão.*

b) O Pai Paulino tem ôlho
e *o diabo é tendeiro,*
para comer a dispensa
ela está no gaveteiro.

(Espinho) [1].

Ao diabo *tendeiro* se referem também os adágios: *a) O diabo é tendeiro e arma tendas sem dinheiro; b) O diabo é tendeiro, vende agulhas por dinheiro.*

No *Auto da Feira*, de Gil Vicente, aparece o diabo feito bofarinheiro, com uma *tendinha* diante de si [2].

Cf. as loc. *não seja* (ou *não saia*) o *diabo tendeiro que...*, isto é: «não queira o diabo que...; não seja o diabo negro que...; não saiam as coisas contrárias aos nossos desejos; não nos aconteça algum percalço».

CL

Não há bruxa sem Zângão

O diabo, quando anda entre as bruxas, chama-se *Zângão.*

Conta Leite de Vasconcelos (*Trad. Pop. de Portugal,* § 381 *o)* que um rapaz de Santa Leocádia (Minho), por mais cruzes de cana que pusesse à cabeceira, não se podia livrar das malditas. Uma noite viu-as mais o Zângão, entre o qual e as bruxas se travou logo o seguinte diálogo:

—Que lindas rosas
por entre ervas!
—E que lindo cravo
por meio delas.

O rapaz durou pouco tempo depois disto.

Numa versão, porém, de Cabeceiras de Basto (também ali citada por Leite de Vasconcelos) diz-se que o Zângão é um homem como nós e que, quando as bruxas vão fazer *sombleia* (no sítio do *Froco*, às têrças e sextas-feiras) êle é sabedor de tudo o que lá se passa. O Zângão, segundo a mesma versão, tem *pauto* com o diabo.

---

(1) Recolhida por Joel in o (*Elvense*, de 29-I-1885).

(2) Àcêrca da *tendinha* e de na província se chamarem *tendeiros* aos bofarinheiros ou vendedores ambulantes de fazendas, v. *Quem sabe da tenda é o tendeiro*, a pág. 84 do vol. XXV desta *Revista*.

CLI

Onde não há, el-rei o perde

No sentido figurado significa que não se podem esperar certos actos meritórios de quem não tem o carácter, a educação ou outras condições indispensáveis para os praticar.

No sentido próprio alude à impossibilidade de se cobrarem dívidas — principalmente tributos — de quem não possui bens alguns.

Gil Vicente, na *Exortação à guerra*, exprimiu assim a mesma ideia quanto a tributos:

E a mi que se me dá?
Quem de seu renda não ha
as terças [1] pouco lhe impece.

---

[1] Segundo Viterbo (*Elucid.* e supl.) a *têrça* era um «direito que se pagava aos Reis de Portugal de tôdas as rendas dos concelhos do Reino das quais a têrça parte era para a coroa».

Isto não exacto.

Sousa e Sampaio a pág. 97 das suas *Prelecções de direito pátrio particular* (Lisboa, 1794) diz que «as terças não eram própriamente dos reis, ou do património da coroa, mas do erário, ou dos povos que as davam para reparo das fortalezas».

Que efectivamente era assim, vê-se das Ord. Filip. (ande 1603), liv. 1.º, tit. 62, § 67.º, onde se lê: «De tempo antigo he ordenado, que das rendas a que tem as Cidades, Vilas, e Lugares, e Conselhos de nossos Reynos, se tome a terça parte para reparo dos muros, e Castellos, e para outras cousas necessarias á defensão dos lugares, e as duas partes ficão aos Conselhos para suas necessidades. As quaes rendas se hão de arrecadar ás terças do anno, convem a saber, Natal, Pascoa, e São João, e a primeira, e terceira terças se arrecadarão para o Conselho, e a segunda será para os ditos reparos, e fortificações».

Às contribuïções do Estado ainda hoje o povo dá, em muitas localidades das províncias, a antiga denominação de «direitos reais», a qual não era exclusivamente popular, como pode supôr-se, mas, também, usada na terminologia jurídica, como se vê a págs. 94, 95 e 96 da obra de Sousa e Sampaio, citada na nota 1 a pág. 149.

Franceses: a) *Où il n'y a rien, le roi perd son droit;* b) *Où il n'y a pas de quoi, le roi perd son droit;* c) *Le roi perd son droit là où il ne trouve que prendre.*

Espanhol: *Al que no tiene, el rey le hace libre.*

Holandês: *Waar niet is, verliest de keizer zijn regt* (onde não há, o imperador perde o seu direito) (1).

Ingleses: a) *Where nothing is to be had, the king loses his right;* b) *Where nothing is in sight, the crown loses its right.*

Italiano: *Quando non c'è, perde la chiesa.*

CLII

O queijo do Alentejo, o vinho de Lamego

Eis duas especialidades que tiveram o privilégio de passar à posteridade sob a forma proverbial, já encorporada nas colecções de Delicado e Rolland.

Tão ditosas não foram outras, não menos conhecidas e apreciadas, mas cuja fama, ainda assim, tem sido celebrizada pela bôca do povo desde bem recuadas eras, e ainda perdura, como são:

Carnes: Paios e chouriços de Arraiolos, Castelo de Vide e Lamego; presuntos de Chaves, Lamego e Melgaço. — *Doces e bolos:* Amorzinhos de Azeitão; arrufadas de Coimbra; biscoitos e palitos de Oeiras; bôlo pôdre do Alentejo; bôlos folhados de Carnide; cavacas das Caldas da Raínha; celestes de Santarém; frigideiras e viúvas de Braga; manjar branco

(1) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

de Santa Clara e de Celas (1) (Coimbra); marmelada e esquecidos de Odivelas; morcelas de Arouca, Guimarães e Vila Real; ovos moles de Aveiro; pão-de-ló de Arouca, Figueiró, Margaride e Rèsende; pastéis de Tentugal, Marvila e Santa Clara; queijadas de Sintra; tigeladas de Abrantes; tibornas de Vila Viçosa; toucinho-do-céu de Coimbra e Guimarães (2). — *Frutas:* Ameixas de Elvas; figos e passas do Algarve; laranjas de Povos e Setúbal; pêssegos de Amarante. — *Moluscos:* Ostras de Montijo; — *Pão* de Meleças; — *Peixes:* Atum do Algarve; lampreias de Viana do Castelo; salmões da Figueira da Foz e Viana do Castelo. — *Preparados culinários:* Caldo verde do Minho, Douro e Beira; coelho da Porcalhota (antigo nome da Amadora); mexilhão de Aveiro; migas do Alentejo (3); tripas do Pôrto (4). — *Queijos:* da Serra da Estrêla e Rabaçal.

---

(1) Nicolau Tolentino fala do de Celas:

Da bôlsa os bofes arranco
no fresco patio de Celas,
pedindo com génio franco
doces, gratuitas tigelas
do famoso manjar branco.

(Tolentino, *Obras*).

(2) A maior parte destas gulodices eram feitas nos conventos e mosteiros pelas freiras, que eram nisso exímias.

Os frades também colaboravam para o bom nome das conservarias monacais. Os *Marianos*, por exemplo, faziam arroz doce com perícia notável, razão por que estavam sempre em guerra com as *Albertas.*

Com a extinção das clausuras o nosso património de doçaria sofreu uma queda considerável. Muitas receitas perderam-se, e muitas das que sobreviveram à derrocada de 1834 extinguiram-se por que se perdeu delas a tradição. (V. G. Matos Sequeira. *Depois do terramoto*, Coimbra, 1922, 3.° vol., pág. 429.

(3) Pode ver-se uma receita desta especialidade na *Rev. Lus.*, I, 383.

(4) Por as tripas serem no Pôrto uma comida apreciada e habitual, têm os habitantes da capital do norte a alcunha de «tripeiros». Diz Leite de Vasconcelos (*Rev. de Estudos Li-*

— *Vinhos:* Amarante, Monção e Basto (verdes); Pôrto e Madeira (generosos); Bucelas, Carcavelos, Cartaxo, Colares, Tôrres Vedras e moscatel de Setúbal. — *Azeite* de Santarém e Castelo Branco. — *Azeitonas* de Elvas.

Se não constituiu pròpriamente uma especialidade, teve todavia certo renome o chá do Cercal (concelho de Cadaval), pelo menos antes da construção da linha férrea do oeste, e quando havia carreiras diárias de diligências entre Azambuja (linha do norte e leste) e Caldas da Rainha, com paragem obrigatória no Cercal para almôço dos passageiros e descanso para o gado.

A pág. 146 do Alm. de Lemb. de 1878, o P.^e^ J. T. T. R. fala assim dêsse chá: «Numa delas (refere-se às hospedarias do Cercal) na do sr. Moreira, já se hospedaram S. S. M. M. a Sr.ª D. Maria II, os srs. D. Fernando, D. Pedro V, D. Luís, a Sr.ª D. Maria Pia, o imperador do Brasil, ministros nacionais e estrangeiros, e todos à uma teem elogiado o bom chá que ali se faz. Não é por habilidade da hospedeira, nem pela excelência da planta, é pura e simplesmente pela excelência da água em que a infundem, e daí vem que alguns amadores teem chegado mesmo a levar dali algumas bilhas dela, para a saborearem igual nas suas casas».

---

vres, 2.º ano, n.º 8, pág. 415) que às têrças, quintas e sábados de cada semana é costume naquela cidade pôr-se às portas das tascas um letreiro com o dístico: «Hoje há tripas». Da razão por que os Portuenses se habituaram a comer tripas, vem a seguinte versão na *Rev. do Minho*, vol. V. n.º 19: «Quando D. João I tentou a conquista de Ceuta, em 1415, a cidade do Pôrto foi a primeira que lhe enviou uma poderosa armada, fornecida com todos os petrechos de guerra, e guarnecida de bons soldados, tudo pago à custa de seus habitantes, os quais, para que a mesma armada fôsse abundantemente provida de víveres os mais sadios e mimosos, cortavam pelo seu próprio gôsto, alimentando-se dos miúdos e entranhas do gado vacum, e reservando a melhor carne para a gente de que a armada se compunha».

Parece que outrora nem só no Pôrto se apreciaram as tripas como manjar, pois na *Eufrosina*, act. 3.º, sc. 3.ª, há êste passo: «Mais calaceiros de moças de rio que minhoto de tripas».

Pela minha parte bebi muitas vezes, o «chá do Cercal» e posso asseverar que é, na verdade, excelente.

CLIII

Pinhal da Azambuja

Logar onde se praticam muitos roubos: «... a nossa capital parece o *pinhal da Azambuja*. A gatunagem está desenfreada». (*Ridículos* de 18-IX-918). — «Quais pandetas nem qual Justiniano! Êsse pinhal de autores e de latim é um *pinhal da Azambuja*... Nada, não me deixo roubar...» (Mendes Leal, *Primeiros amores de Bocage*).

Por ironia, o povo chama também *pinhal da Azambuja*, às repartições fiscais, e foi aludindo, em parte, ao fisco que Camilo Castelo Branco escreveu, no seu romance *O Judeu*, vol. I, cap X: «Se o leitor quiser saber o que é um pinhal da Azambuja consolidado, faça o que Almeida Garrett lhe diz: «leia os orçamentos, veja a lista dos tributos, passe pelos olhos os votos de confiança...»

O pinhal da Azambuja — próximo da vila do mesmo nome — foi outrora famoso pelos assaltos e roubos que ali se praticavam, até em pleno dia, e de um dos quais foi alvo Francisco Xavier de Oliveira (Cavalheiro de Oliveira) entre as 11 horas e o meio-dia de 7 de Novembro de 1727, como êle próprio narra num trecho que Camilo transcreve no citado capítulo de *O Judeu*.

*

A má reputação do *pinhal da Azambuja* foi precedida da fama não menos negra do *Vale de Cavalinhos*, onde, ao que parece, também se praticavam roubos, e, possivelmente, assassinatos, e onde o demónio e as bruxas apareciam a fazer das suas.

Dos roubos falam os *Apólogos dialogais*, de D. Francisco Manuel de Melo (apólogo do *Escritório do avarento*) no seguinte passo, reproduzido no dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «Cavallinho» e ao citar *Val de Cavallinhos* como locução de sentido incerto: «Subiose á salla daquelle sátrapa, que em

publica audiencia, e em dia claro roubava (fazey conta) como em val de cavallinhos».

Na *Feira de Anexins* alude o mesmo autor à fama dos crimes de morte ali praticados: — «Onde enterra o Senhor os que mata? – Entre as unhas, em Valle de Cavallinhos».

Do Vale de Cavalinhos, como local mágico, fala Gil Vicente no *Auto das Fadas*, no qual diz a feiticeira, aludindo ao diabo transformado em bode:

«Cavalgo no meu cabrão
e vou-me a Val de Cavallinhos
e ando quebrando os focinhos
por aquellas oliveiras, etc.».

Na *Confissão de humas Bruxas que queymarão na Cidade de Lisboa, anno de 1559. Pelo Juizo secular em huma devaça que mandou tirar a Rainha Dona Caterina* (colecção Moreira, *Sentenças da Inquisição*, vol. I) diz uma das bruxas que lhe parece, pela distância que andam quando o demónio as leva pelos ares voando por cima de tôda a fôlha, e pelo furioso do ímpeto e movimento com que as levam, que poderão ir «a duzentas e mais legoas desta cidade de Lisboa, e pode muito bem ser que nam passem do val de cavallinhos» (1).

Ou em comemoração dos assassinatos cometidos em Vale de Cavalinhos e implorando uma prece por alma das vítimas, ou como esconjuro contra o diabo e as bruxas, e contra os seus malefícios, havia ali espalhadas diversas cruzes, como se vê do seguinte passo, de Fernão Rodrigues Lôbo Soropita: «... que metade das horas do dia podem andar nelas cousas más, se lhes não puserem uma cruz a cada canto como em Valdecavallinhos» (2). A uma dessas cruzes aludem os citados *Apólogos dialogais*: «Mana, he o seu mundo agora, mais lhe tirão o chapeo que á Cruz de val de cavallinhos».

---

(1) Apud Consiglieri Pedroso, *Superstições pop. portuguesas*, in *O Positivismo*, II, 277.

(2) *Poesias e prosas inéditas de Fernão Rodrigues Lôbo Soropita*, como um prefácio e notas de Camilo Castelo Branco, Pôrto, 1868, pág. 21.

*

Onde era o Vale de Cavalinhos? Mendes dos Remédios, comentando o já transcrito trecho do *Auto das Fadas* (1), diz que era nos subúrbios de Lisboa, ao norte de Arroios; e, efectivamente, no n.° 11 do *Folheto de ambas Lisboas* (2), ao enumerarem-se vários sítios da cidade e arredores, lá se fala em Vale de Cavalinhos; e no já reproduzido trecho da *Confissão de humas Bruxas* também se dá a entender que o sítio não ficava longe da capital.

De um local infestado de salteadores dizem os Franceses: *c'est une forêt de Bondy*, por alusão a uma floresta situada no departamento do Sena, onde foram assassinados Childerico II e Aubry de Montdidier e que durante muito tempo foi um covil de salteadores.

CLIV

Menos se mentiria, se de mentir se pagasse sisa

Var.: **O mentir não paga sisa**

Estes adágios aludem ao vasto campo da incidência do imposto de sisa, o qual recaía outrora sôbre todas as transacções por título oneroso, exceptuadas, apenas, as de pão cozido, oiro e prata, e, portanto, abrangia as transacções de bens de raiz, móveis, semoventes, géneros alimentícios, panos e outros artigos de comércio.

O primeiro *Regimento* de sisas hoje conhecido foi o de 7 de Junho de 1374. A principal legislação sôbre as sisas foi a de D. João I (1398 e 1420), D. Duarte (1435), D. Afonso V (*Artigos das sisas*, de 1476), D. Manuel (1512 e 1519) e D. Sebastião (*Artigos das sisas* e *Regimento dos encabeçamentos das sisas*).

---

(1) *Obras de Gil Vicente*, com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios. Coimbra, III, 344.

(2) Redactor Jerónimo Tavares Mascarenhas Távora. Lisboa, 1731.

O decreto de 19 de Abril de 1832, de Mousinho da Silveira, aboliu todos os impostos até então pagos a título de sisa por vendas e trocas de bens móveis e semoventes, tendo ficado a subsistir o tributo apenas com relação às vendas e trocas de bens de raiz. Actualmente as sisas recaem também apenas sôbre bens imobiliários, mas abrangem outros contractos.

Pelo decreto de 30 de Junho de 1860, o imposto de sisa passou a denominar-se «contribuição de registo por título oneroso»; o povo, porém, nunca deixou de lhe chamar «sisa», denominação que veio novamente para a prática oficial por virtude do decreto n.º 16.731, de 13 de Abril de 1929.

Tratei desenvolvidamente da história daquele imposto numa dissertação intitulada *As sisas*, lida em 1930 na Associação dos Tabeliães de Lisboa, e que esta publicou primeiramente no seu *Boletim* (3.ª série, vol. IX, n.os 2 a 6) e seguidamente num opúsculo com sessenta e oito páginas e duas gravuras, que não destinou ao mercado.



CLV

O enforcado tem três dias

Diz-se para notar a demasiada estreiteza do prazo fixado para um pagamento ou para cumprimento de outra exigência ou obrigação.

As *Ordenações Filipinas*, no livro 5.º, tit. 137, n.º 2, determinavam: «E às pessoas que por Justiça houverem de padecer, se notificará a sentença hum dia á tarde, a horas que lhe fique tempo para se confessarem, e pedirem a Nosso Senhor perdão de seus peccados. E depois q̃ forem confessados estarão cõ elles algumas pessoas Religiosas para os consolarem, e animarem a bem morrer, e assi mais outras pessoas que os guardem. E ao outro dia seguinte pela manhãa lhe daráõ o Santíssimo Sacramento, e se continuará em estarem cõ elles as pessoas Religiosas, e as q̃ os guardão. E ao terceiro dia pela manhãa se fará no condemnado a execução de morte cõ effeito, segundo em a sentença for conteúdo.»

Como se vê, na vigência daquela disposição de lei os dias

chamados «de oratório» e a que o adágio se refere, não chegavam a ser dois dias completos de 24 horas.

Posteriormente, porém, um decreto de 27 de Maio de 1645 determinou que se decidissem os segundos embargos dos condemnados à morte na véspera do dia da execução, ficando-lhes o terceiro dia para tratarem das suas almas; e por alvará de 25 de Junho de 1760, § 5.°, foi declarado que antes de se dar a sentença à execução se deviam assinar 24 horas, no mesmo dia em que ela se proferisse, para os réus a embargarem. Êste alvará vem citado por Pereira e Sousa, *Primeiras linhas sôbre o processo criminal* (4.ª ed., Lisboa, 1827, págs. 234 235) que comenta: «Sendo por exemplo o réu condenado à morte no dia 8, decidem-se no dia 10 os primeiros e segundos embargos de restituição, e no dia 11 se executa a sentença».

CLVI

Tornará, como o Maio por Lagos

Acolhido por A. T. Pires, *Comparações pop. Alentejanas*, in *Rev. Lus.*, XII, 77.

Lê-se em Delicado *Tornará como o Maio de Lagos*, e em Rolland *tornará o Maio de lagos.*

Esta loc. encerra um apodo aos habitantes de Lagos, cuja origem vem assim narrada, por D. Maria Veleda, in *A Tradição*, IV, pag. 86: «Em Lagos, como em outros pontos do país, usava-se, no dia primeiro de Maio, entrajar crianças ou mesmo adultos a capricho, quási sempre adornados com flores, a simbolizar o mês olarante que chegava, trazendo no ragaço o poema da mocidade e a scintilante palheta dos matizes. Lagos — a opulenta e nobre Lagos — não se contentava, porém, só com flores. Lagos tirava dos seus *écrins* as joias mais preciosas e com elas estrelava o peito, os cabelos, os braços, os vestidos de um rapaz e uma rapariga, que estavam todo o dia em exposição e a quem se dava o nome de «namorados de maio». O costume prometia eternizar-se; mas, em hora nefasta — não há bem que sempre dure... — certos «namorados de maio» cuja consciência não andava muito mana com os preceitos da honra e os ditames do dever, acharam que o oiro de que os haviam arreado brilhava mais ao

sol da liberdade do que na treva dos seus ergástulos de setim. E vai... safaram-se com êle!

Imagine-se o desespêro dos lacobringenses, encontrando-se esbulhados das suas joias e expostos às chufas dos satíricos! Mas a honra, a sua rica honra manchada por dois filhos sem gratidão nem escrúpulos, ainda os fazia padecer mais. Tomaram tal quezilia ao mês das flores, que resolveram deixar de pronunciar-lhe o execrando nome. Maio, para êles ficou sendo uma hipótese; e, se quiserem ver Lagos zangada, é preguntarem-lhe por «Abril e o mês que há-de vir».

No *Diário de Notícias*, n.° 98, de 2 de Maio de 1865, o caso foi objecto destoutra versão: «Refere uma tradição, que em Lagos se apostaram os seus moradores a festejar o 1.° de Maio por modo que a festa deixasse fama. Assim, todos juntaram o que melhor tinham em joias, quer suas quer das suas mulheres, e com tão ricos adereços adornaram um homem, o qual, montado em um soberbo ginete, percorreu as ruas da cidade.

Quando se estava no melhor da festa, Maio (assim chamavam ao cavaleiro) evadiu-se, deixando bem logrados os que tinham tido a boa fé de lhe confiar tantas preciosidades. Nunca mais foi possível, refere ainda a tradição, pôr-lhe a vista em cima. O desgôsto ocasionado por êste incidente foi tamanho, naquele bom povo, que ali ainda há bem poucos anos nem êle nem estranhos podiam ali proferir o nome de «Maio», substituindo-o por esta frase: «Abril e o *mês que há-de vir*».

Esta versão aproxima-se da resumida por Leite de Vasconcelos a pág. 9, do seu folheto *As Maias* (2.ª ed., Lisboa, 1904), segundo a qual em Lagos era costume festejar o 1.° de Maio com uma procissão em que ia um rapaz a cavalo e armado de muitas flores e joias emprestadas; diz-se que um Maio fugiu uma vez.

Esta tradição — acrescenta Leite de Vasconcelos — é comum a outras terras, onde se tem como ofensa preguntar *se já voltou o Maio*.

V. também Teófilo Braga, *Hist. da poesia pop. portuguesa*, I, 417.

Loures, Março de 1931.

José Maria Adrião.

Gírias Militares Portuguesas

Inserem-se nas páginas seguintes mais umas dezenas de vocábulos de Gíria para se juntarem aos que coligi nas *Gírias Militares Portuguesas* (¹).

O bom acolhimento daquele meu livrinho cuja edição se encontra esgotada, levou-me a continuar os meus trabalhos, apresentando hoje aos leitores da *Revista Lusitana* esta pequena série de palavras, satisfazendo assim um pedido do seu mui ilustre director que gentilmente me convidou a colaborar no volume XXIX.

A etnografia militar é um filão ainda pouco explorado, direi melhor, quási nada explorado, dos etnógrafos portugueses, que, tendo estudado em todos os seus ramos a etnografia civil, deixaram de lado a tropa, certamente por nenhum dêles envergar farda, nos tempos que vão correndo. Apenas eu me tenho ocupado dela em alguns modestos trabalhos já publicados e noutros que estão em laboração.

Novo apêlo lanço aqui aos meus camaradas, para que me secundem nesta obra encetada, fazendo eu votos para que desta vez não seja, como em 1926, voz no deserto.

A

alcance — Os coronéis que nos últimos anos prestaram provas de exame para o generalato, dividem-se em três grupos:

— *Generais de pequeno alcance:* os que fizeram as provas de exame pela maneira antiga, sem terem freqüentado o Curso de Informações.

— *Generais de médio alcance:* os que tendo freqüen-

(¹) Tenente Afonso do Paço — *Gírias Militares Portuguesas* — Edição Maranus, Pôrto 1926. — Esgotada. O opúsculo consta de três partes.

tado o Curso de Informações, fizeram exame pela maneira antiga.

— *Generais de longo alcance:* os que tendo freqüentado o Curso de Informações fizeram exame com todos os processos da guerra moderna.

ajudante (sargento...) — A raspadeira, por ajudar, raspando, a desfazer qualquer êrro de escrita.

aranhas — Soldados de telegrafistas (telegrafia-por-fios), por terem como emblema um castelo com raios, que se semelha em muito ao corpo e pernas daquele aracnídio.

arre-macho (Companhia do...) — Companhia de condutores [1] em qualquer unidade apeada, por ser adstrita a ela que estão os animais de tiro e tracção.

B

bacalhau — Demarcação feita na carta de Estado Maior, do terreno em que terá de operar o candidato na prova de campo de exame para general e que tem a forma de um bacalhau, em razão do seu estreitamento para a base e alargamento na frente de batalha.

bacalhau (tirar o...) — Tirar o ponto na prova de campo do exame para generalato.

balas — Grão de bico do rancho que, sendo mal cozido, é intragável e duro como balas.

C

cadência (andar com tôda a...) — Andar bem uniformizado.

cadete — Soldado que goza de certas regalias, quer por ser estudante, quer por ter certa protecção, e que ao mesmo tempo anda bem vestido [2].

---

(1) Soldados condutores são os que teem o seu cargo a condução etc. dos aimais de tracção.

(2) *Cadete* tem aqui significado mais lato que o que lhe atribue Cândido de Figueiredo (*Novo Dicionário da Lin-*

canastro — Grupo de oficiais em diligência nos serviços geodésicos e que teem por missão o levantamento do *cadastro* da propriedade rústica de Portugal. *Canastro* está por *cadastro*.

caneta — Basculho ou vassoura de fazer a limpeza do quartel.

canivete — Espada.

carango — Soldado de infantaria.

careta — Feijão frade ou feijão careta.

caretas... (... de azeite e vinagre) — Rancho de feijão frade com azeite e vinagre, cebola e salsa, e às vezes bacalhau.

carrapato (feijão...) — Soldados da Guarda Nacional Republicana por uzar esta corporação o verde como distintivo.

casqueiros — Dias de detenção com que às vezes se castigam os soldados, não lhes sendo permitido sair do quartel. *F. apanhou 5 casqueiros*: foi castigado com 5 dias de detenção.

charanga — Parte melhor do rancho que se tira por cima para levar como amostra ao comandante e oficial de serviço. Tem êste nome por ir à frente do rancho, antes de êste ser distribuido.

chatos — Soldados de telegrafistas (de telegrafia sem fios) por terem como emblema uma bobine com raios, que em muito se assemelha aquele parasita.

ciências — Soldados da antiga companhia de T. S. F. (Antiquado).

coice (companhia por..., ou de telegrafia por...) — Companhia de condutores no Regimento de Telegrafistas. Nesta Unidade há companhias de telegrafia por fios e sem fios. A companhia de condutores tem machos e mulas... que dão coices, isto é, fazem transmissão telegráfica por coices.

---

gua Portuguesa, 4.ª edição, Lisboa, 1926), pois deixou de ser o estudante de curso superior ou soldado filho de nobres, para designar também qualquer estudante militar ou filho de plebeu que gose de protecção e vista bem.

E

engatar — Apanhar alguém desprevenido e levá-lo para qualquer serviço para que se não está nomeado, como descasque de batata, varrer o quartel, etc.

F

fateixas — Soldados de pontoneiros por terem como emblema uma âncora.

Fateixa «é uma espécie de âncora com quatro braços para fundear pequenos barcos» (1).

I

inquisição (tribunal da santa...) — Conselho Superior de Disciplina Militar. Neste Tribunal os julgamentos são feitos à porta fechada, encontrando-se o reu apenas com os membros do juri e das suas sentenças não há recurso.

L

lata (artilheiros de...) — Tropas de metralhadoras pesadas, por quererem armar em artilheiros, fazendo tiro indirecto, anti-aerio, etc. As metralhadoras são muito frageis, de lata, comparadas com as peças de artilharia.

lenta (pessoa de combustão...) — Que percebe as coisas com muita dificuldade ou raciocina muito vagarosamente.

linhaça (oficiais papas de...) — Oficiais do Quadro Auxiliar do Serviço de Saúde, por não serem médicos. Também se lhes chamam: *doutores papas de linhaça.*

linhaça (papas de...) — Tropas do Serviço de Saúde.

lixo (cabo do...) — Cabo encarregado da limpeza do quartel.

---

(1) Cândido de Figueiredo (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 4.ª edição, Lisboa, 1926).

lustral (água...) — Quando há qualquer pendência de honra entre oficiais ou alguém se sente ofendido no seu brio, muitas vezes para se evitar um duelo, recorre-se ao Conselho Superior de Disciplina do Exército que, conforme a sua decisão dá ou não ilibada a honra do requerente. Como a *água lustral* purifica as almas, assim êste Conselho torna tranqüilas as consciências.

M

macacos (aldeia dos...) — Designação usada no Regimento de Telegrafistas para cognominar a Companhia da Formação do Comando, que tem gente adida de tôda a parte e a mais heterogénea. Alusão à *aldeia dos macacos* do Jardim Zoológico.

major (ir para o...) — Morrer.

malote — Tolerada ordinária. (Antiquado).

mocas — Tambores e corneteiros, por os primeiros usarem baquetas (as mocas) para tocar nos tambores.

P

padeiro — Mau cavaleiro.

palas — Impedidos de oficial por usarem boné de pala de verniz.

papagaios — No Regimento de Telegrafistas cada falta de soldado é escriturada num oitavo de papel que, organizado na secretaria geral, vai a informar ao Comandante da Companhia para se saber se a falta é justificada ou não. Passa de novo pela secretaria e vai depois às mãos do 2.º Comandante que castiga ou não. Estes papéis teem o nome de *papagaios*.

R

raspadeira — Pá.

retrato (ir tirar o...) — Comparecer à formatura da parada da guarda por se estar detido no quartel. As praças detidas formam com a parada, ao lado do pessoal de serviço.

S

sapateiro — Mau cavaleiro, por bater constantemente no selim.

sentido (pôr a cama em...) — Tirar os ferros transversais a uma cama, deixando o colchão levemente apoiado nos laterais, de maneira que o seu dono ao deitar-se caia no chão.

silvas — Oficiais do Estado Maior por terem na gola uma silva como distintivo.

solas (meias...) — Postas de bacalhau que se servem no rancho de feijão careta de azeite e vinagre e em geral são algo duras.

sopeiras (companhia das...) — Companhia da Formação de Comando por pertencerem a ela a maioria dos impedidos.

surdo — Barril grande de cêrca de 60 litros com que os condenados do Forte da Graça, em Elvas, acarretam água.

T

tamanco (batalhão do...) — Batalhão Automobolista por ter como emblema um automóvel que muito se parece com um tamanco.

toupeiras — Tropas de Sapadores Mineiros por andarem sempre a cavar no chão, e uma das suas principais missões ser a de abrir trincheiras.

trote (andar a...) – Andar em bolandas.

V

valsa (toque da...) — Toque de formar companhias.

vento (tropa de...) — Músicos, corneteiros e clarins por usarem instrumentos de sôpro.

verde (caldo...) — Tropas da Guarda Nacional Republicana, por usarem o verde como distintivo. (Minhoto).

verde (feijão...) — O mesmo que *feijão carrapato*. Esta diferença de designação provém de o *feijão verde*, se chamar *carrapato* em algumas regiões do país.

vinagreira — Estado Maior do Exército, porque os assuntos levam lá tanto tempo a resolver, que até azedam. (De um oficial do E. M. E.).

*

A juntar a estes vocábulos não resisto à tentação de transcrever a título de curiosidade os

Cinco sentidos do soldado

1.º ver — Se está bem perfilado, de botas engraxadas e boné ao lado.
2.º ouvir — As vozes do seu capitão. (Levas um soco nos queixos se não estás com atenção).
3.º cheirar — O rancho se cheira a esturrado. (Não há f... de p... que não côma do soldado!)
4.º gostar — O dia do pagamento. (Forma-se a companhia e vai tudo para o quarto do 1.º sargento).
5.º apalpar — A mala se vai bem calcada e a roupa da ordem se vai tôda numerada (por causa da lavadeira).

*

A corneta e o clarim, que são as vozes do Regimento, *também têm a sua fala, também têm a sua gíria.*

Ao seu apêlo ninguém se exime, ao seu chamamento ninguém falta, porque lá está o Regulamento para punir os culpados.

Nós rimo-nos da *Tropa de vento* (1), mas os seus instrumentos são bem a

«... *tuba canora e belicosa*
«*Que o peito acende e a côr do gesto muda*» (2).

Ao seu som, à sua passagem nas ruas à frente do Regimento, tudo vai ver os militaras.

O soldadinho, que desconhece aqueles versos de Camões, mas é amigo de rir e de folgar, acompanha de cantilenas e

---

(1) Corneteiros e clarins, por usarem instrumentos de sôpro.

(2) Camões, *Lusíadas*, Canto I, est. 5.ª.

dizeres especiais os diferentes toques da ordenança que, de manhã à noite, o movimentam no quartel.

Noutros tempos, quando o militar era homem que só usava farda e não fato à paisana, estas cantilenas corriam de bôca em bôca e na família dos corneteiros e clarins, transmitiam-se de gèração em gèração. Hoje é difícil encontrar *tropa de vento* — para nem sequer falar da outra — que saiba meia dúzia dêles.

Vou tentar recordar alguns, transmiti-los às gèrações futuras para que as coisas militares — boas ou más — não se percam, pois os assuntos de folclorismo militar são como os do folclorismo civil, parte integrante da alma do nosso povo.

A tarefa é algo difícil, mas a indulgência do leitor suprirá as minhas faltas.

A música, ou toada, é a dos toques da ordenança dos tempos de hoje.

*

Logo de manhã cêdo, acordado o soldadinho pelo toque *de alvorada*, obrigam-no a ir para a forma, a tomar um café quente que o há-de despertar para as lides do dia:

Vá prá forma, vá prá forma,
Vá prá forma pró café...

diz o clarim ou a corneta.

Arrumadas as casernas, vai-se à limpeza do quartel. Chama-se o *cabo do lixo*, o homem que com as fachinas tem a seu cargo a limpeza do aquartelamento, mas que se exime o mais que pode ao seu serviço, dificilmente aparece e imperfeitamente se desempenha da sua missão, apresentando sempre a desculpa de que o quartel é grande e o pessoal da limpeza pouco:

Ó ladrão se estás preso,
Ó ladrão se estás preso,
Se estás preso, sai da prisão.

É que a limpeza e higiéne estão acima de tudo, até dum castigo que se cumpre na prisão.

Pelo dia adiante diversas vezes se toca a *valsa*, o toque mais antipático para o soldado, o toque de *formar compa-*

nhias, toque que êle recebe sempre de má vontade, pois já sabe que é para instrução ou qualquer serviço:

Vá prá forma, vá prá forma,
Vá prá forma seu malandro [1],
Vá prá forma, vá prá forma,
Levante-se dessa cama.

Se há instrução, muitas vezes rufa o tambor, para marcar a cadência, e o soldadinho diz na sua, muito aborrecido e a toque de caixa pela parada do quartel:

Rana catrapana mata aquela ratazana!...

Aludindo à bicharia que há pelos quarteis.

Às vezes, raríssimas, não há instrução. O clarim que fêz o toque de *formar companhias* em cumprimento do horário de serviço, recebe logo ordem do oficial de dia para tocar a *sem efeito*:

Não há, não ha!

Êste toque é um dos que dá mais alegria ao soldado, pois o liberta pelo menos de uma hora de trabalhos.

Entra o Comandante no Regimento, toca-se *a sentido*, tudo paralisa, todos os movimentos se suspendem dentro dos muros do aquartelamento, tudo se perfila. Feita a continência, logo manda pela ordenança tocar *à vontade*:

Já cá estou, já cá estou!

Depois vem o médico, homem que no quartel não aquece o lugar, afadigado como anda sempre pelos seus serviços clínicos... particulares, não da tropa:

Quem está doente, vai pró hospital,
Comer galinha e arroz sem sal!

ou

Quem quer galinha, vai pró hospital,
Côma poucochinha, que lhe pode fazer mal!

---

[1] Muitas vezes se usam aqui outras vozes que por decôro me permite omitir.

Alusão mordaz às dietas dadas aos doentes e à rara galinha que às vezes lhes fornecem.

Já na «Gíria do Colégio Militar» [1] encontramos o vocábulo *náufrago* para designar o bocadinho de galinha que aparece numa terrina de caldo de arroz para doentes.

Depois de terminado o serviço nas secretarias, o comandante dá licença que se toque à ordem, que se saia do quartel. Diz então a corneta:

Ó cadete, ó cadete,
Ó cadete, ó cadete,
Já tocou à ordem!

E os cadetes, todos aqueles que não comem nem dormem no quartel, podem sair livremente.

Depois do recolher, apagam-se as luzes do quartel, e toca a *silêncio*, toque mansinho como uma canção de berço entoada por uma mãi:

Não façam barulho,... deixem-me dormir,...
Deixem-me dormir,... que os não posso ouvir,...

e tôda a vida se extingue no aquartelamento.

*

Cada Unidade tem o seu *sinal* que a distingue entre tôdas a outras. Esse toque traduz-se muitas vezes por uma cantilena:

Infantaria n.° 1:

Quem quer rancho assenta praça!

Alusão a que nesta Unidade havia muitos voluntários.

Cavalaria n.° 1:

Quem se rala morre cêdo!

---

(1) Tenente Afonso do Paço — *Gírias Militares Portuguesas* — III «Gíria do Colégio Militar». Pôrto, 1926.

Cavalaria n.º 2:

Eu ralei-me e não morri!

Cavalaria n.º 3:

Ó ladrão que fostes às uvas!

Cavalaria n.º 4:

Cá está a gaiola de Belem! (1)

Cavalaria n.º 5:

O 5 sempre foi correcional!

Cavalaria n.º 10:

Êste é o de pau e bola! (2)

Forte da Graça:

Se não fosses malandro não estavas aqui!

Alusão a que, para o Forte da Graça, em Elvas, só vão os condenados por delitos militares.

Lisboa, Janeiro de 1931.

TENENTE AFONSO DO PAÇO.

---

(1) Alusão a uma parte do aquartelamento que parece uma gaiola.

(2) É vulgar traduzir o número *10* por pau e bola.

Superstições de rios encaradas genèticamente [1]

Para a imaginação e sentimento do homem primitivo um rio, como outros elementos da Natureza, árvores, lume, etc., era um *ser vivo* dotado de *especial e maravilhosa fôrça* (orenda): o que se deduz de muitas crenças e superstições de tempos posteriores.

Já os antigos Lusitanos ligavam ao acto de atravessar o rio *Limia*, isto é, invadir um domínio tido por *tabú*, superstição terrível, que deixou nos autores clássicos eco extenso: e para evitar a cólera fluvial devia executar-se certo rito expiatório, como se mostrou nas *Religiões da Lusitânia*, II, 227. A ideia de atravessar rios, inicialmente sacrílega, continuou a inquietar até tarde a alma do povo, porque nas *Constituïções* episcopais de Évora, de 1534, ordena-se que não se pratiquem bênçõeѕ mágicas com espada que atravessasse o Douro e o Minho três vezes [2]. Aqui a superstição estendia-se pois a outros rios interamnenses, e entra nela o número três, sempre fatídico. Há anos ouvi contar no Pêso de Melgaço que quando uma pessoa precisa de atravessar o rio Minho, para ir a Arbo, povoação galega que jaz fronteira, há-de levar até lá um seixinho na bôca, para durante a travessia não poder falar, senão as Feiticeiras metem-se com ela. O *silêncio* é outro grande agente ritual nas cousas de magia e de religião. E suponho que no nosso caso o falar provocaria a saída de espíritos sobrenaturais, habitadores da água, representados nas Feiticeiras. Ninguém ignora que pronunciar-se o nome do Diabo faz aparecer êste, o que traz consigo más conseqüências: e, portanto, as mulheres não proferem o nome verdadeiro, substituem-no por *Diacho*, *Dianho*, *Dialho*, *Diogo*, ou por um sinónimo [3], na suposição de que o Espírito das

---

(1) Comunicação feita em Coimbra ao Congresso de Antropologia e Arqueologia pre-histórica, em Setembro de 1930.

(2) Apud Adolfo Coelho, *Costumes e crenças*, I, 27, A.

(3) *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 399.

trevas o não entende, por não ser o mesmo. Há muitos outros exemplos de se *enganarem* màgicamente seres sobrenaturais e naturais.

Quem atravessava um rio, ou lhe punha uma ponte, *profanava* o seu domínio. Juntei a êsse propósito vários exemplos antigos e de povos selvagens nas *Religiões*, *loc. cit.* Conta um nosso africanista que uma tribu do arquipélago de Bijagó atacou com grande violência uma lancha guiada por Europeus que ousou penetrar-lhe num rio sagrado ([1]). Foi, como julgo, por motivo semelhante que quando se lançou a ponte do caminho de ferro do rio Douro, no Pôrto, o Bispo da diocese a benzeu, — do que muita gente da cidade se lembrará; e ainda em Agôsto próximo passado, ao inaugurar-se a ponte do Sorraia, em Coruche, praticou igual cerimónia o Rev. Arcebispo de Évora ([2]). A noção que hoje se forma disto é muito cristã: evitar que sofram desastre passageiros nas pontes; contudo a razão primordial será bem diversa: teremos aqui vestígios de *propiciação* de antigas divindades fluviais a cuja protecção as pontes ficavam entregues ([3]). Ao Douro presidia realmente na época lusitano-romana, como veremos, uma divindade; se ao Sorraia acontecia então o mesmo, não o sabemos: é todavia claro que um costume, justificável històricamente num ponto, se propaga a outro análogo por imitação. De cruzes e nichos que se vêem em muitas pontes não poderá talvez dar-se explicação diferente desta, ou que pelo menos não pertença a um círculo de ideias pre-cristãs, pois na Germania encontrou-se uma inscrição romana em que se consagra uma ponte a Mercúrio ([4]): e é bem sabido que Mercúrio governava nos caminhos como protector dos viandantes.

Sendo o Entre-Douro-e-Minho província regada de muitos rios, não admira que nos Interamnenses voguem outras e curiosas superstições fluviais, além das expostas.

Uma vez, em conversa com um campónio, perto do rio

([1]) Cónego Marcelino de Barros, no *Portugal* (jornal), de 18 de Novembro de 1907.

([2]) *O Século*, de 17 de Agôsto de 1930.

([3]) Cfr. *Hdbuch des deutschen Abergl.*, I, 1659 (Bächtold-Staubli).

([4]) *Année épigr.*, 1903, n.° 279 (apud Toutain, *Cultes*, I, 309.

Homem, ouvi-lhe a seguinte observação: *o rio Homem é muito mau, há-de comer cada dia um fôlego vivo*. Por *fôlego vivo* entenda-se gente ou animal. Depois ouvi mais vezes falar da superstição a pessoas de Coucieiro, concelho de Vila-Verde; e também m'a repetiram aplicada ao Cávado e ao Tâmega. A respeito do Tâmega o que se conta no Marco de Canaveses é que êle, quando está revôlto, quer que afogem em sua honra um frango: e afogando-o, o rio não sai para fora do leito. Superstições semelhantes, de rios que *reclamam vítimas*, existem na França, na Alemanha, etc. [1], como tradição de antigos sacrifícios, feitos, não aos génios dos rios, mas à própria água, com o intuito de lhe aumentar a fôrça produtiva ou criadora de peixe [2], e de certo outras das muitas que existem nos rios ou se lhes atribuem (fecundidade agrária, etc.). Paralelamente se explica hoje assim grande número de superstições respeitantes a fenómenos naturais. O conceito de sacrifício pròpriamente dito veio só depois, quando se chegou à crença de que há espíritos, génios ou divindades de que depende o império dos rios, crença tão viva na antiguidade clássica [3]. Não faltam, por exemplo, inscrições romanas dedicadas ao Danúbio, ao Pó, ao Reno, ao Tibre, não raro ennobrecidos do epíteto de *pater* [4]. O nosso Douro também aqui teve seu quinhão, como consta de uma lápide aparecida nos arredores desta cidade [5]. E talvez nas mesmas circunstâncias estivesse o Mondego ou *Mondaecus* [6].

De princípio sacrificavam-se aos rios seres humanos, crianças inocentes, que, com o progresso da civilização, se substituiram por animais, frutos, e semelhantes símbolos [7].

---

(1) *Mélusine*, II, 252; Sebillot, *Folklore de France*, II, 338-339; Wultke, *Der deutsche Abergl.*, 3.ª ed., § 92.

(2) *Hdb. des deutschen Abergl.*, II, 1691 (Hünnerkopf).

(3) *Ibidem* (idem).

(4) Dessau, *Inscript. Lat. select.*, 3912, 3903, 3913, 3902.

(5) *Religiões da Lusitânia*, II, 234.

(6) *Ibid.*, III, 87 (nota).

(7) *Hdb. des deutschen Abergl.*, II, 1691 (Hünnerkopf); Preller, *Römische Mythologie*, 3.ª ed., p. 135. Continúa êste último: nos idos de Maio atiravam-se ao Tibre, do *pons sublicius*, monos de palha, com forma humana, certamente em substituïção de sacrifícios feitos outrora à divindade do rio,

Por outro modo, e não apenas como fica dito, se aumenta a produtividade ictica dum rio: indo um padre num barco, a que pertence o lançamento da rêde na pesca dos sáveis no pôrto de «Segadães» benzer ritualisticamente a água, acompanhado do mordomo, que leva a cruz da igreja (1). Em qualquer livro de bênçãos eclesiásticas se encontram fórmulas para benzer rêdes de pescaria, por exemplo, numa *Colecção* publicada no Pôrto em 1797, onde, a p. 171 vem uma em que se lê: *quaesumus, Pater omnipotens, ut mittere digneris benedictionem in istud rete*, costumes estes, cujas raizes emergem evidentemente do paganismo.

Sair um rio fora do álveo, como há pouco se disse do Tâmega, isto é, haver uma *cheia* extraordinária, considera-se, de facto, castigo do Céu: cfr., por exemplo, a *Mondegneida*, poema herói-cómico do século XVIII, cant. IV, est. 9. Agora a concepção sobrenatural é um pouco mais elevada do que a que temos visto até aqui: e isso se compreende que aconteça num povo católico e crédulo, como o nosso. E já o dizer-se que o Tâmega exige uma vítima, para se aquietar, se afasta da primitiva concepção mágica.

Ao campo da religião e da magia pertence igualmente o haver sido o Tejo *excomungado* e *absolvido*. Por infelicidade perdeu-se-me o respectivo apontamento, e não posso indicar pormenores.

A água dos rios, pela sua limpidez e movimento, possue naturais propriedades purificadoras, a que o povo às vezes dá carácter sobrenatural. Afirma o médico Fonseca Henriques, do século XVIII, que na madrugada da vespera do dia de S. Tiago os doentes iam de muito longe lavar-se ao rio Olo, em Gestaçô, cuidando que se livravam de achaques (2): superstição muito geral e conhecida, tanto em Portugal, como lá fora, respectiva a outros dias de santos: S. João, etc. Colhe-se de um documento do século X que dois individuos da Galiza, acusados de furto, foram mandados meter no rio Minho até o

---

monos que se chamavam *Argei*. Vid. também *Dict. des antiq. gr. et rom.*, s. v. «flumen», col. 1191, B.

(1) *O Economista* de 20 de Abril de 1889, ap. G. Viana, *Apostilas*, II, 58.

(2) *Aquilegio* de Fonseca Henriques, p. 254, a qual remete o leitor para Faria e Sousa, *Epitome*, pt. IV, cap. 17.

pescoço, para se mundificarem do crime, devendo em seguida sujeitar-se à prova judiciária da *caldeira*. Assim o narra o P.e Viterbo [1].

Muito valiosa e significativa a tal propósito é uma superstição do concelho de Nelas, que importa descrever um pouco miùdamente.

Na frèguesia de Senhorim, dêsse concelho, no sopé duma ladeira de penedos e carvalhos, em cujo alto se ergue branquejante a capela da Senhora do Viso, passa um rio chamado *Santo*, isto é, *Rio Santo*, que nasce da junção dos rios Cuba e Videira: um dos rios ou riachos vem de Almeidinha, concelho de Mangualde, vale meridional da Senhora do Castelo, onde houve um castro pre-romano, e passa na Mesquitela, ao fundo da Cunha Baixa, onde há uma anta; o outro nasce em Vila Nova, e passa pelos Braçais. Pouco abaixo da confluência formou-se um açude, ou *Poço Santo*; depois o rio continua com o nome de *Rio do Castelo*, isto é, do *castelo*, certamente «castro», de Senhorim, até o Mondego, e aí se some, ao pé da Póvoa de Baixo. Ao passo que o *castelo* fica na margem esquerda, a capela da Senhora do Viso fica na direita, a uns duzentos passos distante dêle.

Na capela venera-se num nicho a imagem de S. Bartolomeu, a quem se faz animada festa em 23 e 24 de Agôsto de cada ano, concorrida de muito longe. Então a imagem do santo é tirada do seu nicho e posta em singelo andor, como os que por aqui se usam.

Em 23, ao fim da tarde, sái uma procissão da igreja matriz de Senhorim para lá, com outros andores, e música; aí recebe o de S. Bartolomeu, e segue até o Poço Santo, para o pároco da frèguesia benzer a água; por fim tudo regressa à capela. Em anos de séca, dá-se o caso de faltar água no rio: por isso os devotos buscam-na de ante-mão onde a há, e conduzem para o sítio, em carros de bois, dornas com ela, despejando-a no açude ou Poço Santo.

No adro da capela e arredores está organizado enorme arraial. Inúmeras pessoas circulam e se acotovelam por tôda a parte, ora cantando e dançando, ora comendo e bebendo, pois estão armadas, e expostas ao apetite, muitas *bancas* ou taboleiros, de alvas toalhas, com doces sêcos: *cavacas*, *broi-*

---

(1) *Elucidário*, s. v. «provas», nota.

nhas, beijinhos, rebuçados — e não faltam ao pé barris com vinho; também se vende fruta: figos em cestos, e melões e melancias, estendidos no chão, junto dos muros do adro. De onde em onde toca a música, e sobem foguetes ao ar e balões, com que os romageiros mais se entusiasmam a comer e beber. Já tarde da noite queima-se fogo de artifício, vulgò *fogo preso*, ou *árvores de fogo*. — Se dos indivíduos que concorrem a actos dêstes, aparecem alguns com sincero sentimento de fé, a maioria procura simplesmente pretexto para se recrear. As romagens quási não passam de divertimentos profanos (e talvez sempre assim acontecesse, mais ou menos). Nem o coitado do nosso povo dispõe de muitos outros!

O dia 24 de Agôsto é rigorosamente o da festividade religiosa de S. Bartolomeu, a qual se realiza na capela: missa cantada e sermão. De tarde volta para a igreja matriz a procissão, que de lá saíu na véspera; só o andor do padroeiro permanece no seu santuário.

Passemos à superstição.

O povo acredita firmemente que tanto a imagem do santo, como a água do rio goza de eficaz virtude contra usagre, herpes, eczemas, e outras hermatoses, e contra ulceras, porque S. Bartolomeu, conforme uma versão da sua biografia, foi esfolado vivo: *Flos sanctorum*, de Rosário, II, *mihi*, p. 137. O esfolamento era um suplício usado pelos antigos. Ainda hoje, como vestígio dêle, dizemos a cada passo, para refôrço de uma negação: *ainda que me esfolem!* ou *ainda que me esfolem vivo!* Há outras muitas locuções que derivam de penalidades de outrora. Ao aproximar-se do Poço Santo a procissão, e preparando-se o paroco para o benzer, já muitos doentes se aglomeram nas duas margens: e mal o sacerdote deita a bênção, logo aqueles começam tomando banho, isto é, o *banho santo*, no açude, a qual mais prestes. No rio estabelecera-se uma divisão, com um ripado: de uma banda para os homens; da outra para as mulheres. Todos se metem na água. As mulheres, vestidas de saias velhas, boiam maquinalmente ao de cima da água, mas mergulham, porque o pego é pouco profundo, e depois mudam de roupa em qualquer recanto arborizado da margem. Os homens, arregaçados das pernas, e, despidos da cinta para cima, e os rapazes às vezes nus de todo, nadam sem esfôrço. Asseguram-me que no rio, por baixo da água, no Poço Santo, onde se toma o banho, se vê uma cruz figurada no leito pedregoso, não sei se

artificial, se natural, e que outra cruz, porém de madeira, está espetada num penedo exterior, na margem esquerda.

Após o banho, os doentes, enxutos e vestidos, dirigem-se à capela, ao andor do santo, e friccionam a imagem com lenços, que acto contínuo passam pelo rosto, ou pela parte doente, na persuasão de que saram das mazelas. Diz-se que o *santo sua*, e que é o suor sagrado o que se recebe nos lenços. Como faz ardente calor no tempo da festa, e há muito apêrto na capela, aquilo que parece *suor* do santo é dos próprios doentes, — o que avigora a crença; ainda que não nego que o sacristão empregue algum artifício, ou que a côr da imagem se afigure suar à desvairada imaginação do povileu.

Terminada a fricção, os doentes descem de novo ao rio: molham aí os lenços, levando-os ao rosto para o humedecerem; e desenhando com êles uma cruz no ar, *viram as costas à corrente*, e atiram-nos à água por cima do ombro. — Em vez de lenços podem, para as fricções e para isto, servir simples panos. Consta-me que a par com os lenços ou panos se deitam à água vestidos de crianças, e até roupas boas. Ninguém depois apanha da água nada disto. — Também no rio se lava o cabelo, para êste ganhar fortaleza.

Quanto fica dito, é descrição do passado, feita por informações que em diferentes épocas, desde 1892, colhi *in loco*, e de pessoas fidedignas, conhecedoras directas da superstição. Hoje não há tanta regularidade. No ano presente, em que assisti às cerimónias do dia 23, as fricções, por exemplo, começaram antes da chegada da procissão; mulheres e homens esfregavam desesperadamente a cara do pobre santo, que de bigode e barba preta, muito impertigado, e muito feio, sofria resignado os tratos que lhe infligiam. O pároco, por ordem do bispo da diocese, não benzeu ritualmente a água do rio. Vi contudo muita gente patinhar no Poço Santo, e môços nadarem nêle.

Analisando esta complexa superstição, encontramos uma parte pagã, e uma parte católica, embora inseparáveis uma da outra.

Volve-se antes de mais nada a nossa atenção para o contacto que os devotos, por intermédio do lenço, estalelecem com a imagem do santo, para disso retirarem benefício, e mais que contacto, apropriação da fantástica secreção sudorífica. É bem conhecida a importância que a actos de tal natureza se concede no campo da magia. Operar com uma per-

tença dum corpo, com suor, como aqui, ou saliva, ou sangue- ou lascas de unhas, ou cabelo equivale a operar com o corpo inteiro. É por isso que as mulheres, com receio de que alguem enfeitice os cabelos que o pente solta, quando se penteiam, e por tanto a elas, não os deitam à rua; em algumas terras, por exemplo, Nelas, enrolam-nos, benzem-se com o rôlo, cospem-lhe e metem-no num buraco de parede, em Celorico da Beira, tapado com uma pedrinha; ainda que o deitem fóra, o que às vezes acontece, já não temem feitiço, porque o gesto cruciforme e a saliva são apotropaicos. Vi uma vez na Catedral de Compostela um padre cego tocar com um rosário o sarcófago que lendáriamente se supõe ser de S. Tiago, e entregá-lo depois com devoção a uma beata que estava ao pé: o contacto do rosário com o sarcófago extraiu-lhe virtude.

Outro elemento pagão da superstição de Senhorim é o banho, ou *banho santo*. Tomar no rio meramente um banho, sem ideia acessória de influência sobrenatural, não seria superstição, seria higiene ou recreio; a superstição, isto é, o sobrenatural, manifesta-se em o banho se tomar em dia determinado e santificado, dia de S. Bartolomeu, em saber-se que se toma ao de cima de uma cruz figurada no álveo, e em estar benzida a água. Com o banho se relaciona a lavagem do rosto e do cabelo, e o arremessar à água o lenço manchado dos males do doente, para ela o levar para longe, como também se vê na Alemanha e noutras terras (1).

Notável rito pagão consiste em o lenço se arremessar de costas voltadas: se fôsse de frente, imaginar-se-hia talvez que o olhar do arremessante tornava a atrair a doença. Êste rito tem muitos paralelos estrangeiros, e com êle está em intima concordância, entre outros, um de Baião: quando se executam certos feitiços que uma Feiticeira manda fazer, *v. g.*, defumadoiros de *pelicão* (herva), hervas *de três adros* (apanhadas em três adros), *alecrim*, etc., devem estas plantas depois deitar-se fora, num ribeiro ou rio, sem se olhar para traz.

A bençāo da água e a festividade de Senhorim são pura cristianização de antiquíssimas crenças que a Igreja encontrou quando o cristianismo ali se introduziu, e que ela não pôde

(1) *Hdb.* (já cit.), I, 1682. Cf. a mesma obr., I, 933, § 3 (virtude maravilhosa que tem as fontes de S. Bartolomeu), onde se remete o leitor para a *Zs. f. Volksk.*, I, 300.

extirpar de repente, porque a religião é sempre sentimento profundo, mas que precisou de colorir. S. Bartolomeu, por outro lado, desempenha profilático papel na vida religiosa e geral do povo português, é santo essencialmente conexo com o poder orêndico da água, visto que cada banho de mar tomado no seu dia corresponde a nove, por exemplo, em Matozinhos. Neste caso emparceira com S. João, em cuja noite, de 23 para 24 de Junho, um banho, tomado no mar, ou algures, vale por sete: na Figueira da Foz denominam igualmente *santo* o tal banho, donde se patenteia que a santidade do de Senhorim não provém da bênção eclesiástica, provém da venerabilidade do dia, e sobretudo da qualidade mirífica da água.

Quando acima considerei antiquíssima a superstição de Senhorim, tinha em mente que ela, no meu entender, ascenderia aos povos que, segundo consta das relíquias arqueológicas que lembrei, uma anta e dois castros, habitaram a respectiva região em tempos pre-romanos; e omiti por brevidade menção de muitas outras que conheço. Tão cheios de antiguidade estão aqueles sitios, que no rio do Castelo, continuação, como vimos, do Rio Santo, pensa o vulgo que vive encantada uma Moira, que na noite de S. João, sempre fabulosa, traz ao lume d'água uma grade de oiro e um cambão; mas que, aproximando-se alguem para oa apanhar, a Moira foge. A Moira representa uma espécie de Ninfa, como já de modo genérico aventou Garrett.

Para completar o que pertendi dizer da festa de S. Bartolomeu permita-se-me que reproduza umas canções que os romeiros cantam no arraial.

1.ª série:

Senhor S. Bartolomeu,
Aqui vos trago uma rosa
Que vos vem a *vegitar*
O ranchinho da Abrunhosa.

Senhor S. Bartolomeu,
Mandai varrer o terreiro,
Que vos vem a *vegitar*
O ranchinho do Outeiro.

Nelas se fala familiarmente com o santo, como noutras de outras romagens do Centro e Norte de Portugal. — Abrunhosa e Outeiro (de Espinho) são lugares do concelho de Mangualde,

2.ª série:

A 24 de Agosto
É o S. Bartolomeu:
Menina fuja ao seu pai,
Que eu também fujo ao meu.

Rio Santo, Rio Santo,
No meio tens um *penedro*:
Se não for's ao Rio Santo,
Não terás amor tão cedo...

ambas as quais não significam que S. Bartolomeu seja casamenteiro, como Santo António, S. Gonçalo, S. João, e sim que as romarias e adjuntos motivam amores, sendo de mais a mais os Portugueses tão propensos a paixões. Alêm disso a segunda cantiga desta 2.ª série não constitue exclusivo privilégio do Rio Santo, aplica-se *mutatis mutandis* ao Douro, ao Dão, etc.

E continuaremos a falar de outras superstições fluviais.

Por estar sujeita a corromper-se a água estagnada ou de pouco movimento, os rapazes no concelho de Celorico da Beira, ao terem de beber água que não seja de fonte, por exemplo, a de um rêgo, *esconjuram-na*: para o que traçam cruzes no ar sôbre ela, com a mão direita, e recitam a seguinte fórmula:

Além vem S. Romão,
C'uma galinha na mão:
Toda a gente aqui bebe,
Só o Demo é que não.
Peçonha para baixo,
E água bôa p'ra cima!

Ouvi em Folgosinho, concelho de Gouveia, uma fórmula parecida. O valor mágico da fórmula revéla-se bem. E não só nesta figura o mesmo santo. — Com a referida superstição concorda o adágio: *água corrente não mata gente*, tirado de justa observação da Natureza.

Se a água dos rios se torna objecto de tanta superstição, o povo não esquece da mesma fórma os rochedos em que ela bate, nem os vegetais que a rodeiam,

Por baixo da ponte do já mencionado rio Homem existe um *pulpito* construido pelo Diabo. Assegura-se que duas pessoas, que andem desavindas, se reconciliam passando por lá. Visto que a água, depois de no sitio produzir turbilhão, se aquieta, a imaginação popular comparou com isso a desavença dos viandantes, para logo acomodada. Com freqüencia se dão

a penedos nomes de cousas que se fabricam. Exemplos semelhantes, que me ocorrem: *cadeira de S. Vicente*, no Algarve; *varanda da Inacinha*, na Beira Alta.

No que toca aos vegetais, informou-me uma mulher do Alto-Minho, já entrada em anos, muito crendeira, e sabedora de superstições, de que *o rio Minho tem muita mèzinha*. E exemplificou com o que se segue. Quando uma criança está *enganida*, isto é, sêca, sem medrar, vai com ela qualquer pessoa, à meia-noite em ponto, à beira do rio, apanhar uma porção de trovisco, pouco mais ou menos do pêso da criança. Chegada a casa, coloca-a num dos pratos duma balança, e põe no outro sucessivamente trovisco, até que a balança se equilibre. Retira em seguida a criança, e leva o trovisco ao telhado, para junto da abertura por onde sai o fumo da cozinha. O trovisco a secar, a criança a engordar! Deparam-se-nos aqui várias ideias mágicas: a escolha da hora da meia-noite, e do trovisco como planta de cheiro activo e, se assim posso exprimir-me, demonífugo; a substituïção da criança por êle, equiparado à mesma no pêso; e o contraste da medrança com o deperecimento do vegetal.

A grande e sobrenatural impressão que, como havemos visto, os rios causam na alma do povo, impele-o também a invocá-los como têma de poesia: do que está cheio o Cancioneiro tradicional:

Ó rio Dão, rio Dão,
Não percas o teu valor,
Não queiras ser como eu,
Que perdi o meu amor!

fala-se aí com o rio, como se êle gozasse da faculdade do entendimento. Nestas duas do Alentejo,

Ao pasar's o ribeirinho,
Ao pasar's o ribeirão,
Meu amor, casa comigo,
Dá-me a tua d'reita mão...

Ao passar do ribeirinho,
Joãozinho, dá-me a mão,
Qu'eu prometo de ser tua,
Mar por ora ainda não... (1).

estabelece-se analogia, algo transcendente e significativa, de se *dar a mão* na passagem da água com acto igual na cerimónia do casamento; pois o principal e quasi único alvo que

(1) Pires, *Cant. pop. port.*, I, n.os 1741, 1745.

domina a inspiração dos cantadores, directa e indirectamente, é sempre o amor!

A personificação que o povo faz dos rios não vai muito além de invocações, comparações e dialogação, como nas três cantigas que li agora. Para acharmos verdadeiro antropomorfismo, necessitamos de recorrer a artistas, e a poetas no sentido estrito da palavra. Os Gregos e os Romanos legaram-nos muitos documentos de tal concepção em esculturas, numismas, etc. Em moedas de cobre da própria Lusitánia temos uma reprodução artística do rio *Anas* ou Guadiana ([1]). Na descrição do Ganges e do Índo, diz Camões, *Lus.*, IV, 71-72, seguindo na esteira da mitologia clássica:

Dois homens, que mui velhos pareciam,
De aspecto, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabelos lhe cahião
Gottas que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

De ambos de dous a frente coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha.

E Garção, *Poesias*, Lisboa 1778:

O patrio Tejo na urna recostado.

Por imitação das moedas antigas se colocou a figura do Douro e Tejo em medalhas comemorativas da Guerra Peninsular ([2]). Na mesma ordem de ideias, modestos impressores adoptaram personificações de rios hispano-portugueses para emblemas tipográficos, conforme tenho visto em livros antigos.

*

As matérias, a que por último me referi, iam-me afastando do meu assunto: superstições de rios. Lembrei-as, porém, como remate, pois eram natural conseqüência dêle, com quanto não fôsse meu intuito estudá-lo amplamente, senão

---

([1]) *Religiões da Lusitánia*, III, 254.

([2]) Artur Lamas, *Medalhas portug.*, I, 119 e 121.

mais havia que dizer de superstições, e de mitologia e poesia populares.

Ainda assim, no pouco que se rebuscou para objecto da presente comunicação, ministraram-se exemplos de tipicos momentos da vida magico-religiosa do nosso povo, considerado na sua continuidade genealógica, desde prístinas eras: em primeiro lugar, o próprio poder misterioso das águas (pre-animismo), tabús, e a existencia de génios aquaticos. Estes três grupos de fenómenos são de entre todos lógica e sucessivamente os mais remotos. Observámos depois a intervenção da Igreja para santificar o que se lhe afigurava pagão, e por fim encontrámos casos de antropomorfismo, que, tendo por base fundamental concepções sobrenaturais ou impulsos de emotividade, se expandiu em obras de arte e de literatura.

J. Leite de Vasconcellos.

Formas de tratamento, em português

---

1. O tratamento de mais cerimónia, hoje empregado, é o de *Vossa Excelência*. A expressão não é lá muito fácil de proferir, com rapidez, — pelo que já a mudaram em *Vosselência* e *Vossência*, formas que afinal não pegaram bem. Conheço um indivíduo que diz sempre *Vossa Excência*, em vez de *Vossa Excelência*.

2. Para o povo, *Vossa Excelência* transformou-se em *Vossa Incelência* ou *Vossa Inçulência* (não faço agora caso das várias pronúncias populares do *-en-*).

3. Em lugar de *Vossa*, o povo diz muitas vezes *Sua*: *Sua Incelência* (ou *Inçulência*), — que é forma própria de quando se fala de terceira pessoa. Cfr. *Sua Merced*, nestes versos galegos:

— Señor xuez,
non nego que fún aló;
pero escoite sua merced
non se engañe d'esta vez
que ó queren ben por acó (1).

4. Note-se que em circunstâncias excepcionais — por ironia, geralmente —, se emprega *Sua*, por *Vossa*. Por exemplo, o pai, zangado com o filho, pode falar-lhe assim: — «*Sua* Excelência há de ter muito que fazer lá por fora, para não estar a horas em casa!» A irritação do pai manifesta-se: 1.º, por não tratar o filho por *tu* e lhe dar, irònicamente, o mais elevado tratamento *(Excelência)*; 2.º, por se lhe dirigir indirectamente, usando *Sua*, e não *Vossa*, como se estivesse a falar, não *a êle*, mas *dêle*, para mais salientar a ironia do tratamento, pois quando se diz *Sua Excelência* de alguma pessoa «ausente», é porque essa pessoa é da mais alta categoria, e respeitabilíssima.

5. Tratar uma criatura por forma *muito mais elevada* do que à sua categoria (ou à intimidade havida) compete, é

---

(1) Juan Montero, *Rosa e Pascual*, in *Literatura Gallega*, de Eugénio Carré Aldao, 2.ª ed., Barcelona 1911, pág. 259.

sinal de contundente *ironia*. Usando-se *Você* por *tu*, ou *o Senhor* por *Você*, isto é, tratamento *imediatamente* superior ao habitual, há irritação, ou censura, mas em regra não há ironia.

6. O empregar o povo *Sua*, em vez de *Vossa*, não é só influência de se dizer *Sua* quando se fala de terceira pessoa, mas ainda influência de se tratar *a pessoa com quem se fala*, como se fôra *terceira*: «¿Vossa Excelência *vem* amanhã?» — Em português, é assim, na 3.ª pessoa, singular, que se tratam os indivíduos, menos quando (está bem de ver) se emprega *tu* ou *vós* (Cfr., no entanto, **61**).

7. Usa-se, pois, *seu (sua, seus, suas), lhe, o*, quando se fala com alguém: — «Já *lhe* disse que não quero o *seu* livro; convido-*o* a guardá-lo». A respeito de *si*, *consigo*, usados com a pessoa a quem nos dirigimos, Vid. o que escrevi n-*a Linguagem de Camilo* (1), e J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, IV (2). Vid. também **66** e **67**.

8. *Seu*, portanto, quere dizer *dêle* ou *dela*, e *dêles* ou *delas*, e ainda *de Você* e *de Vocês* (isto é: «da pessoa» e «das pessoas» com quem se fala), — do que resulta muitas vezes confusão. Para evitar a confusão, pode-se empregar pleonàsticamente *de Você*, *de Vocês* (ou frase equivalente), assim como se emprega *dêle* (*dela*, etc.): *seu*... *de Você*, *seu*... *dêle*, etc. Cfr.:

... «e desistiram das *suas* pessoas *de vossas mercês*» — Camilo (3).

A isto me refiro com desenvolvimento n-*a Linguagem de Camilo* (4).

9. É freqüente substituir *seu* (= de Vocês), por *vosso*, para não haver ambigüidade. Esta substituïção faz-se até, por vezes, quando o sentido, com o emprêgo de *seu*, ficaria bem claro: « — Meus Senhores, às *vossas* ordens!»; «a carta que VV. Ex.cias publicaram na *vossa* revista» (em vez de «*suas* ordens», «*sua* revista»).

---

(1) Pôrto 1927, págs. 187-191.

(2) Coimbra 1929, pág. 1029.

(3) *A Filha do Doutor Negro*, Pôrto 1864, pág. 58.

(4) Págs. 196-202.

*

10. *Vossa Senhoria* é hoje fórmula usada no comércio e na tropa [1]. Fora daí, emprega-a apenas o povo aldeão — adulterada geralmente em *Vòssinhoria* [2], *Vòssioria* [3], *Vòssoria*, e *Vàssoria* [4]. *Vòssoria*, é como se ouve mais.

« — Vossoria então está a lêr! » — Camilo [5].

11. Em Espanha, *Usía*, de *Usiría*, de *Useñoría*, de *Vueseñoría*, de *Vuestra Señoría* [6].

12. Quando se usa *Vossa* (ou *Sua*) *Excelência*, *Vossa* (ou *Sua*) *Senhoria*, faz-se a concordância gramatical, atendendo ao sexo da pessoa com quem se fala (ou de quem se fala), e não ao género dos vocábulos *Excelência* e *Senhoria*: « Vossa Excelência é muito *generoso!* » (falando a homem), etc.

*

13. É usual tratar-se a pessoa, com quem se fala, por *o Senhor (a Senhora)*: — « *O Senhor* não me enviou o livro que lhe pedi »; « ¿Que me diz *a Senhora*? » Não é tratamento de cerimónia.

14. Mas *Ex.mo Senhor (Excelentíssimo Senhor)*, usado como vocativo, principalmente quando nos dirigimos a alguém por escrito (carta, mensagem etc.), é de cerimónia. Nos sobrescritos, põe-se *Il.mo e Ex.mo Sr. (Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor)*, ou só *Ex.mo Senhor*, que é de mais cortesia. No comércio, usa-se *Il.mo Sr.*

15. *Senhor* (e *Senhora*) é o tratamento empregado quando

---

(1) De major para cima, é do Regulamento dar-se *V. Excelência*; de capitão a alferes (subalternos), *V. Senhoria*. — Acêrca dos tratamentos, entre militares, vid. Rodrigo de Sá Nogueira, *A Psicologia vista através da Filologia*, in *Alma Nova*, N.° 2 (V Série), de Agôsto de 1927, — artigo acêrca do « tratamento » no aspecto psicológico.

(2) Cfr. *Rev. Lus.*, XIII, 126.

(3) J. J. Nunes, *Digressões Lexicológicas*, Lisboa 1928, pág. 73.

(4) Cfr. *Rev. Lus.*, XVII, 158. Na Madeira.

(5) *A Brazileira de Prazins*, 4.ª ed. (Colecção « Lusitânia »), pág. 178.

(6) Cfr. *Dic.* da Academia Esp.

afirmamos ou negamos. — *Sim, Senhor; não, Senhor; sim, Senhora; não, Senhora*... [1].

16. A respeito de «Senhoras», diz-se também *minha Senhora*, forma que, em certos lances, é muito mais usada. Diz-se, por exemplo: «¿Não é verdade, minha Senhora?», e não: ¿Não é verdade, Senhora?», — a não ser em circunstâncias especiais (cólera, desprêzo...).

17. Quanto a homens, só o povo emprega *meu Senhor*:

« — Está tudo arranjado, meu senhor!» — Eça de Queirós [2].

Êste *meu Senhor* cheira a submissão — e por isso só o povo o usa, no hábito que lhe ficou dos tempos medievais: o povo do Norte e da Beira, onde a fidalguia dominou; o do Sul, não [3]. A *submissão* a mulheres, essa é galante, cavalheirosa...

18. Entre o povo, em grande parte do país, os pais são tratados por *senhor Pai*, *senhora Mãi*.

«Sabe que mais, senhor pai?... ou vossemecê me livra, ou eu vou juntar-me à quadrilha que anda na Terra Negra» — Camilo [4].

— «Que me diz vossemecê, sr. pai?» — *Id.* [5].

— «Veja você, sôr pai» — *Id.* [6].

Nos romances populares, encontra-se o tratamento, com freqüência:

— «Deus venha c'o senhor pae
E o traga na sua guia!»

O Conde de Alemanha [7].

— «Não diga tal, senhor pae;
Ninguém lhe oiça tal fallar;

Dom Claros d'Além-mar [8].

---

(1) Cfr. o que escrevi na *Rev. Lus.*, XVII, 350.

(2) *A Cidade e as Serras*, 6.ª ed., Pôrto 1919, pág. 189.

(3) Cfr. J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. I, Coimbra 1928, pág. 461.

(4) *Novelas do Minho*, I, Lisboa 1903, pág. 195.

(5) *Ibid.*, pág. 200.

(6) *A Brazileira de Prazins*, ed. cit., pág. 167.

(7) *Romanceiro*, de Almeida Garrett, 3.ª ed., vol. II, Lisboa 1875, pág. 82.

(8) *Ibid.*, pág. 206.

19. Se se fala a alguém no pai ou na mãi, ou em qualquer parente, é costume, quando se faz cerimónia, dizer *Senhor seu Pai*, *Senhora sua Mãi*, etc. — Cfr. no *Filodemo*, de Camões:

SOLINA: Dá-me cá no coração
que é vindo o Senhor seu pai
com o Senhor seu irmão [1].

20. Os exemplos camilianos, acima estampados, mostram que, entre o povo, se dá aos pais o tratamento de *vossemecê* e *você*. *Vossemecê*, para os aldeãos, é mais respeitoso que *você*. Na Beira, os pais são tratados por *vossemecê*. No Minho, ouve-se muito — *você*.

21. Fora do povo, em geral fala-se aos pais, dizendo: *O Pai*, *a Mãi*: — ¿« *O Pai* quere que eu vá já?»

22. «Na freguesia de Vilarinho da Samardã, o tratamento usual dos sobrinhos e sobrinhas aos tios é: *Mantenha-o Deus, sr. tio*, ou *sr.ª tia*. O mesmo tratamento fazem os afilhados aos padrinhos. Mas o que é mais notável é que um tal tratamento só lho fazem, quando são muito velhos tanto uns como outros (tios e padrinhos)» [2]. É uma saüdação, em que se vê o tratamento usado.

23. Quanto a *Senhora Madrinha*, vid. **87**.

24. *Senhor* é pronunciado pelo povo: *sinhôr*. Na cidade de Viana-do-Castelo, a gente do bairro da Ribeira diz *sinhóra*.

25. Outras formas populares: *siôr (siôra)*, *siô* [3], *sôr (sôra)*, *sô*.

Vimos acima um passo de Camilo, com *sôr*. Eis dois, de Eça de Queirós, com *siô* e *sô*:

«Que o ar aqui é muito bom, *siô* Fernandes, o ar é muito bom!» — *A Cidade e as Serras*, pág. 222.

« — Caspité! — exclamou o Melchior, curvando-se profundamente. — Que freguês, hein? D'aquillo não pilhava o *sô* Victorino todos os dias!» — *A Capital* [4].

---

(1) Acto V, cena I.
(2) *Rev. Lus.*, X, 214.
(3) Cfr. *Rev. Lus.*, VII, 255.
(4) Pôrto 1925, pág. 187.

Siôr vem registado na *Rev. Lus.*, como do Alentejo (1) e do Algarve (2).

26. No Entre-Douro-e-Minho, pelo menos, — a par com *sôr*, corre *ser* (= *s'r'*), forma que é só usada antes de vogal (ou *h*): «*Ser'* António», «*ser'*Ana», «*ser'*Henrique»...

27. *Ser'*, antes de consoante, reduz-se a *se* (= *s'*): «*Se* Francisco», «*se* Doutor», «*se* Dona Maria»... Em Contumil (Pôrto), disseram certa vez a um rapaz, que tratava outro por *Bastião*: — «Olha que não é *Bastião*, é *Sebastião!*»; ao que o rapaz retorquiu: — «Êle não é *senhor*». Tomara *Sebastião* por «*Se* Bastião».

28. *Senhor (senhora)* podem reduzir-se a *nhôr (nhôra)*, por intermédio de *s'nhôr (s'nhôra)*. Agora, perde-se o comêço, obscurecido, da palavra. Assim se diz no Alentejo e em Trás-os-Montes (3), e ainda na Beira. Em Vila-Pouca-de--Aguiar, dizem *nhar (nhara)* (4).

29. Para responder a chamada ou pregunta, usa-se na Beira, Trás-os-Montes e Alentejo, *nhôr*, *nhôra*, — muitas vezes a forma feminina, mesmo que seja homem quem chama ou pregunta (5). O emprêgo de *Senhora*, por *Senhor* (para afirmar, negar, ou responder a chamada), é popular (Vid. o que escrevi na *Rev. Lus.*, XVII, 350).

30. Habitual dizer-se, nas províncias anteriormente referidas, *nhôr pai*, *nhôra mãi*.

31. Em Trás-os-Montes, também se diz: *ónho pai*, *ónha mãi* (6). *Ónho pai* está por *ó nhôr pai*. Em *ó-nhôr*, como se fôsse uma palavra só, prevaleceu o acento no *ó*, obscurecendo-se o *ôr* final. De *ónho*, depois, *ónha*.

32. Na Beira, usa-se *ónha mãi*, correspondente não a *ó nhôra mãi*, mas a *ó minha mãi*. *Ó minha*, *ó m'nha*, *ó-nha*.

33. No Brasil: *sinhô*, e *sinhó* (7), *siô*, *nhôr (nhôra)*, *sinhô-*

---

(1) *Rev. Lus.*, X, 243.
(2) *Ibid.*, VII, 255.
(3) Vid. *Rev. Lus.*, X, 243; XV, 339 e 341.
(4) Vid. *Rev. Lus.*, XV, 350.
(5) Acêrca de *nhôra*, vid. *Rev. Lus.*, IV, 68.
(6) Alijó. *Rev. Lus.*, XV, 335.
(7) Vid. J. Leite de Vasconcelos, *Dialecto Português do Brasil*, in *Rev. de Estudos livres*, 1883-1884, pág. 462.

zinho, *nhòzinho*; *sinhara* (1), *sinhá*, *sinhàzinha*. Para meninos, carinhosamente: *nhô*, *nhônhô*, *iô-iô*, ou *ioiô*; e para meninas: *nhanhá* ou *nhanhã*, *nhanzinha* (2), *iá-iá*, *iá-iàzinha*. A *senhorinha* me refiro adiante (**38**).

34. Na África continental portuguesa, os pretos usam o tratamento de *tu*, ou de *patrão*, e transformam a palavra *senhor* em *siôr*, *siô*, ou *sô*. Em Cabo-Verde, também dizem *nhór*, *nho*: «*nho* Duque». — A presente nota e a relativa ao Brasil ficam para completar.

*

35. *Menina* é tratamento que se dá a qualquer rapariga, ou mulher nova, seja qual fôr a sua condição. — «¿A menina quanto quere pelas maçãs?»; «Ouça cá, menina!»

Diz a cantiga:

Quem me dera ser o linho
que vós, menina, fiais...

36. De *menina*, fazem *nina*, — em Santa Vitória do Ameixial (Extremoz), (3) em Castelo-Branco, etc. Cfr. **41.**

37. Nos dialectos de Mangalor, Dio e Macau, usa-se *bai* (menina): — *Bai*, toque essa valsa!; «*bai* Dulce não passaria» (4). «Do mesmo modo que *babá* para o menino, *bai* é o tratamento de carinho na Índia Portuguesa para a menina, e às vezes para a dona, da parte dos criados. Do concani *bai* ou *bāī*. *Bāyê* é vocativo da mesma palavra. Mas o tratamento não é peculiar às cristãs, como o supõe Bluteau, e repetem outros lexicógrafos; corresponde ao francês *mademoiselle* ou ao ingl. *miss*, com a diferença de que se dá também às mulheres casadas novas» (5). Bluteau registou *baé*.

38. Bem se podia usar *menina*, por *mademoiselle*, — mas as «meninas» não gostam: acham baixa a denominação. Já

---

(1) *Novo Dic.* de Cândido de Figueiredo.

(2) *Ibidem.*

(3) Vid. *Rev. Lus.*, XIX, 320.

(4) Vid. *Ibid.*, VI, 68 e 77. Cfr. *Ibid.*, IX, 155 e 217.

(5) Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, vol. I, Coimbra 1919, págs. 79-80.

lembrei [1] que se adoptasse *senhorinha*, que é de uso no Brasil.

39. Em vez de *menina*, tratamento que é para tôda a gente, usa-se *môça*, *mocinha*, para gente do povo (Minho).

40. O tratamento de *menino* já se não dá, como o de *menina*, a torto e a direito. Dá-se a rapazes de certa condição, e pequenos.

41. De *menino*, — *nino* (Castelo Branco). Cfr. **36.**

42. Muitas vezes, porém, usa-se *menino* equivalente a *homem*, — dirigido então a indivíduo de qualquer idade: «— *Ó menino*, que o traz por cá?», como se se dissesse: «— Ó homem, que o traz por cá?» Cfr. **94.**

43. Nos dialectos de Mangalor, Dio e Macau, a par com *bai*, usa-se *babá* (menino) e *babazinho*, como tratamento carinhoso e honorífico [2]. No *Glossário Luso-Asiático*, Sebastião Rodolfo Dalgado — que é o autor do citado artigo da *Rev. Lus.* — diz: «*Babá* (s. m.). Noi ndo-português gáurio[isto é: «o português falado na área das línguas gáurias ou neo-áricas, com exclusão do da área dravídica»] é o tratamento de carinho a um rapaz, como também em concani entre os cristãos de Goa. Mas nas línguas neo-áricas *bābā* designa primàriamente «pai», como em persa e turco, pôsto que se aplique ocasionalmente aos meninos» [3].

44. Paralelamente a *môça*, *mocinha*, usa-se *moço*. *Mocinho* apenas se emprega a respeito de *pequenos*.

*

45. É corrente *seu*, por *senhor*: — «Diga-me lá isso, *seu* João!»

Cfr.:

Seu Manuel, p'ra ver as môças,
fêz uma fonte de prata:
as môças não passam nela,
Seu Manuel quási se mata [4].

É da linguagem corrente *seu* (e *meu*) em expressões como

---

(1) In *Portucale*, II, 262.
(2) Vid. *Rev. Lus.*, VI, 68 e 77.
(3) *Loc. cit.*, I, pág. 73.
(4) *Rev. Lus.*, I, 156.

seu felizardo, seu maganão, seu ricaço... e (a mal) *seu patife, seu ladrão*, etc. O *seu*, antes de nome próprio, é caso particular de tal maneira de dizer. Na origem, é o mesmo que *de Você* (isto é: *da pessoa com quem se fala*); por se dizer (suponhamos) «felizardo *do homem*», «felizardo *dêle*», «felizardo *de Você*», passou-se a dizer «*seu* felizardo» (*seu* = *de Você*).

46. Em vez de *seu*, ouve-se, entre o povo, *sê*:

«Ora diga lá, ó sê Nunes». — Camilo (1).

«Ora venha de lá êsse abraço, amigo sê Zé!» — Camilo (2).

Creio dever relacionar-se directamente *sê* com *seu*, embora tenha havido influência de *se* (27).

*

47. *Dona*, dá-se a tôdas as «Senhoras». «*Senhora Dona* Fulana», ou, se houver alguma confiança, «*Dona* Fulana» apenas. A homens não se dá *Dom* — como se faz na Espanha. *Dom* é para reis, certos nobres e algumas personagens da Igreja.

*

48. *Vossa Mercê* já se não usa. Passou a: *vossemecê, voss'mecê, vomecê, vom'cê, vòcê (voncê), vòcê*. Tôdas estas formas — que estão devidamente seriadas — se empregam. De tôda a gente são *vòssemecê* e *vòcê* — sendo esta última a de uso mais geral. *Vòcê (voncê)* ouve-se, pelo menos, no Algarve (3), Alentejo (4) e Trás-os-Montes (5).

49. Em vez de *vòssemecê*, diz-se, nalgumas partes do Norte, *bassamacê*; na Póvoa-de-Varzim *bassamacé* (6). No Algarve, *vòssemecê*, quando em pausa e enfático, soa por vezes *vòssemecêa* (7). *Vòssemecê*, por intermédio de *vòssem'cê*, pode

(1) *A Brazileira de Prazins*, ed. cit., pág. 113.

(2) *Ibidem*, pág. 137. — Cfr. *Rev. Lus.*, x, 243.

(3) *Rev. Lus.*, IV, 328 e 337.

(4) *Ibidem*, VIII, 299.

(5) *Ibidem*, XIII, 126.

(6) Cândido Landolt, *Folk-Lore Varzino*, Póvoa-de-Varzim 1915, pág. 212.

(7) *Rev. Lus.*, IV, 328.

transformar-se em *vòssencê*. A par com *vòssencê*, as formas *vonsencê* e *vòssecê*. *Bòssencê* e *bonsencê*, nos Arcos-de-Valdevez (1); *vòssecê* no Alentejo (2).

50. Na Madeira, em vez de *vossemecê*, diz-se *semecê* (3) e *amecê* (4), e em Bemfica (perto de Lisboa) usam *mecê* (5). No último caso, desaparece o possessivo; no primeiro, desaparece apenas *vò*, como se fôsse distinto do restante do vocábulo (Cfr. *vò-mecê*); no segundo caso, o vocábulo cindiu-se como se fôsse *voss'amecê (vòssamecê)*.

51. *Vòmecê* é pronunciado *vòmecei* no Alentejo (6), e na Beira. Na Madeira, *vòmecia* (7).

52. Em vez de *voncê* e *vòcê*, diz-se também: *voucê* (Penedono) (8), *vaucê*, *baucê* (Barroso) (9), *voicê* (Moncorvo) (10), *vòcei* (Alentejo), e *bacê* (*bacês*, pl., Póvoa-de-Varzim) (11).

53. No indo-português do Norte, usa-se *oscê*, *ocê* ou *ucê*, e *cê*, — por *vòcê*. Desaparece o *v*-, como em *ós*, por *vós* (12).

54. No Brasil: *vosmincê*, *vossuncê*, *voncê* (Rio, Pernambuco, Ceará), *vassuncê*, *vancê*, *vacê* (Amazonas), *mecê* (Rio Grande, Paraná, S. Paulo), (13) e certamente outras formas ainda.

---

(1) *Rev. Lus.*, XIX, 196. O Sr. Dr. Félix Alves Pereira regista *bòcencê* e *boncencê*, com *c* antes do *en*, mas deve-se escrever *s* (= *ss*).

(2) *Ibid.*, X, 247.

(3) Vid. *Ibid.*, XVII, 158.

(4) Vid. *Ibid.*, XVII, 152, e Emânuel Ribeiro, *Palavras do Arquipélago da Madeira*, Pôrto 1929, s. v.

(5) Vid. *Rev. Lus.*, V, 147 — onde o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos dá explicações de *mecê*. Cfr. **54.**

(6) Cf. *Rev. Lus.*, XIX, 329.

(7) Emânuel Ribeiro, obra cit., s. v. (Por lapso tipográfico, vem lá *vemecia*).

(8) *Rev. Lus.*, XII, 316.

(9) *Ibid.*, XX, 143.

(10) *Idid.*, XIII, 126.

(11) Cândido Landolt, obra cit., pág. 212.

(12) *Rev. Lus.*, IX, 145, 155, 224 e 228.

(13) Vid. J. Leite de Vasconcelos, *Dialecto Português do Brasil*, in *Rev. de Estudos Livres*, vol. cit., pág. 463, onde as referidas formas são estudadas.

55. Em cast. ant. há as formas *voacé (vuacé)*, *vucé* e *vuesancé*, etc. (1). Em galego, *vosté*:

e téñeno por fidalgo
e chámanlle de vosté; (2).

« — ¿Como ela, si a menciña era pra vosté?» (3).

56. Há muita gente que emprega *vocês*, como se fôsse *vós*, com o verbo na *2.ª pessoa*, plural: — «¿Vocês *vindes* ou não *vindes*?» É má concordância, que todavia se ouve a pessoas não de todo incultas. É devida a empregarem *vocês*, tendo em mente *vós*.

57. Dantes, *vòcê* — assim como *vossemecê* — evitava-se com pessoas de cerimónia. — «*Vòcê*» *é estrebaria!* — exclamava-se (4). Agora, é moda, é do bom tom, é *chic*, o tratamento de *você*.

58. Talvez não fôsse mau aproveitar esta monção favorável da moda, e fixar-se em Portugal o tratamento único de *você*, correspondente ao *Usted* espanhol (fr. *vous*, etc.), — desaparecendo assim a incómoda multiplicidade de tratamentos que temos.

59. E isto, já que se perdeu o hábito do tratamento de *vós*, tam elegante. Hoje, quási só o povo o emprega, em alguns pontos do Norte do País (5), e nos Açôres, — não fa-

---

(1) Sôbre o assunto, Vid. na *Revista de Filología Española*, vol. X, o artigo *La Evolución del tratamiento «Vuestra Merced»*, de José Pla Cárceles (págs. 245-280), com os apêndices «*Vuesasted*» '*Usted*', de T. Navarro Tomás (págs. 310-311), e «*Vuestra Merced* > *Usted*», de Cárceles (págs. 402-403).

(2) Valentim Lamas Carvajal, *Ey, boy, ey!* in *Literatura Gall.*, já cit., pág. 376.

(3) *A Comarca*, semanário de Ribadeo, n.º 324, de 12-Dezembro-1925.

(4) Na *Revista do Minho* (vol. XII, coluna 84), vem, como dos Açôres e do Alentejo, assim:

«Você» é estrebaria;
Nela come e nela se cria
Com dez réis de palha por dia.

(5) Terras de Miranda e de Bragança, pelo menos.

lando das rezas, bem que muitas vezes o povo se dirija a Santos, tratando-os de *tu*.

Quem me dera ser o linho
que vós, menina, fiais;
que vos dera tanto beijo
como vós no linho dais.

60. Nas cantigas populares, concorrem às vezes os tratamentos de *tu* e *vós*:

Quero *dar-te* as despedidas,
quero dá-las e não posso;
tenho o meu coração prêso
por um fio de oiro ao *vosso* (1).

61. No Alentejo e no Algarve, não se usa o tratamento por *vós*. E dá-se o caso de, em romances tradicionais, se encontrar o verbo *na 3.ª pessoa*, depois do pronome *vós*: *vós me dá* (2).

62. O tratamento de *vós* também se perdeu em Espanha. Já nos começos do século XVI, «*vosear* a una persona implicaba, cuando no un insulto, una intima familiaridad o superior categoría social por parte del que hablaba» (3).

*

63. Antigamente, houve o tratamento pelo pronome *êle (ela)*, como se vê, por exemplo, no *Filodemo*, de Camões (4):

---

(1) Ao facto me refiro nas *Flores de Portugal*, Famalicão 1926, pág. 17.

(2) *Rev. Lus.*, IV, 50, e VII, 51.

(3) *Rev. de Filol. Españ.*, X, 245. — Acêrca do *vos* em Espanha, vid., no mesmo vol., págs. 247-248.

(4) Versam o assunto os Srs. Drs. J. J. Nunes, nas *Digressões Lexicológicas*, págs. 73-75 (o capítulo VIII dêste livro é acêrca do «tratamento», em especial no aspecto histórico), e José Tavares, in *Labor*, vol. III (1928), págs. 289-293, artigo acêrca de *O emprêgo da 3.ª pessoa no tratamento com a pessoa com quem se fala*.

SOLINA: Logo me a mi parecia
que era *êle* o que passeava [1].

MONTEIRO: ¿ *Êle* não vê
aquêle pastor loução,
com uma môça pola mão?
Se Vanadoro não é,
. . . .

LUSIDARDO: Ó Vanadoro, meu filho,
és tu êste? [2]

DIONISA: . . . .
Então vós, gentil donzela,
folgais muito de o ouvir?
SOLINA: Si, porque me fala *nela*
. . . .
¿Não m'esteve *ela* rogando
que fôsse falar com êle? [3]

DIONISA: Que rosnais vós lá, Senhora?
SOLINA: Digo que tardei lá fora
em buscar esta almofada.
¿Que estava *ela* agora só
consigo fantasiando?
DIONISA: Bofé, que estava cuidando [4]

64. Pelo que diz respeito ao espanhol, Vid. *Rev. de Filol. Españ.*, x, pág. 248 e segs. Cfr. em italiano o tratamento na 3.ª pessoa.

65. Ainda hoje dizemos — como já notaram os Srs. Drs. J. J. Nunes e José Tavares [5] —: *Como vai êle?* ou *Como vai ela?*, dirigindo-nos a pessoas, descerimoniosamente.

66. Quando se empregava *êle (ela)*, usava-se conseqüentemente *seu*, *lhe*, *o*, em referência à pessoa com quem se falava. Por exemplo, nos *Anfitriões*, também de Camões:

---

(1) Acto II, cena V.
(2) Acto IV, cena VI.
(3) Acto II, cena III.
(4) *Ibidem*, cena VI.
(5) Nos lugares citados.

ANFITRIÃO: A vós, quem vos convidou?
BELFERRÃO: Sósia, por mandado *seu*.
ANFITRIÃO: . . . .
E se alguém vos foi dizer
que eu vos chamo à minha mesa (1)

ALCMENA: Anfitrião, se eu causei
com manencória pequena,
cousa com que *o* magoei,
eu quero cair na pena
dessa culpa que *lhe* dei.
JÚPITER: Sempre serei magoado (2)

Acima, se viu *consigo*:

¿Que estava *ela* agora só
consigo fantasiando?

E êste *consigo* (como *si*, *seu*, *lhe*, *o*) ficou na linguagem, referido à pessoa *com quem se fala*.

67. Acrescentarei ainda os seguintes passos de cartas de Fr. Bartolomeu dos Mártires (datadas de 1561):

«Por isso vigie V. R. [*Vossa Reverência*] lá, pois o Senhor quis que *êle* agora fôsse Bispo..... Já *lhe* escrevi que os gastos cá atègora vão de maneira que pode lá ser largo»... (3)

«torno a pedir a V. Reverencia que.... e preze-se muito de ganhar inimigos por esta via, e excitar línguas contra *si*.» (4)

Notar-se-á que, em Camões, a par com *êle*, *ela*, se usa o tratamento da *2.ª pessoa*, plural *(vós)*, e, nestas cartas, o da *3.ª pessoa*, singular.

---

(1) Acto IV, cena IV. — Cfr. **19.**
(2) Acto IV, cena I. *Júpiter* está disfarçado em *Anfitrião.*
(3) *Vida de D. Fr. Bart. dos Márt.*, de Fr. Luis de Sousa, I, Lisboa 1842, págs. 210 e 211.
(4) *Ibidem*, pág. 208.

*

68. Familiarmente, tratamos as pessoas pelo nome próprio, quando lhes falamos: — «A Joaquina quando se vai embora?» Menos familiarmente, dizemos: — «A Dona Joaquina quando se vai embora?» «A Senhora Dona Joaquina» já será de cerimónia.

69. Em regra, não dizemos os apelidos das senhoras, quando lhes falamos, mas só quando delas falamos.

70. Aos homens de certa categoria, pelo contrário, tratamos pelos apelidos, ou pelos nomes próprios e apelidos, excepto quando os nomes próprios estão fora da vulgaridade: *Sr. Sidónio; Sr. Herculano*, etc. A mim tôda a gente me trata por *Cláudio* (1).

71. Também se diz: *O Doutor, o Capitão*, etc.: — «¿O Doutor está a falar-me a sério?»

*

72. *Micer* é fórmula de que já não há, para assim dizer, recordação. Encontra-se, por exemplo, em Gil Vicente (2). Dela usou Alexandre Herculano, ao reconstituir o falar de outros tempos:

«Adivinhae, micer Lourenço, adivinhae» (3).

«*Micér*: Prenome Italiano, que vale o mesmo que *Monseor*, ou *meu Senhor*, ou o Senhor: *v. g.* Micer *Tullio*, &c *Barros*» — lê-se no *Dic.* de Morais, que menciona também as formas *misser*, *messer*, e ainda *mossém*, «Prenome, que se dava aos que não erão Cavalleiros.»

73. *Micer*, que também se usou em Espanha, representa o italiano *messer*, abreviatura de *messere*. Os franceses usavam aquela abreviatura e ainda *messire*, de *mes (mon)* e *sire*. Para Portugal, veio por intermédio do francês. *Monseor* é aportuguesamento, desusado, do fr. *Monsieur*. *Mossém*, cast.

---

(1) Cfr. J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, 2.ª ed., pág. 42.

(2) Vid. *Obras*, II, Coimbra 1912, págs. 110 e 263...

(3) *O Monge de Cister*, I, Lisboa 1922, pág. 160.

mosén, é originário do catalão, *mosen* «meu senhor», segundo o *Dic.* da Academia Esp.

*

74. O tratamento de *tu* é íntimo. Assim se tratam, normalmente, entre si, marido e mulher, irmãos, primos, condiscípulos... Assim tratam os pais aos filhos, os tios aos sobrinhos. As crianças são assim tratadas, excepto por gente de condição inferior à delas. Há quem trate por *tu* os criados, — o que é comum quando êles são novos.

*

75. *Mano, mana.* Esta forma antiga de tratamento ainda se usa no Alentejo.

Diz a cantiga:

Adeus, ó Campo-Maior,
adeus, ó *terra das manas*:
umas delas são ingratas,
e as outras são tiranas (1).

É tratamento usado também no Algarve (2). A êle se referiu largamente o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, IV, 37-39 (3). Cfr. **91.**

76. Quem é criado por uma mulher, que não é a mãi, chama àquela mulher *mãi*, e trata-a como estes exemplos mostram: *mãi-Antónia*, *mãi-Ana* (Minho).

77. *Filho (filha)* pode ser tratamento carinhoso, amorável. Também se emprega sem qualquer intenção: — «Ó filho, não me digas isso!», equivalente a: «Ó homem, não me digas isso!»

78. *Pai, paizinho.* É tratamento dado a vélhos. Também assim tratam aos pretos (4). Em Barroso, chamam *paizinho* ao «avô» (5).

---

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris-Lisboa 1901, pág. 129.

(2) *Rev. Lus.*, IV, 328; VII, 46.

(3) Cfr. *Ibid.*, pág. 220.

(4) Cf. *Rev. Lus.*, IV, 39.

(5) *Ibid.*, XIX, 79.

79. No indo-português do Norte, *pai* é — diz Sebastião Rodolfo Dalgado — honorífico: *pai-tio* (o tio paterno); em Goa, *pai-sogro* (¹).

80. Esta última expressão também se usa na Beira-Baixa, como *mãi-sogra*, — mas *pai* e *mãi* não são aqui honoríficos: servem para diferençar os «sogros» (a que é costume tratar por *pais*), de os verdadeiros «pais».

81. Na mesma província, usa-se *pai-padrinho*, *mãi-madrinha*, por «avô», «avó»; antigamente, chamavam-lhes *pai*-Fulano, *mãi*-Fulana. Em Castelo-Branco, pelo menos, — quando os sogros são padrinhos de casamento, o genro, ou a nora, chama-lhes *pai-padrinho*, *mãi-madrinha*, também.

82. Na Correlhã (Ponte-de-Lima), tratam os avós por *pai-vélho* e *mãi-vélha*.

83. Já, entre os Romanos, *pater* era honorífico, e, embora raramente, *genitor*. Em francês, *père*, além de honorífico, pode ser familiar, correspondente ao nosso *tio*, esp. *tio*.

84. *Tio*, *tiínho*, *tiozinho (tia*, *tiínha*, *tiazinha)*. Êste tratamento é o mais empregado, quer por se não saber o nome das pessoas ou êle não ocorrer, quer reverenciosamente. Neste último caso, usam *tio*, *tiínho*, etc., sòmente, ou antepostos ao nome. Antes do nome, não é costume empregarem os deminutivos, mas apenas as formas *tio*, *tia*: «tio João»; «tia Zefa».

85. Tal tratamento não é só usado com vélhos. Dizia, em Santa Marta-de-Portuzelo (aldeia perto de Viana-do-Castelo), uma aldeã a um pequenito: «Vá! dá um beijo a esta tiazinha!» A «tiazinha» era uma «Senhora» nova.

86. Em próclise, freqüentemente *ti*. Umas vezes, *ti*, por *tio* e *tia*. Outras vezes, preferem *tia*, para o feminino. Outras vezes ainda, *ti* só antes de consoante.

87. Para distinguir o *tio* e a *tia* verdadeiros, — chamam-lhes *padrinho*, *madrinha*. Palavras de uma aldeã de Santa Marta-de-Portuzelo: «Chamo «Senhora madrinha» à minha tia, porque «tia» é qualquer mulher».

88. No indo-português de Goa, usam *ti-ti* (masc.) para os «tios», e *ti-tia* (fem.), se os tios e as tias são mais novos que o pai ou a mãi, respectivamente (²).

(¹) *Rev. Lus.*, IX, 224.

(²) *Ibid.*, VI, 84.

89. Em Portugal, *ti-ti* (para «tio» e «tia»), e *ti-tia*, são tratamentos usados por crianças — ou por piegas.

« — Cruzes! gritou a snr.ª D. Patrocinio, horrorizada. Ir a Paris!...

— Para vêr as egrejas, titi!» (1).

90. Estão nos mesmos casos *vó-vó* (ou *bó-bó*), *papá* e *papai*, *mamã* e *mamãi*.

91. Na Índia Portuguesa, usa-se *tio*, se a pessoa a quem se fala é da idade do pai de quem fala, pospondo-se aquêle tratamento, por vezes, ao nome, como em concani: *Paulo-tio*. Se é um pouco mais vélho do que o interlocutor, usa-se *irmão*, ou *mana*, às vezes também com posposição: *Roque-irmão*; *Joaquina-mana* (2).

92. Diz-se ainda, na Índia-Portuguesa, *pad-tio (padre-tio)*, e *pad-mestre (padre-mestre)*, embora sem ser «mestre» (3).

93. Também se diz *tióme (tio-homem)*, em Trás-os-Montes (4).

94. O tratamento por *homem* apenas, é de uso geral em expressões como: «Oh, homem! anda daí!» As mulheres tratam, às vezes, os maridos da mesma forma, — além de se referirem a êles, dizendo: *o meu homem*. As mulheres educadas dizem *marido*.

95. *Homenzinho* é igualmente muito empregado: — «Ó homenzinho, dê-me aqui uma ajuda!» Neste caso, em regra, apenas se diz a pessoas humildes, de quem se desconhece o nome.

96. Idênticamente, para o tratamento por *mulher*, *mulherzinha*. Os homens falam das espôsas dizendo *(a) minha mulher*, ou *a mulher*: — «Lá a mulher é que quere assim». Também dizem *a minha senhora*, e *a minha patroa*, ou só *a patroa*.

97. Em vez de *homem*, *mulher*, *homenzinho*, *mulherzinha*, diz-se freqüentemente *criatura (criaturo)*, *criaturinha (criaturinho)*.

98. Também se emprega: *homem* (ou *mulher*) *de Deus*;

---

(1) Eça de Queirós, *A Relíquia*, 3.ª ed., Pôrto 1902, págs. 88-89.

(2) *Rev. Lus.*, VI, 68-69.

(3) *Rev. Lus.*, VI, 69.

(4) *Ibid.*, XII, 127.

alma de Deus; criatura (e *criaturo*) *de Deus*. Às vezes, por mal, ou por brincadeira, diz-se «*do Diabo*», e não «*de Deus*».

99. *Avô, avôzinho; avó, avòzinha*. Muito usados estes tratamentos, dirigidos a pessoas vélhas, em regra por se lhes não saber o nome: — «Ó minha avòzinha!»

100. Na Beira, os parentes afastados tratam-se por *parentes*: — «Como está o parente?»

101. *Vélho, vèlhinho; vélha, vèlhinha*. Usam-se com pessoas de qualquer idade. — «Ah, meu vélho!»

Em galego:

— «E digame, meu vello: ¿Tem vosté esperanzas de que o señor Canalexas gobernará ben?» (1).

102. De igual maneira se usa *vèlhote (vèlhota)*.

103. *Compadre, comadre*. Usado pelo povo, no Minho, no Algarve (2), etc.: — «Ó comadre, venha feirar comigo!» Também se usam os deminutivos, principalmente o feminino (Minho). Isto, quando se não sabem os nomes, ou êles não lembram. Entenda-se o mesmo, para os tratamentos que se seguem.

104. *Santo, santinho: santa, santinha*. Muito usado no Minho. Também na Galiza:

«¡E vosté non-o vé, santiño!» (3).

«¡Gracias, santiña! ¡Dios ch'o pague, nena!» (4).

105. *Patrão, patrãozinho*. Muito usado, no Minho e Trás-os-Montes, pelo menos.

— «E, voltando-se para o cirurgião — Conhece-me, ó patrãozinho?» — Camilo (5).

106. *Mestre* usa-se quando se fala a operários: — «¿Então que há de novo, mestre?»

107. É corrente ouvir-se o tratamento de *camarada, parceiro, companheiro*, dirigido a indivíduos que o não são, completamente desconhecidos até: « — Ó camarada, deite-me aqui uma mãozinha (=ajude-me)!»

108. As vendedeiras dirigem-se às compradoras, especial-

---

(1) *Palique*, in *Lit. Gall.*, cit., pág. 482.

(2) *Rev. Lus.*, IV, 328; VII, 46.

(3) Valentim Lamas Carvajal, *Catecismo do Labrego*, in *Lit. Gall.*, cit., pág. 491.

(4) Manuel Lugris, *Mareiras*, *Ibid.*, pág. 512.

(5) *Novelas do Minho*, III, 2.ª ed., Lisboa 1903, pág. 29.

mente nos mercados, tratando-as por: *meu Amor* (ou *Amorzinho*), *minha Flor*, *Cara-linda*, *Lindinha*... (Pôrto).

109. Os mendigos dizem: *meu Benfeitor!*

110. *Amigo*, *amiga*. De uso geral. — «Temos o caldo entornado, meu amigo!»; «Ó amigo, Você que me diz?». Perde-se de tal maneira o significado da palavra, que se usa até em casos da maior inimizade: — «Ajustaremos contas, amigo!»

111. Como vocativo, pode-se dizer *meu caro amigo*, ou só *meu caro*, — que são fórmulas usadas epistolarmente, a par com *(meu) prezado Amigo*.

112. Nas cartas, de certa cerimónia, emprega-se *(meu) Ex.*^mo^ *Amigo*.

113. No *Vocabulário Minhoto*, de M. Boaventura, aponta-se *xedas* como fórmula vulgar de chamar um aldeão, quando se lhe não sabe o nome: *Ó seu xedas!* (1).

114. O tratamento por *o cavalheiro* é recente, e não é popular: — «O cavalheiro dá-me licença?» (2). Não é, no geral, bem aceite, — para o que bastante concorre a expressão «cavalheiro de indústria», que tem mau sentido.

115. Tratar alguém por *coisa* (para ambos os sexos), ou *coiso*, é ordinário, quando não é de grande intimidade.

116. Também às vezes se diz *ó tu! ó você!*, quando se ignora o nome da pessoa, ou êle não vem à memória.

117. É comum tratar um grupo de pessoas por *gentes*: « — Ó gentes!»; ou por *povo*: « — Ó povo!»

Pôrto, Agôsto de 1931.

CLÁUDIO BASTO.

---

(1) Vol. II, Espòsende 1922.

(2) Cf. J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, pág. 460. — Neste lugar (págs. 460-463), é versado o «tratamento familiar».

Algumas considerações sôbre medicina popular das mordeduras de víbora

A PEDRA DE COBRA

As cobras ou serpentes ocupam lugar importante nas actuais superstições populares portuguesas, como o ocupavam já nas antigas.

São muitas as lendas em que moiras encantadas, protectoras desveladas de tesoiros, deixam na manhã de S. João a forma de cobra sob que vivem todo o ano no fundo das fontes, poços ou regatos e, tomando figura humana, veem pentear fora de água os seus cabelos de oiro cintilantes.

O folclore português é rico em quadras alusivas àquele réptil.

Até há superstições ou lendas nas quais transparecem vestígios do culto ofiolátrico. Assim sucede numa colhida no centro do país, na qual se conta que num hiante algar, junto à serra, vivia uma serpente que, se por necessidade saísse daquele antro, assolaria a região. Segundo é lenda, os campónios iam ali mugir diàriamente algumas cabras, vertendo o leite numa depressão cavada na rocha, o qual, seguindo por um conduto para o interior da caverna, era absorvido pela serpente, que dessa forma mantinham prisioneira (1).

Quantas superstições! quantas lendas! existem espalhadas do norte ao sul de Portugal, nas quais a cobra intervém, ora como agente benéfico e protector, ora como agente daninho e maligno.

Cuevillas e Bouza-Brey (2) dizem para a Galiza, como de resto se observa também entre nós, ser verdadeiramente sur-

---

(1) José Diogo Ribeiro, *Turquel Folklorico*, in *Rev. Lusit.*, vol. XXII, pág. 125.

(2) Florentino L. Cuevillas e F. Bouza-Brey, *Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*, A Cruña, 1929, pág. 136.

preendente o número de lendas castrejas que se referem à serpente ou em que a serpente intervém.

Há pois uma série de factores que nos levam a admitir a existência, sem dúvida remota, duma veneração especial da serpente, veneração ou culto que ainda hoje se vislumbra por vezes em alguns usos, costumes, lendas e cantigas populares.

Pelo que respeita à medicina popular, podemos encarar a cobra debaixo de dois aspectos inteiramente diferentes. Assim poderíamos agrupar as medicações — e tantas são elas — em que a cobra pelas suas virtudes curativas actua combatendo variados males de que por vezes enfermam o homem e os animais. Noutro grupo reünir-se-iam tôdas as práticas terapêuticas que o povo utiliza para curar a mordedura daquele réptil.

No presente trabalho referir-se-hão alguns processos de cura das mordeduras pela *pedra de cobra* ou *pedra Bezoar*, seguidos de algumas considerações sôbre a mesma pedra.

*

Na Vila da Feira — «contra a mordedura da cobra ou víbora, o recurso mais preconizado e seguido é a aplicação da pedra à mordedura. O ferido limita-se a ir onde haja a pedra, longe que seja, e lá aplica-a ao sitio mordido: A *pedra* fixa-se por si, *só despegando quando chupou tanto veneno que se encheu dêle*; então cai numa tijela de leite, onde *larga o veneno (que bem se vê num azulado do leite)* — e torna-se a aplicar a pedra a qual de novo adere...» [1].

Em Lousado, concelho de Famalicão, existiram também pedras da mesma natureza, embora fossem usadas mais como tratamento nos mordidos de cão danado do que nos mordidos de cobra ou víbora.

Delas nos fala o distinto etnógrafo o professor Dr. A. C.

---

(1) António C. de Carvalho Ferreira Soares e Armando G. de Carvalho Ferreira Soares, *Tradições médicas populares da região da Feira*, in «Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. III, pág. 133, 1925. Ainda na mesma página os autores se referem à existência duma outra pedra em Passos de Brandão (Feira), que num inventário de partilhas foi muito valorizada.

Pires de Lima, nas suas «Tradições populares de Santo Tirso».

Por intermédio dum parente do indivíduo que as possuiu averiguou o Dr. A. C. Pires de Lima o seguinte:

«As pedras eram quatro, de um negro azeviche, alongadas, de 15 a 30 milímetros de comprido, e, a-pesar-de brilhantes, picadas de sinuosidades que lhe davam a aparência de pedra pomes. Foi um brazileiro que as trouxe do Brazil, dando-as a um indivíduo de Lousado, e acompanhando a oferta das necessárias instruções. Contava o brazileiro que elas tinham sido extraídas pelos indígenas do alto Brazil, da cabeça duma serpente, e que eram eficazes na absorção do veneno das víboras e do vírus da raiva. Na vida do donatário as pedras só foram aplicadas a pessoas de família e amigos. Mas, morto aquele, e sucedendo-lhe o filho, a fama estendeu-se ao longe, acudindo a Lousado muitos mordidos de víboras e principalmente de cãis raivosos, — afluência que aumentava sempre no mês de Agôsto. O possuïdor das pedras e os filhos começaram a aplicá-las com certa reluntância, mas por fim usavam de caridade para com todos, nunca exigindo paga e às vezes auxiliando até os mais pobres. Contava-se na família que, no país, só havia mais duas pedras iguais: uma em Lisboa e outra em Alcobaça. Modo de aplicação: Colocava-se a pedra sôbre a ferida do paciente, depois de avivada esta com uma lanceta. Passado uma hora, se a pedra não aderia aos bordos da ferida, era sinal que não houvera contágio. Se, pelo contrário, ela ia aderindo, insinuando-se nos tecidos lesados, e tomando uma côr láctea, a infecção era certa. Neste caso mantinha-se a pedra, até que, saturada, caía. Durante a operação os lábios da ferida descoravam, e o paciente mantinha-se numa sonolência profunda. Terminados os trabalhos, levantava-se a pedra cautelosamente, isolando-se com algodão por exemplo, e lançava-se sucessivamente em algodão e cinza. Na casa da Serra, — onde estavam as pedras e se aplicavam, — talvez por falta de cuidado com o leito e com a cinza, danaram-se três cevados e todos os cãis de guarda que se iam arranjando. O próprio dono das pedras fêz experiências em coelhos danando-se todos. O tempo de prova era *um ano e um dia*, e, findo èste praso, quási todos os tratados davam novas, não constando que nenhum — e foram numerosos os que se sujeitaram às pedras — sucumbisse de raiva. Entre os curados contam-se o conde de S. Bento, um menino

com um braço esfacelado por um cão raivoso, a quem o distinto médico Dr. Pedrosa, amigo de Camilo, aconselhou aquele tratamento. Ficando com as pedras um negociante do Pôrto, aplicou-as uma vez a uma senhora, portadora duma infecção gravíssima, e já desenganada por um médico, que ao vê-la curada, quis comprá-las por um preço elevado que o proprietário recusou. Daí uma denúncia e a apreensão das pedras cujo destino se ignora» (1).

Pelo que fica dito não é de estranhar a extraordinária fama que as milagrosas pedras de Lousado atingiram, fama que porém é deslustrada com alguns casos infelizes. O Dr. A. C. Pires de Lima relata no seu trabalho dois casos de morte, a-pesar-do prévio tratamento pela pedra.

Carlos Salgado de Andrade na sua dissertação inaugural, apresentada à Escola Médica-Cirúrgica do Pôrto (2); refere-se

---

(1) A. C. Pires de Lima, *Tradições populares de Santo Tirso*, in *Rev. Lus.*, vol. XIX, pág. 254. Ainda no mesmo estudo *Tradições populares de Santo Tirso*, e também publicado na *Rev. Lus.*, vol. XXII nos diz o Dr. A. C. Pires de Lima a págs. 44: «Que a informação dada àcêrca das pedras trazidas do Brazil, e empregadas em Lousado (Famalicão) era segura, prova-se com êste recorte do jornal *O Comércio do Pôrto:* «No município de Pitauguay apareceu uma pedra que tem a virtude de curar mordeduras de cobras. Pedras iguais foram há anos adquiridas em S. Paulo pelos índios. Deitando dentro do leite de vaca, êste muda de côr, pois todo o veneno fica no líquido.» (Correspondência do Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1919). A virtude da pedra e o modo de a usar ajustam ao que se fazia em Lousado, onde concorriam há anos muitos mordidos de Santo Tirso e Famalicão. Na *Lusa* (1919, pág. 70) referi-me à «Relação da Viagem da Índia» que fêz o Padre Manuel Godinho, a propósito das pedras de cobra, «...Quem tem uma pedra daquelas escapa: pondo-a sôbre a mordedura (de qualquer bicho peçonhento), pega logo a pedra e não cai sem primeiro chupar tôda a peçonha, da qual se limpa deitando-a em leite.» A prática era usada, como se vê, tanto na Índia como no Brazil, e ainda hoje domina, tendo a notícia dela entrado no nosso país em diferentes épocas.»

(2) Carlos A. Salgado de Andrade, *Ligeira contribuïção para o estudo da raiva em Portugal*, Pôrto, 1901, pág. 35.

ao uso da *pedra Bezoar*, transcreve alguns periodos da obra do Dr. Monardes que adiante citaremos e fala-nos a pág. 44 duma pedra que havia nos arredores do Pôrto, dizendo:

«Em Matosinhos existe também uma pedra negra que dizem ter grande valor diagnóstico. Colocando-a em cima da ferida feita pelo cão, se aderir é raivoso, se não, não há perigo.»

Vejamos também esta curiosa nota publicada por A. Tomás Pires (1).

«A pedra Bazar que hoje he muy conhecida, usada nas mais infermidades, e se crê ter grande virtude contra o veneno, gera-se no bucho de certas cabras Indianas. O Padre Sherlogo sobre os Cantares Vestig. 21 propõe huma duvida, se teve Salomão noticias desta pedra, e resolve provavelmente que a teve, e dos mais animais, que a geram. Porque a Armada deste Reino hia em certos tempos às Indias Orientais, e assim he crivel, que entre as outras estimaveis drogas que daqui lhe trazia, não deixaria de lhe traser esta pedra de tantas virtudes e estimação.»

Ainda mais esta nota que Tomás Pires (2) transcreve do *Inventário da pedraria, pérolas, ouro e prata, que estavam encarregadas à camareira D. Mécia de Andrade*, — Hist. Genealógica da Casa Real Portuguesa, t. II, das Provas, pág. 777.

«Pedra contra peçonha: Huma amendoa de ouro, que tem dentro huma pedra contra peçonha, pesa três oitavas e cinco grãos.»

Uma outra referência à *pedra de peçonha* se encontra na revista *Portucale* (3), tendo sido colhida pelo Padre Lourenço Loução no Alto Minho. O autor diz ser «uma pedra pequena, preta azevichada com filõezinhos abrancaçados pelo meio....
.... Aperta-se com um lenço à parte

(1) A. Tomás Pires, *Investigações etnográficas*, in *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 179. O autor colheu esta nota em Padre Manuel Consciência, *Academia Universal de vária erudição sagrada e profana*, Lisboa, 1732, fol. 214.

(2) A. Tomás Pires, *Miscelânea*, in *Rev. Lus.*, vol. V, 1897, pág. 230.

(3) Padre João Luís Lourenço Loução, *Etnografia do Minho — Medicina popular. Superstições*, in *Portucale*, vol. II, págs. 264-265, Pôrto, 1929.

do corpo afectada pela peçonha depois de ter estado algum tempo em vinagre.»

*

Foi grande a voga da *Pedra Bezoar* e dilatada a fama do seu poder curativo em muitas e diversas enfermidades que aos homens molestavam. Os gregos, os árabes e os latinos conheceram e apreciaram a pedra de que se trata. Da Índia Portuguesa trouxeram os nossos navegadores muitas dessas pedras, pagando-as ali por altos preços.

Também no Perú era conhecida e estimada a *Pedra Bezoar*, como tiveram ensejo de verificar alguns exploradores espanhois.

O emprêgo da pedra contra peçonha no extremo Oriente e na América do Sul, leva a supôr que o seu conhecimento era independente naqueles dois continentes tão distantes.

A atestar a extraordinária valia em que era tida a pedra de cobra ou *Bezoar*, temos os escritos dalguns autores do século XVI, os quais não são parcos nos encómios e louvores que tecem ao poder curativo de tal pedra.

Garcia da Orta [1] no seu Colóquio quadragéssimo quinto, trata da pedra Bezoar, que como êle declara, «he tam louvada de todos os Arabios e com muita rezam.»

Refere-se ao carneiro ou bode, conhecido por *pazam* em língua da Pérsia, no estomago do qual se encontra freqüentes vezes a pedra que tão estimada foi como remédio contra a peçonha ou veneno das mordeduras de cobra ou cão raivoso.

É tão curioso aquilo que nos diz sôbre a origem e natureza desta pedra, e ao mesmo tempo denota observação pessoal e directa tão cuidada, que entendemos melhor transcrever essa passagem do citado colóquio [2].

---

(1) *Coloquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India, e assi dalgumas frutas achadas nella, onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina pratica, e outras cousas boas pera saber*, compostos pello doutor Garcia d'Orta, fisico del-rey nosso senhor, vistos pello muyto reverendo senhor, o liçençiado Aleixo Dias Falcam, desenbargador da Casa da Supricaçam, inquisidor nestas partes, Impressos em Goa por Joannes de Enden aos X dias de abril de 1563. annos.

(2) *Coloquios dos simples e drogas da India* por Garcia da Orta, edição publicada por deliberação da Academia Real

«E nos buchos destes bodes se cria esta pedra sobre huma muyto delgada palha, que está no meo, e ahi se vai tecendo, e fazemdo casco, como de cebola; a qual he feita como huma coluna redonda, e ás vezes não he de huma feiçam; e muytas vezes se acha esta palha na pedra, como eu já vi; e outras não lha acham, e por a maior parte he muyto lisa, e a cor he como de bringela; e ha as grandes e pequenas; e os senhores estimam em mais as muyto grandes, porque dizem que no maior corpo consiste a maior virtude; e eu tive cá huma que pesava perto de cinquo oitavas, etc.»

Transcreveremos ainda o que quanto às qualidades curativas da pedra se lê a pág. 234 da edição de Lisboa, que foi dirigida e anotada pelo conde de Ficalho.

«**Ruano**—Diz Mateolo Senense que, se toca a carne esta pedra, trazendoa no braço, preserva ao que a traz de lhe fazer mal a peçonha; e diz tambem que deitada da banda de fóra, feita em pós, sobre as chaguas, que chupa o veneno, se he de mordedura de bicha ou de cam raivoso. **Orta**—O primeiro que diz, que posta da banda de fóra perserva tocando a carne, nam está cá em uso, nem se pratica: mas nas outras chagas venenosas que diz, he verdade que aproveita, deitada em chagas feita em pó, se sam venenosas, dizem muyta verdade; porque eu sei, que nas chaguas de todalas mordeduras venenosas aproveita, etc.»

São interessantes as considerações que Garcia da Orta faz a pág. 233 sôbre a palavra Bezar. Ali se lê: «Chama-se esta pedra *pazar*, do *pazam* (bode asi chamado), e asi quando vos cá pedem alguma mézinha contra a peçonha, lhe chamam *pazam*, e asi chamam o locornio e a triaga alguns. Êste nome de *pazar* lhe chamam todos os Coraçones e Persios e Arabios; e nós os da Europa coruptamente lhe chamamos bezar, e a gente indiana mais coruptamente lhe chamam *pedra de bazar*; que quer dizer pedra de praça, ou de feira; porque *bazar* quer dizer luguar donde se vemdem as cousas» (1).

---

das Sciencias de Lisboa, dirigida e anotada pelo conde de Ficalho, Lisboa, 1895, pág. 231.

(1) Das anotações que àcêrca da pedra faz o conde de Ficalho, transcreveremos o que segue: «O nosso Orta deriva *bezar* do persiano *pazar*; e esta ultima palavra do nome do

Ao tratar da *Pedra Bezoar* não podemos deixar de citar o Dr. Monardes ([1]) que sôbre ela escreveu largamente. Logo na dedicatória do livro se lhe refere bem como à erva escorcioneira, dizendo-as — «cosas de gran importancia y muy necessárias para la vida humana, pues remedian e curan tantas e tan diversas enfermedades.»

Daremos o extracto dalgumas das passagens do livro do Dr. Monardes, que nos pareceram mais interessantes.

«Esta pedra Bezaar tem muitos nomes: os arabes chamam-lhe Hager: os persas Bezaar: os indios Bezar: os hebreos Belzaar: os gregos Alexipharmacum: os latinos contra veneno: os espanhois pedra contra venenos e desmaios......

....

.... O nome Bezaar é nome hebreo porque *Bel* em hebreo quer dizer tanto como *dominus* e *zaar* veneno, como se dissesse senhor dos venenos.»

Logo adiante transcrevendo Plinio diz-nos:

«Plinio no livro 28 cap. 9 diz que os cervos vão às cavernas onde ha cobras e serpentes, expulsam-nas para fóra, depois do que as comem. «Os arabes ampliam este informe e dizem que no Oriente os cervos, animais semelhantes à cabra montez, entram nas cavernas dos animais peçonhentos, comem-nos, e depois que estão fartos dêles, correm para onde quer que haja agua, mergulhando nela todo o corpo, excepto o focinho para poder resfolgar. Ali se quedam sem beber uma gota sequer, até que a frialdade de agua tenha abran-

---

bode *pazam*. Não ha duvida alguma de que *bezar*, ou na forma hoje mais usada *bezoar* seja o arabico *bazahr* que corresponde ao persiano *pazahr* ou *padzahr*; mas este vocabulo não tem a origem que Orta lhe dá. Pedro Teixeira diz: *Pazahar, que quiere dezir tanto como antidoto, y propriamente reparo de ponçoña o veneno, de Zahar que es nombre general de qualquier veneno, y pá, reparo.*»

([1]) *Dos libros, el V — que trata de todas las cosas que traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven de uso de la Medicina, y el otro que trata de la piedra Bezaar, y de la Yerva Escuerçonera.* Cōpuestos por el doctor Nicoloso de Monardes Medico de Sevilla. — Impressos en Sevilla en casa de Hernando Diaz, en la calle de la Sierpe — Con licencia y Privilegio de su Magestad — Año de 1569.

dado o incendio que os queima. Durante a imersão forma-se-lhe nos olhos a pedra Bezaar.»

O Dr. Monardes conta a seguir que procurou — «com suma deligência investigar dos que veem da India de Portugal e que passaram para alêm da China saber a verdade disto» — e o que então soube confirma um pouco o que vai dito modificado quanto ao modo de formação da pedra. Essa modificação consiste em que os cervos depois de se meterem no rio saíam a comer ervas salutíferas (sic) que instintivamente sabiam ser antivenenosas. «Essas ervas de mistura com o veneno que comeram é que vão formar nas cavidades das entranhas do cervo a pedra Bezaar.»

Depois faz a descrição do animal que diz semelhante à cabra, e que os Índios caçam não sem perigo, pois são por vezes vítimas dêle. «Os Indios põem muita deligência em caça-los, pelo muito que os portugueses lhe dão pelas pedras que deles tiram, pedras que levam a vender à China, dali a Malucho e a Calicut onde é o maior comércio delas. E ali uma fina custa 50 escudos.»

Num outro livro (1) publicado cinco anos depois daquele a que nos temos referido, o Dr. Monardes escreve de novo e largamente sôbre a pedra Bezoar. Dá conta que — «se ha discobierto las piedras Bezaares en el Peru, que con tanta estimacion, traen de la India de Portugal», etc., — ampliando a noticia que dela nos dera já, com elementos fornecidos por um gentil homem do Perú. Transcreve nas págs. 73 a 77 a carta que êsse espanhol, ha 28 anos peregrinando por tôdas aquelas Índias ocidentais, lhe escrevera, a qual acompanhava umas pedras Bezoares que o mesmo lhe oferecia, e da exis-

---

(1) Primera y segunda y tercera partes de la *Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirven em Medicina. Tratado de la piedra Bezaar y de la Yerva Escuerçonera. Dialogo de las grandezas del Hierro y de sus virtudes Medicinales. Tratado de la Nieve y del bever frio.* Hechos por el doctor Monardes, Medico de Sevilla. Van en esta impression la Tercera parte y el Dialogo del Hierro nuevamente hechos, que no han sido impressos hasta agora. Do ay cosas grandes y dignas de saber. Con licencia y Privilegio de su Magestad. En Sevilla. En casa de Alonso Escrivano. 1574.

tência das quais tivera conhecimento pelo livro do Dr. Monardes, impresso em 1569.

Conta na carta que andando à caça nas serras do Perú, foram abatidos alguns animais que se — «parescen mucho à los carneros, ó cabrones que v. m. dize que ay en las Indias de Portugal, que cryan y tienen estas piedras, de los quales ay muchos en esta tierra, en las sierras y tierras frias.» Aberto um dêsses animais, não lhe encontraram pedra alguma. Interrogados os índios que o acompanhavam, por êles foi dito que não sabiam de pedra alguma que ali houvesse. Foi então que um rapazito índio lhe desvendou o segrêdo, indicando que a pedra estava «en cierta bolsilha particular, que tienen el mismo buche, que es do las yervas que pacē las tornam a rumiar quando está echados.» Os índios logo ali quizeram matar o rapazito por haver desvendado o segrêdo das pedras, que para êles era coisa preciosa e de particular estima. Não consentiu o gentil homem que tal fizessem. Soube mais tarde que os índios não perdoando a inconfidência sacrificaram depois o rapazito. Muitas páginas mais dedica o Dr. Monardes ao estudo da pedra Bezoar, entrando em pormenores que não nos interessam no caso presente.

Interessante é verificar-se que os índios do Perú tinham remoto conhecimento das pedras Bezoar e das suas virtudes antipeçonhentas, sem que êsse conhecimento resultasse das notícias que da Índia Portuguesa traziam os navegadores quinhentistas.

*

Conhecem-se nos climas quentes e particularmente na Índia e América tropical, que são regiões infestadas de cobras, certas plantas, cujas raízes ou fôlhas são aconselhadas empíricamente, consoante as semelhanças que apresentam com a cobra ou qualquer parte do corpo desta.

Alguns dos remédios vegetais são apenas tónicos ou cordiais. O maravilhoso existe na chamada *pedra de cobra*. Esta pedra pode ser natural ou artificial. Aquela é usada no Oriente e é constituída por uma sp. de Bezoar ou concreção biliar, que se encontra no estomago (?) ou no intestino de diversos animais. Assim o *Zuhr Mohra* ou *Zeher Morah* é uma espécie de Bezoar encontrado na Índia, o qual os escritores celebram pelas suas pretensas virtudes, como remédio eficaz contra mordeduras peçonhentas, hidrofobia, etc. O nome

oriental, indica que êle destrói as peçonhas. O químico Bertholet dá o Bezoar como principalmente constituído por fosfatos. O Bezoar da cabra encontra-se no quarto estomago da *Capra aegragus* (1), da Pérsia; é uma pedra de forma oblonga, do tamanho dum feijão, de superfície brilhante e de côr verde escura. Esta é a pedra de cobra mais apreciada.

Quando uma pessoa é mordida por uma cobra, a ferida é aberta com canivete ou lanceta e aplica-se sôbre ela a pedra durante 24 horas. A pedra adére naturalmente à ferida e após o seu efeito desprende-se. Assim se realisa a cura. A pedra é mergulhada em leite, onde se expurga do veneno ou peçonha absorvida, que forma à superfície do liquido uma película azulada, depois do que a pedra pode voltar a aplicar-se.

Uma destas pedras pertenceu de mão em mão à família Ventura, de Corfú, de origem italiana, estabelecida, segundo é da história, desde remota antiguidade naquela ilha. Conjectura-se que a houvera da Índia, por um dos seus antepassados. Naquele país, a pedra de serpente é denominada *Pamboo-Kloo* e usa-se, por exemplo, na ilha do Ceilão.

O seu emprêgo é corrente entre os encantadores de serpentes da costa de Coromandel.

Uma narrativa fornecida por Sir Emerson (Cooke, *Our*

---

(1) Àcêrca da cabra a que se atribui a origem de certa pedra usada gentilicamente em várias populações, como antidoto da peçonha de cobra, podemos acrescentar que a denominação de *Capra aegragus* cabe, em geral à *cabra montez* a qual é distinta em várias regiões da Europa e da Ásia, nas quais se acha representada por sub-espécies tais como *Capra aegragus doméstica*, *Capra aegragus pyrenaica* (Schinz), dos Pirineus e do norte de Espanha; *Capra pyrenaica lusitanica* (França), C. montez mencionada por Barbosa du Bocage, Mem. Acad. Sc. Lisb., II, 1-20, pl. 1-20. Esta última é conhecida também com o nome de *Cabra do Gerez* e pode considerar-se extinta, posto que recentemente, pois parece que existia ainda no começo do século passado.

Dela existem exemplares no Museu de Lisboa (Museu Bocage) os quais serviram de objecto ao estudo do Dr. Carlos França, publicado no Bol. Soc. Port. Sc. Nat., II, 1909, pág. 144.

Reptiles, London, 1865), confirma êste uso na população tamil. Sir Emerson entregou uma destas pedras ao Prof. Faraday para analisar e êste reconheceu que era um pedaço de osso embebido em sangue e cuja composição era totalmente de fosfato de cálcio. Estas pedras eram igualmente aplicadas contra a picada do escorpião. Pode-se dizer que estas pedras se compõem de carvão animal e possuem propriedades idênticas; são absorventes e constituídas principalmente por fosfatos de cálcio.

Há também para o mesmo efeito a *pedra do escorpião*. Graham Nottig & Dorotthy Wilkes, herpetologistas do Carnegie Museum, ouviram falar na ilha da Trindade, a uns monges da ordem de S. Bento (?), nesta pedra, que teria sido preparada por um outro monge belga da mesma ordem monástica e que vivera no Brazil. Verificaram êles que êste emprêgo da pedra era de grande benefício para curar a picada do escorpião e a mordedura da cobra [1].

O emprêgo da pedra fazia-se do seguinte modo: incisava-se a ferida ou escarificava-se esta, colocando a pedra sôbre ela, deixando-a aderente até cair por si; depois limpava-se a pedra mergulhando-a em leite por cinco minutos, lavava-se em água, enxugava-se e guardava-se para subseqüente uso. O segrêdo era apenas conhecido de um monge do mosteiro de S. Bento.

Como se vê por esta descrição, o objecto e o seu emprêgo são idênticos entre antigos e modernos, entre orientais e ocidentais, podendo acreditar-se que semelhante uso é de proveniência oriental.

Poderia ter sido introduzida com alguns produtos comerciais em Port of Spain, na ilha da Trindade e o seu emprêgo atestado por muitos trabalhadores, tanto negros como índios. D. Wilkes estudou cuidadosamente um pequeno fragmento desta pedra e encontrou a seguinte composição e propriedades assim descritas: côr negra, substância porosa, semelhante a coke, inodora e insípida, ardendo até deixar resíduo branco.

As propriedades químicas mostram que se trata apenas de carvão animal, como vem na obra de C. Cooke *(Our Reptiles)*. O seu pêso específico é 1,11 e é capaz de absorver

---

[1] Bull. of the Antivenin Institut of América, II, n.º 4, 1929.

53,42 % do seu pêso de água. Examinada ao microscópio mostra cristais nas cavidades do osso, os quais são solúveis no alcool e conteem ólio volátil, que parece ser de origem vegetal. Colocada na superfície húmida da pele, adére a esta até absorver certa quantidade de humidade, depois do que cai por si. Parece aos autores americanos que esta pedra possa ser de alguma utilidade nos acidentes devidos à picada do escorpião, pois absorve a peçonha com o sangue da ferida incisa. No caso da mordedura de cobra, já não é o mesmo; poderá haver perigo no seu emprêgo, por retardar a aplicação do tratamento eficaz, que deve ser feito pelo sôro anti-ofídico, aplicado hoje nos institutos anti-peçonhentos da América, como, por exemplo, no de Butantam, de S. Paulo, dirigido pelo Dr. Afrânio do Amaral, Prof. de Harvard College. Êste instituto faz parte dos Mulford Biological Laboratories.

Parece que a principal virtude atribuída à pedra de cobra ou *bezoar* reside no seu poder absorvente, que permitiria extrair o sangue empeçonhado, logo após a mordedura, em substituïção do acto de sugar, que também empiricamente era aconselhado em casos tais. A propriedade absorvente de tal pedra ou pedras deveria ter portanto acção importante na pretensa maneira de curar e poderia constituir realmente um recurso de momento.

Certas substâncias minerais, por exemplo, as argilas possuem esta propriedade, como é geralmente conhecido, e, assim, alguns autores lhes deram o nome de *bezoártica* pelas semelhanças com a *pedra bezoar* [1].

---

[1] Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no seu belo trabalho *Algumas palavras a respeito de pucaros de Portugal*, Coimbra, 1921, escreve a págs. 28 e 29:

.... «o erudito médico de D. João V, Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilégio medicinal* — que pelo nome não perca — obra em que se dá notícia das águas de caldas, fontes, rios, poços, lagoas e cisternas do reino de Portugal, dignos de particular memória.» A respeito dos pucaros de Estremós, dá as informações seguintes:

«Entre tantas fontes bem se podem admitir alguns *pucaros*; ....
............; porque alêm de serem *bezoarticos* excedem á fermosura do cristal, senão na brancura, no gosto que dão

Neste resumo condensamos o que se sabe da prática empírica e na literatura ciêntifica a respeito das chamadas pedras de cobra.

Universidade do Pôrto, Junho de 1931.

BETTENCOURT FERREIRA.
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR.

á agoa, que por elles se bebe;............................
...................................—Mas não he isto que temos dito o que nos obrigou a fallar nestes pucaros, senão o querermos que se sayba que são *bezoarticos*, por haver virtude *alexipharmica* no barro do que elles se formão...» págs. 207-211 da ed. de Lisboa, 1726.

Ainda na pág. 29 e na seguinte a insigne professora coimbrã extracta uma passagem de João Baptista de Castro por êste autor consignada no seu excelente *Mapa de Portugal* e onde se lê:

«Poucas terras levarão vantagem á nossa na producção dos barros finos, aptos para a fabrica de cousas domesticas. Entre todos merece o primeiro lugar o barro vermelho e odorifero de Estremoz de que se fazem preciosos púcaros, os quaes não só tem a galanteria de ficarem prezos e pendurados nos beiços, quando por elles se bebe, mas tem a virtude *bezoártica* e *alexifármaca* com que se extenuão as qualidades do veneno, que pelo que he bem merecida a estimação que em toda a parte logrão.»

Vocabulário alentejano

NOVA SÉRIE [1]

A

acaitelar, acautelar.
afêtar, enfeitar.
agòrdar, aguardar.
alegumes, legumes.
alampeda, lampada.
algravio, algarvio. (Mas dizem Algarve).
alicance, licranço.
alviçras, alviçaras.
amâchòchado, entristecido, amarroado.
amaldoçoado, amaldiçoado.
á margalhota: á vontade, livremente. («Os rapazes criados *á margalhota*»).
amorosa, dança de roda.
ânagoa, ênagoa e **inagoa**: analga [2].
andrenço, aderenço e **indrenço**: adereço.
aninhos, vellos de anhos.
aninhos, filhos pequenos. («Têinho muntes *aninhos*»).
annulir, annular.
aquilho, aquillo.
arcadar, arcaz [3].
arenêro, arneiro.
arrátens, arráteis.
arrecolhimento, recolhimento.
arrear, encolerisar-se, enfadar-se. («O homem, quando tu lhe disseste isso, *arreou*»).
arrematar, rogar pragas.
arrumar, arrimar.
ascacia, acacia.
assabão, sabão.
assâinha, assêinha e **assênha**: azenha.

---

(1) [O prestimoso e hoje falecido etnógrafo A. Tomás Pires, que foi tão activo colaborador desta revista, e aqui publicou, entre outros trabalhos, coleções de vocábulos do Alentejo, nos vols. VIII a X e XV, as quais foram ulteriormente reünidas, sob forma de livro, pelo Sr. Torres de Carvalho, com o título de *Vocabulário alentejano*, Elvas 1913, de 152 páginas, deixou inédita outra coleção que vai ler-se, e que reproduzo fielmente. Esta coleção havia-me êle enviado para a *Revista Lusitana*, mas sòmente agora pode vir a lume. — J. L. DE V.].

(2) [Aqui parece haver engano. — J. L. DE V.].

(3) [Haverá engano? — J. L. DE V.].

assessegar e **sessegar**: sossegar.
assuiça e **assuice**, ajuntamento de gente fazendo grande reboliço ([1]).
assucceder, succeder.
atenrar, tornar tenro.
averguar e **abriguar**: averiguar.
âvêspra, bêspa, bêspra, bêspora e **vêspra**: vespa.
aziado, aziago. *(Dia aziado)*.
azêidas, azedas.

B

bahul, bahu.
bainila e **vainila**: baunilha.
barriga-de-frêra, pudim feito de ovos, açûcar e miolo de pão.
basificar, basear. («Em que lei se *basefica* para isso?»)
benaficio, beneficio.
bobedêradas, bebedeiras.
bêim, bem.
bêjinhos, bolos feitos de farinha de trigo, açûcar, claras de ovos, raspas de casca de limão, e canela em pó.
berio, brio.
béspera e **béspra**: véspera.
bilheite, bilhete.
bimbinelas, bambinelas.
biscôtèla, biscoito feito de farinha de trigo, ovos, açûcar, manteiga de vaccas, e raspas de casca de limão.
bispo, candeia de ferro, de que se servem nos lagares de azeite.
bolo-podre, doce feito de ovos, azeite, mel, açûcar, farinha, cravo de cabecinha, e canela.
bufarónis, fanfarrão.
burufos, borrifos.
busnico, buginico.

C

cabação, aument. de cabaça.
cabiclo, cubiclo e **cubiculo**: cubiculo.
cabranaças, augm. de cabrão.
caceróla, caçaróla.
caimbas, cambas.
calcanhar e bico, dança popular.
Calistro, Calisto.
camilha, pequena mêsa, sob a qual collocam o brazeiro. (Vide *Rev. Lus.*, 13.º, p. 41).
cangêrão e **canjarão**: canjirão.

([1]) Provirá de *suiça*? Sôbre êste vocabulário lê-se no *Novo Dicionário das Línguas Portuguesa e Francesa*, do Padre José Marques, vol. II: *Suiça*, ou *Suicia*, deriva-se do Castelhano *Zuiça*: «he o nome de huma festa que no Reino de Toledo costuma fazer a soldadesca com armas enhastadas, de alabardas, partazanas e chuços. Em Alcobaça, e outras partes da Estremadura de Portugal, pelo que tenho visto, he huma especie de encamisada de moços a cavallo, e rapazes com cordas breadas, e accezas.»

cantista e **cantarista**, cantador.
caraco e **carago**! exclamação de espanto.
carbunco, carbunculo.
cardencia, credencia.
carraria, muitos carros juntos.
carrêrinho, deminut. de carreiro.
carril, azinhaga.
casadinhos, bolos feitos de pão ralado, açûcar, claras de ovos e amendoas doces.
casòlidade casualidade.
cástigo e **cástico**, caustico.
catracego, myope.
catre e **catro**: quatro.
cavaca, bolo feito de farinha, ovos, azeite, aguardente, sal, e coberto de calda d'açûcar.
cavallista, serviçal de lavoura que trata dos cavallos.
cèdala, cédula.
celindronia, celidonia.
cerestrial, celestial.
certo, socegado, tranquillo. (Já nam 'stô lá munte *certo*, vô-m'a zangári).
Chancho, Sancho.
chaporro, cacete.
chasque, chasco.
chiribiu, dança de roda.
cimongo, cinamomo.
circunstanças, circunstancias.
coalhada, queijo fresco, grande, sem sal, de que se fazem as queijadas.
còlidade e **q'lidade**: qualidade.
comedias, comedorias, ração de viveres.
compromicio, compromisso.
condetor, conductor.
confranzido, confrangido.
conselhar, aconselhar.
contecer, acontecer.
contenença, cortezia militar, continencia.
corpazil, corpanzil.
corromper, interromper. (Nam vêinho *còrromper*...)
còrtilho, quartilho.
descalc'ranhado, desmazelado.
crapetêro, carapeteiro.
cravinèro, carabineiro.
Culadio, Claudio.
cuperto, coberto.

D

dançante, trampolineiro.
déis, dez.
depindença, dependencia.
desmasiado, demasiado.
desonorar, exonerar.
desperposito, desproposito.
didal, dedal.
discontar, descontar.
disfurtuario, usufructuario.
dôsce e **douce**: doce.

E

eidifici, **endeficio** e **indeficio**: edificio.
embrocar, emborcar.
empalèmado, empalamado.
encartachadas, gallinhas *encartachadas*: impossibilitadas de pôr ovos. (—«Os ovos estão muitos caros!» —«Pois se, com este mau tempo, as gallinhas estão *encartachadas*».
enchamiçado, «arvoredo *encha-*

miçado»: com ramos seccos, que precisam chapotados.
encovaçãs, incovocação.
Ênez, Ignez.
enfornar, metter lenha no forno.
enfrior, inferior.
enfusão, infusão.
engegir, **enzegir** e **inzegir**: exigir,
engenhoca, engenheiro. (Em sentido pejorativo).
engorçar, engrossar.
ennaição, inacção.
enredadas, enredos, intrigas.
ensencial e **sencial**: essencial.
endespensavle, indispensavel.
enrilhador, serviçal de lavoura, que ata os rolheiros das messes ceifadas.
entêrar, inteirar.
envitar, evitar.
enzempro e **enzemplo**: exemplo.
enzucutar, **enzecutar** e **enzicutar**: executar.
ervaçum, ervaçal, campo de erva.
esbadalar, badalar (falar de mais).
escalda, sopa de pão em caldo de peixe, e com bastante pimentão picante. (Vide *Rev. Lus.*, 14.º).
escaldados, bolos feitos de farinha de trigo, ovos, açûcar, e azeite frito, ou manteiga de vaccas derretida.
escalificar, clarificar.
escançar, descançar.
escencia, essencia.
escrelate, escarlate.
esferiar, esfriar.
esmaravilhado, maravilhado.
espilhado, espelhado.
espumadêra, escumadeira.
estraição, extracção. («Os generos não teem *estraição* nenhuma»).
estrantorno e **estorno**: transtorno.
estreluzir, luzir.
executir, executar.
exprodicado, prejudicado.

F

farramenta, ferramenta.
farrapilha, farroupilha.
farrapos, bolos feitos de farinha, ovos, açúcar, manteiga de vaccas, e canela.
farrombices, bravatas.
fartos, doce feito de ovos, amendoa doce pesada, açûcar e recheio de abobora.
fatilho, cobertura de canastra. (É feito de estopa, palma, ou esparto).
favoral, favoravel.
ferente, frente.
ferêsca, fresca.
ferrôlho, finta, contribuição.
filhozes, filhós.
flicidade e **felecidade**: felicidade.
folsofia e **filosofia**: philosophia.
frâstero e **felâstrêro**: forasteiro.
froquente e **ferquente**: frequente.
frôxêza, frouxidão.
funural, funeral.
furvura, fervura.

G

gainhão, serviçal de lavoira.
gainhôa, mulher do *gainhão*.
gainhar, ganhar.
galrito, rêde de vime para apanhar peixe miudo, e tambem chamam *galritos* aos peixes pequenos. (Só pesquei uns *galritos*).
garnadero, granadeiro.
garruda, gadelhuda. (Cabra *garruda*).
gêima, gemma.
genalosia, genealogia.
gestão, digestão.
giralda, grinalda.
gomecê, vómecê (vossa mercê).
gòrdar, guardar.
gorsaria, grosseria.
Gracindia, Gracinda.
grizòl, azeite, olio.
grogeta, gorgeta.
guirlandia e **grilanda**, cimalha.

H

hâmdem, hão de. («Os caxotes *andem* ser entregues ó home»).
Hermungildo, Hermegildo, Êmelgidio e **Megildo**: Hermenegildo.
histoirarias, embrulhadas, barulhos.
hizope, hyssope.

I

icolmo, economo.
incellencia e **encellencia**: excellencia.
incellente e **encellente**: excellente.
inhorar e **inorar** (ignorar) estranhar. (Isso não se lhe deve *inhorar*).
Inlegancia, enlegancia e **alegancia**: elegancia.
inrêdos, enrêdos.
Inté, entéi, téi, bemté: até.
inutle, inutel e **ênutel**: inutil.
istante, instante.
Izavel e **Zabel**: Isabel.
izerbitante e **uzurbitante**: exorbitante.

J

jacintros, flor.

L

ladèinha, ladainha.
lagôsta, gafanhoto.
lambeta, gorgeta.
lampaças, alabaças.
lance, lanço.
lavardoria, lavoura.
lendelhos e **lindelhos**, mexericos, embustes.
lengoiça, lingoariça e **longariça**: linguiça.
leviano, ligeiro. («Os seus cavallos são muito *levianos*»).
lijonjéro e **linzongêro**: lisonjeiro.
lisso e **lizio**, lizo.

M

maçanicos, crianças de mama.
maciuêro, marceneiro.
manjar branco, doce feito de um peito de gallinha, cozido e

muito bem pizado, leite, açúcar, e farinha de arrôz,

manjar real, doce feito de um peito de gallinha, cozido e muito bem pizado, açúcar, miolo de pão ralado, e amendoa doce pizada.

manjarona, mulher amancebada.

mantrasto, **mandrasto**, **montrasto** e **mentrasto**: mantastro.

marrocatêro, andrajoso.

mâtibó, noitibó.

maturranga, mulher velha e porca.

mazarulho, objecto informe, tosco e grande.

mendoêra, amendoeira.

menzoca e **menzinha**: diminut. de mêsa.

migadura, acção de migar. («Hoje é dia da *migadura*»: migar a carne de porco para os enchidos).

milhadura, molhadura.

minhatura, miniatura.

mòlhinho, molho pequeno de tripas e outros miudos das rezes, mondongo.

montijo, monticulo de terra em fórma de pyramide cónica, junto das estacas plantadas de oliveira, para as resguardar do dente do gado.

morrediça, *carne morrediça*: carne de rez que morreu de molestia, e que o trabalhador rural aproveita para comer, porque, «*morto o animal, morreu a doença*», dizem elles.

mrezicordia e **merzicodia**: misericordia.

muldura e **modura**: moedura. (Uma *muldura* d'azeitona: noventa alqueires).

mulual, meloal.

muluêro, meloeiro.

N

nôz noscada, noz moscada.

O

ôitre, outrem.

oreilhas, orelhas.

oudre, odre.

ouferta, offerta.

oumissão, omissão.

ouvelhas, ovelhas.

ôvido, ouvidio.

ovos-molles, doce feito de gemmas de ovos, açúcar, e canela em pó.

P

pai da vacada, chefe ou proprietario de um estabelecimento.

palavronas, palavrões.

pandigarraz, grande pandega.

pápos de anjo, doce feito de ovos e açucar.

parante, perante.

parolim, fracasso, desastre.

parracha, homem baixo e atarracado.

parrascana, homem grosseiro.

partiarcha, patriarcha.

parvoêra, uma doença.

pasmice, pasmaceira.

patatras e **batatras**, batatas.
pau-mandado, homem sem vontade propria.
pé-de-castello, governanta, criada velha que tem o governo d'uma casa.
péga, almofadinha com que se pega no ferro de engommar, quando está quente.
pelumas, plumas.
percazes, **pescacios**, **piscazes**, **piscaços** e **precalços**: precalços.
pessuir, possuir.
picârá-te, picar-te-ha.
pienha, peanha.
pindurar, pendurar.
pinêrar, peneirar.
pingalhete, janota.
pinguejar, pingar.
pintagaiado, pintalgado.
pinto, jogo infantil.
pinurar, penhorar.
pinuria, penuria.
piques, remoques.
pingos de tocha, doce feito de ovos e açûcar.
pironilhas, doce feito de farinha de trigo, ovos e açûcar.
pito, pieira, som produzido pela respiração difícil, nas pessoas asthmaticas.
pôgadas, pollegadas.
polvarisar, **polvirisar**, **polvorisar** e **pulvirisar**: polvilhar.
ponto *de pasta baixa — de pasta alta — de espadana — de fio — de cabello — de perola — de voar* — e *de rebuçado*: differentes graus de consistencia da calda do açûcar.
porçodimento, procedimento.
pòrcurar, **prècurar**, **pòrguntar**, **prèguntar** e **pròguntar**: perguntar.
porfrença, preferencia.
pózes, pós.
prefazer, perfazer.
pressiguir, perseguir.
prestimo, emprestimo.
previlejo e **previlegio**: privilegio.
priodista, periodista.
procelana, porcelana.

Q

quêjada, pastel feito de coalhada (queijo fresco sem sal), ovos, açûcar, farinha de trigo, manteiga de vaccas, e canela, ou erva doce.
quercimentos, crescimentos, febres intermitentes.

R

raçabdoria, recebedoria.
rachina e **rechina**: Estar á *rachina*, ou á *rechina*, do sol: a pleno sol.
raivas, bolos feitos de farinha de trigo, manteiga de vaccas, açûcar, ovos, e canela em pó.
rastrôlho, **restrôlho** e **rostolho**: restolho.
regulandrão (**de**), a esmo, a trouxe-mouxe.
relão, rolão.
remã, romã.
remuda, enxoval da cama duma noiva.
repairo, reparo.
responsar, responsabilisar. («Por esse me *responso* eu»).

Riafolhes, *Rilha-folles*.
ribolar, rebolar.
riparar, reparar.
romêrinha, *coccinella septem-punctata*.
rondainas, roldanas.
rouxo, roxo.

S

sabechão, sabichão.
sacôtos, côtos.
Sampelicio, Simplicio.
sanguidade, consanguidade.
sapatia, sympathia.
saquestôa, mulher do sacristão.
sarnice, teima persistente.
sarpilhêra, sarapilheira.
seia, seja.
sêida, seda.
sepôr, suppôr.
sigurar, segurar.
sintir, sentir.
soupa, sopa.
solairo, salario.
starrincar, rangir os dentes.
'stramadura, estremadura.
'stronomia, astronomia.
suã, espinhaço do porco.
súpplicas, bolinhos de farinha de trigo, ovos, açúcar, sal e casca de limão ralada.
suspiros, bolos feitos de farinha de trigo, claras de ovos, canela, sal, e cascas de limão raladas.

T

taixa, taxa.
tardão, serviçal da lavoura, que leva a comida aos ganhões quando andam no trabalho.
Taresa e **T'resa**, Theresa.
tarrintorio e **terratorio**: territorio.
têmeze-o, têmo-lo.
tempeiros, temperos.
ternar, treinar.
tertura, tortura.
tervoada, **torvoada**, **travoada** e **trevoada**: trovoada.
tesourinhas de brabêro, dissimulação. («Esteve a fazer *tesórinhas de brabero* p'ra não me falar»).
tibornia, tiborna (pão embebido em azeite novo e quente, a que se addiciona canela e sumo de laranjas.
tindêro, tendeiro.
tingarrilhas, cardos (planta espinhosa e composta).
tiracol e **'stiracolle**, tiracollo.
tirapucha e **trapucha**, briga.
tocar, cotejar, conferir. («Leva o decalitro ao aferidor para o *tocar*»).
tôcinho do ceu, doce feito de ovos, açûcar, farinha de trigo, canela em pó, e amendoas doces pizadas, e coberto de açûcar batido com claras d'ovos.
tôcinho rançoso, doce feito de gemmas d'ovos, açûcar, amendoas doces pizadas, e farinha de trigo, e coberto de açûcar batido com claras de ovos.
tomadia, apprehensão fiscal de contrabando.
torriscas, bolos feitos de farinha de trigo, ovos, açûcar,

canela em pó, e raspas de casca de limão.

tosquiados, bolos feitos de farinha de trigo, amendoas doces pizadas, açûcar e claras d'ovos.

tranficante, traficante.

trapicalheso, pessoa andrajosa.

traslôcado, tresloucado.

travessada, mão-cheia, o que se pode abranger com a mão. («Duas *travessadas* de farinha»).

trespasse e **despasse**: traspasse.

trêto, atreito.

trigo dos 50 dias, variedade de trigo, a que tambem chamam *ribeiro*.

trocado, dança popular.

troça, grande trança de cabello.

U

uvre, ubere.

V

varada d'agua, chuva muito forte.

varêral de preguiça, mandrião, indolente.

X

Xâzu-Christe, **'Zus-Christe**, **Jâzu-Christe**, **Sâssu-Christe** e **Xassu-Christe**: Jesus Christo.

Z

zerzilim, gergelim.

zornar, zurrar.

(Elvas).

A. Tomás Pires.

Medicina Popular Minhota

Um dos capítulos mais curiosos da Etnografia, é o que diz respeito à «Medicina Popular».

Torna-se difícil separar a terapêutica pròpriamente farmacológica de outras práticas pretendidamente curativas. Nesta comunicação procuraremos ocupar-nos da terapêutica humana popular baseada em remédios, deixando de parte as práticas supersticiosas, como rezas e ensalmos, que incluiremos em outro trabalho.

O receituário médico foi colhido directamente pelos signatários em duas aldeias, que distam uma da outra cêrca de uma légua: Caldas-da-Saúde (Santo-Tirso) e S. Simão de Novais (Vila-Nova-de-Famalicão).

São inúmeros os medicamentos populares empregados entre nós. Quási sempre os doentes, ou as suas famílias, procuram atalhar o mal, recorrendo às drogas que conhecem ou às que são aconselhadas pelas vizinhas, antes que o médico seja consultado, ou mesmo, sem êle saber, no decorrer do tratamento. Muitas vezes, as bruxas são consultadas, e as bruxarias postas em prática, freqüentemente até, a par do arsenal terapêutico do médico. As bruxas e as comadres, são pois, *colaboradoras* assíduas dos médicos da província e mesmo dos que fazem clínica nos grandes centros. Os ferradores também são procurados, principalmente para tratar de feridas. E o valor, que lhes dão, é de tal ordem, que, ainda não há muito tempo, um médico do nosso conhecimento, preguntando a um ferrador quanto devia pelo tratamento de um cavalo que possuía, obteve a seguinte resposta: «Para colegas não é nada»... E a outro médico, parente dos autores dêste trabalho, quando se dirigia a cavalo para determinada localidade, foi-lhe pedida licença, a certa altura, por um criado que o acompanhava para que, enquanto esperava, lhe fôsse consentido consultar um ferrador.

E, como êstes casos, há-os sem conta.

O nosso povo tem quási sempre em pequena consideração a vida das crianças e dos velhos. Assim, não se preocupa muito em recorrer aos médicos, principalmente quando o doente é criança de tenra idade ou pessoa já entrada em anos.

O que leva as famílias a recorrer à Medicina, é o receio de que os doentes morram sem assistência médica e de se tornar difícil a aquisição da certidão de óbito. Confessam isto, muitas vezes, abertamente. Um de nós conhece uma mulher que teve uma criança doente por ocasião da epidemia de *gripe* de 1918. Como o médico assistente tinha de se retirar antes de a doença terminar, a mãi chegou a pedir-lhe para deixar feita a certidão de óbito da criança.

Há pouco tempo ainda, um dos autores foi procurado pelo pai de uma criança, que lhe disse: «Resolvi-me a chamá-lo, não vá o pequeno *patear*, e meter-me em trabalhos...

A única doença infantil que o povo conhece são as *bichas*. Não há nenhuma criança que, ao atingir os dez anos, não tenha já ingerido uma boa dose de frascos de *remédio das bichas*. Porque o remédio do Sr. F. (nome do farmacêutico) não expulsou nenhuma, recorre-se ao do Sr. Sicrano... e depois ao do Sr. Beltrano, até que um faça sair cá para fora os malditos vermes. Então sim: o remédio das *bichas* do Sr. X, ficou aprovado, e a família satisfeita.

Um de nós vive próximo de uma mercearia, cujo dono acumula as funções de moleiro e de vendedor de *remédio das bichas*.

O pouco apêgo que, duma maneira geral, o povo tem às crianças manifesta-se também na absurda alimentação que lhes dá.

Desde que a criança nasce, logo a mãi a põe ao peito para que mame até se saciar e, depois, pela vida adiante, mama tantas vezes quantos são os momentos de chôro. O recem--nascido deve ter sempre o estômago bem abarrotado. Assim é que êle medra...

Surgem as perturbações digestivas: vómitos, diarreia, etc. Nada de preocupações «o que vomita é o que sobra», dizia a um de nós há pouco, uma mãi. E acrescentou: «Por isso mal vem um para fora, vai logo outro para dentro. É assim que eu os tenho criado gordinhos» (Areias) (1).

Há pouco apareceu no consultório dum dos autores dêste trabalho um petiz acompanhado pelos pais, que confessaram: «Tem soltura e *lança-fora* muitas vezes e não leva *nadinha* à

(1) Freguesia do concelho de Santo Tirso. Faz parte da Estância termal das Caldas-da-Saúde.

boca. A única coisa que êle comeu há uns poucos de dias foi um bocado duma sardinha».

Como se vê, o exemplo é elucidativo sôbre as noções, que o nosso povo tem, sôbre alimentação das crianças.

Há uma coisa que o choca a valer no decorrer duma doença: é a falta de apetite. É ela que, muitas vezes, assusta a família dum doente.

Não devemos atacar sistemàticamente as práticas medicamentosas da nossa gente; pois que, se há muitos remédios absurdos, há outros que não são mais que vestígios da terapêutica seguida pelos nossos antigos praxistas, desde Pedro Hispano a Brás Luís de Abreu. Como exemplo, citemos a analogia que há entre o tratamento da tinha preconisado por *Joam de Vigo* e o que preconisa o povo (1). Sôbre a origem do mal, também há semelhança, pois, segundo Morato Roma, os cabelos na tinha são roídos por certos *bichinhos*, e segundo o povo, a tinha é motivada por um *bicho* que infecta o bolbo piloso. (Vide adiante).

A gente das aldeias não acredita no contágio das doenças. E, não acreditando nos micróbios, não hesita em colocar a cânula do irrigador, durante uma febre tifóide ou para-tifóide, junto à toalha a que se tem de limpar as mãos.

E, para bacia de lavar as mãos, serve mesmo o vaso em que o doente expectora.

Há pouco tempo, um de nós depois de visitar um pneumónico, ouviu dizer à filha do doente, dirigindo-se a outra pessoa de família: «Ó F. vai buscar a bacia para o Sr. Doutor lavar as mãos». — Qual bacia? — A escarradeira.

No entanto, rara é a casa, mesmo do trabalhador mais modesto da lavoura, e principalmente mais no trabalhador do campo do que no da oficina, onde não há, ao canto da caixa, uma toalha de linho dobrada e branca e um pequeno sabonete, para uma acidental visita médica.

O médico e a medicina são focados várias vezes pelo povo, quer no «adagiário», quer no «cancioneiro». Nas nossas aldeias surgem, a cada passo, provérbios e quadras que se referem com ingenuidade ou com ironia à arte de curar e aos físicos.

---

(1) A. Lima Carneiro, *A Tinha na Tradição Popular e na Literatura*, Separata da «Revista de Guimarães» n.os 2 e 3 de 1924, acrescentada, Santo Tirso, 1924.

Vejamos algumas cantigas colhidas por um de nós em S. Simão de Novais ([1]).

Mandaste-me cegar erva
Lá no campo da amargura?
Se eu fizer uma ferida,
Morro e não tenho cura!

Há talvez nesta quadra uma alusão ao tétano, prevendo uma infecção que vitimará a cantadeira.

Outras focam a necessidade do casamento precoce:

Minha, mãi, case-me cedo,
Enquanto sou rapariga:
O milho sachado tarde
Nem dá palha nem dá espiga...

E outra ainda, onde se faz referência ao aparecimento do fluxo menstrual:

Minha mãi case-me cedo,
Que a causa bem a sabeis...
O dado são quinze anos,
Eu já tenho dezasseis.

A cárie dentária também é discutida na quadra que vai lêr-se:

O primeiro amor que eu tive
Era filho dum doceiro:
Os dentinhos, tinha-os podres
E na boquinha um mau cheiro.

Em algumas, nota-se a mistura da superstição com a medicina, provocando a cura:

A oliveira do adro,
Ramo dela tem virtude:
Passei por ela doente
E logo tive saúde.

Outras focam certas misérias sociais, como são os envenenamentos:

Minha mãi quando me teve
Cuidava que estava rica;
Depois queria-me matar
Com remédios da botica.

Se eu soubera quem tu eras,
E quem tu vinhas a dar,
Mandava vir da farmácia
Remédio p'ra te matar.

([1]) Fernando de Castro Pires de Lima, *Cancioneiro* de S. Simão de Novais (1.ª e 2.ª séries) «Revista de Guimarães» (1922-23) (1924-29).

Há também cantigas que não são mais do que receitas postas em verso. Veja-se a seguinte:

Toma lá um limão doce
Do limoeiro azedo,
P'ra tirares o fastio,
Que o ganhaste bem cedo.

Nesta há uma alusão irónica ao parto permaturo:

Rapariga, tu és tola!
Eu não sou o teu amante,
Ou tu nasceste sem lua,
Ou no quarto minguante.

A bronquite também é citada no cancioneiro popular:

Ando rouca do meu peito,
E mal haja a rouquidão
Que me não deixa cantar
A minha satisfação.

Nas quadras, os médicos são visados com certa ironia, como bem deixa transparecer a cantiga seguinte:

Duas coisas há no mundo
Que eu não posso entender:
Os padres *ir* p'ró inferno
E os *surgiões* morrer...

E finalmente, para encerrar o parágrafo das cantigas, seja-nos lícito citar a seguinte quadra:

'Stou doente, vou p'ra casa,
Tenho medo de morrer,
Vai chamar pelo doutor
Se faz favor de me ver.

Claro está que o cancioneiro popular é riquíssimo em cantigas referentes a coisas de medicina, mas nós só aproveitamos aqui as quadras colhidas nas aldeias em que foi elaborado êste trabalho. E, ainda dessas, citamos apenas as mais típicas.

Neste trabalho, encontram-se classificadas as notas de Medicina popular pela sua ordem alfabética. Poderíamos tê-las agrupado doutra forma. Preferimos esta porque, assim, o trabalho será mais fàcilmente consultado. Não julgue porém algum mal-intencionado que nós pretendemos apresentar ao público um *vade-mecum* de fácil manejo, para uso dos doentes. Não! Não pretendemos aconselhar ninguém a tomar chás de excremento de ratos ou de minhocas. Nem tampouco desejamos que as mãis desmamem os filhos aplicando àloés sôbre os seios. Mas deixemos o nosso povo continuar a dirigir consul-

tas às bruxas e aos ferradores, a usar mèsinhas caseiras e a queimar narizes, para que os apaixonados pelos assuntos etnográficos tenham que fazer... [1].

Abcessos e adenites — O fel de porco macho é empregado como resolutivo (Areias). É curioso o que nos diz Maximiano Lemos [2]. «O fel dos animais também é objecto de um capítulo de Dioscórides e nesse capítulo encontra-se referência ao fel de ovelha, em que afirma que é muito menos eficaz do que o do toiro e êste misturado com mel é útil à esquinência e sara as feridas do pousadoiro até as encoirar». Não nos fala no fel do porco. No entanto é interessante a analogia das indicações.

A enxúndia (gordura que envolve as vísceras das galinhas), da mesma forma é usada como emoliente em fricções. Também empregam: Papas de batata com leite; ungüento de sabão amarelo, gema de ôvo e açúcar mascavado; papas de farinha de pau; fôlhas de amieiro, etc. [3].

Agulhas de coser — Quando alguém espeta uma agulha, é costume colocar sôbre o ponto atingido, com o fim de a expulsar, língua de raposo macho. Há quem conserve as línguas do referido animal para acudir a algum vizinho necessitado... A língua de raposo também é boa para atraír espinhas ruins que se espetam no corpo.

Alopecia — O cozimento de Tomentelo ou Tormentelo

---

(1) É muito rica a literatura portuguesa sôbre êste assunto. Além dos trabalhos que citamos no texto, lembramos ainda que se confrontem, com os meios terapêuticos que arquivamos, os que vêm mencionados, entre outros, nos trabalhos do Dr. Luís de Pina: — *Os remédios imundos na medicina popular* (XV[ème] Congrés International d'Anthropologie e d'Archéologie préhistorique, Portugal, 1930). — *A terapêutica provinciana de ha cem anos* («Portugal Médico», n.º 9 de 1931).

(2) Maximiano Lemos, *O Auto dos Físicos de Gil Vicente*, Comentário médico, Pôrto, 1921.

(3) Em Segura, aplica-se um emplastro de excremento humano, Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I.

(Thymus Coespititius, Brot.) é empregado na Póvoa de Lanhoso para combater a alopecia.

Meninas de além da fonte
Com que lavais o cabelo?
É com ervinhas do monte
que se chamam Tormentelo (1).

Amenorreia — É costume empregar-se o chá da Erva das sete sangrias (Areias) ou Sargacinha dos Montes (Póvoa de Lanhoso). A propósito do emprêgo desta erva, que tem efeitos abortivos, na Póvoa de Lanhoso é cantada a seguinte quadra, segundo informação do Sr. Prof. Dr. Gonçalo Sampaio:

À sargacinha dos montes
Devo eu obrigações:
Que encobre os meus segredos
Em certas *incasiões*.

O nome botânico da erva das sete sangrias ou sargacinha dos montes é: *Lithospermum difusum, Lag.*

Também se emprega o chá de nêveda (Clinopodum ascendens, Samp.) e os caldos de galinha preta (2).

Anemia — Bolos de pão de milho untados com azeite.

Angina — Gargarejos de um cozimento de cabeças de papoilas ou de malvas, a que juntam mel.

Anorexia — Chás de macela (Anthemis nobilis, Lin.).

Belida — Aplica-se mel no ôlho doente, por meio de uma pena de galinha (3).

Bertoeja — (Urticária) — Envolver o doente numa baeta

(1) Informação do Sr. Dr. João Sampaio.

(2) Fernando de Castro Pires de Lima, *A Medicina popular em S. Simão de Novais.* (XVème Congrés International d'Anthropologie e d'Archéologie préhistorique, realisado em Coimbra e Pôrto, em Setembro de 1930).

(3) Sôbre o tratamento popular das belidas pelo excremento de Sardão, vide J. A. Pires de Lima, *O Sardão nas tradições populares.* (Trab. da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia, IV, 3).

vermelha e fazê-lo espolinhar-se num ninho de porcos (Areias e S. Martinho de Bougado) [1].

Bronquites crónicas — Xarope de agriões, chás de tília, de macela, de flor de carqueja (Genistella tridentata, Samp.) de cidreira, (Melissa officinalis, Lin.) e de laranjeira.

Usa-se ainda um xarope feito com um quarteirão de vinho, algumas fôlhas de alecrim, uma colher de mel e um quarto de quilo de açúcar. O doente toma duas colheres de sopa, uma ao deitar-se e outra ao levantar-se.

Usa-se também um xarope de aguardente e açúcar.

O chá de laranjeira com duas gemas de ovos é igualmente eficaz.

Catarro agudo das vias respiratórias — Chás de fôlhas de laranjeira azêda [2]. Nas afecções catarrais das vias respiratórias usam-se também *escalda-pés*, que são pedilúvios quentes com mostarda (Areias). Encontramos referência aos pedilúvios de mostarda em Camilo [3]. «Agitaram-na, chamaram-na, deram-lhe um pedilúvio de água espertada com mostarda».

É costume também empregar *gemadas* (mistura de leite quente com mel, gemas de ovos e às vezes aguardente), ao deitar.

Também se usa chá de flor de carqueja. (Genistella tridentata, Samp.).

Cobras — «Aplicando-se uma tenaz em brasa e puxando-a ràpidamente, a cobra abandona o estômago onde se tenha introduzido (Areias)» [4].

«Para tirar uma cobra da garganta de alguém, põe-se leite ao pé da boca. Como as cobras gostam muito de leite, são atraídas logo pelo cheiro (Palmeira)» [5].

Congestão cerebral — As ortigas são usadas como revul-

---

(1) A. C. Pires de Lima, *Tradições populares de Santo Tirso*. Separata da «Revista Lusitana», vol. XVIII.

(2) A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*

(3) Camilo Castelo Branco, *O Sangue.*

(4) A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*

(5) Idem, idem. E cf. J. Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, pág. 143.

sivo. É costume fustigar os pés. Camilo faz alusão a elas: «lutei com umas febres, sem o auxílio do cirurgião nem do boticário. Agazalhei-me numa casa de lavrador que me fustigava com ortigas ou me esfregava a cabeça com umas hervas pizadas e amassadas com vinagre» (1).

Fricciona-se o corpo todo com arruda pisada, principalmente a parte paralizada.

Também é costume fazer fricções com uma escôva até a pele ficar vermelha.

Contusões — Sôbre as contusões aplicam-se fôlhas esmagadas de urgebão (Verbena officinalis, Lin.) e murtinhos (baga da murta) esmagados com vinho fervido.

Também se aplica alvaiade misturado com aguardente.

O urgebão com ôvo é igualmente empregado (2).

Coqueluche — É usado entre nós um xarope de fôlhas de figueira da Índia. (Opuntia ficus-indica, Mill.).

Também se usa um chá de flor de sargaça (Heliantemum halmifolium, Willd.) e de rebentos de pinheiro, e ainda xarope de pinhas bravas e agriões (3).

Desmame — Para *apartar* as crianças, as mãis costumam chegar aos peitos azebre (àloés) e pimenta (Palmeira). E... os tratadores de gado, para que as crias se desabituem de mamar, usam colocar-lhe na testa uma tábua com pregos com as suas extremidades aguçadas voltadas para o interior. Esta forma de desmame dos bezerros está mencionada nas *Tradições populares de Santo Tirso* (4).

Diabete — Chás de fôlha de eucalipto.

Diarreia — Contra a diarreia, emprega-se cozimento de

---

(1) Camilo Castelo Branco, *O Santo da Montanha*, 4.ª edição, Lisboa, 1919.

(2) A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*, (2.ª série) Separata da «Revista Lusitana», vol. XIX, Pôrto, 1917. Cf. Alberto Vieira Braga — «De Guimarães: Tradições e usanças populares», I vol., Espozende, 1924.

(3) Cf. Alberto Vieira Braga, *Obra cit.*

(4) A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*

semente de marmelos e cozimento de gomos de silva com açúcar mascavado, chá de raspa de veado e chás de diabelha (Plantago coronopus, Lin.) e aguardente queimada com açúcar.

Também é bom fazer um defumadoiro, e pôr na barriga uma gema de ôvo ou papas de farinha de pau com vinagre.

O cirurgião da Charneca aconselhava o uso de melancia para curar a diarreia [1].

Dores de cabeça — Esfregam-se as fontes com sebo de cavalo [2] ou colocam-se sôbre elas compressas com vinagre [3].

Dor de cólica — Chás de excrementos de ratos [4] (Cabeçudos), chás de côlmo [5] e fricções de casca de pepino [6]. Qualquer dêstes tratamentos é usado também em Trás-os-Montes [7].

Chá de cidreira, (Melissa officinalis, Lin.) chá de limonete (Lippia triphylla, Okze), untar a barriga com azeite em que se ferveram teias de aranha.

Para as dores de estômago é bom tomar urina de menino macho. Também faz bem tomar três dias em jejum chás de absinto.

Dores de cálculos — Contra as areias renais ou vesicais, são preconizados os banhos de assento de cozimento de cha-

---

(1) J. A. Pires de Lima, *O Charneca*, «Arq. de Hist. Medic. Port.», 1922.

(2) Fernando de Castro Pires de Lima, *A Medicina popular em S. Simão de Novais*. XVe Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique, Portugal, 21-30, Septembre 1930 — Extrait-Paris, 1931.

(3) Em Ladoeiro, empregam-se compressas de urina, Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I.

(4) Em Ladoeiro, empregam-se chás de excremento de galinha preta, Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I.

(5) Cf. Fernando de Castro Pires de Lima, *Medicina popular em S. Simão de Novais*. Loc. cit.

(6) Vide *Tradições populares de Santo Tirso*. Separata da «Revista Lusitana», vol. XXII, e Alberto Vieira Braga. Loc. cit.

(7) J. R. dos Santos Júnior, *Notas de medicina popular Trasmontana*, Pôrto, 1929.

potes de flor branca (Cotyledon umbilicus, Lin.) e erva-moura (Solanum morella, Dew.) (Areias).

Dores de dentes — Aplicações locais de pólvora, de aguardente, de sal [1], etc. O fumo de cigarro também é tido como remédio eficaz.

Outros tratamentos: Pele de cobra rugida em vinagre forte: côa-se por um pano e aplica-se no dente que dói. Uma cataplasma de fermento de pão sôbre a bochecha.

O sal é igualmente empregado em Trás-os-Montes [2].

Para a limpeza dos dentes, são usadas as fôlhas de salva e as fôlhas de mentastro: (Mentha rotundifolia, Huds.): «dentes nunca os vi mais ricos em esmalte. Limpava-os com uma erva do monte, que lá chamavam mentastro» [3]. Em Areias o povo diz *montrastes*.

Dores de ouvidos — Deitar no ouvido leite de mulher [4]. Êste processo é usado em Trás-os-Montes [5] e no Alentejo [6].

Eczema-impigens — Aplicar sôbre elas o *latex* da seruda, também conhecida por celidónia (Flora do Dr. Gonçalo Sampaio), por erva das verrugas (Pôrto) e por erva andorinha (Chelidonium majus, Lin.) [7].

Em Trás-os-Montes (Moncôrvo) usam o *latex* da seruda para curar feridas [8].

---

(1) Cf. Alberto Vieira Braga, *Obra cit.*

(2) J. R. dos Santos Júnior, *Obra cit.*

(3) Camilo Castelo Branco, *Coração, Cabeça e Estômago.*

(4) Uma doente sofria do ouvido direito. O médico mandou aplicar-lhe álcool aquècido. A resposta não se fêz esperar. «Mas Senhor Doutor, se eu faço assim, o álcool entra pelo ouvido direito e sai pelo esquerdo...»

Talvez esteja aqui uma explicação do provérbio popular: «Entra por um ouvido e sai pelo outro...» [6].

Cf. Vergnes: *Les empiriques guérisseurs, leurs remèdes, leurs doctrines. Revue Anthropologique*, 1928.

(5) Cf. Alberto Vieira Braga, *Obra cit.*

(6) J. R. dos Santos Júnior, *Obra cit.*

(7) Afonso do Paço, *Usos e costumes, contos, crenças e medicina popular*, «Revista Lusitana» n.º 1-4, 1930.

(8) J. R. dos Santos Júnior, *Obra cit.*

A seruda é conhecida em França pelos mesmos nomes e até goza da fama de possuir as mesmas propriedades terapêuticas. Assim, serve para curar as verrugas e os panarícios (Haute Garonne). É, como já disse, denominada erva andorinha e erva dos olhos: «Atribui-se grande eficácia a esta planta, nas doenças dos olhos. Quando uma mancha se formar sôbre os olhos é preciso, para a impedir de aumentar e fazê-la desaparecer, molhar freqüentemente o órgão doente com água da chuva na qual tenha estado mergulhada durante doze horas uma mão cheia de fôlhas de celidónia». (Finisterra).

«Tendes uma belida nos olhos? Tomai um pé de celidónia, aplicai-o sôbre a mão, dizei uma novena e a belida sairá». (País Bolonhês).

«Os animais também descobriram as plantas e entre estas a celidónia. É com esta planta que as andorinhas restabelecem a vista dos seus filhos no ninho mesmo, asseguram alguns, quando téem os olhos rebentados». (Plínio-Hist. Nat.).

«A andorinha ensina-nos que, embora tenham rebentado os olhos aos seus filhos, por meio desta erva dão-lhes novamente a vista; assim, a seruda dá flor quando a andorinha chega e murcha quando retira». (Madame Fouquet-Suite du Recueil des remèdes).

Em França atribuem à celidónia outras propriedades terapêuticas. Serviria para curar a icterícia (é conhecida por erva da icterícia) e para expulsar os vermes (1).

Para se curar a impigem, humedece-se esta com saliva depois de se ter tomado uma refeição e diz-se-lhe esta mentira:

Assim como hoje não comi nem bebi,
Assim tu seques aqui.

E a impigem desaparece... (2).

Epilepsia — O facto de uma mãi beber quando dá de mamar a um filho é tido como causador de gota; para evitar êste mal, as crianças deverão mamar leite de mãi e filha.

---

(1) Eugène Rolland, *Flore Populaire ou Histoire naturelle des Plantes dans leurs rapports avec la linguistique et le Folklore*, Librairie Rolland, 2; Rue des Chantiers, Paris, 1896.

(2) Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.*

Equimoses — Emplastros de ferrugem com urina (¹).

Epistaxis — Contra a epistaxis, devem-se cheirar fetos ou meias sujas de suor. Também empregam contra o epistaxis a lámina de aço de uma faca sôbre a testa.

A epistaxis desaparece colocando nas costas do paciente, sem êle saber, uma cruz de pau (²).

Espinhela caída (³) — As anemias e a prètuberculose são atribuídas pelo povo à espinhela caída. É preciso ir endireitá-la sem demora e depois tomar chás de papoula ou sumo de vide branca; o doente deve tomar uma garrafa de vinho fino e bacalhau do bom e aplicar um emplastro na boca do estômago.

Para diagnosticar a espinhela caída, senta-se o doente, juntam-se-lhe os pés e depois erguem-se os braços e juntam-se também as mãos; se não coïncidem bem é sinal de espinhela caída. Depois de aplicar o emplastro, é preciso o doente andar pouco, beber vinho fino, comer ovos e pão de ló e não subir escadas durante quinze dias (⁴).

Febre — A água de diabelha (Plantago coronopus, Lin.)

(¹) Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.*

(²) Cf. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I; Cf. Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.* E Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, pág. 240.

(³) Cf. Luis de Pina: «Subsídio para a história da Medicina Portuguesa Indiana no século XVII», Pôrto, 1921. Vide A. Tomás Pires, *Investigações Etnográficas* (Medicina Popular alentejana (Elvas), «Revista Lusitana», vol. IX, 1906, pág. 115); Alberto Saavedra, *Linguagem Médica Popular*, «A espinhela caída», pág. 177 do «Portugal Médico», de 1915; Curvo Semedo, *Polyanthéa Medicinal*, Lisboa, 1872, 4.ª edição, págs. 175-179; Cláudio Basto, *Medicina Popular*, «Espinhela caída», «Portugal Médico», 1915; M. Cardoso Marta, *Cartas etnografias*, «A espinhela caída», *Lusa*, 1918-19.

(⁴) Fernando de Castro Pires de Lima, *A Medicina popular em S. Simão de Novais*, Congresso Inter. de Antrop., realisado em Portugal em 1930 e A. C. Pires de Lima, *Tradições populares de Santo Tirso.*

é empregada na febre. Segundo Maximiano Lemos [1], a diabelha é mencionada por Teofrasto e Dioscórides, como eficaz contra as mordeduras de víboras e nos fluxos estomacais.

Banhar a barriga com vinagre quente, chás de pulitária (parietária?) e banhos de fôlhas de limoeiro são remédios eficazes.

Feridas — Chapotes (Cotyledon umbilicus, Lin.) esmagados. Infusão de fôlhas de arnica (Arnica montana, Lin.).

A língua dos cãis e a urina téem poder cicatrizante [2].

Usam também: Unto de cobra; cera virgem, azeite puro de casa, entrecasco de romãzeira e cozimento de poejo. (Mentha pulegium, Lin.) [3].

As cataplasmas quentes de ervas azedas, convenientemente amassadas, numa fôlha de couve [4] e os cozimentos de erva molarinha são igualmente empregados.

Fracturas — Depois de unidos os topos do osso, põe-se sôbre a parte ofendida uma papa de farinha centeia e em volta colocam-se umas canas e liga-se. No fim de um mês a fractura está consolidada.

Frieiras — Para curar as frieiras, é costume introduzir as partes atingidas em água bem quente onde se dissolve sal de cozinha.

Urinar nas frieiras também é recomendado.

Para as frieiras ulceradas, aplica-se uma pomada feita com cera virgem e cebo de carneiro.

Hemorragias externas — Aplicar sôbre o ferimento teias de aranha [5], uma mortalha de cigarro com açúcar ou petrólio.

---

(1) Maximiano Lemos, *O Auto dos Físicos* de Gil Vicente, Comentário médico, Pôrto, 1921, e Alberto Vieira Braga, *Obra cit.*

(2) Vide A. C. Pires de Lima, *Tradições populares de Santo Tirso*, Separata da «Revista Lusitana», vol. XVIII.

(3) Em Idanha-a-Nova, também se tratam as feridas com urina, Lopes Dias. Loc. cit.

(4) Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.*

(5) A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*, Separata da «Revista Lusitana», vol. XVIII. Em Vale de Lôbo, empregam-se as teias

Hiperceratose plantar — Quem passar por cima de um espinhaço de cobra cria *sete couros* nos pés. Para se curar esta hiperceratose, é preciso passar por cima de um espolinhadouro de burro.

Icterícia — Contra a icterícia, comer minhocas assadas.

Outro tratamento é o seguinte:

Ingerir sete piolhos misturados com azeite e alhos (1).

Infecções intestinais — Abrir um pombo novo, ainda vivo, e colocá-lo sôbre o ventre. O pombo torna-se preto e no dia seguinte a doença está curada.

Também se emprega para curar esta doença o seguinte remédio: um quarteirão de água com açúcar e uma colher de chá de farinha triga. Tomar por dia três colheres.

Os clisteres de água morna misturada com azeite ou com cozimento de raiz de morango (2) (Fraga vesca, Lin.) são eficazes.

Inflamação dos olhos — Lavagens com infusão de chá preto ou com cozimento de água de flor de sabugueiro (Sambucus nigra, Lin.). Lavar os olhos com vinho verde branco.

Mordeduras de víbora — É remédio seguro para anular a peçonha da víbora abrir um gato e colocar as carnes ainda palpitantes da vítima sôbre a mordedura (3).

Morte aparente do recem-nascido — Quando uma criança nasce com pouca vida, é costume espremer-lhe na boca uma cebola (Areias).

Obesidade — Para emagrecer, está indicado o uso do vinagre (Areias). Camilo menciona êste e outros processos (4). «Tal

---

de aranha no tratamento das feridas. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I.

(1) Cf. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, e Alberto Vieira Braga, *Obra cit.*

(2) Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.*

(3) A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*, Separata da «Revista Lusitana», vol. XVIII.

(4) Camilo Castelo Branco, *Coração, Cabeça e Estômago.*

menina houve que bebeu vinagre com pó de telha, e outras mais suspirosas e avêssas ao vinagre, desvelavam as noites emaciando o rosto à claridade doentia da lua... Muitas, à fôrça de jejuns, desmedravam a olhos vistos e amolgavam as costelas entre as compressas de aço do colete».

Oligúria com edemas — Chás de hipericão: chás de *barbas* (estigmas) de milho, chás de raiz de morango (1); vinho branco; chás de pés de cereja.

Parto — Para ajudar a saída das secundinas, põe-se um ôvo estrelado na barriga da parturiente.

Quando sobrevêm as dores de parto, coloca-se na barriga da parturiente um emplastro de pão de ló com um rabo de bacalhau e dá-se-lhe a beber dois ovos mexidos (2).

Peste — Colocam-se os doentes com êste mal, presos de pés e mãos, untam-nos com azeite e lançam-nos aos ratos e às sanguessugas até os chuparem bem (3).

Picadas de vespas, abelhas ou abegões — Para combater as picadas dêstes insectos, é costume espremer sôbre a parte atingida um bago de uva ou colocar sôbre a picada a lâmina de aço de uma faca.

Êste processo está mencionado nas *Tradições populares de Santo Tirso* (4).

---

(1) A. C. Pires de Lima, *Tradições populares de Santo Tirso*, Separata da «Revista Lusitana», vol. XVIII, pág. 21 (1.ª série).

(2) Alberto Vieira Braga. Loc. cit.; Luís de Pina, «Medicina Popular» segundo a Tradição de Guimarães. Separata do vol. XXIV, da «Revista Lusitana», Pôrto, 1927; Fernando de Castro Pires de Lima, *Apontamentos de Terapêutica Popular*, «Revista Lusitana», 1-4 de 1930.

(3) Esta prática de curar a peste, foi-nos contada pelo Ex.mo Sr. Dr. António Lemos, Meretíssimo Juiz em Vila Nova de Famalicão, declarando-nos ser muito usada na Idade Média e nos Açôres. Um nosso informador popular, também nos disse ter sido usada em Portugal, quando havia essa doença.

(4) Vide *Obra cit.*, Separata da «Revista Lusitana», vol. XIX.

É costume colocar também uma moeda de prata sôbre a picada.

Queimaduras — Aplicam sôbre as queimaduras: cinza de ossos; uma mistura de azeite, mel e cera; vinho; ovos chocos ou manteiga.

Raiva — O remédio das Ricardas de Santo Tirso, cuja formula se ignora, e as pedras do Lousado eram em tempo correntemente empregados entre nós [1].

Os alhos também seriam remédio eficaz [2].

É costume colocar sôbre a mordedura feita por um animal raivoso um ferro em brasa [3].

Raquitismo — Nas crianças enfèzadas, pouco desenvolvidas e com dificuldade em começar a andar, costumam empregar os banhos de mosto de vinho. Assim, metem os doentes nos lagares ou dornas com o fim de *dar fôrça aos nervos* [4].

Reumatismo — Friccionar as articulações doentes com gasolina (Areias). Banhos de cozimento de fôlhas de eucalipto [5], alecrim e fôlhas de cana (Areias).

As fricções com unto de texugo [6], sebo de carneiro. Rugido de minhocas em azeite, são igualmente empregados.

Sarampo — No sarampo ou *sarampelo* é costume embrulhar as crianças numa baeta vermelha e dar-lhes a beber

---

(1) Vide A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*

(2) Idem, idem.

(3) Sôbre a terapêutica popular das mordeduras do cão danado, vide J. A. Pires de Lima, *O dente santo de Aboim da Nóbrega e a lenda de S. Frutuoso (abade)*, Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1, Pôrto, 1921, e Cláudio Basto, «Revista Lusitana», vol. XXVI, de 1925 a 1927.

(4) Em Vale de Lôbos, emprega-se o mesmo tratamento, Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I.

(5) Tratamento mencionado por A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*

(6) Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.*

café, chá de tília ou vinho, para o sarampo *saír bem*, isto é, para favorecer a erupção.

Sarna — Unto de cobra sôbre o corpo de qualquer indivíduo atacado de sarna (1).

Sezões — Entre nós o impaludismo não é vulgar. Contudo aqui também há remédio caseiro para êle. Diz-se que, se um impaludado tiver desejo de comer qualquer coisa e o satisfizer, ficará curado.

É curioso que em Trás-os-Montes (2) e no Algarve (3) há a mesma crença. No concelho de Cabeceiras de Basto, na igreja paroquial da freguesia de Santa Senhorinha, existe o túmulo daquela santa. Por baixo dêsse túmulo há uma pequena porta de ferro. Quem se quiser curar das maleitas, vai ali e raspa a pedra do túmulo pela parte de baixo, dissolve o pó que colhêr em água e ingere-a. Êste pó só o pode obter, segundo nos informaram, quem acreditar no medicamento. Santos Júnior (4). fala-nos no túmulo de Santo Apolinário, que existe em Moncorvo, donde tiram, por um buraco, terra que, dissolvida em água, serve para curar as maleitas.

São remédios idênticos, como se vê.

Ténia — Usam um remédio caseiro em que entra o entrecasco e flor da romanzeira e a raíz do feto macho (Nephrodium filix-mas, Rich.) (Areias).

Numa vasilha, bem limpa, deitam-se duas onças de raíz de feto macho, outras duas de entrecasco de romanzeira, sêco, outras de flor verde, e meia canada de água. Põe-se tudo a ferver *sem deitar fora* e deixa-se ao lume até que o liquido se reduza a metade. Côa-se em seguida e, depois de arrefecido o liquido, deita-se numa garrafa e, no dia seguinte, toma-se em jejum um quarteirão de quarto em quarto de

(1) Vide Florentino Lopez Cuevillas e Fermin Bouza Brey, *Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatría en Galiza*, Coruña, 1929, págs. 159 e 160. (Arquivos do Seminário de Estudos Galegos).

(2) J. R. dos Santos Júnior, *Obra cit.*

(3) Tenente Afonso do Paço, *Obra cit.*

(4) J. R. dos Santos Júnior, *Obra cit.*

hora, por quatro vezes. Se não produzir efeito, no dia seguinte toma-se um purgante leve de óleo de rícino. Também se costumam comer pevides de cabaça com o fim de expulsar a ténia. Fialho de Almeida fala-nos neste processo (1): «... a modos que era assim de bicha. Tinha tomado as pevides de abóbora — nada de resultado!»

Tersol — É costume aplicar sôbre o tersol um anel prèviamente aquecido por fricção. A saliva do doente em jejum também é remédio eficaz (2).

É da mesma forma aconselhado:

Lavar os olhos com água tirada da pia das galinhas (3).

Colocar um dente de alho no ôlho doente (4).

Esfregar o tersol com o primeiro ôvo que uma galinha puser.

Tinha — Contra ela, é empregada uma pomada em que entra azeite, cinza de *alabua* (tabua) e enxôfre. Não são permitidos, durante um ano, alimentos temperados com azeite.

Também é costume empregar a grêda amassada para untar a cabeça (5) e arrancar os cabelos doentes para tirar o *bicho-micróbio* (6).

Tosse — Contra a tosse são aconselhados os chás de avenca (Adiantum Capillus-Veneris, Lin. ou Asplenium trichomanes, Lin.? e o xarope de agriões, feito em água a ferver e açúcar.

---

(1) Fialho de Almeida, *Contos*, Lisboa, 1918, pág. 57.

(2) Na Ilha da Madeira cura-se também o tersol friccionando a pálpebra com um anel aquecido. Visconde-do-Pôrto-da-Cruz (Crendices, Superstições e costumes do Arquipélago da Madeira), *Arqueologia e História*, vol. VIII, Lisboa.

(3) Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.*

(4) Cf. Fernando Braga Barreiros, *Tradições populares de Barroso*, «Revista Lusitana», vol. XIX, 1926.

(5) A. Lima Carneiro, *As Tinhas na Tradição Popular e na Literatura.* Separata da «Revista de Guimarães» n.os 2 e 3 de 1924, acrescentada, Santo Tirso, 1924.

(6) A. Lima Carneiro, *Contribuïção para o estudo das dermatomicoses no Norte de Portugal.* Tese de doutoramento apresentada à Faculd. de Medic. do Pôrto, Pôrto, 1922.

Trasorelho — Colocar sôbre a nuca dos doentes um jugo de bois ainda quente [1].

Tuberculose pulmonar — Aos tuberculosos é costume dar sangue de boi cru (Cabeçudos). Também produzirão bons efeitos terapêuticos os agriões.

Os caldos de rã e os caldos de carneiro [2] são, da mesma forma, recomendados.

Úlceras varicosas — É costume aplicar sôbre as úlceras varicosas uma fôlha de couve ou de língua de vaca (Anchusa itálica, Retz).

Vermes (bichas) — Além de as talhar, o povo emprega um colar de *dentes* de alhos [3], coloca na cama onde as crianças dormem hortelã pimenta [4] (Mentha piperita, Lin.) (Areias), ou aplica-lhes vinagre sôbre a testa. Qualquer dêstes tratamentos afugenta as bichas.

Usam também uma mistura de sumo de limão e azeite.

Verrugas — «Para queimar os *cravos* (verrugas cutâneas), é costume dissolver beijos do mar em sumo de limão, aplicando-se depois o soluto sôbre a excrescência (Areias)» [5]. No Pôrto empregam o latex da seruda. Segundo é crença popular, as verrugas também desaparecem friccionando-as com uma fôlha de couve [6] ou amarrando-lhes um cabelo de burro.

Alexandre Lima Carneiro.
Fernando de Castro Pires de Lima.

---

(1) A. C. Pires de Lima, *Obra cit.*; L. de V., *Trad. pop.*, § 323, *d*.

(2) Fernando de Castro Pires de Lima, *A Medicina popular em S. Simão de Novais*, *Obra cit.*

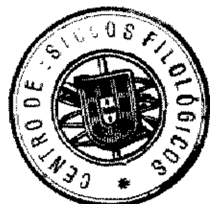
(3) Cf. Rougé, *Le Folklore de la Touraine*, Tours, 1931.

(4) Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.*

(5) A. C. Pires de Lima, *Obra cit.* Separata da «Revista Lusitana», vol. XIX.

(6) Fernando de Castro Pires de Lima, *Obra cit.*

Lexicografia das margens do Minho [1]



O presente trabalho divide-se em três partes:

I — Vocábulos e expressões inéditas ou de nova significação.
II — Termos recolhidos por motivo da pronúncia, alguns deturpados propòsitadamente.
III — Gíria de pedreiro.

A

abaladura — Parto precoce. «*Tenho sete filhos, além de quatro abaladuras*».

abantonha — Visão ou miragem que pessoas medrosas imaginam ver em lugares despovoados.

Parece ser o mesmo que *abantesma*.

abenido (adj.) — avindo. *Estamos avenidos! Homem mal avenido*, bulhento com todos.

abidueirinho — A porção do cordão umbilical com que ficam as crianças até êle secar e cair. Também se chama o *fiel*.

E diz-se *fazer o fiel* a operação de cortar o cordão. Também lhe dão o nome de *imbigo*. (Neste e em outros vocábulos a pronúncia do *v* é *b*).

---

(1) O autor desta colecção de vocábulos é o Rev. Sr. P.e João Luís Lourenço Loução, actualmente pároco em *Gondarem*, concelho de Vila Nova de Cerveira, para onde havia sido transferido de *Troporiz*, concelho de Monção. A êste digno eclesiástico solicitei, há anos, a sua colaboração para um glossário, que eu estava reunindo e que abrangia a sub-região minhota de entre os rios Lima e Minho, e tinha por centro o concelho dos Arcos de Val-de-Vez (Veja-se *Revista Lusitana*, vol. XIX e seguintes). A colheita do Rev. Sr. P.e Loução foi, porém, tão abundante, que eu, depois de ter introduzido no meu trabalho bastantes termos aduzidos pelo meu obse-

abidueiro — Cordão umbilical. O mesmo que *embida*.
abracar — Aliviar, parar. *Abraca a chuva.*
agarabatil — Cepo de carpinteiro para rasgar o *fôrro* de macho e fêmea. (*Fôrro* é a menor espessura, em que as tábuas são serradas).
agasalhar (o gado) — Lançar comida ao gado na manjedoura, antes dêle entrar.
agrais — *Maçãs agrais*, certa qualidade de maçãs, ásperas ao paladar, brancas, nocivas aos dentes; são aproveitadas para vinho e aguardente. (Venade).
agrimilhar — Descer o gramilo sôbre a tranqueta da porta ou portal. Na conjugação não conservam intacta a raiz, assim: *agramêlho — as — a; agrimilhamos — ais; agramelham.*
aguços — O trabalho do ferreiro em aguçar picos. *Devo-lhe tantos aguços.*
albeitar — Cachear. *O guarda do tabaco albeitou-me os bolsos.*
aleiramento — Porção de terra em que se divide o milharal para o efeito da rega.
amarela ou **marela** — Eufemismo de m... «*Vá p'rá marela*».
amedronhado (prego —) — Aquele, cuja cabeça é convexa na face inferior para atestar em ferragens com buracos côncavos.
amolegar — V. trans. Amolecer, exercer uma maçagem sôbre o ventre.
amorançazinha — Chuva ou chuviscos, que caem no estio depois de temporadas de calor e que refrescam muito os milharais. *Deus mande uma amorançazinha!*

---

quioso colaborador (termos cuja procedência indiquei pelas iniciais L. L.), resolvi formar com todos os que chegassem depois de certa altura, uma colectânea àparte, para ser publicada sôbre si. É o produto dêsse trabalho que, com a vénia do autor, apresentei ao ilustre redactor da *Revista Lusitana* e que começa agora a vir à luz. O Rev. P.e Loução colheu os vocábulos e expressões relacionadas neste artigo principalmente nas duas referidas freguesias das margens do Minho, mas há alguns termos, que foram coligidos em outras freguesias da mesma corda porém, como *Venade*, *Monção*, *Caminha*, *Lúzio*, *Lapela*, *Lara*, etc.

F. ALVES PEREIRA.

ancinha — Espécie de ancinho usado na apanha do argaço já sêco; tem os dentes maiores, mais bastos e o pente mais largo. Usa-se na foz do Minho.

andarela — Rodela de ferro que fica entre a mesa do tôrno e o braço do mesmo; termo de serralheiro.

anegrestado - a — Tirante a negro.

anobar um panasco (Coura) ou **poulo** (Monção) — É fazer nêle uma lavoura para plantar batatas ou semear trigo ou centeio.

antregosto — O mesmo que *suão*. Mas tanto êste vocábulo como o de *suão* só se empregam a respeito da carne na salgadeira, não em vida do animal.

apedrar — Ageitar a rêde lampreeira com pedras nas extremidades e ao centro pela corda dos *pandulhos.*

apertadeira — Cunha de madeira usada pelos enxertadores de fenda para esticar a ligadura.

apoladoura (s. f.) — Certa ave serigaita, que trepa pelas árvores.

apoldrado (de dinheiro) — Bem fornecido.

apolear (um sapo) — Atirar com êle ao ar, colocando-o na extremidade duma pequena tábua que se põe a meio sôbre uma pedra e dando uma forte pancada sôbre a outra.

ap ular — Marinhar às árvores.

arcos (da canga) — Canzis.

arganoeiro — Pequena galeria subterrânea feita pelos ratos dos campos.

assantiagado — Agoniado, estomagado, aborrecido.

assapar — Aplicar alguma coisa com fôrça sôbre outra; *assapar uma bofetada.* Como reflexo, sentar-se: *assapei-me no chão.*

azoratada (vista —) — Fraca, trémula por doença.

B

bacamarte — Erva arbustiva de raiz tuberosa, ramificada à superfície, folhas alternadas, pecioladas, ramos avermelhados, cachos com sumo côr de carmim, cheiro desagradável; os animais despresam-na.

bagulho — Pele da uva, depois de pisada.

balastreira — A locomotiva que arrasta *vagons* de terra e pedra.

baldeadoiro — Sítio onde se baldea água, especialmente na rega do milho, a cesto, isto é, duma regueira com água para o campo, pegando duas pessoas em cada asa dum

cesto que enchem de água e vasam num mesmo ponto para se espalhar depois.

Balindro (Valindo) — Nome de sítio e família.

banços — Os degraus da escada de mão. O que Morais chama *banzos* são os *varais*.

banqueta — Móvel em que se ajoelham as lavadeiras.

bareta — A peça estreita de madeira das vidraças em sentido horisontal, na qual se segura o vidro. A peça vertical chama-se *tarugo*.

barral — Soalho ou estrado superior feito sôbre o travejamento, em que se apoiam as tesouras do madeiramento dos telhados dum *cabanel*.

barrigada — Prenhez. *Desfazer uma barrigada*; causar um aborto.

bassa — Tinalha.

bastilha — Costura nas perneiras das calças de linho antigamente usadas, subposta de alto a baixo uma tira do mesmo pano.

batecas — Vaquetas.

batedeira — A pele duma caixa ou bombo onde o tamborileiro bate as *batecas*.

batuchadela — O acto de *batuchar*; a própria água espadanada.

batuchão — Divertimento do rapazio, quando batem na água com varas para se molharem.

batuchar — Bater na água, espancá-la para ela ressaltar.

beio — Ferro que passa no centro do lobête, em cuja extremidade superior, que é quadrada, encaixa a segurêlha.

berrugas (verrugas) — O ovário. *Fulana não tem filhos, porque lhe faltam as berrugas*.

bilhardeiro — Homem mentiroso, fraudulento nos seus contratos, bifronte.

birelas (s. m. sing.) — *O virelas*, termo de jogo da bisca, quando se tiram do baralho boas cartas. *O ganhar é o virelas!* Será *vir* (virem) *elas*?

biscate (t. de caiador) — Pedaço ou canto de telha quebrado à torquês ou colher (pá) para a sua juxtaposição. Também tem o sentido de trabalho a fazer, por ajuste ou jornal.

borraçal — Casta de uva.

broco — Estúpido, desajeitado.

broeira — Buraco aberto nas paredes de vedação ao rez da terra para as enxurradas dos caminhos penetrarem nos campos.

brôma — Pequena fogueira.

brôxo ou **brôcho** — Pedaço de leira de rega de milho, de tola a tola.

brucha — Bôjo que faz uma parede que ameace ruina.

bucha — Êmbolo de madeira duma bomba aspirante de rosário.

bujaqueiro — Ponto inflamado em geral na planta dos pés e que resolve esvurmando. *Sprêma-me êste bujaqueiro.*

bulão — Tombo que se dá a um calhau para o arrumar e pôr a geito (Troporiz).

buraco — Sentina.

burgerso — Hipócrita; homem que contradiz com os seus actos e palavras os deveres do seu estado ou profissão.

burra de médico — Pessoa preguiçosa, relassa. Talvez porque o médico que, nas aldeias, tem de ir a cavalo visitar os doentes, tarda sempre. É a ironia popular!

burricão — O mesmo que *medoixo* do Alto-Minho.

C

cabano — Cabanel sem barral.

cabanel — Construção rural que consta dum telhado, por vezes de colmo, aberta por todos ou alguns lados, apoiada geralmente em colunas, e que serve para recolha de carros, arados e outros utensílios da lavoura. Recolhido em Venade. Noutros pontos chama-se um *cobêrto.*

cabeçalha — O mesmo que *cabeçalho.*

cabilar — Cabular (Troporiz).

cabouca — Cova. *Lampreia da cabouca* é a lampreia que, passados os meses da pesca (Dezembro a Março), vive em covas no leito do rio Minho, às vezes em grupos e se diz que está desovando. Pesca-se então à fisga. Estas lampreias estão em estado de torpor, são magras, avermelhadas. *Penedo de cabouca, cheio de covas.*

caboucas, panelinhas e **pratos** — Designações de penedos perfurados por agentes naturais consoante a forma das escavações.

cabra fanada — O norte. «*Venta da cabra fanada*».

cagarritos — Feijões miúdos. Também dizem *cagavivos.*

cainho — Casta de uva.

camelão — Certa qualidade de pano próprio para vestes sacerdotais (Monção).

candeiro (peça de moinho) — Eixo com uma roda na extremidade, preso à *saleira* por um buraco e uma varinha que a cruza. O movimento rotativo desta roda é produzido pela fôrça centrífuga da mó, que faz com que o eixo encoste continuadamente à *saleira* para sacudir o grão no olhal.

canêlo — Exclamação de espanto. «*Canêlo! que o roubo foi graúdo*».

caneiro — O mesmo que *tanôco.*

cangão — Canga pequena sem *varandas* ou molduras (Venade).

canilha — A parte da pena de escrever sem o aparo.

canle — A calha que leva a água ao rodízio do moinho. O cano por onde vai a lavagem da cozinha aos porcos.

cantadoiras — O mesmo que *apoladoiros.*

capoira — Capoeira de galináceos.

canucho — Extremidade mais grossa dum pau ou vara. *Olha que viro o canucho à vara e dou-te uma trochada...*

cápeas — Termo de matador; é a carne de sob as costelas do porco.

carnás — A parte lenhosa dum tronco, que envolve o cerne, limitada por êste e pelo casco.

carneirinho — O mesmo que nêto ou tupêlho.

carocha — Meda de palha.

carrasco — No Alto-Minho, é èste o nome que dão à carramêlha e carrasca.

carrulo — A base do pescoço do lado das costas.

caruncho — Vid. Sôto ou pôtras.

carunha — O mesmo que *carabunha.*

carvalinho (porco) — O porco que cresce, tanto no comprimento, como na altura. Vid. *Toupeiro.*

casão — Noivo, homem com quem uma mulher possa casar. Usa-se na seguinte frase: *Ó fulana, deves casar-te!* Resposta: *Falla-me o casão!* (1).

cascabêlho — Homem coscuvilheiro.

cascalheira — Mulher que brita pedra.

casqueiro — Nome dado no quartel ao pão distribuído aos soldados.

---

(1) Não se referirá antes a alguma construção rural, aumentativo de *casa?* [Ou *nomen agentis?* — J. L. DE V.].

casula — Cada um dos coiros da manga e malho dum mangual.

catamurra — Constipação.

cativo — Nome que se dá ao bacelo plantado para latadas (Monção).

ceibar a roupa — Ensaboar a roupa antes de a meter na barrela.

cerigina — Avezinha de arribação, muito irrequieta, cantadora e que abre as asitas quando canta, parecendo dançar.

chabe (marco de chave) — Marco divisório constituído por duas lousas plantadas, formando ângulo nas testadas da propriedade.

chabes — Os dentes caninos.

chabêlha (da canga) — A espicha de ferro que cruza por um buraco o *canzil* que segura o boi ao jugo; (da solada) espécie de prego de madeira que prende o *tamoeiro* pelo ângulo inferior, quando se *apõe* o gado.

chaçó — Chaçadeira.

chambra (feminino) — Chambre.

changarra — O mênstruo.

chapadeira — Erva do campo.

charòlinha — Propriedade pequena de cultivo.

charrueira — Terra de cultivo, mas que produz mal.

à chéta — *Ver-se à chéta*, ver-se alguém embaraçado com trabalho.

chicharro — Carapau, chirêlo.

chines — Vocábulo empregado em determinado ensalmo.

choinhos — Biscate de trabalho.

choupo — Tortulho em forma de guarda-sol e até lhe chamam *guarda-sol de sapo*.

ciadouro (Coura) **siadouro?** — Haste, vara ou corda prêsa à grade por um extremo e que, pelo outro extremo, vai segura pela mão da pessoa que tange o gado e serve para a manobrar. O mesmo que *sacadoiro* ou *cambão*. O pau por onde o gado puxa a grade chama-se, nuns sítios *solinho*, noutros *solada*.

ciscar — Sujar o soalho da sala, cozinha, quartos, etc., com lixo ou lama que venha prêsa ao calçado ou com pequenos fragmentos que caiam, por exemplo, do feixe ou braçado que vai passar para o *canto da cozinha*.

ciscar-se — Defecar (Luzio).

cisco — Lixo de tôda a casta.

coba do piolho — O mesmo que *cocha* do cão.

cobertôr *(Sair ao cobertôr* e *sair ao lençol)* — Diz-se dos filhos que sáem ao pai ou à mãi nos seus traços físicos ou modos.

còcar (ou **acocar?**) — Aquecimento das uvas nas tinalhas, antes de pisar; amolecer dentro dum líquido, vinho ou água. *Não piso já as uvas, deixo-as alguns dias a còcar. Deixa acòcar essas côdeas mais um bocado.* Diz-se também da azeitona junta, quando começa a aquecer ou fermentar.

cócha do cão — A pocinha na base da cabeça sôbre a nuca.

côchas — *Dentagem* que se faz nos arcos de madeira para enlear os vimes.

colhareiros — O mesmo que *cagocios.*

comareiro — Diz-se em Venade, Caminha e Lapela. É mais provável que *pomareiro*, já recolhido em Val-de-Vez. Vocábulo encontrado no Tombo de Lara de 1715, mas sem uso em Troporiz. Terreno em declive, arrelvado e estreita fita de terra arrelvada, fazendo estrêma em campos de lavradio numa superfície plana. Esta estreita faixa não é revolvida pelo arado.

conchas — O mesmo que *cadeixas.*

congreira — Mênstruo.

continúa — Erva de medicina caseira, cheiro a limão; raiz pivotante, haste ramificada à superfície do solo; encanelada; folhas alternas, lanceoladas, dentadas, inflorescência indefinida. Altura vária, podendo atingir 1^m. Habita sequeiros.

córgo — Corvo.

corisca — Praga ou maldição empregada para alguma fêmea que molesta animais da sua espécie (Lindoso).

côtra — Crosta na gola do casaco, na loiça, etc., proveniente de pó e gordura.

correões — Algas apanhadas na foz do Minho e que têm o feitio de correias grossas e compridas.

cúbedo — Ramo do sifão de pedra ou madeira, que contém oblìquamente a água que se despeja sôbre o rodizio do moinho.

cugôrdos — Certos lichens, de côr apretalhada, superfície contínua, de aspecto de escamas e forma de polvo, mais espêsso que o papel almaço. Prepara-se com êles um decocto para aplicar nos cachaços inflamados dos bois; parece gorduroso.

D

desenferradouro — O sítio do cabedulho onde o arado pega e despega de fossar a leiva.

desvão — Cepo de carpinteiro para lavrar encanelados.

E

eido — Em Monção é o rossio da casa do lavrador onde êle arrecada os milhos, ergue medas, etc.; em Caminha é a *côrte* do gado. O eido de Monção é o *lugar* de Caminha.

eleitos — Eram antigamente os homens que superintendiam na fábrica de igrejas e capelas.

embida (envida) — O mesmo que *abidueiro*.

embôdo — Novelo de minhocas para a pesca da enguia. De-certo por *engôdo*.

empezinhar — Endurecer na panela um alimento ou na terra um produto comestivel, v. g. a batata. Referver o pão.

empiguilhar — Inquietar, maçar alguém.

encarrapichar-se — Torcer-se o fio do novelo ou roca, formando hélices.

engamiado — Membro falto de movimento, por estar atacado de reumatismo.

engulidoiros — Designação, um tanto pitoresca, dos canais e passagens bucais que servem para engulir. «*Caíram-me os dentes, mas abriram-se-me os engulidoiros!*»

enludrar — Aplicar a ludra.

enosilhado (pau —) — Com muitos nós.

entalado (milho —) — Diz-se do milharal que precisa de rega por estar a secar.

entilheirar — Termo de pedreiro. Colocar a pedra, que se vai lavrar, em posição inclinada, sôbre calços.

enxadão — Enxada, cuja pá tem a forma triangular com o vértice para a terra.

erva-pinheira — Encontra-se na primavera em terrenos marginais do rio Minho; fôlhas verticiladas, lineares, que lembram a rama do pinheiro. Tem o aspecto da erva que em outras partes chamam cavalinha e rabo de cavalo.

esgromitado — Diz-se duma pessoa despida de carnes, macilenta. Também se ouve *agomitado*.

esperrichão — Esguichadela grossa.

esperrichar — Esguichar.
espiga-rei — Milho de côr preta.
espiga-rainha — Milho de côr sôbre o vermelho.

F

fachissa — O mesmo que *tocheira* adiante (Gondarem).
fachoqueira — O mesmo que tocheira.
farrapos — Chuva de neve em flocos.
farúm — O cheiro da fermentação do vinho nas tinalhas.
fasculho — Agulhas do pinheiro.
fatana — Lasca de bacalhau.
fato — A caixa torácica dos animais de caça, principalmente quadrúpedes.
feles — Plural de *fel*. «*Para os unheiros são bons os feles do porco*».
ferro-do-monte — Grossa alavanca de ferro que os pedreiros usam.
ferro-do-moinho — Pequena alavanca de ferro, que o moleiro usa para andar com a mó.
figueira — Nascida em forma de verruga no abdomen do gado bovino; é de côr escura.
flor da doutrina — Certa flor montesa que vem na quaresma.
foca — Buraco feito no chão para o jôgo do botão e da *choca*, sendo maior neste jôgo. Qualquer buraco em madeira ou pedra. «*Esta tábua tem focas de bicho*». «*Esta pedra tem foquinhas*». «*Se morreres, vais para a foca*».
fochaco — Aumentativo de *fôcha*. Cova que fica do arrancamento de árvore, penedo, etc., ou do fabrico de carvão; qualquer depressão do terreno. *Estamos metidos num fochaco e não ouvimos tocar à missa.*
fòleiro — Diz-se das crianças inquietas que não dão aceitação aos carinhos de ninguém. *Anda cá meu fòleiro!* Trabalhador mole, indolente.
folhelho — Invólucro da espiga ou maçaroca do milho.
forninhos (fazer —) — Diz-se dos rapazes e raparigas, quando se entretem libidinosamente, emquanto são pastores.
forrar o carro — É o que noutros sitios se diz *calçar*, isto é, colocar um calço (pedra ou pau) sob as rodas num caminho em declive, para que o carro não se precipite ou recue.
fouçanha — Gadanha, utensilio para segar pastos (Troporiz).

foucinho — Foicinha. Há duas espécies: o *foucinho da erva*, é curvo, ponteagudo, largura da lâmina uns 0m,06 e a cota dum vintém, com cabo de madeira; tem fio ou gume, serve para forragens e cereais; e o *foucinho do mato*, curvo em ramo de espiral, mais comprido e grosso que aquele; ponteagudo; com gume.

Em Caminha, o mato é o tojo, mas é proibido, por uma antiga postura, cortar o tojo com enxada, corta-se com o *foucinho* próprio empregando a mão direita para o corte e a esquerda para tombar a *mouta*. Por isso se diz *apanhar o mato* e não *roçar o tojo*. A postura teve em vista evitar o arranque da planta.

foicinha — Foicinho de gume dentado.

frade — Pequeno poste de pedra colocado sôbre um muro para sustentar a trave de latada.

frencha — Frincha do soalho.

fretas — Fricções. *Dar fretas*. Dão-se com a mão, com um pano de estopa ou tomentos e às vezes com a *maudanha*.

fuchicada — Coisa pouca, que pouco presta, frivolidade. *F. emprega o tempo só com fuchicadas.*

fu-fu — Arremêdo do riso alheio.

fulão — Aparelho tocado a água para afugentar o teixugo dos milhos.

fum-fum — Arremêdo do que dizem pessoas que escarnecem ou murmuram.

fumas — O mesmo que *foumas*.

funga-gatos — Brinquedo que em Morais se chama corrupio (1).

furar-se o moinho — Dizem os moleiros quando a mó está a trabalhar em vão, sem grão.

furar-se a água — Diz-se na rega dos campos, quando a água se escapa por algum *arganoeiro*: e na moagem quando a água se escapa também pela levada ou pelo açude.

G

gabilha — Classe, grupo ou casta de pessoas importunas, malfazejas, irrequietas.

gadalho (Coura) e

---

(1) Cfr. J. L. de V., *Hist. do Museu Etnolog.*, p. 212.

gadanha (Venade) — Utensílio de lavoura com a forma de ancinho, mas de ferro e com três dentes, para serviço de estrumes. O mesmo que *picôto*.

gadanheiro — O que emprega a gadanha no campo de forragens. O mesmo que ferrador.

gaitear — O chôro das crianças, quando são castigadas.

galdido e **gandido** — Usam-se ambas as formas.

galinha de beia (veia) — Galinha que as contratadeiras preferem mercar, por ter, debaixo duma asa, uma veia mais saliente.

galinha-do-Senhor — A mariposa.

gancho e **ganchada** — O mesmo que *picôto*.

garruncho e **garroncho** — Pontas de lenha não acamada.

gòlada (beber uma —) — Frase enfática por: beber uns goles de vinho.

goldra — Líquido falsificado. *Isto não é vinho, é goldra.*

grabalheira — Uma só fôlha de pinheiro, que genèricamente se chama *grabalha*, *gramoeiro*, *grama*.

gramêlho e **gramilho** — Gramilo.

grêlo — O mesmo que *pichão* (derramação mucosa dependurada nas fossas nasais).

grisado (milho grisado) — Grãos de milho atravessados por raios vermelhos.

guarda-fogo — O mesmo que *paranheira*.

guarda-pé — Rodapé das camas.

guarda-sol de sapo — Nome que se dá a certos cogumelos ou tortulhos (Venade).

I

imbombar (a água) v. i. — Recuar a água, estagnar quando no seu curso encontra um leito de nível mais elevado.

imbude — Funil.

impalhada — O mesmo que *palhada*.

incisfornos — Talvez de Venade; vestígios de fornos.

incordoar (encordoar) **o cabelo** — Entrançá-lo.

ingerido (adj.) — Enfraquecido, depauperado.

inhate — Impulso dado pela falange do dedo polegar ao botão que não atingiu a cova no primeiro arremesso de distância superior. (Jôgo do botão).

inquidar — Arquejar? «*A doente ao fim de tantos dias de doença deu a inquidar e morreu*» (Troporiz).

insarroncado (dia —) — Triste, escuro, chuvoso. Também *enfarroncado*.

ispabilar (espavilar) — Introduzir o enxertador o garfo na fenda do cavalo (ou aguçar aquele?).

J

janeiras — *Maçãs janeiras*, são maçãs avermelhadas, listradas, de longa conserva e bom paladar; *farinhotas* (Venade).
jarra — Vaso afunilado de fôlha para azeite ou petróleo. De-certo o mesmo que almotolia.
jingalho. Vid. *Pouso*.
junqueira — Terreno que só produz junco.
junqueiro — Pé de junco que serve, depois de curado, para atar as videiras.

L

labadoiro — *Golpe de lavadoiro*, inclinado relativamente ao eixo do ramo, golpe obliquo, na poda.
labaseira — Buraco ou cavidade formada em circunstâncias irregulares, por ex. quando, em um poço, abatem as paredes; quando a casa dum botão se alarga ou rasga; quando se fêz um rasgão no fato; quando, em uma peça de madeira, se abriu um buraco maior do que devia ser, etc.
ladroar — Roubar.
lafrado — Lambão.
lagueiro — Feixe de linho composto de manadas com as raizes para fora e destinado à maceração na água.
lampar — Comer. «*Há muito que fazer e pouco que lampar*». (Gíria familiar?).
lampeões — O mesmo que mendrilhas.
lato — Vara de correr na cultura da vinha.
leidoso-a — Amoroso, carinhoso, serviçal em elevado grau.
librar (livrar) — Vid. *Intransitivo*. Dar à luz.
lingurteiro — linguareiro. Vid. *Sacteira*.
lixeiro — Palavra que entra no ensalmo de cortar o lixo.
logão e não **lagão** — Utensílio de cava empregado no terreno de seixo das margens do Minho. Também significa enxada de dois galhos ou mesmo enxada maior que a comum.
lombelos — Termo de matador; é a carne de fêvera junto dos rins do porco. Em Coimbra chamam lhe *coelhos*.
lontra — Arganão das margens dos rios.
lontroeira — Buraco da lontra, por onde se escôa a água de rega nos campos.

loução — Nome de sítio e família.
lugar — Área de terreno em volta da casa de habitação, vedada ou demarcada.

M

maçadoiro — Mesa de pedra onde se esmaga o junco, para curtir, secar e atar a vinha.
maçãs de adro — Certa qualidade de maçãs que nasceu no adro da freg. da Silva (Valença).
mangada (foice) — Foice metida em um pau de 4 a 6 palmos. A parte ôca por onde se pega e onde se introduz o cabo, chama-se *manga*.
manicada — Têrmo de moleiro. Montão de foles ou sacas pequenas, que o moleiro arruma a um canto até que lhes chegue a vez de as deitar a moer. *Tenho ainda aquela manicada para moer...*
manicante — Mendicante, mendigo?
manteigueira — Erva medicinal para curar a sarna; pica-se com toucinho e enxôfre e fazem-se fricções, aquentando-se o corpo do paciente a uma fogueira. Tem a raiz fusiforme, amarelada, fôlhas grandes do feitio da língua de boi, cujos pedúnculos rebentam junto ao solo.
mantrigueira — Erva do campo.
manúcho — Cabelo que cai da cabeça da mulher ao pentear-se e que ela depois enrola e mete num buraco do muro ou em outro esconderijo. Também se ouve *manuco*. Também: lombrigas enoveladas.
mãozada — Liga-se sentido obsceno a esta palavra, que em geral é de uso familiar e inocente.
maquiar — Usa-se às vezes, em sentido figurado *andar a maquiar*, isto é a correr de cartório para cartório, para obter qualquer coisa que se pretenda.
marau — O *milheiro* (pé de milho) que não produziu espiga.
marendeiro (merendeiro) — Lenço atado como cruz com a merenda que o trabalhador leva para o campo. Diz-se *marenda* e *marendar*.
marranêta — Pessoa com giba.
marrão — Giba.
marreta — Martelão menor para bater a broca.
marrôco — Paveia de tojo.
marroqueiros — Erva fétida de raiz fibrosa, com mais dum

caule à superfície da terra, de 4 faces, repletas de espinhos pequeníssimos, inofensivos, fôlhas opostas, crenadas. Aparecem junto aos muros velhos. As pessoas atacadas de icterícia devem ir urinar sôbre elas nove manhãs em jejum.

martageira e **matageira** — Lugar e largo da freguesia de Venade, onde desembocam 3 caminhos.

martelão — Martelo de pedreiro com cabo de 1^{m} para bater os guilhos, ou as saliências duma pedra em obra.

matafogo (erva de —) — Assim chamada porque a sua decocção se usa na lavagem da *fogagem*. Raiz fusiforme, caule volúvel de quina viva, formando 4 faces, com pernadas, fôlhas sôbre-decompostas, flores incompletas, mas avermelhadas.

matajuntas — Ripa de taboado lavrado em desvão pela parte exterior para matar (cobrir) a junta da faixa e tecto da sala ou quarto. Vid. *Desvão*.

meijões (plural) — O mesmo que *mexilhão* abaixo. (Em Gondarem).

mejacão e **mijacão** — Colhediço na sola dos pés ou *bujaqueiro*, espécie de espinha ou furunculo.

O 2.º o mesmo que bacamarte.

meluras — Direitos paroquiais usados em algumas freguesias do Alto-Minho, pagos em milho com obrigação de os párocos cantarem a ladainha dos Santos em certas festas, na quaresma e em Maio. Conforme o fogo ou meio fogo assim é uma quarta de milho ou meia quarta ou mesmo metade de meia quarta.

mendrulho Mulher calaceira.

mexilhão — Peixe do feitio de enguias muito delgadas que no verão sobem o rio Minho aos cardumes.

migas — O mesmo que *caldo de unto*, *água de unto* em alguns pontos do Minho. Água fervida com unto para fazer sôpas e usado no tempo do frio; às vezes junta-se um ovo, alho e cebola.

mil — Miúlo (Monção).

milheiro — O grão em si de milho. O pé da mesma planta.

mundo (filho do —) — De pai incógnito.

miúm — Miúlo (Venade).

mó (masculino) — *Pichom do Mó*, toponímico de um oiteiro na freguezia de Lara.

móca (s. m.) — Alcunha que dão ao padre.

modilhas — Mòdinhas, coisas que se cantam ou tocam.
môna — Charrua que vira a leiva na segunda viagem, depois de seitada a terra na primeira. Difere da *Arabessa* que tira leivas em tôdas as viagens.
monefa ou **monefe** — Violeta brava. *Quem se cura com monefa, não precisa de mãos de mestre.*
L. L. ouviu isto a uma criada que esteve no Rio e pregunta se seria a palavra de lá?
moscar — Na lenga-lenga: *Amanhã é domingo, pé de cachimbo. Qu'ela moscará bem.*
moral — Usa-se no masculino; assim: «*Diz o moral*» por dizer a voz pública.
mota — Açude (Coura).
mouxo e **peão** — O mesmo que o anterior.
muchina — Faúlha acesa ou apagada.

O

olhal — Buraco por onde cai o grão na mó.
orelhote — Inflamação debaixo da orelha, estorvando o movimento das mandíbulas, quer para falar, quer para comer.
ortigar-se — Ferir-se em ortigas.
outonada (fruta —) — Segunda camada de fruta de algumas árvores. Também se ouve *adontonada*.
outonos — Os cereais que se semeam no outono: *Os outonos êste ano estão bons*. Os anos da velhice.

P

padejar — Sacudir a massa de farinha na gamela ao ir para o forno.
padrenunca — Epíteto irónico. *Para que estudas? Para padre! Hás de ser um padrenunca!*
paijal — Habitação, morada, talvez em sentido gracioso e mordaz. Ouvido nas seguintes circunstâncias; uma família morava junto ao rio, abaixo duma ponte: *Se um dia o rio leva a ponte, F. tem de largar o paijal.*
paiôrro - a — Descendente de Paio.
pàjeira — Qualquer das aduelas ou cambotas do forno.
palaca — Botão grande para o jôgo do botão.
palhuço — Resíduos de erva juntos com a semente; é também

o que o vento arrasta, quando se deixa cair de alto o grão.

pampo (adj.) — *Ficar pampo*, surpreendido com uma notícia.

panadas — Paveias de tojo.

pandanga — Conversa falaciosa ou de má fé; velhacaria; falta de palavra.

paneiro — Peça da ratoeira de ferro, onde a vítima calca, ficando presa.

panhôco e **panhôlo** — Aglomerações de azeitona aglutinada depois de ter estado a *cocar*.

pantulada — Queda de terra dum terreno superior para outro inferior, caminho ou propriedade.

pasta e **pasteira** — Esteio de pedra mais largo que os empregados para pilares das latadas, que servem para vedações. Vid. *Stanta*.

patilha (termo de matador) — Posta de carne com um pedaço de osso da *pá*.

peçoilho — Doença de pele em borbulhas pelo corpo; tem curativo supersticioso.

pedra de raio — Cristal de rocha.

pelacho — Estado de nudez; estado dos irracionais quando nascem implumes.

pelar — Cortar o junco com o foucinho do mato.

pelicho — «*Nadar em pelicho*» em nudez.

pélo — Leira de erva destinada só a esta cultura; terreno inculto que produz relva. Distingue-se: *pélo de erva* e *pélo de junco* ou junqueira.

pendão — Flor do amieiro, mendrilho.

peneira — Rêde da forma da peneira para farinha fina. Emprega-se para o pescado que no rio Minho chamam *mexilhões*. Vid. êste têrmo.

peneireiro — Ave de rapina menor que o milhafre. Tira êste nome do costume de pairar fixo mas com as asas em vibração, como peneirando.

peteiro — Nesta frase: *O meu peteiro, tem pouco dinheiro.*

pibeda (pevide) — Doença na gorja das galinhas.

picante — *Carro picante*, o que está dianteiro pesando demais sôbre o cachaço dos bois.

picantes — Fricções de água quente com sal e vinagre nos pés e barrigas das pernas para abrandar uma dor de dentes. *Dar*, *levar picantes*.

piçarra — Rocha granítica, mas que se desagrega fàcilmente

e é de côr barrenta; a oposta é *cantaria* que é o granito duro.

pichão — Ranho pendurado do nariz.

pichela — Caneca.

picôto (Coura) — Utensílio agrícola de ferro e 3 dentes que se encaba como a enxada. O mesmo que *Gancho* (Monção), *Gadanha* (Venade) e *Gadalho* (Coura).

pingão — Homem timorato.

pinhoca — Designação gerâl para tudo que apresentar uma forma mais ou menos apinhoada e aglomerada. *Uma pinhoca de abelhas, uma pinhoca de formigas.*

pinòlinhas — Homem timorato, servil.

pintalhão — Tentilhão. Também se ouve *Tim-tim* e *Pim-pim.*

pito — Pinto. *Guardar os pitos ao Sr. Abade* é morrer, sendo o cadáver sepultado no adro, por onde passeiam as galinhas do pároco.

poçada — Quantidade da água que uma *poça* contém. Diz-se vulgarmente *regar uma poça*, quando o que se rega, é a terra com a *poçada.* Também se diz: *Regar uma água.*

póla e **repóla** (do ano) — São os 12 primeiros dias de Janeiro e ainda os 12 consecutivos. São êsses os que regulam o tempo de cada um dos 12 meses do ano. O dia 1 de Janeiro é a *póla* dêsse mês; o dia 2 indica como será o tempo de Fevereiro e assim de seguida. As *repólas* começam a 13 de Janeiro e elas são a mais segura indicação do tempo do ano, conforme os meses. Assim encontram-se duas pessoas a 6 de Janeiro e uma diz: *Que amoroso está êste dia!* A outra responde: *É a póla de Junho. O Junho vai ser de tempo amoroso.*

poldro — Cachorro de pedra na parede para receber trave ou laje de varandas.

pontada — Ponta (Vid. Morais).

pontal — Peça ou termo dos serradores.

pontêlha — Pequena ponte ou passagem de regatos feita de lages.

ponto de casear — *Ponto de casear*, de *espinha*, de *volta*, de *assentar*, de *rachado*, de *insancha*, de *máquina* (Termos dos alfaiates).

porrêtas — Bolbos pequenos, v. g. de cebolas degeneradas.

portelo — Entrada para propriedade. É freqüente usar a parte pelo todo e dizer: *F. tem tantos portelos* ou *não lhe vejo portelos*, querendo enunciar se é abastado ou não.

portelo de trespasse ou **furtado** — São os construídos através duma parede, com pasteiras fincadas na terra, contíguas e colocadas de maneira que fique uma passagem em ângulo recto, onde só caiba uma pessoa.

São duas pasteiras que se colocam em ângulo recto, contíguas e a prumo. Fazem-se a meio de parede ou outra vedação qualquer.

pôte — Montão de escremento humano.

pote — Em Caminha, é *tacho; tacho* em Monção é o que em Caminha dizem *certão.*

potência — Livre alvedrio. Ex.: *Foi la por sua potência. Isso é lá da tua potência. Se te encontraste mal, foi por tua potência, que ninguém te mandou.*

pôtra — Cogumelo fuliginoso de milho. Vid. *Sôto.*

pouso (Coura) — Pau do carro de bois que serve para nêle pousar o cabeçalho, a-fim-de apôr e desapôr o gado; em alguns sítios tem mais de 1 metro de altura. Em Monção chamam *Jingalho.* Em Venade dizem o *Moço do carro.*

preguiça (água da) — Expressão irónica com que em Troporiz, etc., se designa a água que extravasa do cântaro à cabeça quando se vai à fonte. Em Lara é o resto de água que fica no cântaro em casa e volta à fonte, por não ter sido esvasiada totalmente.

prêsa — Açude (Monção).

prois — O orifício anal.

prozêlo — Tôrno perpendicular embutido no cabeçalho do carro pela parte inferior, o qual serve para evitar que o cabeçalho do carro pouse no chão, em descanso.

pucho — Marçano aprendiz.

pulha — Verruga na mão ou no pé. Também se ouve Spulha.

pulhão — Qualquer sítio no leito do rio, que é mais profundo e onde os rapazes vão nadar.

punhaço — Pancada dada com a mão fechada.

putrica — Certa erva que nasce junto dos carrascos e em que os pastores sugam uma substância adocicada amarela. Há *putricas das cobras* e *putricas das mansas,* que são as que se chupam.

Q

queimado — Palavra de alvoroço e aviso que os rapazes proferem, gritando, ao verem aproximar-se um *minhôto.*

R

rabunhar — Arranhar com os dentes. Pão, fruta rabunhada.

rabicho (da grade) — O mesmo que *sacadoiro*. Homem de duvidosa seriedade, velhaco, trapaceiro. Às vezes alcunha.

racha — A porção que se pode tirar do bacalhau para comer, cortando ou arrancando. Vid. *Fatana*, de que é sinónimo.

ramanisco ou **romanisco** — Tecido de linho de Guimarães, de que se fazem guardanapos e toalhas. Também se ouve *lamanisco*. Parece que serve para cortar o sol.

ranilha — Batráquio de côr verde, muito parecido com a rã, muito pequeno, tem um canto monótono; aparece em cima de pequenas árvores e arbustos. Também moléstia de gado bovino, que se atribue ao pasto infectado pela passagem da *ranilha*.

rapa-conichos — A lagarta dos pinheiros; foi-me sugerido que *conichos* seria mais um vocábulo para designar o fasco, marrucho, argaço, frangulho, etc. Também se chamam assim os bichos dos sáveis e lampreias, por precederem o seu aparecimento.

rapadulhos — O estrume miúdo que fica no fundo da corte.

raposa de vinte unhas — Gatuno que rouba galinhas do poleiro ou do pasto.

ratito — *Espera um ratito:* espera um pouco.

redondo (adv.) — *Cortar redondo*, amputar um ramo perpendicularmente ao seu eixo.

rego foreiro — Rego ou vala, cuja limpeza pertence pelas posturas aos proprietários confinantes.

rêlhas — Nome depreciativo para pessoas sempre enfadadas com os outros.

rêlho — Pequena peça de madeira em forma de um 8, atada num dos buracos à corda e no outro enfia-se a ponta da mesma corda para apertar o feixe de milho, erva, gravalha, etc. (Venade).

rêlho — Nome que dão ao salmão do ano anterior, pai dos do ano da pesca; é espalmado, escaveirado e produz disenteria.

repenique — Repique de sinos.

restolheira — Lavoura duma terra depois da segada do trigo, centeio ou serradela, semeando milho e *feijões cagarritos*.

revisadeira — O mesmo que *cacheadeira*. Também *revistadeira*.

rêz — *Ó que rêz!* Expressão depreciativa quando uma pessoa vê ao longe outra sua inimiga.

riada — Grande massa de água que leva um rio, um regato a um caminho, causada pelas enchentes.

rigueira — Vala de drenagem nos terrenos denateiro.

rigueirar — Limpar a rigueira ou vala.

rincho e **rinchão** — Peixe cavala.

risador — Pessoa que ri a miúdo.

rijão da cortezia — Têrmo irónico usado pelos matadores de porcos ao abrirem o animal, quando cortam em volta dos org. sex. masc. ou fem. Também chamam *Piçalheira*.

rouchas (roxas?) — Certas nuvens que aparecem no horisonte e tomam sucessivas côres; pintas escuras que aparecem pelo corpo e se atribuem às meigas.

routada — Estoirada de foguetes à maneira de girândola.

roxo — Avezinha de peito avermelhado.

rufo — Guarnição de telhas ao longo dum muro mais alto que o telhado.

S

sacabáno — Balanço ou oscilação que, por meio dum cabo, se imprime à árvore cortada no pé, a-fim-de que ela cáia num determinado sentido.

sacada (rêde de —) — Rêde empregada para pesca da tainha.

sacadoiro — Pau ou vara acacheirada, cuja extremidade inferior se prende ao dente central da travessa trazeira da grade; por meio dêle o lavrador manobra a mesma grade.

safanico — O diabo. *Que vento, safanico!*

saléma — A água que, no pote do alambique, já não dá graduação para fazer aguardente.

sama — Fôlha de pinheiro.

samêlo — Calhau que se sopesa, mas que é dos maiores entre outros.

santantòninho ou **santantõne** — Salmão que se pesca em Junho e que é menor que o pescado no tempo próprio Dezembro a Março.

saqueteira — Mulher que passa o tempo a conversar despresando a casa.

sarnão — Doença de pele do gado suino.
sarnenta (pedra) — Cristal de rocha.
sarranho — Em Monção chamam ao sarranho a *chave da cozinha, trazes a chave da cozinha na testa!* Diz-se a quem aparece com a testa ensarranhada.
sateira — Vid. *Adelhão.*
sbrega (s. f.) — O mesmo que *esfrega. Hoje levei uma sbrêga.*
scanar — Produzirem as culturas ou fruteiras tanto fruto que quebrem com o pêso.

Cano no sentido de ramo usa-se noutros pontos.

Êste ano há vinho a scanar. Temos milho a scanar.

scarondo *(Pão scarondo)* — Pão de côdeas ásperas.
scarunhar — Extrair à mão os *greiros* de milho que ficaram agarrados ao carunho.
seita — A séga da *Arabessa.*
serigaita — Mulher delgada.
serrão — Foucinha dentada ou serra de forma curva, que se fixa à parede e serve para nela se traçar a palha que se dá aos animais.
sertela — O mesmo que *embôdo.* Usado no Alto-Minho e vindo da Nazaré.
sgarrunchar-se, sgarronchar-se — Ferir-se uma pessoa nos *garrunchos* espetados para o ar.
silhora — Lugar hoje desabitado.
sôco — O rodapé de madeira nas salas.
sogra — *Deve ou há de querer bem à sogra,* diz-se quando uma mulher casada ou uma solteira se esquecem de tirar a rodilha ao pousar a carga.

Em Lisboa *sogra* é o nome da rodilha.

solinho — O mesmo que *cambão,* noutras partes, o mesmo que *solada;* o pau por onde o gado pucha a grade.
sôma — Porção ou área de terra entre o rego e a estrema do vizinho, depois de dividido o campo de milho em leiras, para o efeito da rega, por meio de regos abertos ao comprido e paralelos entre si. A área entre o último rego e a estrema e a *sôma.*
sparje e **sparja** — Hissope.
sparjo — Hissope.
spoldrinhar-se — Espojar-se. Diz-se de qualquer animal.
spudoiro — Ancinho de 4 dentes; serve para espalhar o estrume nos campos.
staleiro — Vid. *Batoque.*

stambre — Meada de lã tingida que as tecedeiras compram no comércio para as *riscas* das mantas de lã, mantelas e saias.

stanta — Lousa ou lage de pedra, com que se fazem vedações, colocando-as justapostas ao lado umas das outras. R.º em Venade. Em Monção chamam *Pasteira* e *Pastas*.

stántegas — Parte do séquito fúnebre que algumas pessoas veem em sonhos; levam um gaiteiro (com o bombo) e uma caixa em que as *stántegas* tocam. A pessoa que fôr assim vista no esquife, morre dentro de alguns meses. Vid. *Bijuairo*.

steiro (Esteiro) — Desàguamento das águas correntes das planícies *juncais* próximo da foz do Coura; essas águas entram no Coura por pinheiros *encanelados*, que na estremidade do lado do rio tem um alçapão, que abre para o despejo da água e fecha com a pressão das marés.

sterroada — *Crepitus ventris* continuado.

stralos — A flor da digitalis. Às fôlhas desta planta, chamam as *couves das cobras*.

strambolhar-se — Revolver-se no chão; rebolar como os garotos ou os ébrios, etc.

strar — Cobrir as bosteiras nas córtes do gado para que êste não se suja. «*Vai strar aquelas camas ao gado!*» «*Stradaste a côrte?*» «*Strada acolá aqueles cantos*».

strelamar — Erva empregada em medicina caseira; raiz cónica, ramificada, fôlhas reptantes pubescentes, que formam como o feitio de estrêla-do-mar e terminam em tridente com o feitio de espada; lança hastes cilindrica curvilíneas e termina em espiga, como a lingua de ovelha, tanchagem, etc.

stribeira *(andar de braço à —)* — Trazê-lo ao peito dentro dum lenço seguro no pescoço.

suão (têrmo de matador) — Espinha-dorsal do porco. *Osso do suão, barba untada, barriga em vão!* Quer dizer que a pessoa a quem esta parte do porco toca, fica com fome. Outras vezes é apenas a extremidade inferior da coluna vertebral.

T

tabernáculos *(calcar os —)* — Moiteiras de tojo onde os coelhos encamam e é preciso bater.

tanço — Aplica-se também a cousas que andam ou trabalham de vagar. *(Êste moinho é um tanço)*.

taníca — Espaço pequeno.

tanôco — Caule da couve.

tapulho — Fragmentos de linho ou estôpa que a fiadeira extrai do fio com a bôca, cuspindo-os logo. Espécie de rôlha de farrapos com que se tapa um orifício por onde um liquido se pode escoar. *O tapulho do lagar, da garrafa, da cabaça.*

taróla — Caixa da banda civil.

tarugo — A peça estreita de madeira na grade das vidraças, em posição vertical e que forma ângulo recto com a horisontal que se chama *Vareta.* Também no madeiramento que sustenta o soalho, a travessa de madeira entre as traves ou caibros.

teiga — Medida do sal, cerca de 50 litros (Caminha).

teixugueira — Ribanceira de terreno inculto, perfurado de tocas de teixugo.

tendal — Parte do *lugar,* onde se amontôa o milho para esfolhar e fazer as medas, e se junta a madeira para as *latas* ou onde se estende a roupa.

tendões — As candeias do castanheiro.

tetilha — Queijo da serra da Estrela.

tiradoiras — Suspensórios das calças.

titiriteiro — O mesmo que *cascabelho.*

tocheira — Molho de colmo ou de *marruchos* que cabe em uma mão e de que se acende uma das extremidades para alumiar de noite.

tóla — Ponto do rego onde se intercepta a água para ela se espalhar sôbre a terra, que lhe compete.

tolada — Espaço de terra de milho entre *tóla* e *tóla.*

Creio que também significa a porção de água necessária para regar aquele espaço de terra.

topada — Tropeção dado com a ponta do pé.

topêlho — Nodosidades que veem com o fio de linho ou de estopa, ao ripar da roca, e que a fiadeira tira com a bôca e cospe depois.

toquear — Conferir a capacidade duma medida de cereais com outra do mesmo nome. *Meu pai toqueou o nosso alqueire com o de F.*

toroloulou — Voz imitativa da resmungadela, dos tamancos no sobrado, etc.

torneiros — Montões de *rapagem* de canos de feno e torrão, aos quais se lança o fogo depois da *sega* daquele para *anovar o panasco* (Coura) ou o poulo (Monção).

toupa — Toupeira. Doença de pele em forma de tumores em qualquer parte do corpo. Tem curativo supersticioso.

toupa (erva da —) — Erva que se emprega nas mèzinhices, como no cortar ou benzer a toupa. Raiz fusiforme, ramificada, fôlhas rentes, alternas, crenadas e compridas, flor amarela de 5 pétalas.

toupeiro — Vid. *Carbalinho*.

toureira (vaca —) — Quando na época da cobrição, o que se revela pela tendência para montar os outros animais. Também se diz da mulher libidinosa.

trabe (ir à —) — Bárbaro castigo antigamente inflingido aos filhos, o qual consistia em os pendurar na trave da cozinha, sem roupas, para os açoutar e até chamuscar. Ainda se diz: *Anda que hoje vais à trave!*

trapicheira — O mesmo que *saqueteira*.

trapilha — Bordoada, tosa. *Levar uma trapilha.*

trapissanga e **trapizonga** — Vocábulo de significação muito lata. Ex.: *F. deu cabo da trapissanga*, arruinou-se, deu cabo do que tinha; *não sei como F. dará conta da trapissanga*, como dará conta do seu ofício, do seu negócio; *F. anda sempre com trapissangas*, atarefado com o que os outros lhe dão para fazer, com favores, etc.

treita — Detritos vegetais que as enchentes depositam nas margens dos rios e as marés na praia.

tremedal — Aplica-se à inflamação dum membro de corpo, por picadela, espetadela, ou *mordedéla* (sic) de bicho. *F. tem o braço como um tremedal!*

tremelicosa — Peixe que dá choques eléctricos nos sargaceiros da Foz do Minho. Será o torpedo?

três ao prato — Maçãs *de três ao prato*, são brancas, grandes, muito adocicados e regular conserva; tem pintas alvas. (Venade).

trisca e **trisco** — Bocadinho de casca de pinheiro que salta da lenha quando arde, dando um estalido.

troicho — Não é um pau ou vara qualquer, mas um pedaço tôsco, um bocado dum fueiro, etc.

troncha — Couve tronchuda.

troques — O mesmo que *alcroques* e *alacoques*; a digitalis. Separando-a da haste, apertam-se os lábios da flor; bate-se com ela na testa duma pessoa, dizendo: *troque! Troque branco* é o verbasco.

tu... é uma busina — Frase com que se corrige quem nos trata por tu.
tudesco (adj. substantivado) — Corpo alentado de homem ou mulher.

U

uh!... — Interjeição que representa uma costumeira antiga dos arredores de Caminha, quando se chama por uma pessoa distante: *ó Maria, uh!...*

X

xóio, xòinhos — Trabalho que um operário ajustou e de que espera tirar lucro satisfatório.

Z

zanga — Arado ou aravessa de uma só aiveca, que toma duas posições; uma para seitar a terra, outra para virar a leiva (Caminha).
zenóte ou **zinote** — O sêssego.
zimbre — Chuva miúda, tocada a vento.
zina — No jôgo do botão é o rapaz que joga no último lugar, por lhe ter tocado em sorte.
zirrar — Bater, espancar. «*Zirra-lhe, zirra-lhe*» diz-se a uma pessoa que está batendo em outra.
zonga — Funda; é têrmo do rapazio.
zoupeira — Mulher malcriada.
zueira — Indivíduo cheio de bazófia e orgulhoso; bêbado palrador.

Palavras recolhidas por causa da pronúncia (ou deformação)

A

abiaca — Aiveca.
açudra — Açude. R.° em Venade.

B

bácro — Bácoro.
barje e **barja** — Várzea.
bina por Ludovina.

C

caróça — Coróça.
cai(o) — Pronúncia de *o que há*.

ciroiras — Ceroulas.

D

di e **dĩ** por *dei*.

E

êl por êle — *O Senhor do Bomfim; bendito seja êl*. Recolhido em Anhões.

F

fagúla — Fagulha.
friasta — Fresta.
fruncho — Funcho.

G

gila — Gil.

I

ingibas — Gengivas.

J

jaração — Geração.
juìzio — Juizo.

L

lubada — Levada.

M

mêja — De mijar.
menuto — Minuto.
môjo, móges — 1.ª e 2.ª pessoa do presente indicativo singular de *mugir*.
momento e **mimento** — Memento (psalmo).
montaria Almotolia.
môstro — Monstro e môsto.

N

naboeiro — Nevoeiro.

O

órano — Deformação da exclamação *ó raio!*

P

patamal — Patamar.
pilhafre — Milhafre.
pôda — Podôa.
pòdoiro — Poidoiro (Morais).
poloriz — Panarício.

Q

qué-lo — Quere-o.

R

rais *(mel ráis)* — Mil reis (Venade).

S

sequeteira — Sagueteira (?).
sutage — Soutache.

T

tomão — Temão.

U

uĩns — Pronúncia de *uns* em Monção.

Gíria de pedreiro

A *gíria de pedreiro* chama-se: *falar em berbo* ou *berbos*, ou *latim de pedreiro*. Se é verdadeira a informação de um dêstes, vendia-se, em tempos passados, um folheto que ensinava esta linguagem.

A

acalmar-le — Bater.
adeguios — Olhos. Sinónimo de *atinantes*.
adjóbes — A missa.
ajoular — Dormir, descansar.
algarrotar — Roubar.
alporrote — Ladrão.
altanado — Homem casado.
altanar — Casar.
ancia — A água. Sinónimo de *auréta*.
ardiosa — Aguardente.
arguina — O oficial da obra, o pedreiro. (Cfr. *ardina?* o garôto, na gíria de Lisboa).
arion — O boi.
ariona — A vaca.
arria — Pedra.
ás de meiro — Couves.
atiscantes — Olhos.
atiscar — Olhar.
auréta — Água.
azanco — Pinheiro.

B

balhôstros — Testículos.
bareiro — O ferro do monte.
barrique — Penis.
berbogido — Ser coisa boa.
berbos — Coisas, a fazenda alheia.
berdeias — Maçãs.
berseias — Couves. Sinónimo de: *as de mulo*.
buxa — Mestre da obra.

C

calcantos — Sapatos ou botas.
calcurreiros — Çocos.
camouchas — Sardinhas.
camouchos — Cirélos (peixe).
canibarra — Caneca.
capeludo-a — O galo e a galinha. Sinónimos de *penoso* e *penosa*.
cassirro — Martelão.
catchénas — Ferreiro.
catcheu — Cabaço.
catchou — Cântaro.
chaco — Cão.
chamaruga — Barro. Sinónimo de *gruda*.
chambanita — Perna. Sinónimo de *gâmbia*.
chamon — Presunto. (A grafia *-on* corresponde à pronúncia do -ão).
chanufar — Fumar.
chanufo — Cigarro.
chara — Carne.
chara de grùnho — Carne de porco.
chara de jumela — Carne de vaca.
charúga — Lenha.
charuga — Cal.

chavéca — Cabeça.
chêbo — Pai.
chota — Meretriz.
churro — O carro.
chusco — Vinho.
clariante — Cordel de pedreiro.
corubelas — Castanhas.
coucoar — Rezar.
curcaina — Carpinteiro.

F

facheiro — Bêbado.
fachurro — Bêbado.
fagonir — Fazer.
fianha — Camisa.
fianho — Linho.
fogáco — Tôlo.
frango — Cacho de uvas.
fusnar — Defecar.

G

gabiarra — Porta.
gabil — Dinheiro.
gandir — Comer.
garrulas — Cerejas.
gaufarra — Garrafa.
gaurrar — Namorar.
gauripiar — Dizer.
gaurriôto — Esteio ou poste de pedra.
gautchas — As mãos [*u* por *n*?].
gina — Aguardente.
graunho — Arroz.
gréda — Carne. Sinónimo de *chara?*
grode de penosa — Caldo de galinha.
gruda — Barro.
grunho — Porco.
guedelha — Sacristão.
guilhótes — Feijões.
guinar — Ir.
guitche — Vagarosamente.
guito branquioso—Pão branco ou de trigo.
guito — O pão.

I

insoubar—Casar. Sinónimo de *altanar*.

J

jalipo — O galego.
jambias — Pernas *(gâmbias?)*
janufo — Cigarro.
jondóca — Coelho.
juméla — Vaca.

L

lascar de lerpes — Andar de-pressa, ligeiro.
lastir — Fugir.
lhascar — Ir.
lhega (feminino de *lhego)* — A moça, a mulher.
lhego insoubado — Homem amancebado.
lhego — Patrão da obra.
lhosque — O sol.
lôa — Vulva.
lugante — A hora.
luminheira — Cozinheira.
luzio de coucôa — Domingo, dia de missa, dia de resa.
lúsio — O sol, o dia.

M

macaio — nariz.
mandata — Criada.

mangarra — O guarda, o soldado ou polícia.
marafunho — Gato.
maranho — Bacalhau.
marmelosas — Seios ou peitos.
mastruz?
matim — A manhã.
metô e **metôa** — O carneiro e a ovelha.
mesteias — Uvas.
mijôas — Barbas.
môno — Figo.
moutina — Tojo.
múria — A parede.
muriar — Trabalhar.
murnar — Fornicar.
murrão, murrona — Filho e filha.
murrão — Rapaz do barro.
mutchinaça (adv. e adj.) — Muito (e muito-a).

N

naifa — Punhal, navalha.
nhúrria — Feio.

P

paleta — A colher.
paranidos (adv.) — Nada.
parasegídia (adj. superl.) — Muito bonita.
pendentes — Brincos.
penoso-a — Galo, galinha.
perico e **pèrica** — O cabrão e a cabra.
picôa — Malga, tigela.
pildra — Cama.
puéla — Prostituta. Sinónimo de *chóta*.

Q

quilôna — Hora. Sinónimo de *lugante*.

R

rebilhone — Sombra.
relanteira — Melancia.
relanteiro — Moinho.
rufo — Lume.

S

sabunho — Milho. Sinónimo de *zaburro*.
scúrio — O pico.
serapicas — Calças.
seroupo — Cinzel.
siba — Casa.
siba de catchénas — Oficina de ferreiro.
siba de gandir — Refeitório, casa onde comem os pedreiros.
siba de fusnar — Latrina.
siba de jóbes — A igreja.
siba do tchusco — Adega.
solica — Calar-se.
solicantes — Calai-vos!
stafar — Matar e **stafadôr** — o assassino.
stigar — Comer. (Cfr. *gandir*).
stôio — O burro.

T

tasqueiro — O vendeiro.
tchaca da montina — Raposa.
tchaco da montina — Lobo.
tchôna — A noite.

terranha — Batata.
toca — Taberna.
tchusco — O vinho.
treita — Detritos vegetais que as enchentes depositam nas margens dos rios e os marés no litoral.
trilhante — Caminho.
trina — Sino.
tufaneira — Arma de fogo.
tuscar — Beber.

V

vianês — Bacalhau.

Z

zaburro — O milho.
zangle — Coisa grande.
zintchueiro — O carro. Sinónimo de *xurro*.
zipar — Urinar.

Exemplos da gíria

«*Murnar berbogido,*
Mas o sligar inda melhor;
Berbos d'algarrolar
Livre Deus Nosso Senhor!»

Murrão, lhasca (ou *guina) às de mulo:* Rapaz, vai às couves.
Murrão, lhasca à charuga! Rapaz, vai à lenha.

O murrão de jalipo guina (ou *lhasca) altanar com a murrona do buxa:* O filho do galego vai casar com a filha do mestre.

Guina acalmar-le aquêlibau! Vai bater aquela pessoa que passa! Talvez seja *acalmar-lhe*. E *aquêlibau* talvez se decomponha com *aquele* e *libau*.

Gondarem, Novembro de 1928.

P.E JOÃO LUÍS LOURENÇO LOUÇÃO (1).

---

(1) [Como o A. é falecido, não posso averiguar certas particularidades, mas digo o seguinte: *ás de melro* deve emendar-se em *as de mulo* (cfr. s. v. *berselas*, i. é., *bercelas*, de *bêrças*; e cfr. a primeira frase dos «Exemplos» do fim); *gautchas* deve emendar-se em *ganchas* (cf. os meus *Opusculos*, IV, 584); nas quatro palavras anteriores estará tambem *u* por *n*? O A. representou o som de *ch*, ora assim, ora por *tch*. — Acêrca de *berbo* ou *verbos* e do *latim* cf. os meus *Opusc.*, II, 302]. — J. L. DE V.

Nótulas Etnográficas e Folclóricas

I. — O JÔGO DAS "ESCONDIDAS"

A págs. 295 do I volume de *O Povo Português* Teófilo Braga, referindo-se aos jogos populares, diz que «*uns são actos tradicionais, que se praticam pela persistência dos costumes, quando já não correspondem efectivamente ao estado social que os produzira; outros são a imitação de actos que se praticaram, e que se repetiram durante algum tempo*...»

Na verdade, estas palavras não são mais do que a confirmação das notas que a seguir deixo.

São ainda do mesmo autor (citada obra e mesmo volume, a págs. 328) as seguintes palavras:

«*O* Ferro-quente *é um jogo das escondidas, assim denominado pelas creanças nos Açôres. Nos jogos infantis italianos da Marche é denominado este jogo* Toca-ferro, *e Gianandrea considera-o como alusivo ao direito de asylo para os fugitivos que se refugiavam em certos lugares*».

Documenta-se para isto, com a *Rivista de Letteratura Popolare*, a págs. 139.

Não conheço como se joga o *ferro-quente* açoriano. No entanto, o nome parece-me bem ser uma reminiscência da *purgação por ferro caldo*, conhecida prova judiciária na idade-média, com o nome de *juizo de Deus.*

Arnaldo Gama dá-nos em *O Balio de Leça* uma descrição completa do que era essa singular e brutal *demonstração* de inocência, citando como fonte o *Fuero Jusgo.*

Sendo o *ferro-quente*, um jôgo das escondidas, embora não igual, é certamente semilhante àquele que as crianças do Continente ainda hoje têm por costume usar nos seus passa-tempos, e onde, na verdade, há flagrante alusão ao direito de asilo, especialmente assinalado nas vozes dêsse jôgo, de que eu recolhi notícia em vários lugares de Portugal.

Passo a descrever o jôgo, para mais frisantemente pôr em relêvo o sentido tradicional e originário.

Devo começar por dizer, que êste jôgo, além de *«escondidas»*, é também designado por *«esconder»* e *«esconde-esconde»*.

Primeiramente, uma das crianças que pretende entrar no jôgo, geralmente a que lança a ideia de irem folgar nêsse passa-tempo, toma uma pedrinha, um papel, uma palha, um qualquer minúsculo objecto, enfim, e sem que as outras vejam, esconde-o numa das mãos, apresentando-as depois, fechadas, a outro jogador. Se êste outro bate na mão que não tem a *palhinha* (Viseu, Póvoa de Midões, Figueira da Foz) ou a *prenda* (Famalicão), êsse jogador fica *livre* ou *fôrro*; se escolhe a outra mão, êste toma por sua vez a *palhinha* e vai repetir a cêna com outro jogador. Assim, vão-se excluindo por eliminatórias, nesta prova de azar, que é vulgar chamarem *tirar à sorte*, até que chega ao último, que não tem quem *tire a palhinha*, e tem, por isso, de ficar a *dormir* (Viseu) ou a fazer de *sentinela* (Gaia).

Para isso, posta-se junto de qualquer local — uma porta, uma janela, uma grade — preferindo sempre um, onde haja ferro, e que toma o nome de *malha* (Pôrto, Amarante, etc.) e *ferros* (Viseu), e aí fecha os olhos, procurando não ver os outros jogadores, que fazem por se ocultar.

O que *dorme*, ou *sentinela*, à voz de *«pode vir»*, *«já está»* ou de *«pronto»*, lançada por qualquer dos jogadores, começa a procurar os escondidos, para o que, é claro, se afasta da *malha*. É isto aproveitado por aqueles, para, numa corrida chegarem à *malha*, que tocam com as mãos, dizendo *ferros* (Viseu) *forros* (Póvoa de Midões), *coito* (Figueira da Foz), *minha mãi* (Amarante), *livre* (Viseu e Pôrto); havendo possìvelmente mais expressões, de idêntico significado.

Se algum dos jogadores é agarrado pela *sentinela*, esta diz-lhe: *prêso* (Figueira da Foz e Coimbra), *ferros* (Viseu e Amarante), *morto* (Marvão), *ficas tu*, *cacei-te* ou *apanhei-te* (Pôrto e Gaia).

Para a seqüência do jôgo, é mister que o jogador que está na *malha*, *prenda* ou *mate* algum que o vá substituir naquele lugar. E assim por diante.

As vozes que ficaram apontadas, denotam bem o *asilo*, a *imunidade* que a *malha* dá.

A mais curiosa é a de Viseu, indubitàvelmente, que logo evoca a ideia dos ferros ou correntes onde era preciso deitar

a mão para se escapar às justiças do rei, representados pelo jogador que fica na malha, a sentinela, como dizem em Gaia.

A da Figueira da Foz, é, francamente elucidativa: acoitar, abrigar, asilar.

Em Viseu, o que *prende*, dizendo *ferros*, evoca os *ferros de el-rei*, expressão que o folclore nos mostra ainda em várias cantigas, dizendo: «ferros de el-rei são prisões».

A expressão usada em Marvão, de *morto* (também se diz esta voz no jôgo da *barra* — Viseu) está bem em contraste com o de «*livre*», marcando grandemente a ideia de que êste jôgo é pálida recordação do medievo direito de asilo.

*

É também admissível, que nestes costumes, se encontre envolvido um segundo sentido ou significado, como seja, o *ferro caldo*, cuja alusão se pode ver terem os jogadores de *tirar com a mão o ferro* existente na malha (Viseu), para ficarem *livres*, *forros*,... como quem diz *inocentes*.

Todavia, a explicação aqui dada não passa de hipótese, que investigações posteriores confirmarão ou infirmarão.

II. — UM CANCIONEIRO DE AMOR

Proveniente duma mulher das cercanias de Viseu, que governava a sua vida a andar de arraial em arraial a vender os tradicionais e característicos cravos de papel, com as quadras em bandeirola — «à laia de cata-vento» — veio-me parar às mãos, vai para dezoito anos, uma fôlha de impressão tipográfica, onde se acumulavam as quarenta e quatro galantes quadras de amor, da sua colecção.

Êsses cravos — coloridas e ingénuas flores de papel de sêda — expõem-se aos romeiros, arrumados em brancas toalhas de linho, que se prendem no lanço de algum velho muro ou tronco de alguma árvore mais corpulenta, que se encontre no adro da igreja em festa.

Acham êles a sua melhor e mais perfeita descrição nos versos de Eugénio de Castro (1):

---

(1) *Cravos de papel* — Coimbra, 1922.

Cravos de papel de sêda
Com delgado pé de arame,
Nenhuma abelha o beijou
Fugida do alado enxame.

Fina serrilha acairela
Suas pétalas de lume:
Vermelho, p'la côr, engana,
Mas, falso, não tem perfume.

À laia de bandeirola,
Ostenta, acordando fados,
Uma quadrinha com versos
Cheios de amor, mas errados.

Nesse trajo, a arder se vê
Em ardente romaria.
Um Manuel o compre e of'rece
À sua noiva Maria.

Realmente são assim essas populares florinhas que aparecem na grande maioria das romarias e arraiais portugueses.

E, nota etnográfica, tão curiosa, típica e atraente, não encontra similar além fronteiras, o que o mesmo citado poeta confirma, dizendo:

Cravos de papel, com trovas
Sois portugueses de lei:
Viajando por longes terras
Nunca por lá vos topei (1).

Desempenham êsses *cravos* especial papel como penhor de afeição entre «*conversados*», o que não passa em claro numa das quadras que deixei transcritas.

É essa até a razão porque as quadras que êles nos oferecem são sempre de amor.

*

A colecção das quadras da humilde florista beirôa, embora não seja de grande extensão, é, todavia, muito característica da região onde foi recolhida.

Embora não tenham beleza de forma, há nelas expressões e modos de dizer inconfundíveis, como se pode notar nas cantigas n.os 1, 3, 9, 13, 17, 20, 23, 27, 29, 30 e 35. Algumas delas são doutras, regiões vieram de fóra, e já estão mesmo recolhidas; mas outras, a maioria, é ainda desconhecida, julgo eu.

Umas ingénuas, outras maliciosas, umas galanteadoras, outras respeitosas, umas de desânimo, outras de resignação,

(1) *Op. cit.*

tôda a gama, emfim, dos sentimentos amorosos, mas sobressaindo sempre a nota da côr local.

A seguir se dão as quarenta e duas *cantigas* que motivaram estas linhas de apresentação e leve comentário:

1 — Eu desejo encontrar
Uma flor muito brilhante,
Para levar de convite
Ao meu perfeito amante.

2 — O meu amor é uma rosa
Criada duma roseira,
Só eu nasci para ti
Amor firme e verdadeiro.

3 — Não me chames a mim rosa
Que eu sou um verdadeiro cravo,
Para me levares de convite
Ó teu rico namorado.

4 — A tua mão, meu amor,
É um tesouro real:
Teus dedos o fino ouro
Teu coração um cristal.

5 — Adeus campos, adeus vales,
Adeus amor que eu amei;
Ainda hoje adoro o sítio
Onde contigo falei.

6 — Que lindo botão de rosa
Tenho na minha cintura,
O meu amor para contigo
Acabará na sepultura.

7 — Não me negues querida amiga
Todo o fim dos meus desejos,
Aceita esta flor
Que t'a dou cheia de beijos.

8 — Eu só desejava de ter
O amor na minha mão,
Ainda espero de o ter
Dentro do meu coração.

9 — Ó meu amor está firme
Guarda-me todo o respeito,
Eu comprarei uma flor
Para pores nesse teu peito.

10 — Fico louco de contente
E de certo endoideço,
Se com gôsto me aceitares
Esta flor que te ofereço.

11 — Mimoso e lindo botão
Que está no meu jardim,
Levo-o eu de presente
A quem pede a Deus por mim.

12 — Busquei o teu amor
No mar, no céu, na terra;
Chamei por êsse ardor
Que ainda esta vida encerra.

13 — Eu só desejo ter
O amor em meu peito,
Em estando ao pé de mim
Guardo-lhe todo o respeito.

14 — No teu peito eu quero pôr
Mimoso e lindo botão,
Vale mais do que tudo
Pôsto ao pé do coração.

15 — O meu amor enfadou-se
Livrou-se d'inquietações,
Vou e venho quando quero
Não lhe dou satisfações.

16 — Ofereço-te alguns beijinhos
Agora já os posso dar,
Dou-os com todo o gôsto
A quem os souber estimar.

17 — Escolhido foi por mim
Um botão muito perfeito;
Toma lá, meu rico amor,
Assenta-o nesse teu peito.

18 — Fechei a porta à fortuna
Entrou-me pela janela;
Quem nasceu para a fortuna
Não pode fugir a ella.

19 — O sincero amor perfeito
Diz bem alto: penso em vós;
Também tenho êsse defeito
Quando escuto a tua voz.

20 — Cravos da minha janela
Não dou a rapaz nenhum;
Falinhas dou-as a todos,
Liberdades só a um.

21 — Nesta cruel despedida
Diz tu o que hei-de fazer:
Levar-te não é possível,
Deixar-te não póde ser.

22 — Desci vales subi serras,
Andei campos e campinas,
Pr'a vir aqui oferecer-te
Êste ramo de boninas.

23 — Ó meu amor não te cubras
Com as pênas de ninguém;
P'ra ti sempre se abrirão
As portas de querer bem.

24 — Passei no meu jardim
Hoje lá de madrugada,
Para oferecer-lhe cortei
Esta rosa tão delicada.

25 — Quero erguer no coração
Um sublime e lindo altar,
Aonde com devoção
Amor possa celebrar.

26 — Êste é que hei-de levar
Com todo mais belo geito,
Em chegando ao pé do amor
Com êle fica todo satisfeito.

27 — Não é cravo nem é rosa,
Mas é um belo botão;
Dou t'o eu de convite
Para pôr no coração.

28 — Mimoso e lindo botão
Aqui agora apareceu;
Vem cumprir os meus desejos
Pr'a o dar ao amor meu.

29 — Minhas lágrimas no chão
Fizeram duas còvinhas,
Plantei lá duas saüdades
Que sendo tuas são minhas.

30 — Eu nunca tinha visto
Mais pleno de harmonia,
Que as lágrimas de Cristo
E os risos de Maria.

31 — Vou em busca do meu par,
Assim Deus m'o concedeu,
Não volto sem encontrar
Coração igual ao meu.

32 — O meu coração do teu
É custoso d'afastar,
É como a alma do corpo
Quando Deus a quer levar.

33 — Anda cá, se queres água,
Os meus olhos t'a darão;
Não é fresca, mas é clara
Nascida do coração.

34 — Se eu te chamasse, não vinhas,
Se me chamasses eu ia,
Agora não posso passar
Sem te ver mil vezes num dia.

35 — Anda cá, meu rico bem,
Tens de mim todo o conceito,
Vem para a minha companhia
Para eu ficar satisfeito.

36 — A flor que me ofertaste
Trago-a no pensamento;
Dá-me cá um botãozinho
Para o nosso casamento.

37 — Os olhos azuis são lindos
Mas custosos de encontrar;
Quem tiver olhos azuis
Bem os pode arrecadar.

38 — Êsse lindo amor perfeito,
Mais lindo que o jasmim,
Deves meu bem estimá-lo
Que foi escolhido por mim.

39 — Agora já te não deixo
Por seres bonita e bela;
Também tenho os meus agrados
Só em ti minha donzela.

40 — Amor é música dos anjos
Dôce trecho de ilusões,
Dedilhada em terna lira
Inspirado em corações.

41 — Amar é viver de esp'ranças
Num mar largo de sorrisos,
Onde todos são crianças
Que brincam em paraisos.

42 — Toma lá esta flor,
Nada aceites com desdem;
Dou-ta com todo o amor
Por seres o meu lindo bem.

ARMANDO DE MATTOS.

Nota ao artigo precedente

O curioso costume a que se alude no artigo precedente encontra-se, como é natural, noutras terras portuguesas. Em Lisboa, por exemplo, observa-se êle anualmente na Praça da Figueira, nos adjuntos que pelo S. Antonio, S. João e S. Pedro lá se fazem. Recolhi no Museu Etnologico espécimes de cravos artificiais acompanhados de papelinhos com versos: vid. a *Historia* do mesmo, p. 213. Em coisas de amor o cravo, como a rosa, é flor por excelencia: e aquele simboliza muitas vezes na poesia popular o namorado, como esta a namorada. E até é costume, na Beira, dar o rapaz uma *rosa* á *rapariga*, e a rapariga um *cravo* ao *rapaz*. Lá fóra tambem o cravo tem significação amorosa: vid., por exemplo, Gessmann, *Die Pflanze im Lauberglauben*, p. 224. — J. L. DE V.

Matéria filológica

I

Emprêgo de "alpe" no sentido de "monte" em documentos nossos dos séculos X e XI

Já ao assunto se referiu o P.e Viterbo no *Elucidário*, s. v., onde diz que a palavra aparece em documento dos séculos x e xi. Como não os citou, aqui cito alguns de que tomei nota ao ler os *Diplomata et Chartae*, com outro intuito:

— *alpe Latito*, monte-Largo, em 968, n.º 97. Cf. o P.e Carvalho da Costa, 2.ª ed., t. i, p. 3, falando de Guimarães: o monte *Latito* divide-se em dois: Santa Maria e Monte *Largo*.

— in loco nuncupato Morarie fundo, inter amnes utrasque Aves (1), sive et inter duorum alpes Unione et Cabalorum montes, suburbio Bragarense. Em 983, n.º 138, p. 84.

— *villa Olivaria, que est subtus Castrum Saveroso, discurrente rivulo Ave, territorio Portucalense alpe urbium Bracaram*, em 1033, n.º 278. Interpreto assim: «quinta de Oliveira, que jaz abaixo do monte chamado Castro de Sabroso, nas margens do rio Ave, em território portucalense e bracarense». Com *urbs* no sentido de «território» cf. o doc. n.º 5, e os n.os 126 e 216.

— *subtus alpe mons-Custodias*, em 1037, n.º 294. Relativamente ao mesmo monte de Custoias: *subtus alpe mons-Custodias*, em 1039, n.º 307; e simplesmente: *subtus monte-Custodias* e *subtus mons-Custodias*, em 1040, n.os 309 e 310. Daqui se vê claramente *alpe = monte*.

— *villa Vaccariza subtus alpe mons-Buzaco*, em 1041, n.º 317.

— *ad radice alpe Aratros*, em 1059, n.º 418. Hoje Arados (Marco de Canaveses).

---

(1) Isto é: «entre uma e outra Ave» = entre Ave e Avizela. O nome Ave foi considerado erradamente como «ave». Há outros exemplos: *entre ambalas Aves*, etc. *Avizela* é deminuïtivo de *Ave*.

— *subtus alpe Sacso* (= Seixo), em 1074, n.º 513.

— *sub-alpei Mons-Cordobe* (hoje Monte-Córdova), em 1074, n.º 515.

Umas vezes está *alpe* no sentido de «monte», outras vezes liga-se-lhe *mons*, mais como parte integrante (cf. ainda hoje Monte-Córdova), do que como sinónimo.

II

Belgaios e Belgagia (1)

Pessoa que me conhece, mas que não me disse o nome, enviou-me de Castelo Branco há dias o n.º 197 d'*A Era Nova* de 25 de Abril último, onde se dá conta do aparecimento de ruínas arcaicas numa planura próxima do rio Ponsul, chamada *Pôrto dos Belgaios.* Bom seria que aí se fizessem algumas excavações metódicas, para melhor averiguação do que seriam tais ruínas.

Pergunta o articulista se haverá alguma relação das mesmas ruínas com a antiga cidade da *Belcagia*, por causa da semelhança d'êste nome com *Belgaios.* A semelhança é puramente fortuita. O dizer-se *os Belgaios* mostra que a palavra é plural de *Belgaio.* Quanto a mim, *Belgaio* é na origem um apelido composto de dois outros, que ainda hoje não são raros: *Belo* (também nome próprio) e *Gaio*, tendo caído o *o* final do primeiro, como em *Belo Monte* que deu *Belmonte*, e em *Castelo Branco* que outrora se pronunciava *Castelbranco*, grafia que se conserva actualmente como apelido d'uma família da Beira Baixa. No Algarve há também um casal chamado *Bel Romão*, perfeitamente paralelo a *Belgaio*, isto é, *Bel-Gaio.*

D'um indivíduo chamado *Belgaio* passava fàcilmente o nome para uma propriedade que possuísse, fenómeno tão corrente, que não vale a pena dar exemplos. Ou porque a propriedade veio a pertencer a vários indivíduos da família do antigo dono, isto é, aos *Belgaios*, ou porque ela se dividiu em talhões, cada um dos quais recebeu àparte o nome de *Belgaio*, aconteceu criar-se o topónimo *Belgaios.*

Parece-me mais fácil explicar assim *Belgaio* (e *Bel Romão*), do que supôr para a primeira parte o nome *Abel.*

---

(1) Artigo reproduzido da *Era Nova*, de Castelo-Branco, de 9-v-31, onde primeiramente o publiquei.

*

Belcagia: não existe cidade de tal nome. Para nós sabermos o nome d'uma cidade antiga havemos de basear-nos: ou em textos gregos ou romanos; ou em inscrições; ou em letreiros monetários. Algumas vezes também o exame glotológico de um topónimo medieval ou moderno permite reconstruir (teòricamente) a forma primitiva d'êle. Nada d'isto porém se dá em *Belcagia*.

Como apareceu pois êste nome? O povo cria muitas vezes lendas, segundo as quais nesta ou naquela terra existe a cidade de tal ou tal nome. Conheço muitas lendas d'estas, que espero publicar na *Etnografia Portuguesa*. Já me referi de modo geral ao assunto no *Portucale*, IV, 4, e dei um exemplo alentejano na minha obra *De terra em terra*, II, 225-226.

No meu entender, *Belcagia* pertence ao mesmo grupo de lendas populares, e foi certamente na tradição oral que o P.e Luís Cardoso colheu o que diz no *Dicionário Geográfico*, II, 135, A: «*Belcagia*. Cidade antiga na Provincia da Beira Baixa, Bispado da Cidade da Guarda, têrmo da Vila de Castelo Branco, da qual distava meia légua, entre a Senhora de Mercoles, e o Monte de S. Martinho, tudo freguesia de S. Miguel.» Afirmação puramente gratuita, pois não é baseada em nenhum documento histórico.

De momento não posso explicar o nome *Belcagia*. Muitos nomes semelhantes são formados de fantasia. Não nego que quem inventou *Belcagia* pensasse em *Belgaios*. Teriamos pois o inverso do que propõe o articulista.

Êste, no remate do seu artigo, consagra umas palavras de saüdade ao jovem e falecido arqueólogo albicastrense *Tavares Proença Júnior*, que tão bons serviços scientificos prestou à sua terra, e de cuja inteligência e actividade muito esperava a Arqueologia portuguesa. Associo-me inteiramente e do coração a tais palavras.

III

cujo

Alguem me perguntou se era português correcto isto: «D. Afonso, Rei de Portugal, *cujas* eram as ditas terras», porque, sendo *cujo* o mesmo que «do qual», aquele passo

tinha de se traduzir por: «D. Afonso, Rei de Portugal, *das quais* eram as ditas terras».

Sirva de resposta o que vou dizer.

A expressão *cujas eram as ditas terras* está bem, porque cujas é pronome adjectivo: veja-se *Syntaxe histórica* de Epifânio Dias, págs. 80-81, onde há outros exemplos. *Cujo* corresponde a «do qual», porém não significa «do qual». Em *o pai cujos filhos aqui estão*, podemos entender: *o pai, os filhos do qual*; mas *cujos* é adjectivo atributivo.

A dúvida do consulente resultou de supor que *cujo* é o genetivo de *qui (-ae -od)*. Se *cujo* fôsse genetivo de *qui*, ficava *cuja* sem explicação directa. Ora a verdade é que *cujo* e *cuja* são adjectivos, continuadores de cuius, -a, -um, por exemplo: *cuiam vocem ego audio?* em Planto (vid. o Dic. de Freund), que pode traduzir-se em português clássico: «cuja é a voz que eu ouço?» A expressão «D. Afonso.. cujas eram as.. terras» corresponde à latina: *is, cuia ea uxor fuerat*, também de Planto (apud Georges, Dic.). Outro exemplo português: a coroa real «se passasse a *cuja* era», nas *Epanaphoras* de D. Francisco Manuel, ed. de 1676, pág. 41: isto é, àquele *cuja* era, àquele de quem ela era (1). Também nas *Linhagens*, pág. 349: «..ellrrey *cujo* o castello era..» (=cujo era o castelo). Nestes exemplos portugueses o pronome de que se trata serve de nome predicativo; no segundo exemplo latino também, mas no primeiro é atributo.

IV

Darlinda

Fez-me alguem uma pergunta àcerca da origem deste nome de mulher, usado modernamente. Respondi pouco mais ou menos o seguinte:

O nome decompõe-se manifestamente em *Dar-linda*. Do segundo elemento, que significa «serpente», falei nos *Opusculos*, III, 56; quanto ao primeiro, cfr. DAR em Förstemann, *Personennamen*, 2.ª edição, pág. 403, o qual o relaciona, embora dubitativamente, com várias palavras germânicas, e atri-

(1) Neste passo há um exemplo de condensação de sintaxe, como em muitos outros.

bue-lhe a significação de «venábulo», «lança». Será pois *Darlinda*: «serpente que fere», o que entra no círculo de ideias mítico-religiosas dos antigos Germanos.

Como protótipo de *Darlinda* pode servir *Derlindis*, nome de mulher, no século IX, citado pelo mesmo autor, *ibidem*.

V

Donim

Nome de uma frèguesia do concelho de Guimarães, cujo orago é S. Salvador. Em documentos medievais (do século XI em diante): *Donini*, *Donim*, *Doni* (= Donĩ), *Donyn*: vid. VMH, pág. 475.

A fórma *Danim*, que se lê nos códices A e B das *Inquirições* (PMH, pág. 77, nota), arquivada por Cortesão no *Onomastico*, é errónea, como se vê das outras formas, e da actual, e de ser hoje ainda o orago da frèguesia o mesmo do século XIII, data das *Inquirições*.

Donim corresponde a *Domnini, isto é a *(villa)* **Domnini*, quinta de um indivíduo chamado *Domninus* ou *Domininus*, que deve ter sido nome (cognome) romano cá usado, embora eu só conheça da epigrafia *Domina*: vid. Dessau, *Inscr. Lat. selectae*, III-1, pág. 188. O sufixo *-inus* é muito freqüente na formação de antropónimos: vid. a minha *Antroponimia*, pág. 550; já aí também me referi a *Donim*, a pág. 580.

VI

êrvedo

Tratei d'esta palavra e seus derivados nos *Opusculos*, III, 376-377, onde a dei como viva em Trás-os-Montes. Ela, porém, deve ter sido usada em todo o Portugal em tempos antigos, pelo menos até o Alentejo, inclusivè, pois nesta província há *Ervedal*, como designação d'uma antiga vila, hoje pertencente ao concelho de Avis, designação que até tem como epiteto *do Alentejo*; além disso usa-se na língua comum de Monte-Real (Leiria) *êrvedo* em vez de «medronho», e *ervedeiro*, nome da respectiva planta; e na de Minde (Alcanena) *êvado* ou *êbado*, dizendo-se, por exemplo: «vou ao *medronheiro* de Fulano apanhar *êvados* ou *êbados*». A forma *êvado*, mais poli-

damente *êvado*, resultaria de influência de *bêbado*, porque os medronhos embriagam.

A palavra *medronho* suplantou *êrvedo*, na lingua usual. As fórmas usadas em Monte-Real e Minde e o topónimo alentejano são restos de maior quantia...

VII

fatíota

No foral de Salzedas, de 1517 (1), lê-se: *em fatiota* (duas palavras). Também Morais cita *fatiota* num alvará do século XVIII. Na origem devia ser *em enfatiota* «em enfiteuse», mas houve confusão na pronúncia de *em*, preposição, com *en-*, e suprimiu-se esta sílaba inicial.

VIII

Segodim

Nome de um lugar da frèguesia de Monte-Real, concelho de Leiria. O etimo está em **Sesgudini* (sc. *villa*), derivado de *Sesgudus* (século X). Houve dissimilação, como em *citerna* (pop.) por *cisterna*. Não contradizem a dissimilação: *cisco*, porque a sílaba é tónica; *scismar*, ou *cismar*, por causa de *scisma* ou *cisma*; *sistema*, porque é palavra, não origiǹàriamente popular.

IX

Valhelhas

Povoação do concelho da Guarda, que em 1911 tinha 138 fogos.

A forma antiga dêste nome é *Valelhas*, como se lê nas *Ordenaç. afonsinas*, I, 445, representada no século XII por *Valelias*, com *-lias* = *-lhas*, nas *Leges*, pág. 511, col. 1.ª.

O *l* da segunda sílaba foi assimilado ao *lh* seguinte.

---

(1) Vid. as minhas *Memorias de Mondim da Beira* (no prelo), pág. 77 segs.

E temos aqui mais um exemplo de conservação do género feminino do lat. vallis (1), pois o étimo é vallicula.

X

Vilarôco

Nome d'uma povoação do concelho da Pesqueira (Beira-Alta), que as pessoas de fora escrevem ora assim, ora *Vilarouco*; o mesmo acontece em documentos oficiais, por exemplo, no *Censo das povoações* (1911), págs. 352 (Vil*arouco*), a-pesar-de ser obra excelente e de utilíssima consulta.

A grafia com *-ouco* é porém errada, e só resultante de na localidade, e no Sul (onde está o centro oficial da nação), se confundir na pronúncia *ou* e *ô*: onde a história pede *ou*, pronuncia-se *ô* (dialectalmente), por exemplo, *pôco*; e onde a história pede *ô*, numa palavra, como *Vilarôco*, escreve-se *-ouco*, por pseudo-correcção.

Ora, que deve escrever-se *Vilarôco* resulta do seguinte:

1) Em muitos textos dos séculos XVIII e XIX, que consultei na própria localidade em 1914, lê-se quasi sempre d'êsse modo;

2) A etmologia postúla também *Vilarôco*, porque esta palavra é formada do substântivo *vilar* e do sufixo *-oco*, que aparece, por exemplo, em *Alvôco* (cfr. Mont*alvo* e Pedr'*alva*), *barrôco*, *bicharôco*, *dorminhôco*, *pinôco*.

A pronúncia local é realmente *Vilarôco*, mas isso nada prova, porque na região o ditongo *ou*, como já disse, tem o valor de *ô*. O que prova, são as grafias antigas, e a etmologia.

Apêndice ao cap. X d'êste artigo

Extractam-se a seguir os documentos que consultei:

O Livro de visitação da igreja, de 1716, está datado de *Vilaroco*.

No *Portugal sacro e profano*, de Paulo Dias de Niza (pseudónimo), parte II, Lisboa 1768, pág. 328, lê-se *Villarouco*, mas a pág. 296 da parte III *Villaroco*.

Num documento particular de 1769: *do Villaroco*.

Noutro, de 1770: *do Vilaroco*.

---

(1) Cf. *Opusculos*, III, 444.

Noutro, de 1772: *do uillaroco.*

No Livro de assentos de baptismos de 1774 e 1775, muitas vezes: *Villaroco.*

Um abade de 1774-1778 escreve: *-oco.*

Outro abade em 1777 e 1819: *-ouco.*

Outro abade de 1777: *Villaroco.*

Documentos particulares de 1776, 1779, 1787, e 1793 têm: *Villaroco.*

Nota manuscrita num livro impresso: *S. António de Villarouco*, 1777.

Num ex-voto da igreja matriz (com pintura): *logar do Villaroco anno de 1815.*

Num livro d'uma irmandade, 1827: *Villarouco.*

Num documento manuscrito de 1854: *Villaroco.*

Num documento judicial manuscrito de 1861: *Vilaroco.*

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

MISCELANEA

QUEM NÃO MENTE...

A *zombaria*, como género de diversão popular, espécie de jôgo «inofensivo» de doestos e apôdos em que se exercitava a veia cáustica e mordaz de dois ou mais contendores, às vezes amigos, entrou nos hábitos de recreação da nobreza talvez antes da era de quinhentos, em que aparecem os documentos literários que no-la revelam.

Extranho entretenimento, na verdade, mas foi moda palaciana, como já o atestam as *cantigas* ou *jogos de escarnho e mal dizer*, e o espírito que anima uma grande parte das trovas que enriquecem o *Cancioneiro Geral.*

Nos autos de Gil Vicente e nos dos seus continuadores, onde encontramos a revelação da vida íntima das sociedades que os rodearam, verifica-se a predilecção que êste passatempo de origem popular merecia entre as classes elevadas e entre tôdas as pessoas que presumiam de distinta condição social, porque *saber zombar* era prenda espiritual que requeria inteligência e cultura.

Na *Prática de oito figuras*, de Chiado, diz uma das personagens:

«Eu zombar? A zombaria
entra lá por outra via
mais discreta e mais subtil»..

A *zombaria* não tinha, evidentemente, propósitos de injúria, embora os doestos simulados fossem por vezes fortemente contundentes. Deveria ser uma arte, ao parecer, tão difícil como perigosa, que requeria, a par de subtileza e de argúcia, fino espírito de ironia, em complicado equilíbrio de parte a parte. Cada um dos contendores procurava fazer desconfiar o adversário, injuriando-o, cobrindo-o, de ridículo, mas evitando atingi-lo com uma *verdade* ou com uma insinuação certeira (1). Por isso lá o diz Gregório Afonso nos seus *Arrenegos:*

---

(1) A par da *zombaria* havia o *jôgo das mentiras*, variante inofensiva, quási infantil, em que cada contendor se

«rreneguo da zombaria
que loguo daa na verdade»..

(*Canc. Geral* [Coimbra], IV, 4).

Dos perigos dêste desmando, contrário às regras de tão extranho exercício de resistência moral, falam alguns provérbios do nosso adagiário:

«Zombaria de siso mete os homens em perigo» *(Roland)*
«Não há pior zombaria que a verdade» *(Idem)*
«Das burlas vem as veras» *(Eufrosina)*.

Outro provérbio avisa prudentemente:

«A zombaria, deixa-la quando mais agrada» *(Roland)*.

Assim como se festejava o bom *zombador*, (1).

---

esforçava por inventar a patranha mais disparatada. No *Auto do Físico*, de Jerónimo Ribeiro, há uma cena curiosa em que se descreve êste jôgo:

«Quereis vós outros jogar
às mentiras?
. . . .
he jogo pera estas noutes
pera passar o serão»..

Havia penalidades para os menos inventivos:

«Quem menos lançar a barra
no mentir por lhe am mascarra,
e dar lhe am em cada mão
duas palmatoadas»..

No *Auto do Nascimento*, de Baltazar Dias, também há um exemplo interessante da monstruosidade de patranhas admitidas neste jôgo, que irònicamente também se chamava *jôgo de verdades*.

(1) «E êste barqueiro zomba?
jogatais de *zombador*?»

(Barca do Inferno).

(«Isso não será zombar?
já me disse não sei quem
bem do vosso motejar»..

[*Clérigo da Beira*]),

mofava-se do que não sabia zombar, pretendendo-se assim rebaixar a sua condição social

(«Vivi convosco enganado,
cuidei que ereis extremado
no zombar, segundo ouvi»..

[Chiado. *Obras*, 8]).

Quando, no seguimento dêste jôgo, sobrevinha o enfado, depois da violência de um combate inútil e evidentemente estúpido, voltavam os contendores à normalidade da conversação:

«Ora não zombemos mais,
falemos noutro proposito
e fique o zombar deposito
pera os dias feriais».

Às vezes, no decorrer do torneio, recorria-se a certos enganos para iludir o adversário. Eram as «fintas» do jôgo. Assim, dava-se por terminada a zombaria com o intúito de se apanhar desprevenido o contendor, no doesto que sobrevinha. No *Auto de Dom André* diz um dos zombadores:

«Deixando a zombaria,
e apodando ao natural:
pareceis por qualquer via
almofreixe de costal,
mordomo de freguesia»..

No mesmo auto um dêstes contendores «afina», finalmente, e ameaça:

«Guarday vos dhũ rascoalha,
que nã estimarei nimigalha
pegar vos hũa revolta,
tanto como aquela palha»..

Era esta a fase final, que devia marcar a vitória do adversário, por isso êste replica festivamente:

«Pera que he isto, feyto he.
já se corre. Ora enfim,
não podeis amo negar
que não sois muito corrido»..

Claro que, freqüentemente, entre pessoas de génio impulsivo, que não podiam ou não sabiam guardar as conveniências impostas pela educação, a brincadeira descambava em rixa violenta. Tinha-se isto como certo quando o jôgo metia parceiros pouco habituados às manhas pàçãs. Assim o comenta Andrade, na *Eufrosina:* «j'elles começam zombar. Dalli viram praguejar, que he mais saboroso, por nam perder costume» (a. III, sc. II).

Quando isto acontecia, quando um dos contendores se desmandava por se julgar picado a fundo por qualquer alusão, dizia-se que *ficava corrido.* Era um vèxame intolerável. No *Auto de Florença*, de João de Escobar, há o seguinte diálogo:

«*Lionisa.* Veador, de vossa mão
muyto ha que morto sam.
Veador. Ah moyra de la Berberia,
fazeis de mim zombaria?
Lionisa. Por vida minha que não.
Veador. Pouco traito.
Lionisa A' fé, nã faço.
Veador. Fazey, que eu sou de paço.
Lionisa Sempre vos sey ser *corrido*...
Veador. *Corrido?*
Tomara antes por partido
que me chamáreis madraço!» (1)



Quem *se corria* não era evidentemente cortesão, porque a *zombaria*, no conceito da época, era afinal uma brincadeira, um jôgo de mentiras, de falsos doestos, um violento exercício de resistência moral defeso aos vilões. Lá o diz o Chiado:

«Correis-vos? Não sois do paço»

(*Obras*, 32).

(1) Vidé também *Cancioneiro Geral*, II, 178.

No *Auto do Dia de Juizo* há também um exemplo dêste conceito da época:

«*Tabaliam.* Vós mentis pera cabram!
Lucifer. Hó! Vós sois sem sabor.
Dessa via
vos his vós aa correyria?, (1)
nam sois vós bom cortezão.
Tabaliam. Mas antes sou muy loução
por minha galantaria.
E, porém, dar na verdade
nam chamo eu isso zombar»..

Também no *Auto da Ciosa*, de Prestes, diz o *Doutor* à mulher do *Casado*, que se queixa de que o criado está mentindo:

«Sobrinha, aquilo é *de paço*,
haveis-lhe de perdoar».. (2)

Portanto o *saber zombar*, i.-é, sustentar um tiroteio de dichotes pesados, era extranha prova de cortezania, porque o vilão não sabia usar a subtileza de um fingimento tido por gracioso e galante, e assim se explica o conceito do provérbio: *Quem não mente não é filho de boa gente*, que ocorria já pela época dêste singular divertimento (vidé Gil Vicente. *Diálogo sôbre a Ressurreição*).

ÓSCAR DE PRATT.

---

(1) A par dêste curioso derivado de *correr*, na acepção aqui indicada, havia também *corrimento*. Vide *Cancioneiro Geral*, v, 400.

(2) Zombava-se em prosa e em verso. À zombaria versificada chamava-se *motejar*. Já lá acima citei aqueles versos do *Clérigo da Beira:*

«Já me disse não sei quem ‖ bem do vosso motejar».

D. Carolina Michaëlis estabeleceu a diferença entre *moto* e *mote*. «*Moto* era o nome que os antigos davam aos versos que serviam de tema a *Glosas* e *Voltas*, e *mote* (*motejar*, *motejador*, etc.) designava versos ou ditos de escárnio (sátiras, picuinhas, picardias, etc.)» — *Novos Estudos sôbre Sá de Miranda*, 58, nota 2.

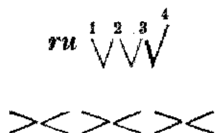
CANTIGA PARA ARRULAR

Entre as melopeias que a ternura feminina inventou para ir suavemente cerrando os olhos sonolentos — quantas vezes chorosos de rabuje! — dos filhos pequeninos, uma entôam mãis portuguesas, que é de aspecto muito antigo, e julgo que ainda inédita. Ouvi-a cantar, há meses, à minha velha ama, Maria da Piedade, natural de Semide (distrito de Coimbra): cantou-ma também na minha meninice, mas dêsses tempos afastados, bem se sabe que não guarda a consciência memória. Naquela localidade é muito corrente.

Consta do seguinte: da prolongada vibração da neuma *ru* (1), de *r* apicular intenso, a qual, em gradação cromática insensível, oscila, repetidamente, descendente e ascendentemente, no intervalo melódico de terceira menor, mais ou menos pura, seguida de quinta justa ascendente: ao todo são três terceiras descendentes, que alternam com duas terceiras ascendentes e, por fim, uma quinta justa.

As primeiras são acompanhadas de leve *decrescendo*, as segundas, bem como a subida da quinta, de equivalente *crescendo*. Logo que atingida, esta nota é interrompida de maneira brusca: faz-se pausa para respirar aí, para recomeçar, indefinidamente, sempre a compasso exacto, a lenta melopeia.

Um gráfico aclarará melhor a descrição, já que não se pode dar a respectiva notação musical:



A linha quebrada indica a ondulação melódica; os ângulos, colocados inferiormente, assinalam o decrescimento (>) e o crescimento (<) da intensidade do som.

---

(1) Também se canta com a neuma *ó*. Acêrca destas neumas, e doutras correlativas, vid. Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Canções do berço*, separata da *Revista Lusitana*, x (Lisboa, 1907), *passim*, particularmente pág. 17 e comentário às cantigas 12-13.

Representando por 1, 2, 3 e 4 os tempos de compasso, direi que incidem em 2 e 4 as acentuações fortes *(ictus)*: quere dizer, o rítmo é binário, e a métrica anacrúsica.

A expressão geral da melopeia é triste — lamentosa como um gemer de nora, de roda de carro, de moinho de vento, cuja toada muito assemelha. O segrêdo dêste seu carácter melancólico reside tanto no constituirem as notas do contôrno melódico um acorde perfeito menor, como na monotonia do seu rítmo embalador. Adapta-se, assim, maravilhosamente bem, ao carinhoso fim que a inspirou.

Sirva a sua publicação de pequenina achega para um dos capítulos mais graciosos da nossa Etnografia: o das *Canções do berço.*

Noite de Natal de 1930.

Abílio M. Roseira.

Êste trabalho foi elaborado com subsídio da Junta de Educação Nacional.

A INDÚSTRIA DOMÉSTICA DE LOUÇA PRETA DE BISALHÃES

Bisalhães é um pequeno povo de aproximadamente 80 fogos, a Oeste e a uma hora de caminho de Vila Real, constituido por habitações de blocos de pedra sôlta cobertas de telha, levantadas ao capricho das fragas graníticas em que se apoiam e dos declives de uma encosta nua de árvores e com culturas mesquinhas de vinha e milhão.

Sob as varandas das casas travejadas de castanho negro e tôsco ou a qualquer réstea de sol, quando o tempo está limpo e o frio aperta, trabalham os oleiros que fabricam a louça preta, que se vende por baixo preço nos mercados daqui em volta, e serve para os usos caseiros de cozinhar o caldo à lareira, ferver o café, ir à fonte buscar água, receber o vinho dos pipos...

O barro, proveniente das telheiras de Parada de Cunhos, é cinzento quando húmido, dourado e sedoso quando sêco e

moldado ([1]). Começam os oleiros por secá-lo ao sol até perder a maior parte da água, é depois pulverizado com um maço em pios de granito fundos e redondos, peneirado em seguida por crivos de diferentes calibres que dão os lotes para as diversas classes de peças, — mais grosseiros para os objectos maiores e menos cuidados, mais finos para as peças mais delicadas —, e, depois de amassado com água em masseiras de madeira alongadas *(gamelas)*, fica finalmente pronto para ser trabalhado.

A roda do oleiro é tudo quanto há mais primitivo: feita de castanho, e com um metro de diâmetro, tem ligadas à sua face inferior por quatro pernas de madeira *(pombinhas)* duas pranchas cruzadas *(cruzes)* destinadas a aumentar a fôrça viva do sistema. Êste conjunto é móvel e gira num espigão *(trabul)* cravado num tabuão *(quiço)* que assenta no chão directamente e é calçado na posição conveniente com uma simples pedra. A parte central da roda onde se coloca o barro que vai trabalhado é o *tampo*. A mesma roda tem a margem superior cortada por dentes grosseiramente talhados. Todo o engenho é transportável, e o oleiro instála-o no inverno onde esteja mais abrigado do frio cortante, no verão onde a sombra seja mais fresca. O oleiro trabalha em geral em pé, às vezes sentado à beira de uma tripeça *(banca)* de assento semi-elíptico e pernas altas e abertas.

Depois de talhado do bloco de barro amassado o bôlo suficiente para a peça a fabricar, o oleiro dá-lhe a forma de cilindro maciço, fazendo-o rolar sôbre a palma da mão esquerda com palmadas sucessivas da mão direita, e, dum golpe certeiro, coloca o cilindro assim obtido, sôbre o *tampo*, ao alto, achatando-o em seguida com palmadas e centrando-o enquanto a roda gira lentamente. Sentado então à beira da *banca*, inclinado, com o cotovelo apoiado sôbre o joelho direito, outras vezes de pé, mais ou menos debruçado, conforme a altura da peça, com os dedos da mão esquerda escavando o bloco primitivo e os da mão direita amparando por fora,

---

([1]) O Sr. Prof. Charles Lepierre tem no seu *Estudo Chimico e Technologico sobre a Ceramica Portuguesa Moderna*, a págs. 27-29, algumas observações dignas de nota sôbre a olaria de Bisalhães. O mesmo trabalho foi publicado no *Boletim do trabalho industrial*, para 1912.

vai fazendo crescer o vaso sob a pressão combinada das duas mãos.

Se a roda perde o impulso, aproveita a paragem para molhar os dedos na água contida num panêlo velho *(güeiro)*, fá-la de novo rodar com a mão esquerda que faz firme nos dentes talhados na periferia daquela, e continua puxando o barro. Quando êste tem atingido a forma de cilindro ôco, que é a forma inicial de qualquer vaso ou utensílio, alisa-lhe as bordas da bôca com um trapo humedecido. Se é pote ou cântaro, vaso de bôjo, volta então a usar os dedos da mão esquerda, e sob a pressão dêles, mantendo o barro húmido com um trapo molhado em que envolve os dedos da mão direita, vai fazendo inchar o ventre do vaso à custa da altura do cilindro primitivo; os dedos da mão direita são então substituidos por uma pequena espátula *(fanadoiro)* apropriada à forma do vaso e destinada a alisar-lhe a superfície. Assim, fazendo de vez em quando girar a roda, molhando os dedos e o *fanadoiro* na água barrenta do *agüeiro*, oferecendo aquele à margem dentada da roda para o limpar de algum barro e porventura para animar o labor silencioso com o ruido do atrito que daí resulta, o oleiro vai dando à peça a forma definitiva.

Se a obra é alta, talha bojuda ou jarrão ornamental, como, sob a pressão dos dedos que a trabalham por dentro, ela tenderia a inclinar-se para a direita e porventura a tombar, o oleiro dá ao engenho uma pequena inclinação em sentido contrário, sem que isso comprometa o desempeno do vaso.

Algumas peças desta olaria rudimentar exigem certos artifícios, que denotam engenho, para, aproveitando inicialmente o trabalho da roda, se lhes dar a forma própria em que a simetria bilateral substitui a simetria radiada da forma mãe. Assim por exemplo as *assadeiras* ou *pingadeiras* de uma asa são obtidas a partir de um prato de bordas altas; feito êste na roda, tira o oleiro de um e outro lado do fundo circular do prato dois segmentos iguais, separando além disso com um golpe, e dum vértice de um dos segmentos ao vértice correspondente do outro, o fundo das bordas do prato; isto feito puxa pela região da borda assim separada, de modo a alongar a assadeira; só resta completar o fundo na região adjacente à parte por onde puxou, com o barro dos dois segmentos.

Em qualquer caso, uma vez a peça pronta o oleiro separa-a da roda passando-lhe ràpidamente por sob a base com uma corda de guitarra que para se manter desenrolada tem pendentes das extremidades dois molhos de trapos molhados em água barrenta.

A peça é depois posta a secar, e quando tem atingido consistência suficiente e adquirido uma bela côr dourada a que microscópicas lâminas de mica dão brilho ténue, é passada às mãos das mulheres que a ornamentam. A ornamentação é feita com um pequeno calhau rolado *(gôga*; à operação chama-se *gôgar)* com que as mulheres vão riscando desembaraçadamente o barro sêco. Os motivos decorativos são da maior singeleza: linhas paralelas nos gargalos das pichôrras; encanastrados alternando com volutas simétricas, palmetas, zigue-zagues entre linhas paralelas, nas peças de bôjo ou nos vasos; rosetas nos fundos das bacias e dos tachos: depois de cozido, o barro fica polido nas partes riscadas, sobressaindo assim a decoração. Além desta forma de ornamentação há outra, usada apenas na obra mais fina, que consiste em impressões pontiformes que desenham rosetas, meias luas, etc., e são feitas com o fundo dum cartucho de bala cujas margens foram denteadas à lima, ou com espátulazinhas ou meias canas denticuladas na extremidade *(picadeiras)*. Também com meias canas de maior ou menor calibre se limitam, à roda, molduras mais ou menos *gordas*. No bôjo das talhas, do alto ao fundo ou segundo paralelos, costumam colar cordões de barro *(verdugos)* que fazem aderir às peças com dedadas sucessivas, reforçando-as assim e quebrando-lhes a monotonia da superfície lisa; finalmente nalguns vasos ornamentais ou bilhas arrebicadas colam pequenos discos recortados.

A louça mais grosseira, *surra*, é baça e não ornamentada.

A cozedura da louça faz-se em crateras de bordos de terra solta; só de um dos lados a terra é substituída por pedaços de perpianho que limitam a boca do forno. Da pedra que fica sôbre esta, nasce, para o interior da cratera, um pègão de alvenaria em forma de cotovelo e que vem a constituir o suporte da abóbada formada por peças grandes inutilizadas, debaixo da qual arderá a rama de giesta e carqueja empregada na cozedura. É sôbre aquelas peças inutilizadas que se dispõem as da fornada, as maiores em baixo, as menores por cima destas. A rama é lançada à braçada pela aber-

tura inferior do forno, protegendo-se os oleiros com a própria rama, do calor desenvolvido na combustão: a temperatura é de tal modo elevada que o mesmo homem não suporta a tarefa mais de três minutos. Quando a louça está ao rubro, cobrem-na com a terra das próprias bordas da cratera e caruma de pinheiro, impedindo-se assim a combustão completa da rama e adquirindo a obra a côr preta característica, proveniente da penetração da massa pelo carvão.

São os seguintes os utensílios de uso doméstico fabricados em Bisalhães:

caçoulas, com 2 ou 1 asa;
caçoulas de pingo, com 2 asas, menores do que aquelas;
panelas, com 1 asa;
panelos, com 2 asas, menores do que as anteriores;
tachos;
pingadeiras ou **assadeiras,** sôbre o comprido;
potes, com 3 pernas e 1 asa;
bacias, para lavagens;
alguidares;
alguidares de forno, de fundo circular e bordos comprimidos;
pichorras, pichorros ou **infusos,** para servir o vinho, com bico e asa;
picheis, maiores do que os pichorros, para receber o vinho das pipas;
cafeteiras ou **chocolateiras;**
canecas;
pipos, para água;
talhas, até 10 almudes de capacidade;
braseiras;
assadores.

Além dêstes utensílios, alguns oleiros fabricam ainda peças mais trabalhadas e copiadas de outras olarias nacionais, bem como peças de que se lhes dê o desenho, por exemplo: *moringas, bilhas cantis, bilhas regueifas, ânforas, vasos* com argolas e pé... De todos os artigos de uso doméstico que enumeramos fabricam também exemplares em ponto pequeno, como brinquedos de crianças, e, finalmente, umas 50 espécies de peças que não excedem 1 cm. de altura e que reproduzem em miniatura as peças grandes ou mesmo outras que ao espi-

rito do oleiro ocorre fabricar como curiosidade. A técnica da fabricação desta olaria minúscula tem certos pormenores exigidos pelas dimensões reduzidas dos objectos. Mas é ainda na mesma roda que elas são executadas; simplesmente, uma pirâmide de barro de menos de um palmo de altura colada no tampo, rigorosamente verticalizada e mantida constantemente humedecida, fornece centenas de peças e dura para uma semana de trabalho aturado. Com utensílios de madeira de vidoeiro proporcionados às dimensões das peças, *ponteiros*, *fanadoiros*, *picadeiras*, o oleiro vai fazendo sair do vértice da pirâmide de barro os diferentes objectos, massiços, naturalmente, mas de execução perfeita e de uma graciosidade de coisas pequenas, delicadíssima. É a estes objectos que se dá o nome de *pucarinhos*, os quais, ligados em grupos de 5 ou 6 por um lacinho de sêdas, se vendem na feira de S. Pedro em Vila Real *(feira dos pucarinhos)*, e constituem um presente galanteador dos rapazes às raparigas.

ALBERTO CANDEIAS.

PREITO A A. TOMÁS PIRES

Recorta-se de um antigo número de jornal a seguinte notícia, por ser honroso para a memória do nosso saüdoso colaborador cujo nome acima se declara, e de que também se falou nesta «Revista», XVI, 347-349.

J. L. DE V.

Faleceu há dias em Elvas. Não acompanhámos de algumas linhas a notícia dêste óbito, que foi dolorosíssimo para nós, porque não a soubemos, longe de pensar que tão rápido se extinguiria a preciosa existência dêsse cidadão que tão assinalados serviços prestou às boas letras nacionais e por tão dilatados anos, que empregara em benefício delas.

A bagagem, que Tomás Pires nos deixou ao cabo de laboriosas e enfadonhas investigações, é mui notável e com ela enriqueceu a literatura portuguesa, que não tivera até então quem assim a enroupasse. Representa quinze anos não interrompidos de trabalhos e canseiras, que êle confessa no tômo I dos *Cantos Populares*. É com efeito a sua obra mais impor-

tante, porém não tem menor valor os seus estudos de coordenação histórica com que contribuiu para registar com elegancia e erudição a vasta arqueologia de Elvas e de parte do Alentejo, como adiante indicaremos.

Agora só tratamos dos *Cantos Populares*, que consideramos um monumento apreciável. Esta assombrosa colecção compreende quatro tômos com 1:920 páginas, e é dividida em quatro partes dêste modo: I, O sobrenatural, religião christã, e vestigios de algumas crenças pré-christãs não fundidas no christianismo; II, A natureza; III, o Homem e a Sociedade; IV, Vária, correspondendo ao que foi possivel recolher da boca do povo em *dez mil cantos*, contribuïção de altissimo valor para os que se dedicam aos ingratos e árduos estudos do «Folk-lore».

Esta colecção tenta-nos. É uma tentação espiritual e consoladora, porque chega aos nossos ouvidos, com ternura, a voz do povo que entôa as suas cantigas ou nas lareiras, ou nos adros, ou nos folguedos, dos arraiais e das feiras, ou nos ranchos pitorescos e simpáticos das mondas e das vindimas, em que os moços trabalhadores, rapazes e raparigas, em grupos alegres e ruidosos, atrôam os ares e despertam as avezinhas nos seus ninhos ou nos ramos das árvores.

Aqui damos a amostra. Vamos a um canto da Beira Baixa:

O meu amor é um sol,
Eu também o sol mereço,
Todos dizem que o venda,
O meu amor não tem preço.

Da Estremadura:

Ó luar, que assim vais claro,
Nem tão claro te eu queria,
Isto de quem tem amores,
Quer mais noite que de dia.

Do Algarve:

Já o luar se levanta,
Só tu minha preguiçosa
Desprezas quem te deseja
Nesse leito côr de rosa!

Do Douro:

Fui ao mar buscar lume,
Queimei-me numa faísca;
Os teus olhos me prenderam,
Quem ama, a muito se arrisca.

A folha da hera atrepa
Por ser a mais diligente;
Estas meninas de agora
Quanto mais juram, mais mentem.

Da Beira Baixa:

A azeitona, antes que é preta,
Também tem seu parecer;
Em bons panos cáe a nodoa,
Isso pouco tem que vêr.

Da Estremadura:

Que lindos olhos que tens
Por baixo do teu chapéo!
Parecem balanças de ouro
De pesar almas do céo.

Do Algarve:

Quem perdeu o que eu achei
No caminho da Junqueira?
O nariz da minha sogra
Metido numa piteira.

Quem tem pedra faz parede,
Quem tem fiado faz pano,
Quem tem a mulher azeda
Tem vinagre todo o ano.

Do Alentejo:

O cantar é para o triste,
Quem o há de duvidar?
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!

E basta de extrair do volume IV dos «Cantos» êsses pedacinhos da musa popular, que tanto nos enleva e delicia.

Tomaz Pires na sua vida inteiramente dedicada a tais estudos e aos da história elvense concedeu aos altos benefícios do prelo algumas monografias especiais, como as que se referiam a monumentos, a costumes e usos, e a homens ilustres.

Podemos aqui registar, entre outros, os seguintes impressos: em 1893, «Calendario Rural», ditados relativos aos meses comparados com os ditados similares de vários países românicos; e em 1904: «O S. João de Elvas», a «Igreja do Senhor Jesus da Piedade», «Amuletos Alemtejanos», a «Noite do Natal», o «Ano Bom e os Santos Reis», a «Entrega da praça de Elvas a Filippe II de Castela em 1580», e o «Casamento de Luiz José de Vasconcellos e Azevedo».

Durante o ano de 1905 entregou ao prelo mais os seguintes:

«Vasco de Lobeira», «Garcia da Orta», e o «Castelo d'Elvas».

Nos intervalos dessa faina êle ia colaborando em várias publicações elvenses, proseguindo na impressão dos «Cantos populares», que tinha começado em 1902 e só concluiu em 1912, na tipografia e esteriotipia «Progresso», de António José Torres de Carvalho, donde também saiu uma parte dos «Cantos», que intitulou: *Cancioneiro popular politico,* que, segundo declarou no tômo IV, entendeu que não devia reproduzir na importante coordenação dos «Canticos historicos». Nestes, no indicado tômo, apenas vem alguns daqueles a que pôs o título: *Rei chegou,* muito conhecidos e divulgados no segundo quartel do século XIX. Copiamos o seguinte:

D. Miguel chegou à barra,
À barra de Belem,
E disseram os malhados:
Esta obra não vai bem.

Rei chegou,
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou:

Na barraca
Não entrou,
E o papel
Não assinou.

Estas cantigas compreendem-se nas que foram coligidas no Alentejo e estão no volume II de págs. 455 a 457.

Tomás Pires foi sempre cidadão prestante e benemérito, funcionário administrativo exemplar, e era muito agradável no trato, prestando-se da melhor vontade a dar tôdas as informações que lhe eram pedidas, principalmente por aqueles que êle sabia se dedicavam com amor a estudos históricos e bibliográficos. A sua perda, que nos causou impressão profunda e dolorosa, consideramo-la como nacional, porque é para sentir vêr desaparecer homens do seu alto valor intelectual.

As palavras que o *Diário de Notícias* consagra à memória saüdosa de Tomás Pires são mui singelas, mas expressam com a maior sinceridade a sua dôr.

(Do *Diário de Notícias* de 12-VIII-1918).

UM PASSO DE SÁ DE MIRANDA

Falando do sol, conta o Poeta:

Dize-se que o mar d'Espanha
Ferve quando nele dece

na ed. da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, p. 179, vv. 609-610.

A ilustre editora não põe comentário, mas há aqui o éco de uma crença antiga, contada por Possidónio, historiador grego, cêrca do ano 100 a. C.: vid. *Religiões da Lusitania*, II, 100-101.

J. L. DE V.

A REFORMA ORTOGRÁFICA

Ao egregio "signor" Cappa

Um jornal italiano, *La Sera*, de Milão, número de 12 de Junho último, deu-se a lamentar, com grande ternura, a situação a que Portugal fica «reduzido», por causa do acôrdo ortográfico luso-brasileiro.

Segundo êle, êste acôrdo «revela que Portugal cede definitivamente, a respeito de primado intelectual, em face do Brasil».

E mais:

«Não é a Academia de Lisboa que impõe condições ao Brasil. São os imortais da Academia Brasileira *(quanta speranza di immortalitá nel mondo!)* que obteem dos académicos portugueses a fixação da ortografia moderna da língua, segundo as necessidades e experiências do povo brasileiro».

E êste bocadinho elegíaco:

«Doloroso é o destino do pequeno Portugal *(piccolo Portogallo)*, que no século XVIII e ainda em parte do XIX, pôde conservar o Brasil como uma mãi-pátria guarda a sua colónia, e que hoje está ameaçado de tornar-se colónia intelectual europeia do imenso Estado transatlântico liberto do seu domínio».

E êste anúncio de um futuro ainda mais negro:

«Se no trabalho de transformação da linguagem o Brasil

fôr afastando-se cada vez mais das grafias e leis gramaticais de Lisboa, à gente portuguesa nada mais restará (para conservar a ilusão de ser ainda a inspiradora da intelectualidade brasileira) senão multiplicar os acordos entre a Academia europeia e a americana, submetendo-se nêles à vontade do Brasil. É o drama da História. A civilização dos povos desloca-se, e a sua luz ilumina agora o Oriente, logo o Ocidente; ora a gente dos mares limitados *(piccoli mari)*, ora a dos grandes oceanos *(oceani risonanti)*».

E ainda esta nénia aritmética, muito nossa conhecida:

«¿Quantos são hoje os Portugueses da Europa e os das Colónias que continuam falando inalterado o antigo idioma? Poucos milhões. Pelo contrário, para além do Equador (seja fictício orgulho, não confirmado por estatísticas verídicas, ou seja realidade verificada) já o Brasil se gaba de várias dezenas de milhões».

Tudo isto, e outras coisas que na ocasião não importam, vem assinado pelo jornalista Sr. Inocêncio Cappa, um italiano que em vários passos do seu artigo *(La Revoluzione brasiliana al lavoro)* se mostra bom fascista (como lhe cumpre) e também informado conhecedor do Brasil, onde, por certo, tem residido e porventura residirá ainda.

Portugal é que êle não conhece tão bem, parecendo até ignorar onde êste país se situa geogràficamente, quando fala das gentes *dei piccoli mari* opondo-as às *degli oceani risonanti*, a propósito de Portugal e Brasil. Estes dois países (basta olhar para o mapa, se não se aprendeu isto na aula primária) estão à beira do mesmo *oceano risonante*, vulgo Atlântico. Ou ¿cuida o Sr. Cappa que nós, Portugueses, nos mudamos com armas e bagagens para as margens do Adriático ou do Tirreno, mares sem marés, mares que nem sequer teem ganas para fazer seixos, *piccoli mari*?...

Saltando agora da sua má geografia para a sua péssima lingüística, vê-se perfeitamente que o Sr. Cappa nasceu e floresce num país admirável, de-certo, mas que até esta data não conseguiu transplantar a sua língua para longes terras, fazendo dela o idioma nacional de grandes nações que progridem e crescem para lá dos tais *oceani risonanti*. Não calhou, e o Sr. Cappa não tem culpa disso.

Se fôsse, por exemplo, inglês, o jornalista italiano saberia, por experiência que lhe falta, que a Inglaterra não ficou desgraçada quando nos Estados-Unidos surgiram um Edgar

Pöe e um Emerson, ou, mais recentemente, quando um Sinclair-Lewis, norte-americano, recebeu o prémio Nobel de literatura. Pelo contrário: o aparecimento de génios literários de língua inglesa fora de Inglaterra só pode significar que a fala de que Shakespeare se serviu literàriamente há três séculos continua de perfeita saúde; e quando, àmanhã ou depois, aparecerem no Brasil sete ou oito Luíses de Camões, a produzirem outras tantas obras-primas imortais na língua literária que o Brasil herdou de nós, pode o Sr. Cappa ter a certeza de que Portugal só terá motivo para pôr bandeiras e deitar foguetes.

Ao escrever «sete ou oito Luíses de Camões», empregamos, sem nenhuma reflexão, o primeiro número que nos ocorreu. E verificamos agora, confrontando as populações respectivas aos dois países irmãos, que aqueles números estão, muito folgadamente, dentro das relatividades de cultura e vitalidade intelectual que Portugal pode vêr e desejar no Brasil, sem ter de se envergonhar, nem se julgar diminuído comparativamente, em face da grande nação americana que de nós nasceu.

Com efeito, o Portugal metropolitano pouco mais terá de seis milhões de habitantes, e o Brasil ainda está longe de quarenta e oito milhões. Ora a regra-de-três é facil de fazer:

6 : 1 : : 48 : 8 (Luíses de Camões).

Se, porém, considerarmos a diferença das áreas dos dois países irmãos, a folga que Portugal tem diante de si, em face da evidente, fatal e por nós, Portugueses, sinceramente desejada ascensão do Brasil, é ainda muito mais larga.

Territòrialmente considerado, o Brasil é cem vezes (note bem, *signor* Cappa!) **cem vezes** maior que Portugal. Podem, pois, surgir, do Amazonas ao Prata, **um cento** de grandes poetas brasileiros, nacionais e imortais, que nós, aqui, acharemos isso perfeitamente natural, e digno de ser festejado.

Quando, no Brasil, os Luíses de Camões — e com êles os Fernão Lopes, os Nuno Gonçalves, os Infante D. Henrique, os D. João II, os Duartes Pachecos, os Afonsos de Albuquerque, os Gil Vicentes, os D. João III, os Manuel Bernardes, os Antónios Vieiras, os Almeidas Garrett, os Herculanos, os Anteros de Quental, os Eças de Queirós — grandes escritores, grandes poetas, grandes capitães e políticos, grandes sábios ou grandes artistas — começassem a contar-se de cento para cima, cada um na sua espécie, é que nós, Portugueses,

poderíamos começar a afligir-nos — se fôssemos capazes de ver com maus olhos os progressos do nosso sangue, a glória da nossa descendência e a perduração do nosso génio na nossa língua.

Quando a Itália sair dos seus *piccoli mari* e fundar à beira dos *oceani risonanti* uma nação de língua italiana cem vezes maior do que ela, o Sr. Inocêncio Cappa principiará compreendendo perfeitamente estas coisas tão simples.

Pelo que respeita ao caso do acôrdo ortográfico luso-brasileiro, a sua escolha foi muito infeliz, como demonstração de que a linguagem do Brasil *se vai afastando cada vez mais das grafias e leis gramaticais de Lisboa*, e de que Portugal *abdica definitivamente do seu primado intelectual em face do Brasil.*

O *signor* Cappa aprendeu isso com certos brasileiros que envergonham e comprometem o Brasil, imaginando que lhe cimentam a independência. Fàcilmente lhe provaremos, na primeira ocasião, que se engana e que foi enganado.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

(Do *Comércio do Pôrto* de 12-VII-31).

EVA E AVE

Na *Rev. de Filolog. Española*, VIII (1921), 63-64, publica o Sr. Bucetas uma erudita nota acêrca dêste trocadilho, citando exemplos medievais, e um de 1523, de Gil Vicente.

Aos exemplos medievais posso agregar êste de um poemeto francês do século XIV sôbre *La bonté des femmes*:

Le noun *Eve* fu tost turné,
Qe de *Eve* fist l'angle *ave*,

vid. P. Mayer, in *Romania*, XV, 317.

Depois de 1523, isto é, em 1676, publicou António de Sousa de Macedo em Lisboa uma obra intitulada: *Eva e Ave, ou Maria triumphante*, a qual foi muito saboreada dos Portugueses, pois conta várias edições do século XVIII.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

VARIA QUAEDAM

Filologia

— **Los Textos Españoles y Gallego-Portugueses de la Demanda del Santo Grial,** por P. Bohigas Balaguer, 1925.

— **Os Lusíadas e o Povo Português,** I — No *Vocabulario,* por Estanco Louro, 1927.

— **Palavras do Arquipélago da Madeira,** por Emânuel Ribeiro (com um preâmbulo do D.or Cláudio Basto), 1927.

— **Elementos Gramaticais da Língua Concani,** pelo Cónego J. de S. Rita e Souza, 1929.

— **Compendio de Gramatica historica portuguesa,** por J. J. Nunes, 2.ª ed., correcta e aumentada, 1930.

— **Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses** (Notícia crítica da obra dêste título de J. J. Nunes), por Silvio Pellegrini (Extrato do *Archivum Romunicum,* de Bertoni), 1930.

— **Da palatização de grupos consonantais próprios em português,** pelo D.or Oliveira Guimarães, 1930.

— **Considerações sobre um anglo-americanismo beirão,** por Abílio M. Roseira, 1931.

— **Livro de Falcoaria,** de Pero Menino, publicado, com introdução, notas e glossario, por M. Rodrigues Lapa, 1931.

— **Ensaio sobre os Latinismos dos Lusíadas,** por C. E. Corrêa da Silva (Paço d'Arcos), com um prefácio do D.or José Maria Rodrigues, 1931.

— **A Literatura portuguesa** (história e crítica), de Aubrey Bell, tradução do inglês, por Agostinho de Campos & Barros e Cunha, Coimbra, Imp. da Univ., 1931.

J. L. de V.

NECROLOGIA

I

Gomes de Brito

Faleceu em 16 do corrente o S.or José Joaquim Gomes de Brito, 1.º Oficial da 3.ª secção da 1.ª Repartição da Câmara Municipal de Lisboa. O extinto era escritor distinto e arqueólogo de valor, sendo sócio fundador da Sociedade de Geografia, e diplomado com o Curso Superior de Letras.

Foi colaborador assíduo de vários jornais da capital, de 1876 em diante, pelos quais deixou dispersa uma extensa colecção de artigos com pormenores arqueológicos, tendo também publicado muitos estudos interessantes e curiosos para a história das denominações e polícia das vias públicas lisbonenses e vários estudos de administração municipal e de polícia da cidade.

(*Diário de Notícias* de 17-IV-1923).

*

Gomes de Brito colaborou na *Rev. Lus.* com alguns artigos de merito filológico: vid. os vols. XIII (Analecta litteraria e historica), e XIX, XX, XXII, e XXIII (Estudos camonianos).

J. L. DE V.

II

A. A. Cortesão

António Augusto Cortesão, nascido em S. João do Campo, concelho de Coimbra, em 16 de Dezembro de 1854, e formado em Medicina, naquela cidade, em 1881, faleceu na terra da naturalidade em 8 de Janeiro de 1827.

Deixou algumas obras que o tornaram conhecido e apreciado no campo da Filologia Portuguesa:

— *Subsidios para um Diccionario completo* (historico-etymologico) da lingua portuguesa, Coimbra 1900, de 158 pági-

nas, com um *Additamento*, ibid., 1901, de 52 páginas. — Cfr. *Rev. Lus.*, VIII, 308-309.

— *Onomastico medieval português* (separata do *Archeologo Português*, vol. VIII e segs.), Lisboa 1912, de 422 páginas. — O *Onomastico* presta serviço incalculável a todos os estudiosos que precisam de conhecer nomes próprios medievais; e folgo de ter, com a inserção que d'êle fizera no *Archeologo*, contribuído para êsse sucesso. Seria optimo que os apontamentos que, segundo me disse um dos seus filhos, o autor foi a pouco e pouco reunindo, como novo aditamento ao que já juntara ao volume, viesse quanto antes à luz.

— Também o mesmo autor fêz nova edição da *Grammatica portuguesa* de Bento José de Oliveira, tirando-lhe, tanto quanto pôde, sem porém o alterar de todo, o aspecto antiquado que ela tinha: 26.ª edição, Coimbra 1904. Uma das obras que mais edições contam em Portugal!

J. L. DE V.

III

Mário Barreto

Foi com profundo pesar que soube da morte de Mário Barreto, grande mestre da Filologia portuguesa no Brasil, e que sempre timbrou em considerar-se discípulo dos nossos lingüistas maiores.

Deixou seis volumes de produção filológica, todos de inestimável preço. São êles:

Estudos da lingua portuguesa;
Novos estudos da lingua portuguesa;
Novissimos estudos da lingua portuguesa;
Factos da lingua portuguesa;
De gramática e de linguagem;
e *Através do dicionário e da gramática*.

Em todos estes volumes são tratados factos dos diversos domínios lingüisticos — e manda a justiça até dizer que foi nêles que alguns dêsses factos lograram ainda mais amplo ou profundo tratamento. Enumero ao acaso o problema do galicismo, o da atracção e contaminação sintáticas, o da etimologia popular, o das palavras indiferentes.

*

Importa admirar em tôdas as obras de Mário Barreto o saber filológico absolutamente moderno, assente no pleno domínio do método histórico-comparativo, que vastas luzes de latim e dos principais idiomas românicos lhe fizeram praticar com fácil mão; a formidável — e inteligentíssima! — leitura dos clássicos de todos os tempos da língua, e que há muito o haviam acreditado como oracular autoridade em matéria de vernaculismo; o método alumiador de que se servia nas suas lições e que consistia em sumir-se perante os factos — a fim de por estes — e sempre multidão beneditinamente colhida nos textos escritos pelas mais aparadas penas e na boca sagrada do vulgo — indicar a boa norma; a modéstia que se revelava até no título dos livros; a bondade que o levava a ser afável com certa ignorância — sempre pretenciosa e por vezes até somenosmente educada — que se arrogava a estultícia de lhe dar lições; a amplidão magnânima com que, no julgamento dos oficiais do mesmo ofício, procurava pôr no prato favorecedor da balança tudo quanto pudesse fazê-lo descer; finalmente o espírito de justeza e exactidão — o mesmo é dizer de probidade — e de que se encontra a prova mais difícil — que não a mais importante — na tradução matemàticamente rigorosa das *Lettres persanes*, de Montesquieu.

Mas além de tudo isto êle foi, na grande nação que continua além-mar as glórias de Portugal, defensor e propagandista solícito de tudo que de bom aqui surgia no campo lingüístico, inda que nessa defesa e propaganda tivesse de arrostar com o azedume, com a cólera, com o ódio de inumeráveis compatriotas. Assim, quási contra tudo e contra todos, o grande mestre fêz no Brasil a apologia inteligente e proficiente da reforma ortográfica portuguesa, e em cada livro foi pregoeiro benemerente de tôda a produção artística ou crítica, honrosa para as nossas letras. E soube sempre lançar a semente pura e sàdia das suas ideias com um verdadeiro senso de prosador-artista. Êsse familiar de tôdas as boas frases que inda se escreveram na nossa lingua, desde Fernão Lopes a Coelho Neto, foi singular lavrante da expressão — que realizava o milagre de acomodar ao salúbre molde clássico as melhores conquistas das modernas letras. Mário Barreto

praticava assim o preceito de Rodó: só é amigo da verdade quem a sabe vestir donairosamente.

*

Portugal e a Filologia portuguesa perderam em Mário Barreto um grande amigo e um grande mestre, que a um tempo ensinava no livro, na revista e no jornal. Tanto mais é isto de lamentar para nós, quanto é certo que não existe cá o acrisolado culto da língua que tem o progressivo povo do Brasil e se traduz numa soma considerável de livros, revistas, conferências e artigos jornalísticos, em que são versados problemas lexicais e gramaticais. Penitenciemo-nos desta deficiência cultural e patriótica, prestando ao mestre morto a homenagem a que êle tem jus, — e que consiste em meditar e amar as suas obras, sentinelas vigilantes da pureza do idioma, e seguras e sábias guias das penas indoutas ou descuidosas.

João da Silva Correia.

Erratas do vol. XXVIII da RL

Artigo: Linguagem popular de Turquel

Pág. 89, lin. 16: *não me posso ajudar-me* (não me posso ajudar); pág. 106, lin. penúlt.: *fornida* (fornido); pág. 107, lin. 22: *solcalcos* (socalcos); pág. 126, lin. últ.: *salgaeiro* (salgueiro); pág. 127, lin. 28: *acento* (assento); pág. 128, lin. 25: *noturno* (nocturno); pág. 134, lin. 4: *buxo* (bucho); pág. 139, lin. 16: *o* (e); pág. 146, lin. 4: *julgo* (julga); pág. 152, lin. 4: *arteirice* (esperteza); pág. 164, lin. 30: *aesejo* (desejo); pág. 169, lin. 5: *virás* (rirás); pág. 191, lin. 19: *os* (o); pág. 244, lin. 11: *lhe* (le); na mesma pág., lin. 16: *àmanhê* (amanhẽ).

No mesmo volume, Miscelanea: *Poesia popular*, pág. 286, 4.ª cantiga, v. 3, emende-se *bonitos* em *bonita*.

Indice do volume XXIX

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA: